

K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR

# LOBOS DE LOKI



ROCCOIMAN

CRÔNICAS DE BLACKWELL

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

K.L. Armstrong & M.A. Marr



LOBOS  
DE  
LOKI

CRÔNICAS DE BLACKWELL

Tradução  
EDMO SUASSUNA

ROCCO|H|V|A

M.A.: A Dylan

Este é para você e por causa de você  
(e, sim, haverá cabras).

K.L.: A Alex e Marcus

Caso eu os submeta a quaisquer horrores parentais durante a adolescência,  
nunca os farei lutar contra uma serpente gigante.

Eu prometo.

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Matt: “Confronto”

Laurie: “Mudanças”

Fen: “Dívidas”

Matt: “Premonição”

Matt: “Escolhido”

Laurie: “Owen”

Matt: “Passado, presente e futuro”

Matt: “Aliança”

Laurie: “Chacoalhada pelo tornado”

Matt: “Terror Noturno”

Fen: “Decifrando o Monte Rushmore”

Matt: “Condomínio de Trolls”

Laurie: “Prestidigitação”

Matt: “Alerta geral”

Laurie: “Deadwood”

Matt: “Túmulos desconhecidos”

Laurie: “Uma porta se abre”

Matt: “Pesadelo ambulante”

Fen: “Encrenca de botas cor-de-rosa”

Laurie: “Enfeitiçando e reclamando”

Matt: “Saqueando os saqueadores”

Matt: “Campo de batalha”

Fen: “Tudo desmorona”

Matt: “Enlutado”

Laurie: “Vamos para o inferno”

Agradecimentos

Créditos

As Autoras

UM



MATT

“CONFRONTO”

**M**att atravessou o centro de Blackwell com a bolsa de ginástica em uma das mãos e o casaco pendurado no ombro. Já havia escurecido, e um vento gélido vinha do norte, soprando seus cabelos suados para trás, e o frio dava uma sensação prazerosa. Após duas horas de treino de boxe, ele sentiu vontade de se desviar do caminho e mergulhar no rio Norrström, mesmo depois de ter visto gelo na água, pela manhã. Gelo em setembro. Esquisito. Mesmo na Dakota do Sul, o inverno *nunca* chegava tão cedo.

Ele sentiu um espasmo no músculo da perna e se encolheu ao parar para esfregá-la. Apesar de o campeonato vindouro ser beneficente – para ajudar as vítimas do tsunami no Havaí –, o técnico, Forde, ainda assim exigia de Matt o mesmo esforço que dedicava ao disputar o cinturão.

Matt voltou a andar, mancando de leve. Por mais que quisesse pedir uma carona, sabia que seria uma péssima ideia. Cometera esse erro no inverno passado, quando o técnico avisou que uma tempestade de neve estava chegando. Matt conseguiu carona... e também um sermão sobre como seus irmãos jamais precisaram de uma, mesmo quando *caía* uma tempestade *de verdade*. Matt também não podia pegar uma carona com os amigos; seria pior ainda, pois daria um mau exemplo. Se os filhos do xerife Thorsen não andavam à noite por Blackwell em segurança, então quem poderia?

Matt estava se abaixando para esfregar a perna de novo quando alguma coisa se moveu na praça. Ele ergueu a cabeça, estreitando os olhos. Em frente ao centro de recreação, dois garotos subiam no velho navio viking. Havia escudos distribuídos pelos dois costados, como se guerreiros invisíveis remassem a antiga nau de madeira, com a proteção sempre ao alcance. Um dragão esculpido se erguia do casco.

Os garotos provavelmente estavam armando uma pegadinha, tentando superar a que Matt fizera com o amigo Cody em Sigrblot, o festival de primavera. O desfile havia chegado ao navio e se deparado com a embarcação coberta por lona... e fazendo barulho de buzina. Sob a cobertura, eles encontraram uma revoada de gansos usando pequenos capacetes viking.

*Melhor pegadinha da história* foi o que todos disseram. Infelizmente, Matt teve que fingir não ter nada a ver com o ocorrido. Se seus pais descobrissem... bem, eles não o deixariam de castigo nem nada assim. Eles apenas teriam “a conversa”. Diriam que estavam desapontados e muito envergonhados. Diriam que os irmãos eram muito mais responsáveis. Sinceramente, Matt preferia ficar de castigo.

Alguns passos depois, Matt viu que um dos garotos tinha cabelos castanhos desgrenhados, precisando de um corte, e roupas sujas. Ele estava com uma garota. As roupas dela não estavam tão mal, mas os cabelos loiros também precisavam muito de um corte.

Fen e Laurie Brekke. Maravilha. Os primos sempre se metiam em confusão. Mesmo assim, Matt disse a si mesmo que eles talvez estivessem só armando uma pegadinha... até que viu Fen puxando um dos escudos.

Havia muitas coisas que Fen poderia fazer para as quais Matt faria vista grossa, resmungando que não era problema dele, embora nem sempre fosse fácil. Por ser filho do xerife, ele já escutava sermões sobre vandalismo desde



quando tinha idade suficiente para entalhar o próprio nome no banco do parque. Mas aquilo não era o banco do parque. Era um navio viking de verdade, um grande motivo de orgulho para o povo de Blackwell. E lá estava Fen, arrancando pedaços e dando chutes.

Como Matt se irritou, o amuleto se inflamou junto. Ele tocou o pingente de prata. Tinha a forma de um martelo de cabeça para baixo e era quase tão velho quanto o navio. O Martelo de Thor. Todos na família de Matt tinham um. Thorsen, “filho de Thor”, não era um simples sobrenome. Eles *realmente eram* descendentes do deus nórdico.

Quando Matt olhou para Fen e Laurie novamente, o amuleto queimou com mais força. Estava prestes a gritar, porém se deteve e respirou fundo, inspirando o ar frio.

Matt podia ouvir a voz da mãe: *Você precisa aprender a se controlar, Matty. Não sei por que você tem tanta dificuldade. Nenhum outro Thorsen tem esse problema. Seus irmãos já conseguiam controlar o temperamento quando eram mais novos que você.*



Controlar sua raiva – e o Martelo de Thor – parecia uma tarefa ainda mais árdua com os Brekke por perto. Era como se o amuleto soubesse do parentesco deles com Loki, o deus trapaceiro. Os primos não sabiam disso, ao contrário de Matt, que podia sentir a conexão quando os encarava.

Matt respirou fundo novamente. Sim, ele precisava deter Fen e Laurie, mas teria de fazê-lo com tranquilidade. Talvez bastasse apenas passar por perto, fingir que não tinha visto, e então *eles* o veriam e sairiam correndo antes de serem flagrados.

Fen viu Matt, que continuou andando, dando-lhes uma chance de fugir. Foi justo. Seu pai ficaria orgulhoso...

Fen se virou de volta ao navio e deu mais um puxão no escudo.

– Ei! – chamou Matt. Ele não gritou muito alto, e tentou não parecer muito bravo. Só queria deixar claro para os dois que eles tinham sido vistos, dando-lhes tempo para fugir...

– Que foi? – Fen se virou e o encarou, com o queixo erguido e os ombros recuados. Era mais baixo que Matt. Mais magro também. A única coisa “grande” em Fen era sua atitude, o que sempre o metia em brigas com caras maiores... não que ele parecesse se importar.

Laurie parou ao lado do primo. Matt não conseguiu ver seu rosto, mas tinha certeza de que exibia a mesma expressão de Fen. Eles não iriam embora. Matt foi burro ao pensar que eles desistiriam.

– Vocês não deveriam fazer isso. – Enquanto dizia essas palavras, Matt teve vontade de dar um tapa na própria testa. Era exatamente o tipo de coisa que todos esperavam ouvir do filho do xerife. Amanhã de manhã, todo mundo na escola já teria escutado Fen e Laurie imitando Matt com lábios tortos e um rolar de olhos.

Matt pigarreou.

– É um artefato, e é muito importante para a cidade. – Porque isso sim soou *muito* melhor.

– Muito importante para a *sua* cidade – respondeu Fen. – *Thorsenópolis*.

– Olha... para com isso, valeu?

– Mas eu não quero parar. E se você quiser vir aqui me obrigar... – Fen deu um passo à frente, com um sorriso cheio de dentes, e, por um instante, Matt achou ter visto...

Matt balançou a cabeça.

– Cara, só estou pedindo...

– E a resposta é não. – Fen saltou do navio com um pulo de causar inveja a um atleta olímpico. – E o que você vai fazer, Thorsen?

O amuleto esquentou de novo. Ele respirou fundo. *Fica frio, cara. Fica frio.*

Ele se lembrou de algo que o técnico Forde havia dito durante o treino. Tentava ensinar Matt a intimidar um oponente. *Você é um cara grande*, afirmou, *use isso a seu favor*.

Era difícil lembrar como ele era grande. Em casa, Matt ainda batia na altura dos ombros dos irmãos. Mas ele *era* o garoto mais alto do nono ano.

– O que eu vou fazer? – Matt endireitou os ombros, flexionou os braços e deu um passo à frente. – Eu vou fazer você parar.

Algo relampejou nos olhos de Fen, um brilho frio e sério que fez Matt hesitar, mas só por um segundo. Ele completou o passo, parou diante do outro e se aprumou.

Laurie desceu do navio e ficou ao lado do primo. Ela se inclinou e sussurrou algo. Devia encorajá-lo, Matt tinha certeza.

Fen a dispensou com um aceno. Quando a prima hesitou, ele disse algo tão baixo que mais pareceu um rosnado. Laurie encarou Matt, e em seguida recuou para as sombras do barco.

Fen avançou e provocou:

– Você acha que sabe lutar só porque venceu uns caras no ringue? Aquilo não é luta de *verdade*. Aposto que você nunca deu um soco sem luvas.

– Sua memória é uma porcaria, porque eu me lembro bem de quando dei uma bela surra em você e Hunter quando vocês atacaram o Cody.

Fen deu uma risada curta, como um latido.

– Aquilo foi quando? Primeira série? Apreendi algumas coisas desde então, Thorsen.

Matt deu mais um passo. Estava certo de que Fen recuaria. Tinha que recuar. Enfrentar Matt seria maluquice. Ele não tinha só “vencido uns caras no ringue”; tinha lutado no campeonato estadual.

Mas Fen simplesmente plantou os pés no chão, afastados o bastante para se manter firme, se levasse um soco. Ele queria lutar. Lutar de verdade. Matt deveria ter percebido. A mãe de Fen sempre dizia que era assim que ele se metia em problemas: nunca pensava antes de agir.

Se Matt saísse no braço com Fen, o pai iria... Matt respirou fundo. Não queria nem pensar no que o pai faria.

O poder do respeito. O poder da autoridade. Eram essas qualidades que permitiam que os Thorsen andassem por Blackwell à noite. *Não* o poder da violência. Se Matt brigasse com Fen Brekke, seu pai o arrastaria até o conselho e deixaria que eles cuidassem do filho. A humilhação seria pior que qualquer punição.

– Você realmente quer fazer isso? – perguntou Matt.

Fen estalou o pescoço, inclinando a cabeça de um lado para outro, e respondeu:

– Quero.

– Bem, só lamento. Tenho uma luta importante chegando e preciso poupar minha força para um oponente de verdade.

Matt começou a se virar. Foi então que ele ouviu um rosnado e viu Fen atacar, com olhos amarelos cintilantes e dentes à mostra. O calor do amuleto refulgiu numa onda de fúria que deixou o mundo vermelho.

Ele sentiu o poder descendo pelo braço. Ouviu o crepitar. Viu a mão se iluminar e tentou fazer aquela força recuar.

Tarde demais.

A bola incandescente disparou da mão dele e explodiu com um estrondo e uma onda de choque, e Matt foi lançado para trás. Fen foi atirado para longe. Chocou-se fortemente contra a embarcação, a cabeça chicoteando para trás, batendo no casco com um baque. Por fim, o rapaz desmoronou.

Laurie gritou alguma coisa, mas Matt não conseguiu distinguir as palavras. Ela correu até o primo, assim como Matt. Laurie se agachou junto a Fen, segurou-o pelos ombros e o chacoalhou. Fen grunhiu, suas pálpebras estremecendo.

– Ele está bem? – perguntou Matt, ajoelhando-se ao lado dela.

Laurie se levantou, ergueu a bolsa como se fosse bater nele com ela e exclamou:

– Você o *nocauteou*.

– Foi sem querer. Me desculpe. Eu...

– Não sei que truque foi esse. Jogando aquela luz para cegá-lo antes de bater? Você chama isso de jogo limpo? – Ela fez uma careta. – Exatamente o que eu esperaria de um Thorsen.

– Eu não...

– Dane-se. Cai fora. Fen não tem como roubar nada hoje. – Laurie olhou para Matt. – Ou você quer chamar seu pai pra prender a gente?

– Claro que não. Eu só... – Matt engoliu em seco. – A gente deveria levá-lo a um médico.

– Você acha que ele tem como pagar um médico?

– Eu tenho. Eu vou...

– A gente não precisa de nada *seu*. Vai embora – retrucou Laurie.

– Mas e se ele...

– Sai. Cai fora.

Matt se levantou hesitante, mas Laurie ainda olhava feio para ele. Fen começava a despertar. Talvez ele não devesse estar por perto quando Fen acordasse. Então, murmurou outro pedido de desculpas, recuou e os deixou ali.





## DOIS



## LAURIE

### “MUDANÇAS”

Laurie ajudou Fen a se levantar. O primo nunca tinha sido muito bom em laceitar ajuda – e ser derrubado de bunda no chão por Matt Thorsen, ainda por cima, não facilitava nada. Os dois rapazes nutriam uma implicância mútua natural que Laurie nem sempre entendia, mas, *desta vez*, ela compreendeu. Matt era um babaca.

– Eu vou matar aquele cara – exclamou Fen pela terceira vez em três minutos. – Ele se acha tão especial, mas é só um riquinho mimado.

– Eu sei.

– Eu conseguiria dar uma surra nele. – Fen subiu de novo para dentro do navio.

Laurie não disse que ela discordava. Não queria ser desleal, mas os dois sabiam que Matt lutava mais. Matt era como um rottweiler, e Fen, um vira-lata do beco. O vira-lata pode dar o máximo de si, mas o cachorro mais forte sempre tem mais chance de vencer.

Tudo o que ela disse foi:

– Precisamos sair daqui antes que ele fale com o pai e nos prendam.

O primo a ignorou e continuou reclamando:

– Vamos ver quem é inteligente quando eu o pegar sozinho depois da aula.

– Ser preso *ou* ganhar uma detenção não vai fazer você parecer muito inteligente – comentou Laurie, com toda a calma que conseguiu reunir.

– Talvez eu não seja pego. – Fen encarou a prima. Ela segurava a bolsa com uma das mãos e mantinha a outra pousada no escudo que ele tentara arrancar mais cedo.

Laurie baixou o olhar para o barco velho diante do Centro Comunitário e Recreativo Thorsen.

– O que você estava pensando? A gente podia ter se escondido. Eu sei que você o viu.

– Não tenho medo dele. – Fen ficou de pé dentro do barco e contemplou a cidade.

Laurie sentiu um calafrio. Não era difícil pensar em Fen como um saqueador viking. Ela não estava tremendo tanto como quando mandou Matt ir embora, mas ainda se sentia abalada, como na vez em que segurou um fio desencapado na garagem do tio Eddy. Ela olhou para o primo.

– O pai dele é o *xerife*. Poderia prender você... ou contar para o prefeito. Você sabe que o prefeito Thorsen odeia a nossa família.

– Não tenho medo de Thorsen nenhum. – Fen endireitou os ombros e encarou a prima com um olhar que a lembrou do pai dele, o tio Eddy, e isso não era nada legal. Tio Eddy nunca desistia de um desafio. Mesmo que Laurie não soubesse exatamente o que o tio fizera para acabar na prisão, ela apostava que tudo começara com um desafio.

Fen puxou o escudo.

– Não consigo arrancar.

– Deixa esse escudo aí! – Laurie esfregou as mãos de novo.

– Tá bom. – Fen pulou do barco e parou ao lado da prima.

Laurie nem sempre entendia o primo, mas ela sabia que aquela teimosia dele o metia em problemas – e muitas vezes a levava junto. Eles não

precisavam disso naquele momento.

– Não vale a pena se meter com Matt.

Com um fungar leve, Fen concordou:

– Pode crer.

– Então, você vai ficar longe dele e do escudo? Não quero que você se meta em confusão. – Laurie fitou Fen, esperando por uma promessa que não veio. Como ele ficou calado, Laurie encostou a cabeça de leve no ombro do primo, sentindo-se uma boba.

Fen então encostou a cabeça na dela e disse:

– Eu tô legal.

Laurie fez uma pausa. Era aquilo que tentara dizer; uma combinação de *Estou preocupada com você, seu mané. Está tudo bem?* e *Fale comigo*. Fen a entendia. O lado paterno da família sempre levou jeito para se comunicar sem palavras. O pai dela também; pelo menos quando ele estava por perto, um acontecimento cada vez mais raro.

– Vamos – chamou Fen. – Você tem que ir pra casa mesmo.

Os dois rumaram para o prédio de Laurie. Ela não teria tempo de caminhar com Fen até a casa dele, mas ainda que tivesse, ele não deixaria. Fen era o irmão mais velho que Laurie nunca teve, determinado a protegê-la mesmo enquanto a enlouquecia. A maioria do lado Brekke da família tratava a garota como algo que precisasse ser defendido. Mesmo que ela não os visse, Laurie sabia que os parentes cuidavam dela. Ninguém na escola a incomodava, e ela tinha quase certeza de que Fen havia deixado claro que espancaria qualquer um que se metesse com a prima.

– Sinto saudades do restante do pessoal – comentou Laurie em voz baixa. Além de Fen, ela só via os parentes por parte de pai quando passava por eles na rua. Fen estava na turma dela, então eles se viam no colégio, mas não havia churrascos em família, festas, ninguém aparecia para bater um

papo. A mãe dela se mantinha bem longe dos Brekke e, já que o pai estava em uma de suas infinitas viagens, Laurie não tinha mesmo como encontrar ninguém.

– O restante do pessoal também sente sua falta... e o tio Stig. – Fen não mencionou Jordie, o meio-irmão de Laurie, nem a mãe dela, é claro. Os Brekke nunca chegaram a rejeitar Jordie, mas ele não fazia parte da *família* para eles. O menino era prova de que os pais de Laurie tinham se separado, que a mãe havia tentado esquecê-lo, sem sucesso. Agora, a mãe dela deixava o pai ficar na casa deles sempre que ele estava na cidade. *Stig* tratava Jordie como um filho, não tanto quanto fazia com Fen, mas de fato aceitava o irmão de Laurie. O restante dos Brekke não era tão legal.

– O tio Stig ligou pra vocês? – indagou Fen. Havia tanta esperança na voz do primo que Laurie desejou, não pela primeira vez, que o pai dela se lembrasse de ligar para Fen também. É claro que ele não ligava nem para ela na maioria das vezes, então era uma bobagem esperar mais dele.

– Faz algumas semanas. Ele vem me ver em breve. Foi o que disse, pelo menos. – Laurie baixou a cabeça.

Fen a empurrou com o ombro.

– Ele vem sim.

– Ou não – acrescentou Laurie. As possibilidades eram iguais. O pai ia e vinha quando bem entendia, ligava ou mandava presentes quando se lembrava.

– Talvez ele fique mais tempo – sugeriu Fen.

E Laurie sabia o que o primo queria dizer com aquilo: *Então eu poderei ficar com vocês*. Fen não tinha casa. Tio Eddy estava preso havia alguns anos por um crime que ninguém mencionava diante dos dois adolescentes, e tia Lilian fizera as malas e partira dez anos antes. Fen passava de parente a parente como um baú que ninguém quer. Quando o pai de Laurie ficava na

cidade por um tempo, costumava convidar Fen a morar com eles. Quando Stig partia, Fen se mudava. A mãe de Laurie nunca *disse* que o rapaz tinha de ir embora, mas Fen sempre ia, e ela nunca o impedia.

– Dá pra você tentar não brigar com o Matt? Ou com qualquer outra pessoa? – deixou escapar Laurie.

Fen parou, lançou um olhar à prima, e então voltou a andar.

– Vai ficar tudo mais fácil se você não brigar com ele. – Laurie segurou o braço do primo. – Minha mãe se preocupa com a sua influência sobre Jordie, e se o papai realmente ficar mais um tempo, seria bom se você pudesse morar com a gente também.

Eles dobraram a esquina e estavam quase no apartamento dela. O inosso edifício bege se erguia tal qual um gigante de pedra atarracado, como naquelas histórias que todos eles tinham de aprender na aula de inglês da sexta série. Escadas de incêndio que o senhorio insistia em chamar de varandas com vista se agarravam às laterais do prédio. Os riscos azuis e vermelhos das pichações eram as únicas cores ali.

Fen deu um rápido abraço na prima, um indício claro de que ele se sentia culpado, e disse:

– Vou tentar ficar longe dos problemas, mas não vou me acovardar para ninguém.

Era o melhor que Laurie poderia esperar. Fen não procurava encrencas, elas que o procuravam – e a Laurie – na maioria das vezes. Ou talvez eles simplesmente não fossem muito bons na arte de resistir aos problemas. Era isso que a mãe dela pensava. *Mas eu consigo me manter longe dos problemas.* Laurie tinha sido mandada à sala do diretor Phelps algumas vezes e também se envolveu naquele mal-entendido dos armários dos alunos, mas ela até que conseguira ficar longe das encrencas – o que mudaria totalmente se começasse a passar mais tempo com Fen.

O primo não tinha muitos amigos, por isso Laurie sempre se sentia mal quando não passava tempo com ele. Por outro lado, também se sentia mal quando ficava o tempo todo de castigo. Fen não se metia em metade das confusões quando estava com Laurie, só que ela se metia no dobro de problemas. Como hoje à noite, ela só sabia que Fen precisava de sua companhia, e foi junto. A garota não sabia bem se o primo tinha tentado quebrar o escudo ou arrancá-lo. Com a chegada iminente do Vetrarblot, o grande festival de começo de inverno, qualquer das opções seria um problema.

Laurie subiu correndo as escadas que levavam ao apartamento. A mãe trabalhava à noite no hospital, e uma das vizinhas, sra. Weaver, ficava com eles depois da escola, mas não se preocupava muito com aquela coisa de “vir direto para casa”. Apenas insistia para que Laurie chegasse antes da hora de Jordie dormir. Laurie respirou fundo mais duas vezes enquanto corria até o quarto andar. Não era tão alto para precisar de um elevador, mas o número de degraus era suficiente para que ela reclamasse. Se algum dia eles fossem atingidos por um tornado, um risco real na Dakota do Sul, Laurie tinha certeza de que todos morreriam. Todos os apartamentos tinham armários de armazenamento no porão, e a mãe dela jurava que eles conseguiriam chegar até lá rápido se um dia fosse necessário, mas eram cinco lances de escada. Eles já tinham passado por duas tempestades no quarto do porão, mas geralmente ficavam no apartamento mesmo, esperando e escutando, com o plano de descer todos aqueles degraus, se fosse o caso. Era um péssimo plano.

Ainda pensava nisso quando chegou ao andar, destrancou a porta do apartamento e entrou. As luzes estavam apagadas, e o tremeluzir da televisão lançava clarões estranhos na sala. A sra. Weaver logo iria embora, mas Laurie passou a chave mesmo assim.

– Você está atrasada – observou a vizinha assim que Laurie entrou na sala de estar.

– Jordie já dormiu?

A sra. Weaver balançou a cabeça, negando.

– A não ser que o ronco dele tenha o som de explosões e naves espaciais, não, ele ainda não dormiu.

– Então eu não estou atrasada – argumentou Laurie. – A minha hora é antes de o Jordie dormir, então...

– Boa tentativa, mocinha. – Mas a sra. Weaver estava tentando não sorrir.

Laurie abriu a porta do quarto do irmão mais novo. Pilhas de livros e brinquedos por todos os lados, mas a mãe não gritava com ele. Jordie era o “anjinho” dela, o bebê que não lhe dava preocupação. Se a escola dele chamasse, era para dizer como ele era bom, ou para informar qual prêmio ele receberia. *Ele deveria ter nascido Thorsen.*

– Boa noite – disse Laurie. – Pare de explodir coisas.

– Um vulcão explodiu de verdade! – Jordie se remexeu na cama, virando-se para ver a irmã.

– Um o quê?

– Vulcão! – Jordie fez outro barulho de explosão. – O topo voou como um foguete. Muito legal. Lava e fumaça e...

– A mamãe não quer que você fique vendo o jornal. – Laurie suspirou.

– E ela não quer que você fique na rua até essa hora. Eu não conto, se você não contar – propôs Jordie, com o poder de negociação que garantia um fornecimento de balinhas de goma por meses.

Laurie revirou os olhos, mas cedeu.

– Combinado.

Depois de fechar a porta, ela foi até a sala de estar. A sra. Weaver tinha juntado as agulhas de tricô e estava calçando os sapatos. As duas se

despediram, e Laurie se deitou no sofá com o dever de matemática.

O barulho da chave girando a acordou. Mais ou menos. Morta de sono, Laurie deixou que a mãe a conduzisse até a cama. A adolescente não era muito de se preocupar, mas depois daquela confusão toda com Fen ela ficara meio estressada. Se Matt não tivesse se metido, ela conseguiria ter convencido Fen a deixar o escudo em paz. *Talvez*. De qualquer maneira, Matt não precisava ter jogado aquela coisa da luz, ou seja lá o que ele tinha feito.

– Estava com Fen – contou ela à mãe.

– Laurie... – O tom que a mãe adotava sempre que falavam em Fen já tinha aparecido; mesmo meio adormecida, Laurie percebeu. Significava *Fen é dor de cabeça, fique longe dele*.

– Ele é da família – murmurou Laurie enquanto se deitava.

A mãe cobriu a filha.

– Um dia desses, ele ainda vai colocar você numa confusão grande demais. E aí, o que você vai fazer?

– Vou dar um jeito. – Laurie se ajeitou na cama. – Eu sempre dou um jeito.



Algumas horas mais tarde, Laurie acordou com uma vaga sensação de sufocamento, que não era exatamente inesperada porque ela tinha acordado como um... *peixe*. Um salmão, para ser mais exato.

*Eu sou um peixe.*

Ela tinha se deitado como uma garota de treze anos perfeitamente normal e acordado como um peixe. Por mais que quisesse descobrir o que havia acontecido, Laurie tinha um problema mais urgente: ar. Os salmões



precisam de água para respirar e, uma vez que tinha ido dormir como uma garota, agora era um peixe bem longe da água.

Os olhos de peixe espiaram uma garrafa esportiva, e Laurie sentiu uma centelha de esperança, mas a falta de polegares e a incapacidade de se colocar um salmão numa garrafa tornaram aquela solução inviável.

Laurie se debateu na cama, dividida entre a vontade de descobrir como não ser um peixe, a vontade de se debater até a água... e a vontade de acordar de verdade, pois as chances de tudo aquilo ser um pesadelo pareciam bem altas. O problema era que ela se sentia bem acordada.

*Eu não posso ser um peixe. É um sonho. Não. Eu sou um salmão, de verdade.*

A única água próxima estava na privada, e entrar naquela porcaria cheia de germes era nojento demais... mas a necessidade de respirar era mais importante.

Com um impulso enérgico, Laurie conseguiu se lançar da cama. Despencou no chão, mas a queda foi amortecida pelas pilhas de roupas espalhadas pelo quarto. Ela serpenteou por roupas, livros e tranqueiras acumulados no piso... até bater na porta fechada.

*Preciso de ajuda. Preciso do Fen.*

Se peixes pudessem chorar, Laurie estaria soluçando. A ideia de morrer como peixe e a imagem da mãe encontrando um peixe morto fedido no chão eram deprimentes demais.

*Cadê o Fen?*

O primo deveria estar ali, ele deveria ajudá-la. Era assim que funcionava: os dois se ajudavam, mas Fen não se encontrava ali, e Laurie morreria. As guelras se abriam e se fechavam rapidamente e ela entrou em pânico, cansada demais para pensar como um salmão poderia abrir uma porta.

A porta se abriu, e Laurie encarou o salvador. *Não é a mamãe. Não é o papai. Não é o Fen.* O irmão mais novo estava ali, parado.

– Por que você está no chão?

– Porque eu sou um peixe.

Jordie olhou a irmã. Abriu a boca, aparentemente pensou melhor no que diria, e a fechou. Deu de ombros.

– Você pode abrir a porta do banheiro e me botar na banheira? Minhas nadadeiras...

– Você é meio esquisita. – Ele se virou.

– Ela está acordada? – perguntou a mãe.

– Tá, mas disse que é um peixe – gritou Jordie, respondendo à mãe.

Laurie respirou fundo... e percebeu que não tinha guelras.

– Eu consigo respirar! – A garota olhou em volta. As cobertas estavam amontoadas, e ela estava no chão. Tinha sido um sonho, um sonho vívido, mas não real. Garotas não viravam peixes. Laurie levantou-se e sentou-se na cama, e ainda estava ali, meio atordoada, quando a mãe entrou no quarto.

– Querida, está tudo bem? – A mãe se inclinou e beijou-lhe a testa, checando se estava com febre. – Jordie disse que você teve um pesadelo.

– Eu era um peixe – contou Laurie, olhando a mãe. – Fen não estava aqui, e eu ia morrer porque ele não ia me ajudar.

A mãe suspirou e se sentou ao lado da filha. Silenciosamente, abraçou Laurie e apoiou o queixo na testa da garota. Depois de um minuto, disse:

– Não dá para contar com os garotos, muito menos com o seu primo Fen. Sei que você gosta dele, mas Fen é problemático. Ele não tem ninguém para lhe ensinar o certo e o errado e, do jeito que ele foi criado...

– A gente podia deixar ele morar aqui – sugeriu Laurie.

A pausa que a mãe fez resumia todas as coisas que não podia dizer: que ela não gostava de Fen, que o outro lado da família a incomodava, que a única razão pela qual ela ainda deixava qualquer um deles entrar naquela casa era por ainda amar Stig. Mas o que ela acabou dizendo foi:

– Preciso pensar no que é melhor para os meus filhos, e ter Fen perto de Jordie não é o melhor. Lamento.

Laurie se afastou, se vestiu e saiu do quarto. Ela não discutia com a mãe. Era algo que tentava não fazer. Laurie achava que já tinha se envolvido em confusão demais sem querer, e causar problemas de propósito não era uma boa ideia. Então, calou-se. Queria contar à mãe sobre o sonho, mas se sentiu ridícula. Contaria a Fen. Ele era seu melhor amigo, quase um irmão, e a única pessoa que não a acharia louca por se preocupar com um sonho de peixe.

*Talvez.*

# TRÊS



# FEN

## “DÍVIDAS”

**F**en passou o dia seguinte esperando que o xerife fosse prendê-lo e a noite se escondendo no parque, à espera de uma chance de pegar o escudo. Mesmo que Thorsen não o tivesse dedurado, era bem provável que tinha dito alguma coisa, pois passaram patrulhas em volta do navio a noite toda. Fen tentara completar o serviço, mas tinha fracassado.

E não estava muito empolgado em ter que contar a Kris, mas, quando voltou para casa e viu a picape enferrujada, percebeu que não teria opção. O primo tinha voltado para casa, vindo de onde quer que ele tivesse passado os últimos dias.

Fen não fez muitas perguntas sobre a ausência de Kris. Lição número um da família Brekke: não fale sobre o que não sabe. Não era uma questão de desconfiança, na verdade, mas apenas de bom senso. Os Brekke cuidavam primeiro de si mesmos. Poderiam até fazer uma boa ação pelos outros, ou não, mas não eram burros de sair por aí contando coisas que poderiam causar problemas.

Fen atravessou o caminho de cascalho e parou na entrada da garagem.

– Fen? É você? – A voz o chamou de debaixo da carcaça de um carro antigo. Kris tinha passado quase o ano inteiro trabalhando nele. Um velho aparelho de som tocava música. Como tudo mais na casa de Kris, o estéreo já estava meio estragado há anos.

– Uhum.

– Me pega uma cerveja. – Kris apontou a mão cheia de graxa na direção da geladeira enferrujada nos fundos da garagem.

Fen largou a mochila no chão, empurrou-a para o lado com o bico da bota e foi até a geladeira. A porta rangeu e a velha alça metálica estalou. Ele tirou uma lata de cerveja e a abriu. Fen não entendia por que as pessoas bebiam aquilo. Kris lhe deu uma certo dia, mas a achou horrível. Cerveja tinha o gosto que ele imaginava que teria o xixi de cachorro, mas todo mundo na família gostava daquilo.

– Ouvi o barulho da latinha, garoto. É melhor ela estar cheia quando eu a pegar – disse Kris.

Fen foi até ele e entregou a lata.

– E está.

– Bom menino.

Kris saiu de debaixo do carro. Ele ficou deitado no carrinho, coberto de fuligem, graxa e óleo das botas à bandana. Tinha vinte e poucos anos, mas agora que Fen estava no ensino médio, uma das tias decidira que Kris era adulto o bastante para cuidar do garoto naquele ano. Até então, estava sendo bem melhor do que o período que ele passara com a prima Mandy, que era mais velha que poeira, e tinha muitas ideias bizarras quanto às tarefas que Fen deveria cumprir. Kris, por outro lado, era jovem o suficiente para se lembrar de que odiava cumpri-las. Ele dava algumas coisas para Fen fazer, mas, na maioria das vezes, não eram exatamente tarefas domésticas.

Kris se sentou, pegou a lata e deu um gole demorado, limpando a boca com a mão suja em seguida.

– Então, você conseguiu?

– Não.

Kris franziu o cenho.

– Era um serviço simples, moleque. Roubar um escudo. Molezinha.

– Thorsen... O filho do xerife Thorsen, Matt, estava lá na hora e hoje teve patrulhas o dia todo. – Fen se agachou para encarar Kris.

– A última coisa de que eu preciso é o prefeito Thorsen ou o xerife aparecendo aqui e fazendo perguntas. Você tem que ficar longe daquele garoto.

– Eu sei, e eu fiquei. Ontem à noite foi a única vez em que a Laurie pôde ir também, e eu precisava que ela participasse do serviço – acrescentou Fen.

– O que eu podia fazer?

– Você devia ter completado o trabalho. É melhor você descobrir como, e rápido, garoto. – Kris terminou a cerveja e amassou a lata. – Se você não cumprir seus deveres para com os *wulfenkind*, ninguém vai poder fazer nada para te ajudar.

– Já tinha entendido nas três primeiras vezes que você falou – retrucou Fen.

– Não responde. – Kris se levantou e foi pegar outra cerveja. – Aposto que tem menos patrulhas de dia.

– Eu tenho aula – adiantou Fen.

Kris abriu a segunda cerveja.

– Você acha que os *wulfenkind* dão a mínima pra sua aula?

– Posso tentar de novo esta noite – sugeriu Fen. – Mas e quanto a Laurie?

Kris concordou com a cabeça.

– Ela *já* ajudou, então essa condição foi cumprida. Vá pegá-lo sozinho e, se não conseguir hoje à noite, você falta a escola amanhã.

– Certo.

– Se você não fizer o serviço, Laurie terá que se encontrar com eles – ameaçou Kris.

Depois de anos protegendo a prima, Fen sabia muito bem qual era a resposta certa:

– Eu vou conseguir. Prometo.



Fen ouviu o despertador disparar no meio da noite, pouquíssimas horas depois de ajustá-lo. Era um daqueles horríveis relógios que faziam tique-taque, e o alarme era um martelinho que batia de um lado para outro entre dois sinos. *Como o truquezinho de martelo do Thorsen.* Fen atirou o despertador na parede. *Bem do jeito que eu poderia atirá-lo.* Enquanto pensava nisso, fez uma careta. A triste verdade era que Fen não seria capaz de atirar Matt contra uma parede. Os Thorsen eram incrivelmente fortes, e, mesmo que todos os Brekke tivessem habilidades especiais próprias, eles também sabiam que não deveriam se meter com os Thorsen. Bem, nem *todos* na família sabiam disso: Laurie ainda estava por fora. Fen só ficou sabendo das coisas havia poucos anos, e fizera o possível para bancar o ignorante.

*Ignorante como os Thorsen pensam que nós somos.*

Depois que Kris reclamou do despertador, e do baque do relógio na parede, Fen decidiu que era melhor fazer pouco barulho. Foi até a porta da frente com as botas nas mãos. Ao sair, fechou a porta de tela com cuidado, em vez de deixá-la bater. Fen se sentiu profundamente aliviado ao se virar para encarar a escuridão. Podia até fingir que era por ter evitado a irritação de Kris, mas, na verdade, ele se sentia menos estressado ao ar livre. Lobos, mesmo aqueles em pele humana, não nasceram para viver debaixo de um teto. Aquela hora da noite era a melhor. A maioria das pessoas estava em casa, na cama, e o mundo era de Fen.

Ele se sentou na entrada, meteu os pés nas botas, pegou o saco e o pé de cabra que Kris lhe deixara e saiu em direção ao parque Sarek. Se Fen não

pagasse o que devia aos Saqueadores, haveria consequências. Os Saqueadores – matilhas de *wulfenkind* – levavam a vida roubando e revirando lixo, vagando de acampamento em acampamento, sempre apenas um passo à frente da lei. Você podia se juntar a uma matilha depois que se transformasse, mas, desde o nascimento, estava em dívida. Geralmente, os pais pagavam essas dívidas. Caso contrário, a matilha as mantinha em um registro. Fen, como todos os Brekke, tinha as seguintes opções: pagar as dívidas à matilha local da sua faixa etária, se juntar a ela ou, uma vez que tivesse a idade necessária, seguir adiante como lobo solitário. Por enquanto, ele decidira pagar tanto as próprias dívidas quanto as de Laurie. Não ofereceria obediência a alguém só porque esse alguém era o melhor lutador.

Laurie não entendia direito como as coisas funcionavam. Não sabia o que Fen era, ou o que ela mesma poderia ser, pois não tinha conhecimento do ancestral deles, Loki. Então, ela não fazia ideia de que Fen às vezes era um lobo. A não ser que Laurie se transformasse, não era necessário contar a ela.

O pai de Laurie, o tio de Fen, Stig, não achava que ela se transformaria. A mãe da garota não era *wulfenkind*, então era possível que ela fosse só uma pessoa normal. Se não se transformasse, não precisava saber. Fen gostaria de poder contar, gostaria que ela fosse um lobo também... quase tanto quanto gostaria, para o bem dela, que não fosse. Por enquanto, ele concordou em pagar as dívidas da prima com os *wulfenkind* durante o período de transição. Geralmente, isso era feito pelos pais, mas o tio Stig era um lobo solitário, então Fen tinha assumido a responsabilidade. Era o que ele teria feito se ela fosse sua irmã de *verdade*, não apenas prima. Significavam pagamentos duplos, mas ele dava conta. Uma vez que a transformação acontecesse, Laurie assumiria os próprios pagamentos, se juntaria a uma matilha, ou viraria uma loba solitária, como o tio Stig. A chance de Laurie se juntar era ainda menor que a de Fen, então, se ela se transformasse, Fen achava que ele



a ajudaria com os pagamentos, ou os dois virariam lobos solitários juntos. O problema de ser um lobo solitário era que você não podia ficar em território algum por muito tempo. Fen não conseguia se imaginar como lobo solitário sem Laurie, e certamente não viraria um dos Saqueadores.

Por enquanto, isso o deixava endividado, e, por motivos que ele preferia ignorar, os Saqueadores disseram que o velho escudo seria pagamento suficiente para os dois. A única coisa estranha era que o lobo no comando da matilha etária deles, Skull, dissera que Laurie deveria estar pelo menos um pouco envolvida. E ela estivera. Agora só restava a Fen completar o serviço.

Seus pés doíam de tantas idas e vindas entre o trailer de Kris e o parque, mas regras não permitiam que Fen zanzasse por Blackwell como lobo, por isso ele foi como humano. Obviamente, mesmo que ele pudesse ter se transformado, isso traria outros problemas. *O que eu faria? Arrancaria o escudo a dentadas?* Ele sorriu com a imagem e correu o restante do caminho até o parque Sarek.

Tão tarde – *ou tão cedo, na verdade* – os carros-patrolha não passavam tanto. Fen pegou o pé de cabra que Kris lhe dera e o jogou com toda força na lateral do navio. O escudo já estava se soltando. Deveria ser especificamente aquele, o terceiro escudo desde a proa, com os desenhos esquisitos. Símbolos vikings, supôs Fen. Ele não sabia por que tinha de ser aquele escudo, e também não dava a mínima. Concentrou-se em forçar e soltar.

Quinze minutos e muitas farpas depois, Fen estava começando a se preocupar.

– Vamos lá, vamos lá.

Ele deu mais um empurrão, e o último rebite finalmente cedeu. O escudo caiu no chão com um estrondo.

Fen saltou sobre a amurada do navio, aterrissando agachado, com uma das mãos no solo, e pegou o escudo.

Assim que o fez, um enorme lobo cinzento surgiu andando pelo parque. Era grande como um lobo adulto, mas, mesmo antes que ele chacoalhasse o pelo e ficasse de pé, Fen já sabia quem era.

Skull sorriu e disse:

– Nada mal.

Skull era só alguns anos mais velho que Fen, mas muito mais assustador que qualquer um dos caras no colégio. Tinha cicatrizes nos braços e, naquele momento, um arranhão vermelho no rosto que fazia companhia a vários hematomas roxos e amarelos. Não era magro, mas não tinha gordura alguma no corpo. Skull era só músculo, cicatriz e atitude.

– Cadê a Laurie?

– Longe daqui. – Fen enfiou o escudo na bolsa que tinha trazido consigo e a estendeu para Skull. – Ela ajudou na primeira vez que tentei pegar, mas ela não precisa ver *você*.

Skull não pegou a bolsa que Fen lhe estendeu.

– Você pode carregar pra mim.

Ele deu as costas e saiu andando sem olhar se Fen tinha obedecido. Obviamente, ambos sabiam que o garoto poderia seguir Skull ou lutar com ele, uma luta que teria dois resultados possíveis para Fen: ou ele acabaria bem machucado, ou se tornaria o líder da matilha de *wulfenkind*. Vencer uma luta com um lobo líder significava substituí-lo. Por mais que Fen detestasse Skull, ele não sabia se seria capaz de derrotar o lobo mais velho, e, mesmo que fosse, ele não o detestava suficientemente para correr o risco de assumir o fardo de uma matilha.

Eles andaram pelo menos oito quilômetros. Além da falta de sono, Fen estava exausto ao chegar ao acampamento. Pequenos grupos de *wulfenkind* o

olharam com interesse.

A irmã gêmea de Skull, Hattie, aproximou-se deles e ofereceu um espetinho de carne, provavelmente de alce, a julgar pelo cheiro.

– Quer um pedaço? – Hattie deu uma mordida na carne, mastigou e engoliu. – É seguro.

Fen assentiu. Ele não sentia fome com a mesma frequência que os mais velhos, porque ainda não se transformava constantemente, mas estava começando a perceber uma mudança.

Skull fez um sinal a Hattie, que levou os dedos aos lábios e assoviou. Quando todos olharam para ela, Hattie indicou pessoas diferentes, e então direções diferentes.

– Chequem o perímetro.

Dos quase vinte e quatro garotos e garotas presentes ali, metade partiu em dois grupos de seis. Fen observou com admiração. Eles formavam uma matilha obediente e organizada. O acampamento era impressionante também. Pertences arrumados em pequenos amontoados, lenha de fogueira empilhada organizadamente, sacos de dormir enrolados e agrupados. Era possível desfazer o acampamento de modo que todos pudessem partir em instantes.

– Você poderia ficar com a gente – ofereceu Hattie. A atenção dela lisonjeava e assustava Fen havia anos. Ela era uma das *wulfenkind* mais fortes que ele já conhecera, mas também esquisita e meio malvada. Quando eles tinham dez anos, Fen vira Hattie matar vários esquilos com mordidas na garganta. Não teria sido tão nojento se ela estivesse em forma de lobo. Mas não estava.

– Aqui. – Fen tirou o escudo do saco e jogou para ela. Ele não esperava que batesse em Hattie, mas teve um pouquinho de esperança.

Diferentemente do caso de Skull, não havia desvantagens em lutar com Hattie. Mas ela pegou o escudo no ar.

– Presente pra mim?

Skull riu.

Fen arrastou os pés e respondeu:

– Não. É o pagamento por mim e por Laurie.

Skull cravou a mão no ombro de Fen e apertou, mas repreendeu a irmã:

– Deixa o Fen em paz. Você está assustando ele.

Mesmo que estivesse tentando evitar problemas com Skull, Fen não poderia ignorar o insulto.

– Eu não estou assust...

– O seu lugar é aqui com a gente, Fen – interrompeu Skull. – Você sabe que tem coisa grande vindo aí. A gente precisa que essa coisa aconteça. A gente vai fazer com que ela aconteça.

Hattie depositou o escudo num pedaço de pele de animal que um dos lobos mais jovens arrastara até ela. A garota se agachou junto ao pelego e olhou para trás, para Fen.

– Esta madeira veio do charco. Vai ser usada na luta final.

– No *quê*?

– Ragnarök – declarou Skull com reverência.



– Ragnarök? – repetiu Fen, balançando a cabeça. Tudo bem lembrar as velhas histórias, conhecer o passado do próprio povo, mas era muito diferente acreditar que o fim do mundo estava chegando.

– A profecia é verdadeira – explicou Skull. – A batalha final vai mudar tudo. Os filhos...

– E *filhas* – interrompeu Hattie com um rosnado.

Skull continuou sem olhar para a irmã.

– A prole de Loki se erguerá, os monstros acordarão. Vamos dominar o mundo, e todos nos pagarão tributo. Governaremos a Terra como reis.

Por mais que Fen achasse que eles eram meio malucos antes, agora tinha certeza de que estavam além da mera loucura. Aquela coisa toda de “antigamente havia deuses” até era verdade, mas os deuses eram burros. Estavam todos mortos. E, se os deuses estavam mortos, como poderia haver uma batalha final? Não fazia sentido. É claro, isso não significava que Fen estava a fim de discutir o tema com Skull e Hattie. Ele tentou parecer menos desdenhoso ao responder:

– Certo. Deuses e monstros lutarão, e um novo mundo nascerá. Vocês estarão no comando. Com certeza.

Hattie se levantou e imediatamente assumiu postura de luta.

– Você duvida?

Ignorando a garota, Fen jogou o espetinho com o resto da carne no fogo e apontou o escudo.

– Roubei o escudo. Eu o trouxe para o seu acampamento. Estamos quites. As minhas dívidas e as da Laurie estão pagas. Façam o que quiserem com ele.

– Precisamos de mais uma coisa – afirmou Hattie.

Fen encarou Skull, depois Hattie, e voltou para Skull. Tudo bem evitar problemas com os dois, mas virar o garoto de recados deles era outra

conversa.

– Eu *paguei* – retrucou Fen. – Essas são as regras. Eu paguei, e agora estou livre.

Skull lhe deu um soco.

Fen cambaleou. Metade do rosto doía, e ele sabia que iria à aula com um olho roxo. *Maravilha. Que maravilha.* Fen deu um passo para trás.

Hattie foi até o irmão e parou ao seu lado. Atrás dela, Fen viu que os outros membros da matilha observavam. Nenhum deles ajudaria. Seguiam ordens. Protegiam a matilha e trabalhavam pelos seus objetivos.

– A luta final está chegando. Isso muda as coisas – acrescentou Hattie.

A irritação que Fen tentava abafar extravasou:

– Regras são regras, então...

– *Você* ajuda a gente, ou a gente vai falar com a Laurie, e *ela* poderá nos ajudar – ameaçou Skull. – Os monstros virão e lutarão ao lado do nosso campeão. Temos que estar preparados.

Não havia a menor chance de Fen deixar que eles se aproximassem de Laurie, especialmente depois de tudo aquilo que eles tinham dito. Por isso ele baixou o olhar com o máximo de humildade que pôde.

– O que vocês querem?

– Um Thorsen. O mais novo – disse Skull.

Todos os Brekke sabiam que os Saqueadores faziam coisas que era melhor não saber. Isso não significava que Fen gostava da ideia de ajudá-los a prejudicar uma pessoa que ele conhecia, mesmo alguém de quem não gostasse. Entregar qualquer um a eles era errado.

– Por quê? – indagou Fen, esperando que a resposta não envolvesse machucar Thorsen.

Hattie suspirou.

– Porque ele é o campeão *deles* na luta final.

– Entendi – respondeu Fen. – Vocês precisam impedir que um garoto lute no Ragnarök. O que vocês vão fazer, de verdade?

Skull e Hattie se entreolharam. O mais velho avançou e passou o braço pelos ombros de Fen.

– O chefe mandou entregar o moleque. Não somos burros o bastante para perguntar para quê, mas... – Ele fez uma pausa e sorriu. – Mas se você quiser perguntar, a gente pode entregar você e Laurie também.

– Não – respondeu Fen com cuidado. – Eu pego ele.

Skull apertou o ombro de Fen ainda mais, dolorosamente, e falou:

– Bom menino.



# QUATRO



## MATT

### “PREMONIÇÃO”

**M**att estava deitado na cama. Fazia um dia que ele tinha usado o Martelo de Thor. Fen não contara nada a ninguém. Laurie também não. Matt queria acreditar que isso significava que eles iam esquecer tudo, embora não pudesse evitar pensar que os dois estavam esperando pelo momento certo. Eles contariam a todo mundo como ele usou uma granada atordoante para derrubar Fen; e os pais de Matt, além de todos os Thorsen da cidade, saberiam exatamente o que acontecera. Matt havia quebrado as regras e usado o Martelo de Thor.

O Martelo de Thor era o único poder mágico que os Thorsen ainda tinham. É verdade que eles eram maiores que as outras pessoas, e mais fortes também, mas isso não era mágica. Os velhos livros mencionavam outros poderes, como controle do clima, embora havia muito isso não existisse. Só lhes restava o Martelo, que para os outros era como um soco invisível que eles poderiam usar quando quisessem. Somente Matt recebeu o kit de efeitos especiais: o clarão e o estampido. E somente Matt era incapaz de controlar quando o poder era disparado.

O avô tentara lhe dar amuletos diferentes, mas eles não resolveram nada. Os pais tinham razão: não era culpa do amuleto, e sim de Matt. O poder estava nos próprios descendentes de Thor, o amuleto era um mero... Matt se esforçou para lembrar a palavra que os pais usavam. Conduto. Era isso. O

amuleto era um conduto que permitia que o poder funcionasse. Isso significava que a solução era simples: retirar o amuleto. Só que um Thorsen passava mal se ficasse muito tempo sem usá-lo. Matt conseguia tirar o dele no ringue de boxe, por sorte, mas não mais que isso.

Ele deveria contar logo aos pais o que acontecera. Tinha começado na noite anterior, mas se acovardou e só falou ao pai que tinha visto uns garotos fazendo bagunça em volta do navio. O pai disse que colocaria os policiais para patrulhar por um tempo e, em seguida, ordenou que Matt assumisse mais responsabilidade pela cidade, que deveria ter feito alguma coisa, em vez de apenas voltar para casa e delatar os meninos. Isso o magoou, especialmente porque Matt *tinha* tomado uma atitude. Já estava se sentindo mal quanto àquilo tudo. Deveria ter sido capaz de lidar com Fen sem disparar o Martelo.

*Não pense nisso. Concentre-se em outra coisa. Pense no projeto da feira de ciências.*

Ah, nossa, isso ajudou muito. Vamos nos concentrar em *outro* exemplo de como você consegue estragar as coisas, Matty.

Ele tinha estragado completamente o projeto de ciências, e precisava fazer um novo antes da feira da noite seguinte. Matt complicara demais as coisas, como sempre. Tinha se esforçado além do normal porque sua família sempre recebia o prêmio na feira de ciências do nono ano. Primeiro o pai, depois os irmãos, Jake e Josh. Se fosse outra matéria, Matt iria bem. Mas, como de costume, se a família dele era boa em algo, ele não.

Talvez se ele dormisse... Matt tinha algumas das melhores ideias à noite, quando podia relaxar e parar de se preocupar.

Quando adormeceu, ele sonhou com o projeto de ciências... todas as maneiras como poderia estragar tudo de novo e envergonhar a família. Sonhou repetidamente que conseguia construir o melhor projeto de todos,

apenas para em seguida disparar por acidente o Martelo de Thor e despedaçar o trabalho na frente da escola inteira. Finalmente, seu cérebro pareceu se cansar daquilo e decidiu largá-lo no meio de um campo.

Era dia. Matt ficou ali parado, olhando para o céu. Não estava sozinho, podia sentir alguém atrás de si. Mas não se virou para ver quem era, pois estava ocupado, fitando o sol – e o lobo que o perseguia.

O lobo era uma sombra imensa e negra, com olhos vermelhos fulgurantes e presas reluzentes. O sol era uma carruagem resplandecente puxada por três cavalos brancos.

– São Sköll e Sól – murmurou Matt.

– Hein? – exclamou uma voz de menina atrás dele. Parecia ser de alguém que ele deveria conhecer e, no sonho, isso parecia ser verdade, mas o cérebro adormecido não conseguia situá-la.

– Um mito nórdico. O sol circunda a Terra porque ela está tentando fugir do lobo Sköll. E a lua... – Matt apertou os olhos contra o sol brilhante. Atrás da carruagem de Sól, ele distinguiu uma versão mais pálida, perseguida por outro lobo de sombra. – Lá está ele. Atrás de Sól. Máni, perseguido por Hati.

– Parece que os lobos estão chegando perto.

Matt balançou a cabeça.

– Isso só vai acontecer quando o Ragnarök chegar.

– Ragnarök?

– O fim do mundo. Supostamente vai acontecer quando Loki matar Balder. Então, Sköll pegará Sól, e Hati pegará Máni, e o mundo será mergulhado numa noite e num inverno eternos. Mas isso não vai...

Os lobos saltaram e reduziram a distância. Os condutores das carruagens chicotearam os cavalos, que avançaram.

Matt soltou a respiração.

– Certo, é só...

Os lobos investiram novamente. Cravaram as fortes mandíbulas e puxaram. As carruagens foram jogadas para trás, e os cavalos voaram. O sol e a lua foram derrubados. Os lobos mergulharam atrás deles, abriram as bocarras e...

Trevas.



Matt se sentou na cama de repente, o coração batendo tão forte que ele poderia jurar que conseguia ouvi-lo.

Ragnarök.

O fim do mundo.

Matt piscou forte. Balançou a cabeça. Sim, sua família acreditava no Ragnarök, e a Vidente sempre procurava por sinais, mas eles já os buscavam desde muito antes da morte dos velhos deuses. Como os velhos deuses foram... *burros*, eles todos estavam mortos havia muitos anos. De acordo com a Vidente, isso significava que, quando o Ragnarök chegasse, alguns dos descendentes teriam de assumir o lugar dos deuses originais na batalha final. Estariam tomados pelos poderes dos deuses, e enfrentariam os monstros conforme fora predito. Felizmente, o Ragnarök não viria durante a vida de Matt. O que *estava* por vir era a feira de ciências. Não era exatamente um evento apocalíptico, mas até parecia ser.

Ele esfregou o rosto e bocejou. Porém, toda vez que fechava os olhos, via os lobos perseguindo o sol e a lua.

Balançou a cabeça. Isso não o ajudaria na feira...

Ou será que ajudaria?

Matt sorriu, se esticou de novo e adormeceu.



– Rakfisk! – berrou Josh, quase arrombando a porta de Matt. – Ei, Mattzinho, não está sentindo o cheiro? A mãe está fazendo rakfisk.

Matt levantou a cabeça e respirou fundo, mesmo sem querer. Grunhiu e trincou os dentes para não vomitar no travesseiro. Nada fede tanto quanto peixe cru. Exceto peixe cru que ficou apodrecendo por meses, para ser servido em torradas no café da manhã.

Jake segurou o ombro de Josh.

– Não acorde o bebezinho. Assim, sobra mais pra gente.

Josh tinha dezessete anos e Jake era um ano mais novo, ambos enormes. Josh, sozinho, praticamente ocupava todo o espaço da porta aberta. Tudo o que Matt conseguia ver de Jake era uma cabeleira ruiva atrás do ombro do irmão.

Eles saíram em disparada pelo corredor. Matt levantou a cabeça, com o nariz tampado. Tentou respirar pela boca, mas não deu certo, porque sentiu o *gosto* do rakfisk. Se uma coisa estragava totalmente os feriados nórdicos era a comida. A mãe dele chamaria isso de antigas tradições dos vikings. Matt achava que os vikings deveriam tê-las guardado com eles.

Matt encontrou a mãe na cozinha, trabalhando no balcão, enquanto os irmãos, sentados à mesa, devoravam pratos de rakfisk com torrada. Matt abriu a geladeira e achou duas garrafas de leite. A primeira continha um líquido ralo, de um branco-azulado. Era soro, o que sobrava depois de preparar queijo. Matt grunhiu e guardou a garrafa.

– O soro é cheio de proteína, Matty – explicou a mãe. – Você não vai ficar maior só bebendo refrigerante.

– Ah, ele não vai ficar maior, não importa o que ele beber – provocou Jake. – Nem levantando peso. Josh e eu já éramos maiores que Matt na idade dele.

Josh encolheu os ombros.

– Não éramos tão maiores assim. Ainda dá tempo. Talvez se ele entrar pro time de futebol americano...

– Eu gosto de boxe.

A mãe tentou conter uma careta. Ela não gostava de boxe. Nem de luta livre, que ele também praticava, mesmo sem ser tão bom. Ela temia que o filho se machucasse, mas Matt sabia que ela simplesmente não entendia. O futebol era o único esporte de verdade na casa dos Thorsen. E em toda a Blackwell.

– Ah – lembrou ela. – Seu avô perguntou por você ontem à noite. Você não teve mais nenhum... – Ela indicou o amuleto do filho com um gesto. – Acesso?

Matt se esforçou para manter a expressão neutra.

– Não, nada desde a última vez. – O que, teoricamente, era verdade. Ela só não sabia que tinha acontecido outra “última vez”.

A mãe respirou aliviada.

– Ótimo – disse. – Agora, cadê seu prato para eu lhe servir o rakfisk de café da manhã?



Noite da feira de ciências. Havia mais ou menos cem pessoas perambulando pelo ginásio, fingindo que estavam interessadas nos projetos.

Hunter parou ao lado da mesa de Matt.

– Não entendi.

– Você é preguiçoso demais para ler. – Cody indicou com um aceno a explicação que Matt tinha postado. – O que não é surpresa, já que você é preguiçoso demais até para se dedicar ao próprio projeto. Você achou mesmo que ninguém notaria que pegou o do seu irmão?

O projeto de Hunter deveria ter sido um vulcão, mas, depois de três anos guardado, a “lava” vazava pelos buracos roídos por camundongos.

Matt ouviu uma risada fungada. Deu uma olhada e viu Fen, com um olho roxo recente. Estava com Laurie, mantendo a cabeça baixa, como se quisesse esconder o hematoma.

Fen fez uma careta quando Laurie se aproximou da mesa de Matt. Laurie simplesmente olhou feio para ele e perguntou a Matt:

– E o que é isso aí?

Matt começou a explicar, mas, assim que percebeu que o avô e dois dos Anciãos Thorsen se aproximavam, assumiu o discurso para adultos:

– É um mito nórdico – começou. – Os lobos, Sköll e Hati, perseguem o sol, Sól, e a lua, Máni.

Matt indicou a mesa, onde lobos sombrios deviam estar correndo atrás de duas bolas luminosas em trilhos adaptados. Mas não tinha dado muito certo, e nenhuma das coisas se movia. Tentou dar um passo maior do que a perna, disse o pai dele. De qualquer maneira, o modelo ficou bacana. O avô e seus acompanhantes pararam para observar melhor.





– Na história, os lobos finalmente alcançam os astros. – Matt se inclinou para empurrar os lobos pelo trilho, e eles ganharam velocidade até chegar às bolas, o que fez o globo de brinquedo no meio se apagar. – Isso marca o começo do Ragnarök. A batalha dos deuses. Do ponto de vista científico, podemos ver a lenda como uma explicação para os eclipses. Muitas culturas criaram mitos para explicar por que o sol desaparecia e como recuperá-lo.

Matt apontou um segundo quadro, coberto com fotos de eclipses, gráficos e descrições. Fora feito de qualquer modo, o que era bem aparente, mas não estava tão ruim quanto outros... Ou pelo menos era o que Matt repetia para si mesmo.

– Muito interessante, Matty – comentou o avô, pousando a mão no ombro do neto. – Quando foi que você teve essa ideia?

Matt encolheu os ombros.

– Simplesmente me passou pela cabeça.

– É mesmo?

Os olhos azuis do avô se fixaram nos de Matt, e ele sentiu os joelhos tremerem. O avô o observou por mais um minuto, com os lábios contraídos sob a barba ruiva cada vez mais grisalha. Por fim, deu um tapinha nas costas do neto, murmurou algo para os Anciãos e o grupo seguiu adiante.

Matt tirou B, o que era ótimo para um projeto feito às pressas que não deu muito certo. Seus professores pareceram satisfeitos. Seus pais, nem um pouco. Eles saíram enquanto Matt guardava o projeto, o que ele fez muito cuidadosamente, bem devagar, esperando que os pais se cansassem de esperar e fossem embora.

– Então, apenas passou pela sua cabeça – comentou alguém atrás dele.

Era o avô. O ginásio estava vazio, os últimos estudantes e pais finalmente saindo.

Matt fez que sim com a cabeça.

– Desculpe por eu não ter ganhado.

O avô passou o braço pelos ombros do neto.

– Ciências não é o seu forte. Você tirou B. Eu acho isso ótimo. – O avô apontou a fita de “menção honrosa” na mesa de Matt. – E aquilo é melhor que ótimo.

Dos trinta projetos da feira, cinco receberam uma menção honrosa. Havia também os três vencedores. Então, não era lá um grande feito, mas Matt resmungou um agradecimento e começou a empilhar os papéis.

– Então, Matty, agora que somos só eu e você, me conte como *foi* que isso lhe passou pela cabeça.

Matt encolheu os ombros.

– Eu tive um sonho.

– Sobre o quê?

– Os lobos devorando o sol e a lua. O começo do Grande Inverno.

– *Fimbulwinter*.

Matt concordou e demorou um pouco para perceber que o avô ficara imóvel. Ao ver a expressão do idoso, seu coração bateu mais rápido. Ele deveria ter sido mais cuidadoso. Com os Anciões, não se podia falar casualmente de sonhos como aquele. Especialmente sonhos sobre o Ragnarök.

– Eu estava preocupado com o meu projeto – argumentou Matt. – Foi só um sonho besta, sabe, daqueles em que você é reprovado e o mundo acaba. Uma besteira – repetiu ele, revirando os olhos.

– O que você viu exatamente?

A testa de Matt ficou coberta de suor. Ao enxugá-la, suas mãos tremiam.

– Está tudo bem, Matty – sussurrou o avô. – Eu só estou curioso. Me conte como foi.

Matt contou. Não teve escolha. Não era só o avô quem pedia. Era o prefeito de Blackwell e o magistrado da cidade.

Quando Matt terminou, o avô assentiu com a cabeça, como se estivesse... *satisfeito*. Ele parecia mesmo satisfeito.

– Foi... foi só um sonho – atalhou Matt. – Sei que vocês acreditam nessas coisas, mas não foi nada disso. Eu não queria...

O avô o interrompeu ao se curvar para a frente, pousando as mãos nos ombros do neto.

– Você não fez nada de errado. Eu estava apenas curioso. É sempre interessante ouvir de onde vem a inspiração. Eu estou muito orgulhoso de você. Sempre estive.

Matt se endireitou, constrangido.

– Meus pais estão me esperando...

– É claro que estão. – Depois de mais um abraço rápido, o avô confessou: – Sempre soube que você era especial, Matty. Logo, todos os outros saberão também.

Ele se afastou, deu um tapa amistoso nas costas de Matt e lhe entregou a caixa com o projeto.

– Você carrega isso, e eu levo os papéis. Está ventando muito, não queremos que essa papelada voe para longe.

Matt se dirigiu à saída do ginásio, com o avô ao lado.

– Vi gelo no Norrström há alguns dias. É por isso que vamos ter Vetrarblot tão cedo? O inverno está chegando adiantado?

– Isso mesmo – concordou o avô. – Creio que sim.

## CINCO



## MATT

### “ESCOLHIDO”

**D**epois da feira de ciências, o avô voltou para casa com Matt e saiu com os pais dele para uma caminhada. Quando voltaram, Matt já estava se recolhendo para dormir, pois tinha treino de luta na manhã seguinte, mas eles o chamaram à sala de estar e lhe fizeram um longo discurso sobre como estavam orgulhosos por ele ter tirado um B e recebido uma menção honrosa. Como recompensa, lhe dariam os quarenta dólares que faltavam do dinheiro que ganhara cortando grama para que pudesse comprar um iPod Touch.

Matt sabia que os pais não estavam orgulhosos dele porque ele tinha vacilado. Mas sempre faziam o que o avô mandava. Como quase todo mundo em Blackwell. De qualquer maneira, ele não poderia reclamar do dinheiro. Agora, o garoto poderia começar a economizar para uma motocross, e talvez, se conseguisse vencer as finais estaduais de boxe, o avô convenceria, por meio da culpa, que eles ajudassem com isso também. Era pouco provável; afinal, a mãe dele odiava motos quase tanto quanto odiava boxe, mas ele podia sonhar.



Vetrarblot. Não era tão legal quanto Sigrbplot, que sinalizava a chegada do verão – e o fim das aulas –, mas era muito importante. Principalmente este

ano, para Matt. Ele tinha completado treze anos, então seria iniciado na Thing.

Thing. Que nome ridículo. Claro, era assim que chamavam na época dos vikings, pois *thing* significava “assembleia” na língua deles, mas era de imaginar que os fundadores de Blackwell teriam se dado o trabalho de achar um nome que não significasse “coisa” em inglês e assim evitar que as reuniões da cidade não parecessem tão idiotas.

Nos tempos dos vikings, a Thing era uma assembleia composta por todos os homens adultos que não fossem servos, o jeito educado como os vikings se referiam aos escravos. Em Blackwell, as mulheres participavam também. E por adulto eles queriam dizer todos os Thorsen que já tivessem passado pelo décimo terceiro aniversário.

Quanto ao que exatamente essas assembleias faziam, bem, essa era a parte sem graça: era política. Eles tomavam decisões. Então, a Câmara de Vereadores, composta praticamente só pelos Thorsen, fazia a decisão acontecer.

Eles discutiam questões comunitárias também, aquelas que não se poderiam debater na câmara, tipo “aquele moleque dos Brekke está criando problemas de novo”, ou, ele imaginava, “Matt Thorsen ainda não consegue controlar os poderes”. Por esse motivo, Matt preferia não ficar ouvindo.

Durante o Vetrarblot, ele preferia não estar lá. A assembleia acontecia junto ao início da feira. Cody e os outros amigos de Matt tinham que ir para casa às 21h, então nem sabia se conseguiria sair da Thing a tempo de encontrar com eles. O que era totalmente injusto, mas os pais dele não ficariam lá muito felizes se o filho começasse a jornada à vida adulta reclamando por não poder brincar com os amigos.

Já tinha ouvido um longo sermão naquela manhã sobre como deveria se comportar. Matt tinha certeza de que eles se preocupavam com uma reprise

do vexame de Jolablot – o festival do inverno em que se contavam todas as velhas histórias –, e o avô pedira a Matt para contar a de Thor e Loki na terra dos gigantes, assim como Josh e Jake fizeram quando tinham doze anos. Os pais não queriam que Matt o fizesse, mas ele insistiu. Ele conhecia os mitos melhor que os irmãos. Muito melhor. Deixaria os pais orgulhosos. Então, Matt subiu no palco, olhou para toda a família e congelou. Simplesmente congelou. O avô teve de resgatá-lo, e os pais nunca mais o deixariam esquecer aquele momento. Nesse festival, ele ficaria calado, de cabeça baixa e fora dos holofotes, e faria o que lhe mandassem.

Entre a parada e a Thing havia comida. Comida de verdade, nada de cachorro-quente e algodão-doce. Naquele momento, todos os que não eram Thorsen iam para casa, lotavam os restaurantes locais ou levavam cestas de piquenique ao parque Sarek. Os Thorsen assumiam o controle do centro recreativo. Era aí que o banquete começava. O salão pareceria com um ginásio, exceto pelos mosaicos em todas as paredes. O avô de Matt contara que tinham quase quinhentos anos, trazidos de algum castelo na Noruega.

Os mosaicos exibiam cenas de Thor, quase todas lutas; quando o assunto era Thor, esse era o foco. Thor lutou com esse gigante aqui, depois com aquele, e mais tarde com outro. Ah, sim, e com alguns anões, uns anões muito malvados.

Na época em que Matt se inscreveu no boxe e na luta livre, ele havia dito isso aos pais. Claro, as pessoas amavam e respeitavam Thor porque ele era um cara bacana, mas muito desse respeito vinha do fato de ele despachar os monstros. E ele não despachava ninguém com um pedido educado.

Os pais não engoliram. A força física era importante, de fato; eles não queriam um filho nerd. Mas os Thorsen não eram como Thor. Tinham uns aos outros, ou seja, trabalhavam em equipe, e essas habilidades eram mais bem desenvolvidas com o futebol americano.

De qualquer maneira, tinha sido com os mosaicos que Matt crescera. Thor lutando com Hrungrnir. Thor enfrentando Geirroð. Thor brigando com Thyrm. Thor pelejando com Hymir. E, finalmente, num mosaico que ocupava toda a parede do fundo, a mais grandiosa batalha de Thor com seu maior inimigo: a Serpente de Midgard.

De acordo com as lendas, Thor derrotara a serpente uma vez, mas não a tinha matado. O deus pescara a serpente do mar e atirara seu martelo, Mjölfnir, contra ela, deixando-a escapar atordoada, mas viva. O mito dizia que, quando o Ragnarök chegasse, a serpente se vingaria. O mosaico na parede mostrava como a batalha épica se desenrolaria, terminando com um golpe letal aplicado por Thor. No que o deus lhe desse as costas, porém, a serpente moribunda atacaria uma última vez, envenenando Thor. E o deus cambalaria para a morte.

Matt fitava a cena da Serpente de Midgard sentado com a família à cabeceira da mesa. O salão estava repleto de mesas longas e cadeiras dobráveis de madeira para um banquete em família. Um pequeno palco foi montado na frente do salão.

A Vidente já estava ali com a assistente. À primeira vista, Matt pensou que ela poderia ser uma avó, mas, ao olhar de novo, viu que mal aparentava ter idade para ser mãe. Para os festivais, a Vidente e sua assistente sempre se vestiam como mulheres da época viking, com longos vestidos brancos e simples e aventais azuis por cima. Um pano branco cobria seus cabelos loiros. Normalmente, elas se pareciam com muitas mulheres de Blackwell, e Matt tinha certeza de que passava por elas na rua toda hora, incapaz de reconhecê-las sem seus vestidos viking.

Enquanto a comilança continuava, a Vidente se levantava na plataforma, jogava as runas e murmurava pronunciamentos que a assistente anotava furiosamente. Matt notou que alguns dos membros mais jovens da Thing

tinham se sentado perto dela. Esperavam ouvir algo importante. Não tinham permissão para falar com ela. Ninguém tinha. E era terminantemente proibido lhe perguntar qualquer coisa.

Divisar o futuro por meio das runas era um assunto sério, que não deveria ser confundido com adivinhações – uma lição que Matt aprendeu quando comprou um conjunto de runas falsas e cobrou duas pratas dos garotos na escola para lhes prever o futuro. Esse esquema resultou numa visita à Thing, e ele fora proibido de participar do festival seguinte. Matt deveria saber que não acabaria bem. Certo, ele *sabia*. Mas era como pregar peças; devia se comportar e ser motivo de orgulho para os pais, mas não conseguia se controlar. Era difícil fazer a coisa certa o tempo todo, tentando se igualar aos irmãos quando sabia que jamais conseguiria, não para valer. Por isso, às vezes, Matt se cansava de tentar.

Conforme o banquete foi terminando, mais pessoas se reuniam ao redor da Vidente, sentando-se de pernas cruzadas. Outras iam às mesas de Tafl montadas nas laterais do salão. Quando o avô convidou Matt para jogar uma partida com ele, não foi novidade alguma. Matt jogava Tafl com o avô o tempo todo. Talvez não nos festivais, quando o avô estava sempre muito ocupado. Enquanto os dois iam até uma das mesas, porém, Matt podia ouvir o burburinho serpenteando pelo salão, pessoas sussurrando e se virando para olhar, algumas os seguindo para assistir.

Tafl, também conhecido como Hnefatafl, embora ninguém conseguisse pronunciar, era um jogo nórdico de estratégia, ainda mais antigo que o xadrez. Era chamado de “o jogo viking” por ser essa sua origem, e se baseava na ideia de uma incursão ou invasão. Cada jogador recebia dois conjuntos de peças como seu “navio”, além do rei e seus defensores no meio.

Matt não estava preocupado com a plateia durante sua partida contra o avô. Tafl era como boxe: ele sabia que era bom. Não bom o bastante para



vencer sempre, mas bom o suficiente para não envergonhar a família.

Ele não venceu a partida. Mas também não a perdeu. O jogo teve de ser interrompido por causa da hora avançada; as crianças queriam ir logo para a feira, antes que escurecesse, e o avô deveria encerrar oficialmente o banquete. Assim que o avô o fez e os mais novos partiram para o festival, a mãe conduziu Matt até as cadeiras em frente ao palco.

Quando o avô subiu no palco, todos se calaram. Alguém colocou um pódio diante dele. O avô agradeceu com um aceno da cabeça, pigarreou e fitou o grupo.

– Como alguns de vocês já sabem – começou ele –, esta será uma assembleia bem diferente do normal. Nenhum novo assunto será discutido hoje. Em vez disso, vamos debater uma questão de importância incomparável para todos nós.

Algumas pessoas se ajeitaram nas cadeiras. Estariam elas preocupadas com o que o avô tinha a dizer? Ou sabiam algo que Matt desconhecia, ou seja, *importante* queria dizer “vocês ficarão grudados nessas cadeiras por um longo tempo”?

O avô continuou:

– Como vocês sabem, nosso mundo tem sofrido com desastres naturais há anos, mas com tanta frequência que mal conseguimos lidar com uma catástrofe antes que outra aconteça.

Isso era verdade. Parecia que todo dia eles organizavam um novo evento beneficente na escola para outro país devastado. Até agora, Matt já tinha ajudado com dois bailes, uma quermesse, uma venda de bolos, além da luta de boxe... E setembro nem tinha acabado.

Era esse o motivo daquilo tudo? Angariar dinheiro para ajudar com algum desastre? Ou talvez rever o plano de emergência da cidade? Os pais dele refizeram o deles depois de todos aqueles tornados na primavera.

O avô ainda estava falando:

– Semana passada testemunhamos a erupção de um vulcão que os cientistas juravam estar adormecido. Hoje o parque Yellowstone foi fechado porque as fontes geotermiais e os gêiseres estão transbordando em ebulição, liberando gases tóxicos na atmosfera. – O avô andava de um lado para outro no minúsculo palco. – A Boca do Dragão é um desses gêiseres. Tem o Caldeirão do Dragão Negro também. Esses são nomes muito apropriados, como conta nossa história, porque o que mantém esses gêiseres em efervescência, o que faz o fogo irromper dos topos das montanhas, é o grande dragão, Nidhogg, o devorador de cadáveres. Nos últimos séculos, a destruição causada por ele foi contida a um nível mínimo, já que ele está muito ocupado com a tarefa de roer as raízes da árvore da vida. Porém, não parece mais estar distraído. Sabemos o que isso significa.

Matt sentiu um calafrio mortal subir por sua espinha.

Era tudo culpa dele. Matt teve o sonho, e fora só um sonho, mas agora o avô acreditava nele, e o usava como explicação para todas as coisas ruins que aconteciam no mundo.

– Nidhogg está quase terminando de roer as raízes da árvore da vida. Um dos primeiros sinais do Ragnarök.

Matt agarrou os braços da cadeira para não sair correndo até o palco e dizer que o avô estava enganado. Ele tinha entendido errado, confiado num sonho idiota que não passava disso; afinal, ele era só um garoto, não um profeta, não um Vidente.

– E nós entendemos também o significado dos tsunamis e maremotos que vêm devastando cidades costeiras ao redor do mundo. Não apenas Nidhogg quase acabou de roer a árvore da vida, mas a Serpente de Midgard também se libertou de seus grilhões. Os mares ficam turbulentos quando a serpente sobe à superfície. Para a batalha final. Para o Ragnarök.

Matt inspirou fundo, mas isso não pareceu ajudar. Ele começou a ofegar. A mãe lhe apertou a mão. Do outro lado, o pai se aproximou e passou o braço pelos ombros do filho, sussurrando:

– Está tudo bem, filho.

Josh se inclinou para a frente, desviando do pai, e deu um sorriso irônico.

Do lado da mãe, Jake fungou e revirou os olhos. Sentia desprezo pelo bebê que parecia dar um chilique porque coisas ruins estavam chegando e ele não sabia lidar com elas. Ou pelo menos era essa a impressão que todos teriam.

Matt soltou a mão da mãe e se desvencilhou do abraço do pai. Em seguida, se endireitou, fixou o olhar no avô, que dizia alguma coisa sobre as nações europeias estarem quebrando as promessas relativas a um tratado ambiental e de rumores de conflitos. Todos sinais do Ragnarök. Juras rompidas. Irmão se virando contra irmão. Guerra se aproximando.

– Nessa batalha final, nós teremos um papel. – O avô fitou o mosaico, e todos seguiram seu olhar até o confronto épico contra a Serpente de Midgard. – Por séculos, os Thorsen trabalharam juntos, permaneceram juntos, lutaram juntos. Mas essa batalha será diferente. Será a tarefa de um e apenas um: o Campeão de Thor, que terá de vencer a batalha, derrotar a serpente e salvar o mundo da destruição.

O pai pousou a mão na perna de Matt e apertou. Matt se virou para ele e viu que o pai olhava fixamente para a frente, com o rosto tenso e enigmático.

– Esperamos por sinais que nos indicassem nosso campeão – continuou o avô. – Recebemos alguns, mas ainda continuamos inseguros. Agora, porém, a profecia foi cumprida e as runas...

O avô recuou, e a Vidente avançou. Ela não pegou o microfone, sua voz fina mal passava das primeiras filas. Matt teve que se esforçar para ouvir.

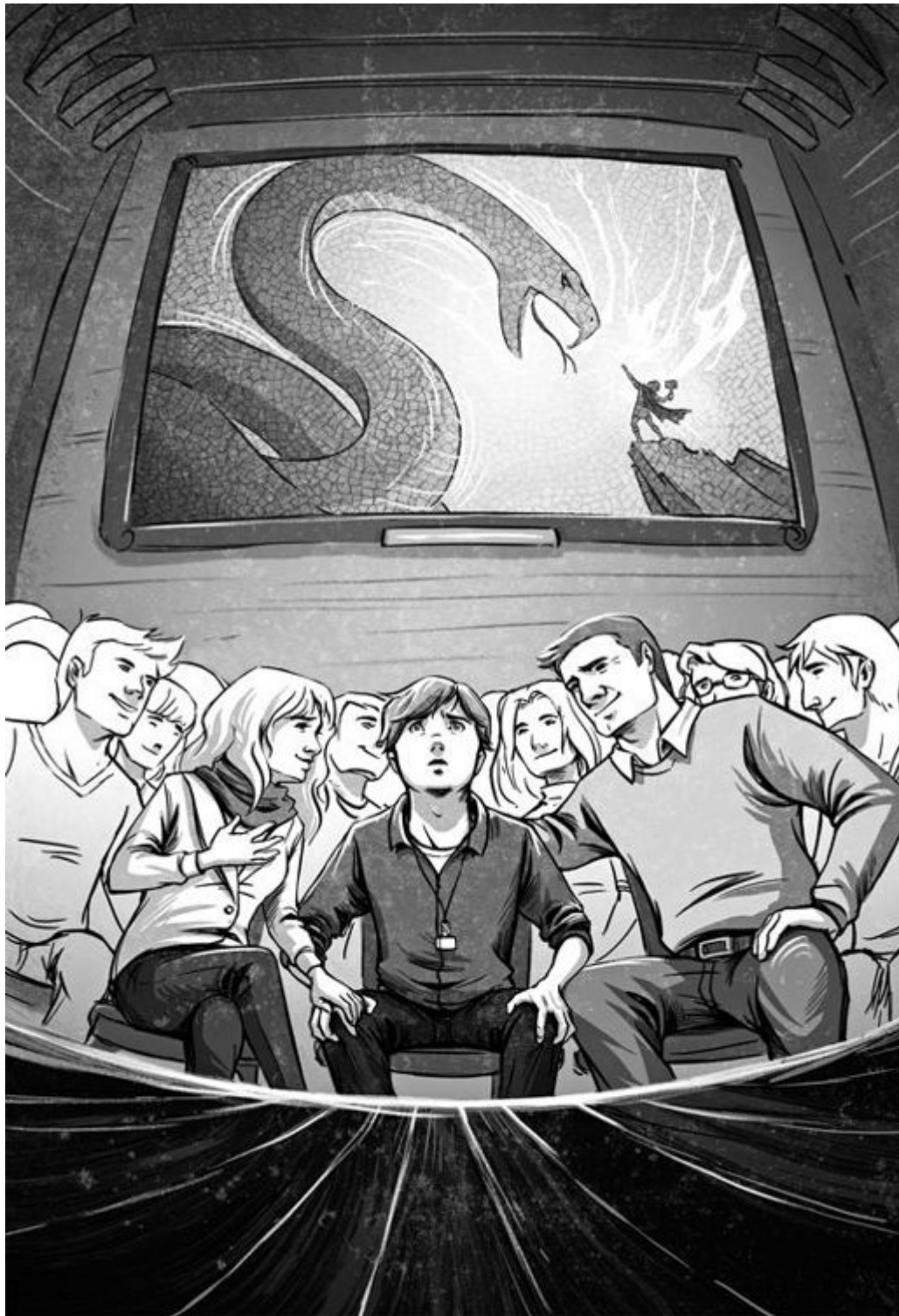
– As runas falaram. Eu as lancei muitas e muitas vezes, e a resposta permanece a mesma. Escolhemos corretamente. Temos nosso campeão.

Matt deu uma espiada no pai, que, hesitante, passou o braço pelos ombros do filho e o apertou tanto que Matt teve que se controlar para não se afastar.

No palco, a voz da Vidente se elevou, para que todos pudessem ouvir:

– Nosso campeão é Matthew Thorsen, filho de Paul e Patricia Thorsen.

Matt ficou paralisado.



Houve um momento de silêncio sepulcral. Sussurros começaram a ser ouvidos. *Ela realmente disse que era o garoto dos Thorsen? É só um menino. Não, não pode ser. Ouvimos errado. Só pode ser isso.*

A voz do avô ressurgiu nos alto-falantes:

– Sei que isso pode ser uma surpresa para alguns de vocês. Afinal, Matt tem apenas treze anos. Mas, nos tempos vikings, por outro lado, ele estaria prestes a se tornar um homem. As runas escolheram Matt como nosso campeão, como a encarnação mais próxima de Thor. Seu representante vivo. E elas escolheram outros também, todas encarnações vivas de seus deuses ancestrais, todos crianças nascidas na virada do milênio. Rapazes e moças, jovens como Matt. Descendentes de Frey e Freya, Balder e o grande deus Odin. Eles virão e lutarão ao lado de nosso campeão. E... – O avô apontou o mosaico da morte de Thor. – Aquilo não acontecerá, pois eles serão vitoriosos e sobreviverão.

Outro momento de silêncio, como se todos estivessem processando a informação. Alguém bateu palmas. Outra pessoa se juntou à primeira. Finalmente, uma ovação. Não importava se eles achavam Matt jovem demais – as runas o nomearam o campeão, então era isso que ele era. Por mais ridículo que parecesse.

Matt olhou em volta. As pessoas se viravam e sorriam, e a mãe o puxou para um abraço, sussurrando para dizer como estava orgulhosa. Josh abriu um sorriso e levantou a mão com o polegar para cima. A cara feia de Jake dizia que Matt não merecia a honra, por isso era melhor ele não estragar tudo.

Então, o Ragnarök estava chegando? E ele era o Campeão de Thor? O escolhido? O garoto superespecial?

*Estou sonhando. Só pode ser.*

Assim que Matt entendeu isso, conseguiu se recuperar do choque. Devolveu o abraço da mãe, aceitou o abraço do pai e retribuiu o gesto de Josh. Sorriu e assentiu a todas as congratulações. Estava disposto a curtir a fantasia também. Pena que não acreditava ser verdade, afinal, se ele conseguisse derrotar a Serpente de Midgard, tinha certeza de que poderia faturar uma motocross. Matt riu consigo mesmo enquanto se sentava novamente. É, se ele enfrentasse e matasse uma cobra monstruosa, a mãe não poderia mais argumentar que uma moto seria perigosa demais.

Matt olhou em volta enquanto todo mundo continuava a lhe dar os parabéns.

Tinha de ser um sonho. Qualquer outra possibilidade era simplesmente... loucura. Claro, Matt meio que acreditava no Ragnarök. Nunca pensara muito no assunto. Era só o jeito como ele fora criado; como alguns garotos tinham sido criados para acreditar que um velho chamado Noé havia colocado um casal de cada espécie animal num barco. Não se pensava muito nessas coisas, elas simplesmente *existiam*. Então, o Ragnarök tinha de ser real, mesmo que parecesse...

Matt olhou ao redor. Não, todas as outras pessoas acreditavam, então devia ser verdade.

Talvez não fosse uma serpente de verdade. Talvez fosse... como eles chamavam? Uma metáfora. Isso. Não uma cobra de verdade, mas algum cara meio peçonhento que precisasse ser morto para não dar início a uma guerra nuclear ou coisa assim.

Só que não era disso que o avô estava falando. Ele se referia à Serpente de Midgard. Como na imagem. Uma serpente de verdade.

*Essa é a história, Matt. Você não acredita mais? Você sempre acreditou nela.*

A cabeça de Matt começou a latejar, e ele fechou os olhos com força.

*Deixe que seu avô cuide de tudo. Basta você fazer o que precisa ser feito.*

Fazer o quê? Ser o campeão deles? Não. Ele estragaria tudo. Sempre estragava.

A Thing acabou, e cada um dos Thorsen entrou numa fila para apertar a mão de Matt. Ele *estava* acordado, e era o escolhido – e ia enfrentar a Serpente de Midgard e salvar o mundo. Antes, porém, Matt sentia que ia vomitar.

Toda vez que alguém lhe apertava a mão, Matt sentia o estômago estremecer junto, e pensava: *Eu vou passar mal. Eu vou vomitar. Bem no sapato deles.* O único jeito de impedir a tragédia era fechar a mandíbula com força e continuar assentindo, dando-lhes um sorriso amarelo e torcendo para que a próxima pessoa que lhe desse tapas nas costas não provocasse a ejeção acidental de todo o jantar.

Depois que todo mundo saiu, o avô conversou com Matt. Não foi um diálogo muito longo, o que foi ótimo, pois Matt mal ouviu o que o avô dizia. Tudo em que pôde pensar foi *eles cometeram um erro. Cometeram um erro muito, muito grande.* Até tentou argumentar, mas o avô só ficava falando que Matt não deveria se preocupar, que tudo ficaria bem; afinal, as runas não o escolheriam se ele não fosse o campeão.

*Verifiquem de novo.* Era o que ele queria dizer. *Se um garoto tivesse que lutar com essa... seja lá o que for, deveria ser Jake, ou mesmo Josh. Não eu.*

O avô disse que depois eles conversariam mais e então saiu com os Anciãos para uma reunião particular. Matt ficou sozinho com os pais. Eles lhes disseram mais algumas vezes que tudo ficaria bem. O pai lhe deu um tapa nas costas e disse que Matt fosse curtir o festival, sem se preocupar com a hora de voltar para casa. Eles o buscariam na hora que ele quisesse.

– Tome aqui um extra – declarou o pai, puxando a carteira. – É uma grande noite para você, camarada, e você merece comemorar.



Quando ele estendeu o dinheiro, Matt ficou olhando, espantado. Era uma nota de cem.

– Hum, isso é... – começou Matt.

– Ah, desculpa. – O pai guardou a nota e contou cinco notas de vinte, colocando-as na mão de Matt. – Os barraqueiros não vão gostar de trocar uma de cem, né? – Outro tapão nas costas de Matt. – Agora, vá se divertir.



Matt vagueou pelo festival, chutando a serragem com o tênis. Ele não via as luzes que piscavam. Não ouvia os barraqueiros do festival tentando puxá-lo para as atividades. Não sentia o cheiro dos cachorros-quentes e do milho caramelizado. Dizia a si mesmo que estava procurando os amigos, mas isso não era verdade. Sua mente ainda estava no salão de recreação, o olhar fixado no mosaico, os ouvidos ainda ecoando as palavras da Vidente:

*Nosso campeão é Matthew Thorsen.*

*Campeão? Sério? Não estou nem no ensino médio ainda, e eles esperam que eu lute com uma serpente gigante e salve o mundo?*

*Não é um simples campeonato de boxe. É o mundo.*

Matt não entendia bem como aquilo poderia dar certo. Mate a serpente; salve o mundo. Era assim que deveria ser. No mito do Ragnarök, os deuses enfrentavam os monstros. Se derrotassem os inimigos, o mundo continuaria igual. Se fracassassem, os monstros dominariam tudo. Se os dois lados morressem – como acontecia nos mitos que previam o Ragnarök –, o mundo mergulharia numa era de gelo.

*E se as histórias não fossem reais?*

*Mas, se as histórias não são reais, então Thor não existe. Nem o amuleto no seu pescoço. Nem seu poder.*

Mas é claro que tudo era real. Ou seja...

Matt ficou enjoado só de pensar, com dor de cabeça e vontade de correr para casa. Simplesmente sair voando, pular na cama, puxar os cobertores e se esconder. Vomitar e sumir: a estratégia dos campeões.

Matt pensou nos pais flagrando seu ato de covardia, e o coração disparou enquanto lutava para respirar. Eles esperavam que ele aguentasse aquele tranco, assim como esperavam que Matt voltasse para casa a pé depois do treino e fizesse o próprio projeto de ciências. Eles esperavam que ele fosse um Thorsen.

Algo provocou coceira no peito de Matt, que abanou a mão para espantar o inseto. Só que não era um inseto. Era o amuleto, vibrando.

*Hum, não, só podia ser o coração, disparado como um trem desgovernado.*

A coceira continuou, e Matt afastou o amuleto para coçar o lugar, quando percebeu que não era o coração, era o pingente mesmo. Ao segurá-lo, sentiu a vibração.

Estranho. Isso nunca acontecera antes.

– Você está procurando Odin – afirmou uma voz atrás dele.

Matt girou. Não havia ninguém ali.

– Você está procurando Odin – repetiu a voz, e Matt baixou o olhar até se deparar com uma menininha que não poderia ter mais de sete anos. Tinha tranças de um loiro pálido e olhos azuis brilhantes. Usava um vestido azul de verão e estava descalça. Naquele frio? Ela deveria estar congelando. Onde estavam os pais dela?

– Ei – disse Matt, sorrindo ao se agachar. – Você precisa de ajuda? Posso ajudar, mas primeiro a gente tem que achar seus pais.

A garotinha fez que não com a cabeça, balançando as tranças.

– Não preciso de sua ajuda, Matthew Thorsen. Você é que precisa da minha.

Que jeito estranho de uma criança falar. Formal, como se estivesse num filme antigo. E o modo como ela o olhava, tão calmamente. Matt não a reconheceu, mas havia tantas criancinhas loiras em Blackwell que era impossível lembrar o nome de todas.

– Tudo bem, então – respondeu ele. – Você pode me ajudar a encontrar seus pais.

– Não, você precisa encontrar Odin. Ele vai ajudar.

– Ajudar no quê?

Ela franziu o cenho, confusa.

– Eu não sei. Isso é o que há por vir. Isso não é o agora. Sei apenas o que é agora, e *agora* você precisa ouvir.

– Ouvir o quê?

A garota saiu correndo para a multidão. Matt se levantou num pulo.

– Espere!

A garotinha se virou. Olhou para ele, com os olhos azuis firmes, e formou palavras com os lábios. Matt entendeu o que ela queria dizer, como se ela estivesse bem ali, sussurrando em seu ouvido: *Você precisa escutar.*

Ela voltou a correr. Matt hesitou, mas só por um segundo. Por mais que Blackwell fosse uma cidade segura, nenhuma criança daquela idade deveria ficar perambulando sozinha.

Matt correu atrás da garota.

## SEIS



## LAURIE

### “OWEN”

**N**o desfile, Laurie notou a ausência do escudo e concluiu que Fen certamente tinha voltado para buscá-lo. Não sabia bem como ele conseguira um olho roxo, e o primo não queria contar. Tudo o que ela extraiu dele foi um “Tô cuidando disso”, mas na verdade parecia que tinham cuidado dele.

Laurie não ficava mal-humorada com frequência, mas, enquanto avançava com dificuldade em meio às barraquinhas de jogos do festival e multidões que esperavam em filas para comprar comida ou entradas para as atrações, ela tremia de raiva. Nem o cheiro de delícias, como pipoca, bolinhos de chuva e algodão-doce, a distraía. Bem, ela ainda olhava para todos os jogos de azar montados para convencer as pessoas a gastar todo o dinheiro que tinham com prêmios bobos. Ela vencia todos eles. Laurie tinha uma sorte absurda com esses jogos, e já faturara tantos coelhinhos de pelúcia e bonecas bizarras nos últimos anos que sua mãe levava um porta-malas cheio para as crianças no hospital. Talvez se Laurie não estivesse tão enfurecida, ela poderia parar e jogar só um, mas *não* podia evitar. Se apanhassem Fen com o escudo, os dois correriam risco. Se a mãe dela não deixasse tão claro que Fen não era bem-vindo, ou se o pai estivesse por perto, ou se Matt não fosse o filho do xerife, ou... bem, se Fen não fosse tão burro, as coisas ficariam melhores, mas nenhum desses *ses* era verdade. A

pior possibilidade era de que Matt tivesse contado ao xerife e, então, ela e Fen seriam presos. Na melhor das hipóteses, Fen se meteria em problemas e ela o perderia para sempre. Assim, até a melhor das hipóteses seria horrível.

*A não ser que Matt tivesse ficado calado.*

Mesmo antes disso tudo, Laurie precisava contar a Fen sobre o sonho esquisito do peixe, mas não conseguira ficar a sós com ele desde a noite no barco. Até na feira de ciências o primo estava ocupado. Chegou a chamar o amigo Hunter para ficar com eles. Laurie não seria mais ignorada. Falaria com Fen quer ele quisesse escutar ou não. Talvez, se eles devolvessem o escudo, Matt mantivesse o segredo.

Enquanto andava pelo festival, Laurie ficou atenta, procurando o primo. Parou na roda-gigante, no trezinho e nas xícaras malucas. Nada de Fen. Perambulou pela área da fazendinha. Nada.

– Cadê você? – murmurou ela. Fen não tinha celular, então não podia ligar para ele.

– Oi. – Um garoto alguns anos mais velho que Laurie apareceu ao seu lado. – Estava procurando você.

– O quê? – Laurie parou.

O rapaz parecia ser... de qualquer lugar, menos de Blackwell. Usava tênis pretos e azuis, calças pretas bem baixas, uma camisa azul que parecia de seda, e seus cabelos um pouco longos eram pintados de azul. O mais estranho eram as joias quase femininas que o rapaz usava: um par de pequenos brincos de pássaros pretos e um anel de metal trançado no dedo.

– Você já está me procurando? – perguntou ele.

– Não. – Laurie fez cara feia. – Não te conheço. Por que estaria procurando você?

– Sou Odin.

– Tá bom. Odin. – Laurie riu. Todo mundo em Blackwell sabia o básico da mitologia nórdica. Considerando a escola, os pais, as peças de teatro, uma seção bem fornida de mitos na biblioteca e alguns vídeos horrorosos em todas as séries, era impossível se manter alheio ao assunto em Blackwell. Só que isso não significava que as lendas eram reais.

– Então, *Odin*, vamos ter outra peça este ano? – Laurie não tinha visto lista alguma de atividades do festival, mas, mesmo que tivesse, não se empolgaria de ver mais uma peça sobre batalhas ou coisa assim. Algumas pessoas em Blackwell levavam essa herança cultural escandinava um pouco a sério demais.

– Você quer jogar alguma coisa? – Odin olhou em volta por um momento, e apontou uma barraca que oferecia algum tipo de jogo de apostas. – Você seria boa naquele ali.

Era para ser um jogo de azar, mas Laurie tinha sido banida no ano anterior, depois de ganhar todas as vezes em que jogou. O dono da barraca achava que ela trapaceara de alguma forma, mas não era verdade. Desta vez, Laurie ficaria longe de problemas, então nada de jogos de azar para ela. O rapaz certamente ouvira falar no escândalo feio do ano passado, quando Laurie teve que devolver cada dólar que ganhou e o dinheiro que tinha pagado para jogar.

– Muito engraçado – respondeu ela.

Odin deu um sorrisinho esquisito e não disse mais nada. Ficou ali parado, esperando. Parecia estranho, mas Laurie não tinha tempo para desperdiçar com um garoto de cabelos azuis. Balançou a cabeça e lhe deu as costas.

– Você já está de saída? – perguntou o rapaz.

– Preciso achar uma pessoa.

– Essa pessoa não sou eu? – Ele parecia triste.

– Não – confirmou Laurie, olhando para ele de novo.

– Ah, devo estar adiantado, então. – O rapaz que se chamava de Odin franziu o cenho. – Eles não vão gostar de mim, infelizmente.

Laurie se afastou um pouco mais dele. Odin estava começando a deixá-la nervosa, e, de qualquer maneira, ela não estava acostumada a falar com garotos sem que Fen aparecesse e rosnasse para eles.

A família inteira era superprotetora, de uma forma ou de outra, e conversar com Odin a fez pensar que talvez eles estivessem certos.

– Acho que já vou. Boa sorte com a sua peça de teatro ou seja lá o que for.

– É tudo real, sabe? – insistiu Odin. – Por isso você é tão boa naqueles jogos. Eu sei. Você não trapaceia, mas ganha.

Laurie não sabia o que responder.

– Não tenho permissão para jogar jogos de azar. Meu primo provavelmente vai ser um grosseirão se vir você falando comigo e, mesmo que não veja, não conheço você, por isso, por favor, vá embora.

Odin a observou por um momento.

– Esperava que você fosse menos obediente às regras, mas acho que ainda estamos nos tornando.

– Nos tornando *o quê?* O que você quer dizer com isso? – Laurie olhou em volta, procurando Fen. Até Hunter serviria. Tudo o que ela conseguia ver era a multidão vagueando pelos caminhos cobertos de serragem. Blackwell não era uma cidade muito grande, mas o festival sempre atraía gente de outras regiões. Fazia sentido, Laurie pensou. Ainda que festejasse a herança escandinava, a feira era muito parecida com tantos outros festivais. Havia barracas de madeira onde voluntários ofereciam jogos de azar e habilidade, todos os tipos de comidas gostosas, além de bandas e fogos de artifício e o

que mais o comitê decidisse que ajudaria a aumentar a empolgação e o interesse.

Conforme Laurie olhava em volta, viu alguns acrobatas que corriam pelo festival, fazendo truques que lembravam os esportes radicais que Fen gostava de assistir. Não tinham bicicletas ou skates, mas plantavam bananeira, davam saltos estranhos e piruetas malucas enquanto corriam.

– Estamos nos tornando algo mais do que somos – explicou Odin.

– Tá ceerto, *Odin*, não estou na sua peça nem nada assim, então vou embora agora.

– Pode me chamar de Owen, se você achar melhor – sugeriu ele. – Prefiro que me chame pelo meu nome verdadeiro, mas você ainda não está preparada. Talvez da próxima vez em que nos virmos.

– Não preciso chamar você de Owen, nem de Odin, nem de qualquer que seja o seu nome preferido – retrucou Laurie, encarando o rapaz. – Não vou mais falar com você. Nem agora nem nunca mais. Vá embora antes que meus amigos apareçam.

– É, eles *iam* entender errado mesmo. – O rapaz acenou com a cabeça para si mesmo. – Eu só queria ver você, afinal, é você que vai me entender. Tinha esperanças... de que estivesse preparada. Logo, porém, poderemos conversar da forma apropriada.

Ele se virou e desapareceu na multidão.

Laurie observou o rapaz se afastar; os cabelos azuis facilitavam a tarefa. Os acrobatas seguiram atrás de Odin, mas não pareciam estar com ele. Era esquisito. Eles acompanhavam seu rastro, mas o rapaz andava como se estivesse sozinho. Por um momento, Laurie ficou preocupada. *E se os acrobatas não estiverem com ele? E se ele estiver em perigo?* Mas os acrobatas não pareciam tentar feri-lo, e Odin não ligava para eles. *E não é problema*



*meu*. Ainda assim, ela continuou observando enquanto todos seguiam para a saída.

Owen mal tinha saído de vista quando Laurie percebeu uma pessoa mais importante.

– Fen!

A garota abriu caminho pela multidão, sem se importar se estava chamando atenção ou sendo rude. Ela se enfiou entre o primo e o onipresente Hunter, e agarrou o pulso de Fen.

– Preciso falar com você a sós... – As palavras dela morreram. Fen estremeceu com seu toque. Laurie soltou o braço do primo e continuou, em voz baixa: – Por favor, Fen?

Fen a encarou.

E então Laurie disse as palavras mágicas, aquelas que ambos tinham usado ao longo dos anos:

– Preciso da sua ajuda com uma coisa.

O primo abriu a boca, e, antes que ele pudesse perguntar, Laurie continuou:

– Tenho que falar com Fen em particular. Se você puder...

– Vai embora, Hunter – disse Fen. Em seguida, ele saiu andando pela multidão, para longe de Hunter, e puxou Laurie atrás de si como fizera inúmeras vezes ao longo dos anos. Laurie sentiu tamanho alívio que quase o abraçou. Tudo ia ficar bem agora. Ela tinha Fen a seu lado novamente.



Quando eles chegaram ao fim do espaço ocupado pelo festival, atrás de uma fileira de barracas por onde os fios embaralhados das luzes temporárias passavam, Laurie estava muito ansiosa para falar. A música nos alto-falantes tornava impossível que as pessoas nas barracas os ouvissem, mas ainda assim não queriam testemunhas. Ambos sabiam que, quando um deles dizia “Preciso da sua ajuda”, era sinal de que também precisavam de privacidade.

Depois de confirmar que não havia ninguém observando, Fen soltou Laurie e meteu as mãos nos bolsos do casaco rasgado. Olhou em volta de novo para garantir que não havia ninguém por perto.

– O que foi?

Laurie não podia começar acusando Fen, pois isso nunca dava certo, então começou com a outra história:

– Eu achei que era um peixe – ela deixou escapar.

– Certo. – Fen concordou com a cabeça. Em seguida fez uma pausa, piscou e exclamou: – *O quê?*

– Um peixe – sussurrou Laurie.

Fen se aproximou e insistiu:

– Como assim?

– Acordei no meio da noite e era um peixe. Não conseguia respirar e você não estava lá. – Aquilo parecia maluquice até para ela mesma. – Sei que foi só um sonho, mas foi tão real, e eu só conseguia pensar em contar para você.

Fen a encarou.

– Diga alguma coisa – Laurie quase implorou.

– Talvez você devesse manter um balde de água do lado da cama, porque a tia Janey não vai me deixar ficar na sua casa, a não ser que o tio Stig esteja na área. – Fen cruzou os braços.

Laurie o encarou.

A música fora interrompida por algum tipo de guincho que fez os dois se encolherem. Depois de um minuto, Fen disse:

– O que eu quero dizer é que talvez você tenha mesmo virado um peixe.

– Foi um sonho; só pode ter sido – argumentou Laurie.

– Talvez. Mas talvez não. – Fen deu de ombros. – Tem coisa mais estranha por aí.

– Tipo o quê?

– Tipo os Saqueadores.

– Quem? – Laurie nem sempre conseguia acompanhar a rapidez dos pensamentos de Fen, mas sabia que ele sempre chegava ao ponto. – Não entendi.

– Aquele pessoal esquisito que anda acampando por aí o tempo todo. Laurie balançou a cabeça, confusa.

– Você acha que virar um peixe é *menos* estranho que acampar?

Fen encolheu os ombros.

– Dizem que eles são lobos, sabe?

Laurie riu.

– Certo. Bem, talvez eles sejam, e eu sou um peixe. Você acha que eu deveria me juntar a eles? Você consegue imaginar a cara da minha mãe? Eu sonhei que virei um peixe, e Fen diz que eu posso ser um peixe de verdade, então eu vou largar a escola e acampar com esses caras que dizem que são lobos.

– Não, você não deveria se juntar a eles, mas... – O jeito como Fen olhava para ela parecia estranho, mas talvez fosse por causa de todos os hematomas. Ele sorriu, mas o sorriso não parecia certo. – E se os Saqueadores realmente *forem* lobos, Laurie? E se você for um peixe, ou se seus sonhos a estão avisando que você deve virar um?

Por um momento, ela o encarou; depois, explodiu numa gargalhada.

– Você não conhece um cara chamado Owen, conhece?

Agora Fen pareceu confuso.

– Não, por quê?

– Todo mundo parece estar doido hoje. Owen é um estranho que agiu como se me conhecesse; acho que mergulhou fundo demais no papel da peça de teatro. Foi bizarro. Agora, você está me dizendo que uns garotos podem ser lobos, e... bem, eu estou contando que fiquei estressada com um sonho em que eu virava um peixe. Doido. Tudo parece doido.

– Alguns dos nossos primos se juntaram a eles.

– Aos Saqueadores?

– É. – Fen cruzou os braços de novo. – Meu pai também era do grupo, sabe?

– Então o tio Eddy é um lobo? Isso quer dizer que você também é.

– Talvez – desconversou Fen.

– Certo, então eu sou um peixe; você e o tio Eddy são lobos. – Laurie balançou a cabeça. – Eu sei que é bobagem, mas me sinto melhor agora que lhe contei. Nunca tive um sonho tão realista.

Por um momento, Fen não disse nada. Encarava a prima como se fosse falar algo, mas então sorriu.

– Vamos lá, mais cedo eu roubei alguns ingressos para os brinquedos.

Laurie ficou quieta. Fen estava relaxado o bastante para que ela lhe perguntasse sobre a outra coisa, mas não significava que ele iria gostar. Ela pousou a mão no antebraço dele.

– Você ainda precisa me contar o que aconteceu. – Laurie apontou o olho roxo e inchado dele. – E o escudo... Se Thorsen contar ao xerife, a gente vai ter muitos problemas.

Fen a ignorou, como sempre fazia quando não queria responder.

– Sério, Fen! Se eles forem à sua casa e encontrarem o escudo, a gente vai...

– Não está em casa – interrompeu Fen. – Eu não estou com ele e, *se* eu soubesse de alguma coisa, não seria o suficiente para criar problemas, nem para mim nem para você.

Laurie revirou os olhos.

– Confie em mim, não deixaria nada acontecer com você. Você sabe disso, não sabe? Você é minha irmã, mesmo que a gente não tenha os mesmos pais. – Então, ele encostou a testa na dela. O gesto quase escondeu seu rubor. Fen ficava envergonhado sempre que admitia ter sentimentos.

Por um momento, Laurie não reagiu. Ela sabia que o primo tinha roubado o escudo, mas também sabia que ele tomava conta dela.

Fen parecia nervoso, e puxou o braço das mãos da prima, mas ainda tentou esconder sua mágoa ao dizer:

– Vamos lá, peixe. Ou está com medo de escorregar da roda-gigante?

– Seu mala. – Laurie empurrou Fen com cuidado. Abraços o irritavam, mas gostava de um empurrão de leve, um soco ou uma cabeçada. – Não tenho medo de nada... desde que você não tenha.

## SETE



## MATT

### “PASSADO, PRESENTE E FUTURO”

Quando Matt viu a menininha entrar em disparada no centro de recreação, ele gritou para que ela parasse, mas ela continuou correndo, pés descalços batendo no chão, tranças loiras esvoaçando ao vento. Matt entrou a toda, a tempo de ver a garota correr até a porta fechada que levava à reunião do avô com os Anciãos.

*Que ótimo. Eles me escolheram para deter o Ragnarök, e qual é a primeira coisa que eu faço? Provar que não consigo nem impedir uma garotinha de invadir a reunião deles.*

Matt poderia simplesmente dar meia-volta e ir embora. Fingir que não tinha visto aonde ela ia. Ou fingir que nunca a vira, para começo de conversa. Era o caminho mais fácil, ou seja, aquele que ele jamais tomaria, mesmo que quisesse.

Atravessou o salão o mais rápido que pôde. A garotinha parou diante da porta da sala de reuniões e ficou ali com aqueles olhos azuis estranhamente adultos esperando por ele.

– Agora você deve escutar – sussurrou ela, apontando a porta. – Escute.

Matt começou a dizer que ela tinha de sair quando ouviu a palavra *Ragnarök*. E, em seguida, o nome dele.

Matt se inclinou para a porta. Sim, ele não deveria bisbilhotar. Seria uma tremenda falta de respeito. Mas a conversa era sobre ele, e, por isso, era um

assunto de sua conta. Se fosse pego, bem, ele apenas seguia a menininha para poder devolvê-la aos pais. *Comportamento digno de um campeão, não é?*

– ... não há necessidade de contar aos outros ainda. O que eu lhes contei na Thing já é suficiente por enquanto – dizia o avô de Matt. – Aqueles que precisam saber a verdade já sabem. Quanto ao resto, sofrerão um choque com os fatos, portanto precisamos ser cuidadosos.

Estaria ele falando sobre Matt ser o campeão? Que eles tinham de contar aos Thorsen que não viviam em Blackwell? Na opinião de Matt, os que viviam ali, e que o *conheciam*, ficariam mais chocados. E eles já sabiam de tudo.

– Precisamos iniciar uma campanha discreta para convencê-los de que o Ragnarök não é o fim do mundo, e sim uma mudança. Uma limpeza. No fim, é um evento que beneficiará nosso povo no presente e no futuro.

Matt se inclinou mais para a frente.

– O Ragnarök, conforme previsto nos mitos, não vai encerrar o mundo. Temos de lembrá-los disso. Será um tempo de grande tumulto e caos, e trágicas baixas, mas o mundo emergirá melhor disso. Os Estados Unidos são um país corrupto, de Wall Street a Washington, e o mesmo ocorre em todas as outras nações. Nenhum político nem grupo de interesse poderá mudar tais fatos. Nosso mundo precisa ser renovado. Nosso mundo precisa de Ragnarök.

Os outros Anciãos concordaram.

*O quê? Não. Estou ouvindo errado. O campeão existe para deter o Ragnarök.*

– Sabemos como isso terá de acontecer. Matt precisa enfrentar a serpente. Matt precisa derrotar a serpente... No entanto, ele precisa ser derrotado em seguida. O campeão dos deuses precisa morrer, e os monstros também, como dita a profecia, para que o mundo possa renascer.

Matt prendeu a respiração.



*Eles não querem que eu vença.*

O avô continuou falando:

– Não digo essas coisas levianamente. Para ser sincero, quando percebi que Matt era o campeão, rezei para que as runas me dissessem que eu estava enganado. Mas cheguei à conclusão de que a informação está correta. O rapaz é forte e é bom, e é merecedor de tal honra. É assim que preciso ver a situação. Meu neto recebeu a mais alta honraria e nos deixará orgulhosos ao assumir seu lugar nos salões de Valhalla como campeão ao lado dos deuses mortos há tanto tempo. Como herói. Nosso herói.

Matt cambaleou, afastando-se da porta.

*Eles esperam que eu morra. Querem que a era de gelo venha, que o mundo acabe. Não sou o campeão deles. Sou um sacrifício.*

*É claro que sou. Foi por isso que me escolheram. Porque eu certamente vou estragar tudo.*

Era exatamente o que Matt planejara dizer ao avô: *Você cometeu um erro.* Mas algo dentro dele ainda tinha esperanças de ser o campeão, de finalmente poder mostrar à família e a todos os outros...

A garotinha tomou a mão de Matt e o puxou pelo salão. Ele estava tão atordoado que simplesmente a seguiu. Quando chegaram à saída, ela sussurrou:

– Você busca Odin.

*Odin? Por que eu deveria...?*

Porque Odin era o líder dos deuses. O mais poderoso de todos eles. O pai de Thor.

Matt fitou a garotinha. Quem era ela? *O que era ela?* Não uma simples garotinha, Matt tinha certeza.

– Odin vai me explicar como consertar isso, né? – perguntou Matt. – Ele vai me dizer como derrotar a Serpente de Midgard e sobreviver.

Novamente, a garota pareceu confusa:

– Eu não sei. Isso é o que há por vir. Isso não é o agora. Sei apenas...

– Você sabe apenas o que é o agora. É, entendi da primeira vez... – O olhar de Matt vagueou até o mosaico à esquerda. Uma cena de Thor consultando as Nornes em busca de conselhos.

As Nornes. Três mulheres que conheciam o destino de deuses e humanos. Em muitas das velhas histórias, Futuro era a mais nova delas. Mas a tradição deles, a mesma do mosaico, seguia uma das velhas sagas: a mais velha era Passado. Depois, vinha Futuro. E, finalmente, a Norne mais jovem, Presente.

Matt se virou para a menina, e seu coração começou a bater forte de novo. Naquele momento, ele sabia que seu coração jamais bateria normalmente outra vez.

– Quem é você? – perguntou ele, com os pelos da nuca arrepiados.

– Você sabe.

– Uma das Nornes. Presente.

Ela assentiu com a cabeça.

– Eu disse que você sabia.

– E *you* não sabe nada além do que está acontecendo agora. Ou o que deveria estar acontecendo agora. Então, como eu descubro o resto?

– Com Futuro. Ela aguarda.

– Como posso encontrá-la?

– Eu não sei. Isso é o que há por vir...

– Está bem, está bem. Onde ela está *agora*?

A garotinha apontou:

– Lá fora. Ela aguarda.

Matt seguiu o dedo dela com o olhar até a porta.

– Onde exatamente?

Não houve resposta. Matt se virou. A garota se fora.



Desta vez, quando Matt entrou na feira, ele continuou não percebendo os perfumes, as cenas, os sons, mas somente porque estava concentrado na tarefa: encontrar a Norne.

*Encontrar a Norne? Você está maluco? Uma Norne? Como nas histórias? É só isso que elas são, sabe? Histórias.*

Mais cedo, enquanto pensava em enfrentar a serpente, Matt tentara não focar naquilo em que ele acreditava. Era fácil quando se tratava de velhas histórias, como a Arca de Noé. Às vezes, dizemos: “Claro, isso poderia acontecer.” Mas aí pensamos mais um pouco, com muito mais cuidado, e então dizemos: “Sério? Um barco com um casal de cada espécie da Terra? E como isso funciona?” Era mais fácil simplesmente não pensar no assunto, e sim aceitar. E fora isso que Matt fizera a vida inteira.

Era o que ele precisava fazer agora. Aceitar. Acreditar. Matt estava procurando uma Norne.

Seria muito mais fácil se ele tivesse uma pista de como ela era. O mosaico não ajudava muito. Nele, a Norne mais jovem tinha a mesma idade que Matt, e a única coisa que a imagem apresentava em comum com a menina que apareceu eram os cabelos loiros. Cabelos loiros em Blackwell eram tão raros quanto pulgas em vira-latas.

Matt zanzou pela multidão. Geralmente, isso seria fácil. Por mais que as pessoas o conhecessem, não fariam mais do que acenar ou sorrir. Os outros Thorsen paravam no meio dos jogos do festival para dizer alguma coisa e, obviamente, Matt tinha de ser educado e responder.

Com tantos Thorsen falando com ele, outras pessoas começaram a cumprimentá-lo também. Em qualquer outro momento, isso teria sido

ótimo. Ser o centro das atenções. Não era pouca coisa, especialmente porque no caso dele isso só acontecia quando fazia alguma coisa errada. Mas naquele instante, quando Matt estava numa missão, isso se tornou meio inconveniente.

Finalmente, Matt a localizou. No mosaico, a Norne tinha mais ou menos a idade da mãe dele, mas essa garota não parecia ser mais velha que Jake. Vestia-se de forma diferente das outras meninas no festival também. Uma saia de pano grosseiro, os cabelos reunidos no topo da cabeça numa montoeira de pequenas tranças. A garota estava sentada num banco, balançando as pernas enquanto observava as crianças no carrossel.

Como Matt soube que era ela? Porque o amuleto começou a vibrar. Da mesma forma que fizera logo antes de Matt encontrar a primeira Norne.

Mesmo assim, ele tinha de ter certeza. Caminhou até o banco de modo bem casual e disse:

– Ei.

A menina simplesmente sorriu e respondeu:

– Oi.

– Você está me esperando? – perguntou Matt.

A garota pareceu confusa, uma imagem espelhada da menininha.

– Eu não sei. Isso é...

– O presente. Você sabe apenas o futuro. Entendi. – Ele tinha escolhido a garota certa, aparentemente. – Dá uma impressão de que deveria ser Natal agora, não acha?

A garota inclinou a cabeça, franzindo o cenho.

– Um conto de Natal? Os fantasmas do Natal passado, presente e futuro?  
– Matt balançou a cabeça quando a Norne continuou com a testa franzida. – Deixa pra lá. Certo, eu deveria estar procurando Odin, porque ele vai me dizer... o quê, exatamente?

– Como derrotar a Serpente de Midgard.

Matt suspirou aliviado.

– E deter o Ragnarök? Para que as coisas não aconteçam como no mito, e a gente não precise morrer e o mundo acabar?

– Algumas partes não podem ser mudadas. Outras podem. Você precisa descobrir qual é qual.

– Mas você pode prever o futuro, certo?

– Existem muitos futuros. Eu não posso dizer qual virá a acontecer. Você tentará mudar as coisas que o mito prediz. Você terá sucesso algumas vezes e fracassará em outras.

– Certo. Exceto aquela coisa toda de morrer derrotando a serpente. Eu posso sobreviver com certeza, apesar do que o mito diz?

– Sim.

– E se eu sobreviver, o mundo não acabará?

– O mundo não *acaba*, mesmo se você fracassar – respondeu ela cuidadosamente. – Porém, quase toda a vida nele se extinguirá.

– Dá no mesmo. Se eu derrotar a serpente e sobreviver, isso não acontecerá, certo?

– Correto.

– Ótimo. Agora, onde eu o encontro? – Matt fez uma pausa novamente. – É Odin de verdade? Porque os deuses morreram, não foi? Será que Odin sobreviveu?

A Norne sorriu.

– Não, os deuses estão mortos. Aquele que você busca é como você: um descendente. Ele é Odin, assim como você é Thor. Porém, ele não é Odin, assim como você não é Thor.

O que fazia perfeito sentido.

– Ele é um garoto, então. E cadê ele? – perguntou Matt.

– Eu não sei. Onde Odin está é o presente. Sei apenas o que há por vir.  
Matt suspirou. Elas não estavam facilitando as coisas.

– Mas eu *vou* encontrar Odin. Isso é certeza, o que quer dizer que eu não preciso procurar.

– Você pode encontrá-lo ou não. – A Norne tinha um olhar distante enquanto falava: – Há mais de um futuro.

*Que ótimo.*

Antes que Matt pudesse tentar outra tática, a Norne disse:

– Este é o melhor futuro. Este é aquele que desejamos: que você encontre Odin, e encontre os outros; que você lute, e vença.

– Os outros? Mas eles virão aqui, certo? A Thing vai reuni-los.

– Eles vão reunir possíveis campeões, mas não juntarão os campeões corretos. Essa é sua tarefa.

– E, deixe-me adivinhar, você não faz ideia de onde eu os encontrarei.

– Isso é como. Eu não entendo como, apenas...

– Que eu farei ou não farei – Matt a interrompeu. – Você sabe o quanto isso é completamente inútil? Tenho treze anos. Não posso simplesmente pegar meu carro e deixar que meu GPS localizador mágico de descendentes de deuses me guie.

A Norne encarou Matt sem expressão.

– Você pode me dar uma pista? – pediu Matt. – Um sinal para me colocar na trilha certa? Um endereço de e-mail, talvez?

– E-mail?

– Qualquer coisa. Eu farei o que você me disser, porque, por mais que esse lance de salvar o mundo seja muito bacana, eu não gostei muito dessa parte de morrer. Quero viver o bastante para me formar no ensino médio.

A Norne concordou com a cabeça.

– Isso seria sábio.

– Então, os outros descendentes. Seria bom se eu pudesse encontrá-los todos aqui em Blackwell, mas acho que só Thor e Loki estão aqui, certo?

– Você não encontrará os outros aqui. *Perto* daqui, sim, mas não aqui.

Matt tentou ser paciente ao perguntar:

– Perto daqui...? No município? No estado? No país? No continente?

– No lugar conhecido como Dakota do Sul.

Pelo menos ela não respondeu “continente”.

O ar ao redor da Norne tremeluziu e a garotinha reapareceu.

– Eu sei onde Loki está – anunciou ela.

– Certo, isso é muito legal, mas eu não preciso de Loki. Claro, ele estará no Ragnarök, mas vai liderar o outro lado.

– Isso não é o presente – respondeu a Norne mais jovem.

– Está bem, então... – Matt se virou para a outra Norne. – É isso mesmo, não é? Loki, ou seu descendente, vai liderar os monstros?

– Loki o fará, ou não o fará. Isso depende de você.

– Ou seja, ele poderia nos ajudar, o que nos daria a vantagem na batalha. Por isso preciso trazê-lo para o nosso lado. Entendido. – Matt se virou para a mais nova. – E onde ele está?

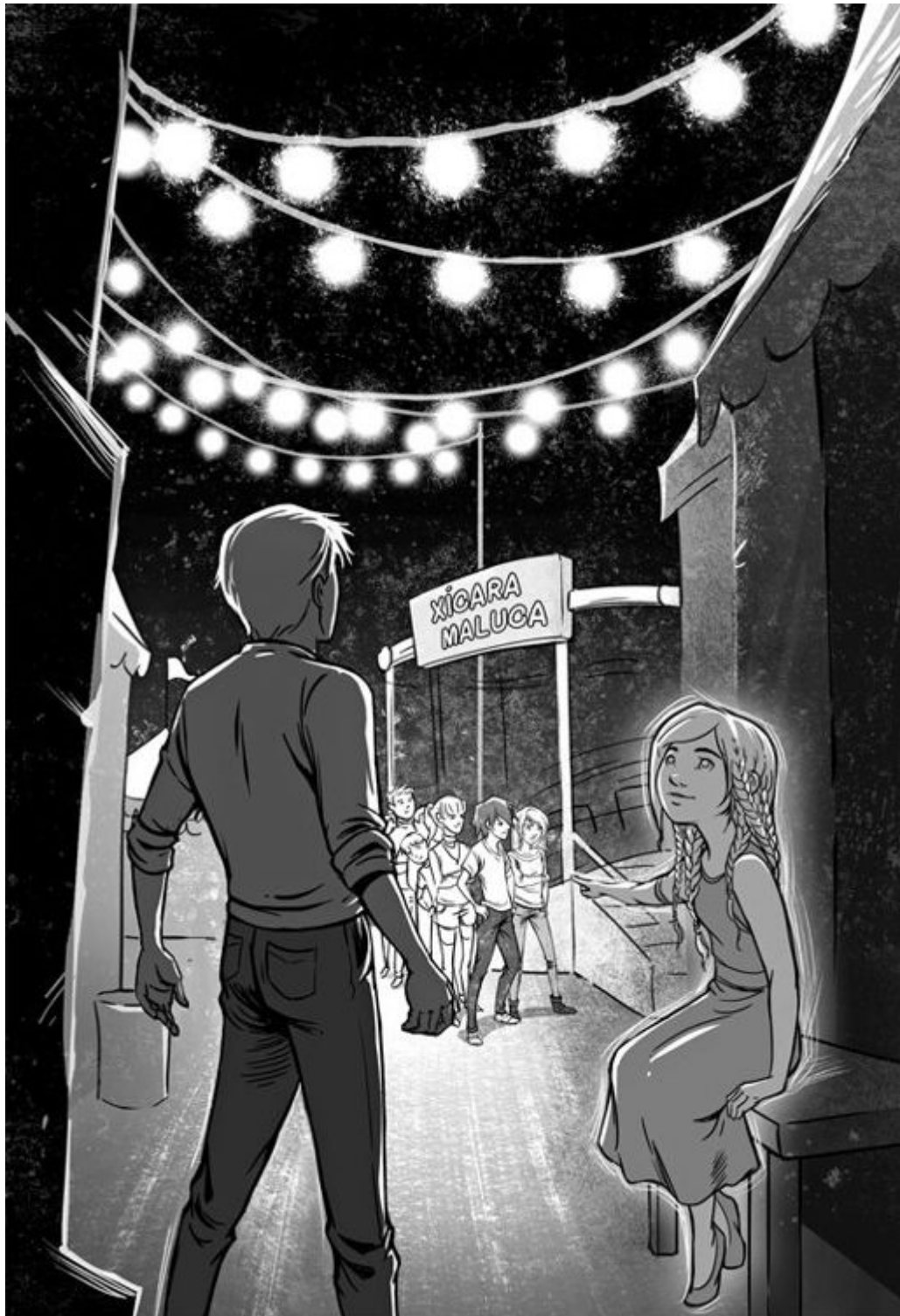
– Loki está ali – apontou ela.

Matt seguiu a mão dela e se deparou com Laurie e Fen esperando na fila de um dos brinquedos. *Fen? Sem chance.*

– Bem *ali*. Agora? – Matt girou para observar Laurie e Fen entrando na Xícara maluca. – Mas você disse que havia outros campeões. Talvez você possa achar outro para Loki, porque Fen não vai, de jeito nenhum...

Matt se virou de novo e percebeu que estava falando sozinho. As Nornes tinham desaparecido.

– ... me ajudar com alguma coisa – murmurou.





## OITO



## MATT

### “ALIANÇA”

Logo depois que as Nornes desapareceram, Cody e os outros encontraram Matt. Por mais que se divertir na feira fosse sua última opção, se sentir parte de um grupo talvez fosse a melhor coisa naquele momento. Ninguém o incomodaria se ficasse com os amigos, que também não perceberiam se Matt estivesse quieto demais. Não era exatamente um cara barulhento, mesmo nos melhores dias. Matt poderia, então, se recolher nos próprios pensamentos. E ele tinha muitos.

Matt não fazia ideia do que fazer em seguida. Aparentemente, deveria se aproximar de Fen. O que não iria acontecer. Fen não queria nem saber dos Thorsen, e a família de Matt em particular era a mais odiada de todas; o pai dele tinha colocado o pai de Fen atrás das grades.

Por falar nisso, o que os pais de Matt pensavam disso tudo? Lembrou-se das palavras do avô: *Aqueles que precisam saber a verdade já sabem*. O pai e a mãe dele precisariam saber, obviamente. Então, sabiam. Por isso foram tão legais com Matt. Por isso o pai lhe dera cem dólares para a feira.

*Divirta-se, meu filho... enquanto pode.*

As Nornes disseram que Matt não precisaria morrer enfrentando a Serpente de Midgard, mas o avô acreditava que a profecia se realizaria. Isso significava que Matt não poderia pedir ajuda ao avô ou à família. Teria que fazer tudo sozinho. Reunir os outros garotos e encontrar Odin. Treinar.

Lutar. Vencer. Não haveria outro jeito. Se fracassassem, o mundo como eles conheciam acabaria. E não era pouca coisa.

Matt sabia que teria de começar por Fen. E depois? Não fazia ideia. Simplesmente torcia para pensar em alguma coisa.

Estava esperando que Cody e os outros amigos saíssem da Avalanche, pois seu estômago não aguentaria aquele brinquedo hoje, quando viu Fen passar sem Laurie, olhando para o chão, arrastando as botas na serragem a caminho da saída, com cara de quem tivera um dia muito ruim.

Matt imaginou que Fen provavelmente vivia muitos dias ruins por conta da falta dos pais e por estar sempre morando com parentes diferentes. Mesmo que o pai de Matt afirmasse que isso acontecia porque Fen era selvagem demais, talvez fossem todas essas mudanças que o *tornavam* meio selvagem. E aqueles cortes e hematomas no rosto... Matt ouviu que Fen estava morando com o primo Kris, e todos sabiam que Kris era rápido com os punhos.

Pensar nessas coisas todas deixara Matt no estado de espírito correto para falar com Fen. Não para lhe contar sobre o Ragnarök e a Serpente de Midgard, claro, isso seria loucura. Para que houvesse uma chance de conquistar Fen, Matt teria que avançar bem devagar. Sairia da feira ao mesmo tempo que Fen esbarraria nele e lhe ofereceria...

Matt olhou em volta. Salsichões. Certo, essa seria a solução.

Ele disse a Cody que não estava se sentindo muito bem e pegaria uma carona para casa. Então, comprou dois salsichões. A essa altura, Fen já estava saindo. Matt correu para alcançá-lo, mas uma tia e dois primos o pararam no caminho.

Quando Matt alcançou a saída, Fen já tinha virado à direita, passando pelo estacionamento e rumando para o campo. O sol já quase havia se posto,

e o céu estranhamente brilhante ganhava um leve tom amarelado. O vento parecia aumentar cada vez mais, prometendo mais uma noite fria.

*Fimbulwinter* estava chegando.

Matt estremeceu e andou o mais rápido que pôde atrás de Fen, que tinha desaparecido em meio a algumas árvores. Matt saiu correndo, parando ao alcançá-las, e viu Fen logo adiante.

– Ei – Matt chamou. – Fen? Espere!

Fen olhou para trás. Então, virou-se e continuou andando.

– Fen!

– Cai fora, Thorsen.

Matt correu à frente de Fen e estendeu-lhe a bandeja de salsichões.

– Eu estava saindo também, e achei que você poderia querer esses salsichões, eu estou bem cheio.

– E eu tenho cara de quem vai querer os seus restos?

– Não são restos – exclamou Matt. – Não toquei nenhum dos dois. Até os sachês de mostarda estão fechados. Viu?

– Você não quer? – perguntou Fen.

– Não, achei que ia querer, mas comi tanto no banquete...

– Tá bom. – Fen pegou os dois pelos palitos e os atirou no campo. – Os corvos podem comer. São carneiros. Eu não.

Fen contornou Matt e seguiu andando. Matt fitou os salsichões, manchas alaranjadas no campo escuro, e sentiu o amuleto esquentar. Talvez oferecer comida a Fen não tivesse sido uma boa ideia, mas ele não precisava ter feito aquilo. Ele...

*Loki o fará ou não o fará. Isso depende de você.*

Se Fen lideraria ou não os monstros na batalha final dependia de Matt. Ele respirou fundo, voltou a correr e chamou Fen, mas uma súbita rajada de

vento soprou-lhe as palavras para longe e quase o derrubou. Matt se recuperou e alcançou Fen novamente, desta vez andando ao lado dele.

– Percebi que a sua cara tá meio zoada... – começou Matt. – Você tá com uns roxos.

– Sério? Puxa. Não tinha percebido.

– Olha – Matt pigarreou –, se você estiver com problemas, com Kris ou qualquer outra pessoa, você deveria falar com a orientadora na escola.

Ninguém pode fazer isso com você, você tem direitos.

Fen parou e se virou. Uma rajada de vento soprou seus cabelos sobre os olhos.

– Como é?

– Se tem alguém batendo em você, você deveria falar com a sra. Early na escola. Ela pode ajudar. É contra a lei um adulto bater num garoto. Você não precisa apanhar assim.

– Ninguém me bate, Thorsen, a não ser que eu esteja rebatendo. Eu saí na mão com alguém, está bem? Alguém que reagiu. Alguém com mais coragem que você. – Fen não empurrou Matt, mas parecia estar pensando em fazer isso.

– Mais coragem do que eu? Hum, você se lembra do que eu disse semana passada sobre a sua memória? Ela é realmente uma droga, porque lembro muito bem que eu *reagi*. Você me atacou, mas não acertou nem um soco antes de cair. Nem se levantou depois disso.

Fen atacou. Matt se esquivou, girou e acertou-o com um gancho de direita que fez o garoto cambalear. Enquanto Matt o observava se recuperar, pensou que aquela poderia não ser a melhor forma de se aproximar dele.

Matt cerrou os punhos junto ao corpo e ficou parado.

– Eu não quero brigar com você, Fen.

– Jura? Porque está parecendo muito que você quer.

Fen investiu. Matt disse a si mesmo que não rebateria. Apenas manobras defensivas. O problema era que, como o técnico Forde sempre dizia, Matt não era muito bom com os lances defensivos. Então, quando Fen se chocou contra Matt, os dois foram para o chão.

Fen tentou agarrar os cabelos de Matt, que pegou o braço dele para imobilizá-lo, só isso, mas Fen começou a se debater e chutar, com dentes expostos, rosnando, e a única forma que Matt encontrou para detê-lo foi com outro gancho de direita, que o lançou deslizando pela grama.

Um golpe de vento atingiu Matt, tão forte que o colocou de joelhos. Ele lutou para se levantar, cego, com olhos cheios de água. Quando a vista clareou, Matt distinguiu vultos. Pelo menos quatro. Cercando os dois garotos. O vulto no meio era muito mais alto que Matt.

Adultos. Alguém na feira vira a briga e fora até eles, e agora Matt tinha sido flagrado lutando com Fen, e o pai dele ia matá-lo antes que a Serpente de Midgard tivesse uma chance...

Matt piscou e conseguiu focalizar os vultos. Não eram adultos. Adolescentes. Seis deles. Adolescentes selvagens, alguns usando peças bem surradas de uniformes militares, outros com jeans rasgados e camisetas. Uma tropa de Saqueadores. Um grupo esquisito estilo “tropa de escoteiros do mal”. O pai de Matt e seus ajudantes sempre os afugentavam quando encontravam seu acampamento. Os Saqueadores não usavam esse nome porque achavam legal: eles realmente agiam como os saqueadores vikings do passado, invadindo as cidades e roubando tudo o que não estivesse pregado no chão, e desapareciam nas matas novamente.

O maior deles parecia ter dezesseis anos. Vestia jeans retalhados, botas de caminhada e uma camiseta sem mangas muito justa, exibindo cicatrizes nos dois braços. O líder do grupo, só podia ser. Enquanto Matt se preparava, ficou de olho nele. Ao primeiro sinal de problemas, ele seria seu alvo.

O líder se abaixou e pegou Fen pelo cangote. Inclinou-se para sussurrar algo no ouvido dele, antes de atirá-lo para o lado. Fen caiu no chão, e Matt deu um passo em sua direção. Não importava que Fen estivesse tentando bater nele minutos antes; Matt não ficaria ali parado e não deixaria forasteiros tratarem um garoto de Blackwell daquela forma.

Porém, assim que Matt se moveu, o rapaz à sua direita atacou. Matt girou e o acertou com um soco de esquerda, o que provocou um baque alto e um grunhido de surpresa enquanto o garoto cambaleava para trás. Matt partiu para cima dele, mas outro moleque saltou nas suas costas.

Matt arremessou o garoto por sobre o ombro, notando com surpresa como ele era leve. Ao derrubá-lo no chão, viu um menino de no máximo dez anos. Matt ficou paralisado, angustiado, e quase pediu desculpas. Ele agarrou a perna de Matt, que tentou se desvencilhar, mas sem muita força. Com a maturidade, você aprende logo que qualquer empurrão num garotinho rende uma visita à sala do diretor para um sermão sobre bullying e um telefonema para seus pais.

O menino cravou os dentes na canela de Matt, que ganiu e tentou puxar a perna, mas outro moleque entrou na briga. Matt girou para dar um soco, mas era uma menina e, ao ver o rosto dela, mesmo retorcido num rosnado, Matt parou. Bater num garotinho? Ou numa garota? Matt não era disso.

O vento passou num uivo, fazendo os olhos de Matt arderem novamente, e ele viu o vulto da menina sendo jogado para longe. Por um segundo, Matt achou que tinha batido nela por acidente, mas, ao piscar, viu Fen acertar um soco na barriga dela, e em seguida se virar para ele.

– Eu preciso mesmo te resgatar de um garotinho e uma garota? Sério? – Fen tentou agarrar o menino, ainda rosnando na perna de Matt, mas outro moleque o atacou por trás. Enquanto batia nele, Fen gritou: – Lute, Thorsen!

Matt chacoalhou a perna, tentando se soltar do menino. Atrás dele, outro deu uma risadinha, divertindo-se com o espetáculo enquanto esperava sua vez.

– Thorsen! – rosnou Fen.

– Mas ele é só um...

– Ele é um *Saqueador*! – berrou Fen.

O menino se atirou para morder de novo, e Matt o agarrou pelo braço e o atirou para o lado. Então, Matt se virou e viu o líder sorrindo. O menininho estava se retorcendo, tentando se levantar, e, à esquerda de Matt, outro Saqueador se preparava para atacar: um garoto quase da idade dele, só que magrelo e 15cm mais baixo. Matt lançou outro olhar ao líder, parado ali de braços cruzados.

Matt investiu. Ele ouviu Fen gritar “Não!”, mas não parou. Nos campeonatos, o técnico Forde sempre tentava organizar as lutas de modo que Matt enfrentasse o oponente mais forte primeiro. Cuide da maior ameaça enquanto você ainda está descansado. Se vencer esse round, só lhe restará lutar com os caras mais fracos que acabaram de ver você derrubar seu melhor lutador.

No momento em que Matt atacou o líder dos Saqueadores, percebeu a surpresa no rosto do adversário. Matt se chocou contra o cara e o fez cambalear. Foi só um cambaleio, e ele contra-atacou. Matt conseguiu se esquivar do primeiro soco, mas o segundo o atingiu na lateral do rosto, fazendo seu pescoço girar.

Matt atacou. Acertou três socos em rápida sucessão, o último tão forte que lançou o Saqueador longe.

Quando o líder dos Saqueadores caiu, o vento subiu de novo. Desta vez, Matt cambaleou, virando o tornozelo, e caiu sobre um dos joelhos. Ele começou a se levantar de novo e...

Um rosnado grave atrás dele.

Matt ergueu a cabeça e viu um lobo. Um lobo gigante com pelagem cinzenta e presas enormes. O rapaz que ele jogara no chão tinha sumido.

Matt poderia tentar se convencer de que o lobo havia, de alguma forma, chegado correndo sem que ele visse, e que o líder dos Saqueadores tinha fugido, mas bastou uma rápida troca de olhares com a fera para que ele entendesse. Aquele *era* o líder dos Saqueadores. Ele tinha se transformado em lobo. Agora estava encolhido, com os dentes arreganhados, pronto para saltar e...

Alguém gritou. Um uivo longo e contínuo que fez o lobo parar e erguer o focinho, movendo as orelhas para rastrear o som.

Não era um grito. Uma sirene. A sirene de tornados.

Matt olhou para cima e viu que o céu estava amarelo. Gritos distantes vinham da feira conforme as pessoas corriam em busca de abrigo. À esquerda, uma forma escura surgiu no céu amarelo. Um tornado. Ainda não tinha aterrissado, mas a massa crescente de nuvens parecia descer a cada segundo.

Um uivo atraiu a atenção de Matt. Não era o uivo do lobo à frente, mas o vento, berrando ao passar, tão alto e estridente quanto a sirene. O animal estreitou os olhos contra o vento que lhe agitava o pelo e deu as costas à rajada.

Matt investiu. Acertou um gancho de direita na cabeça do lobo. A fera cambaleou, mas só um passo, mais bem equilibrado em quatro patas do que em duas. Em seguida, o animal atacou, com dentes expostos. Matt lhe acertou um golpe de direita no queixo e o lobo ganiu, mas nem chegou a cambaleiar desta vez. No ataque seguinte, o lobo derrubou Matt, e subiu em seu peito. Ele agarrou o focinho, tentando manter aquelas mandíbulas longe



da própria garganta enquanto a fera grunhia e rosnavava. Matt tentou chutá-la na barriga, mas não conseguiu acertar.

Alguma coisa atingiu o flanco do animal e o atirou para longe de Matt, que se levantou e se jogou contra o lobo. Seu salvador fez o mesmo, e os dois agarraram a fera, tentando contê-la. Foi só então que Matt percebeu que Fen é quem viera ao seu socorro.

– Atacar um *lobo*? – grunhiu Fen enquanto os dois lutavam. – Você é um baita de um louco, seu... – O vento levou a última palavra.

Matt olhou para o campo. O tornado tinha aterrissado. Eles precisavam acabar logo com aquela briga e encontrar abrigo. Imediatamente.

Com um movimento súbito e brusco, o lobo corcoveou. Matt não conseguiu se segurar e caiu no chão. Fen continuou agarrado às costas do animal.

– Use a sua coisa! – gritou Fen.

– O quê?

– Sua... – Fen contorceu o rosto de frustração enquanto lutava para se manter montado no lobo. – A sua coisa de poder. Que você usou em mim.

*Como é que Fen... ?* Não era importante.

Matt agarrou o amuleto, que mal tinha se aquecido desde o começo da luta, e agora jazia em sua mão, o metal frio. Quando Matt fechou os olhos para se concentrar, alguma coisa atingiu suas costas. Um pedaço de madeira caiu no chão. Uma folha de jornal passou voando, enrolando-se no braço dele. A próxima coisa que voou contra o garoto não foi um destroço, mas um dos Saqueadores. Matt acertou um soco no rosto do adversário e se virou bem a tempo de ver o lobo se livrando de Fen.

O lobo encarou Matt. Os olhos dos dois se encontraram. O animal arreganhou a boca e rosnavava. Mesmo que as sirenes tivessem afogado o barulho, Matt jurava que podia sentir a vibração no ar. Travou o olhar no do

lobo, que pareceu não gostar disso, mordendo e rosnando mais, mas Matt não desviou os olhos. Conforme a fera se encolheu, ele preparou o punho para...

Uma sombra negra saltou nas costas do lobo. Matt teve um vislumbre dela antes que os dois rolassem pela grama. Depois disso, só se viam pelos, um cinzento e outro castanho.

Dois lobos. O grandão cinzento e o menor castanho. Matt olhou para onde Fen tinha sido atirado pelo lobo, mas ele não estava mais lá.

Loki. O deus enganador. O deus metamorfo.

Fen era um lobo. Todos esses garotos eram, mas era impossível. Os Thorsen diziam que os Brekke não sabiam dos próprios poderes. E como usar poderes que não são conhecidos?

Matt olhou para os lobos de novo.

Aparentemente, todos os Thorsen estavam errados.

Matt correu até o lobo líder. Outro Saqueador saltou no caminho dele. Era o mesmo garotinho de antes, mas Matt não dava mais a mínima para a luta justa. Acertou um soco no estômago do menino, seguido de um golpe de direita na mandíbula, jogando-o para o lado.

Agora o lobo grande tinha imobilizado Fen com as presas, tentando rasgar sua garganta. Matt saltou nas costas da fera, que empinou. Em seguida, agarrou dois tufo de pelo, mas foi tudo o que ele pôde fazer. Não tinha garras ou presas, e não estava em posição para dar um soco. O importante era tirar o monstro de Fen. Era seu objetivo. Só...

Matt viu alguma coisa vindo até eles rápido como um foguete. Um galho ou...

– Abaixese! – gritou Matt enquanto saltava das costas do lobo.

Ele caiu de mau jeito no chão. Ouviu um ganido e rolou bem a tempo de ver o lobo cambaleando, enquanto um pedaço de cano acertava a grama ao

seu lado. A fera rosou e tentou investir, mas tropeçou e caiu, com sangue escorrendo da orelha. O lobo caiu no chão, inconsciente.

Fen se levantou num salto e eles se viraram para encarar os outros Saqueadores, que tinham ficado parados, observando o líder lutar. Metade deles era formada por lobos agora, que se aproximavam, rosando com olhos reluzentes.

Um vulto atacou um dos Saqueadores humanos. Era Laurie. O Saqueador a agarrou e a atirou para o lado. Dois dos lobos atacaram Fen. O maior investiu contra Matt, mas ele se esquivou e correu até Laurie, atingiu o atacante dela no flanco e o derrubou.

Matt estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

A garota o dispensou com um aceno e fez uma cara feia.

– Eu teria dado conta dele.

– Eu só estava...

– Estou aqui para ajudar vocês, não para ser resgatada – retrucou ela.

Antes que Matt pudesse responder, o Saqueador maior o alcançou, e o adversário de Laurie tinha se levantado. Matt conseguiu derrubar seu inimigo, e Laurie parecia estar indo bem com o dela, mas, quando Matt foi ajudá-la, alguém segurou seu ombro.

Matt se virou com o punho erguido. Era Fen, novamente em forma humana. Ele apontou para o leste, e Matt viu o tornado chegando. A forma escura erguia uma nuvem de destroços, parecendo ainda maior do que era.

– Temos que correr – afirmou Fen.

– O quê? Não. Estamos... – Matt acertou um soco num inimigo que o atacou. – Estamos bem. O tornado...

– Não é o tornado – retrucou Fen enquanto se esquivava de um soco. Apontou para o leste novamente, e Matt percebeu um grupo de silhuetas

correndo pelo campo. Na direção deles. Mais Saqueadores. Ele ouviu um grunhido à esquerda e, ao olhar, viu o lobo grande se levantando.

– A gente tem que *correr*. – Fen empurrou Matt na direção certa e foi atrás de Laurie.

Matt se virou para ajudar, mas Laurie já tinha se livrado do atacante. Fen agarrou-lhe o braço e os dois começaram a correr para a feira. Matt deu uma última olhada em volta; para o tornado, os Saqueadores, o lobo gigante.

*Desse jeito, eu vou ter sorte se chegar vivo até o Ragnarök*, pensou ele, e logo saiu em disparada atrás de Fen e Laurie.



# NOVE



## LAURIE

### “CHACOALHADA PELO TORNADO”

Laurie se soltou de Fen. Pedras de granizo os atingiam enquanto eles corriam. Todo mundo sabia que não se devia correr de tornados, mas um tornado e uma matilha de lobos? Isso mudava a situação. Talvez não completamente.

– Não quero que a gente se separe! – gritou Fen mais alto que o vento, segurando a mão da prima e entrelaçando os dedos nos dela.

Mas Laurie se soltou novamente. Estava magoada e com raiva por Fen ter escondido um segredo tão grande dela.

– Então, segure a mão de Matt! – gritou Laurie de volta, e sua boca se encheu com a serragem erguida pelo vento.

Fen era primo de Laurie e seu melhor amigo... e tinha mentido para ela. *Ele é um lobo. Como pôde não me contar?* Laurie sentiu os olhos arderem com as lágrimas quando seu rosto foi atingido pelo vento.

Ela não tinha como distinguir quais dos uivos e gritos no ar eram dos lobos e quais eram das sirenes de tornado ou da própria tempestade. Laurie não olharia para trás para nenhuma das ameaças. Se estivesse em casa, teria ido para o porão do prédio. Aqui fora, ela não sabia muito bem o que fazer, mas Matt parecia ter um plano. Ela nunca teria imaginado seguir um Thorsen, especialmente depois da briga entre Matt e Fen, mas agora estavam todos do mesmo lado: os três contra os lobos.

– Por aqui. – Matt indicou o navio viking.

Subir em qualquer coisa parecia maluquice, mas o navio os protegeria do granizo, dos objetos voadores e talvez até dos lobos. Não os protegeria do tornado. O rugido era terrível, e estar num lugar alto parecia uma bela maneira de aumentar a queda.

– A gente pode entrar. – Matt escalou o costado do barco, digitou um código num teclado na parede, que se abriu, e pegou uma chave. – Vamos lá.

*Será que Fen iria com ele?* Laurie não tinha certeza, e sua lealdade estava dividida. Por mais que ela estivesse com raiva de Fen, ele ainda era Fen; e Matt era o garoto que jogara Fen contra o navio viking. *Será que aquilo foi mágica também?* Ela se sentia uma idiota. Os dois meninos sabiam coisas. Matt também não estava espantado com o lance dos lobos. Laurie não entendia direito o que estava acontecendo, mas, naquele momento, as duas pessoas que tinham as respostas a estavam observando. Uma nova onda de mágoa e raiva tomou conta dela.

Laurie ignorou a mão que Matt estendeu para ajudá-la a subir, e não falou nada quando Fen escalou atrás dela. Os três rastejaram pelo convés do barco, mantendo-se o mais agachados que podiam. As amuradas do barco os protegiam do pior do vento e os escondia dos lobos.

Matt se atrapalhou com a fechadura, levando mais tempo do que Laurie gostaria.

O vento puxava-lhes as roupas e os cabelos, e a chuva e o granizo os castigavam. Laurie abriu a boca para dizer “Mais rápido”, mas o vento lhe tirou o fôlego. Ela cerrou os lábios.

Atrás dela, a garota sentiu Fen se aproximar. Ele se posicionou atrás da prima, protegendo-a dos galhos que voavam e do granizo. Sua boca estava logo atrás do ouvido dela.

– Eu queria ter contado – disse Fen. – Não deixaram.

Laurie não respondeu. Mais tarde, eles teriam de conversar; ou, mais provavelmente, discutir; mas, naquele instante, ela não diria nada. Se tentasse, acabaria chorando, e não queria parecer frágil diante dos dois.

Matt olhou para trás e sussurrou algo, mas Laurie só entendeu “Fen, puxe”.

– O quê? – respondeu Fen.

– Puxe! – gritou Laurie, virando-se para o primo ao fazê-lo.

Fen olhou para trás e então concordou, aparentemente satisfeito com o que viu, ou com o que não viu.

Assim que o primo passou por ela, Laurie também olhou para trás, e percebeu que ninguém os tinha seguido até o navio. Ela não sabia ao certo aonde os lobos haviam ido, mas não estavam ali agora. Talvez tivessem tido o bom senso de procurar abrigo também. Ser pego num tornado era tão letal para um lobo quanto para uma pessoa.

Juntos, Matt e Fen puxaram a porta, que se abriu. Os braços de Matt ficaram tensos enquanto ele se segurava à porta, e Fen teve que apoiar um pé na parede, mas eles mantiveram a porta aberta. Fen fez um gesto com a cabeça e, mesmo que Laurie não pudesse ouvir o que ele estava dizendo, entendeu de imediato: “Você vai primeiro.”





Laurie entrou rapidamente, tateando no escuro, e sentiu alguém esbarrar nela quase imediatamente.

– Desculpa – murmurou Matt enquanto a segurava. – Degraus. Cuidado.

A porta bateu, eliminando toda a luz. Laurie já tinha visto os degraus. Os três pararam numa pequena plataforma; trinta centímetros adiante, os degraus davam na escuridão ainda mais profunda do barco.

– Quantos degraus? – perguntou ela a Matt.

– Talvez uns doze. É só me seguir.

– Você está tão cego quanto eu aqui. – Laurie revirou os olhos, mesmo que nenhum dos dois pudesse ver. Os meninos tinham umas ideias bem ridículas sobre o que as garotas eram capazes. Ela até podia não saber luta livre, ou virar lobo, mas poderia muito bem descer os degraus. A não ser...

– Algum de vocês consegue ver?

Fen fungou.

– Minha visão é melhor do que a das pessoas normais, mas, quando está tão escuro assim, eu preciso virar lobo para enxergar.

– Certo – murmurou ela. Laurie começou a rir da estranheza... bem, de *tudo* naquele dia, mas se controlou. Fen costumava ser irritadiço, e era bem provável que achasse que Laurie estava rindo dele. O som que começou como uma risada terminou como um grito.

– Você se machucou? – Fen parecia menos preocupado do que se Matt não estivesse ali, mas Laurie conhecia o primo bem o bastante para saber que ele estava alarmado.

– Estou bem. – Laurie suspirou. Às vezes era difícil ficar brava com ele; o objetivo dele era tomar conta da prima, estar por perto sempre que ela precisasse. Era uma combinação de melhor amigo e irmão. Laurie tentou ignorar a mágoa e comentou: – São só uns arranhões. Acho. E vocês dois?

Matt encolheu os ombros.

– Parece que encarei alguns rounds no ringue. Nada de mais.

Fen fungou.

– Sei, tá bom.

Matt o ignorou e sugeriu:

– Tateie com o pé. Estamos logo atrás de você.

– Me deixa passar – exigiu Fen. – Eu posso ir na frente, para o caso...

– Deixem comigo – interrompeu Laurie, colocando o pé adiante. O único jeito de fazer Fen parar de tentar protegê-la de tudo era começar a forçar cada vez mais a barra com ele.

Considerando a escuridão da tempestade e a ausência de luzes dentro do navio, Laurie tinha apenas o tato para guiá-la. Desceu contando os degraus.

– Doze – anunciou ela ao chegar ao fim.

Laurie ouviu e sentiu quando os outros terminaram de descer também. Os três ficaram parados no escuro, sem falar. Atrás e acima, Laurie ouvia o retinir e os baques causados por destroços atingindo a madeira, além do rugido da tempestade lá fora. Ela não sabia se os garotos estavam assustados, mas agora que os três tinham saído da tempestade e se protegido dos lobos, Laurie estremeceu de medo ao pensar no que poderia ter acontecido.

*Estamos bem, ela se lembrou. Agora estamos bem.*

Ela tateou com as mãos, mas não sabia o que havia ali embaixo. Seria um local de armazenagem? Cheio de coisas que ela poderia derrubar? E, se não fosse, seria mesmo uma boa ideia perambular pela escuridão para depois voltar aos degraus logo que a tempestade acabasse? Laurie acabou ficando parada.

Odiava esperar no escuro enquanto uma tempestade desabava do lado de fora. Tornados eram mais assustadores do que nevascas. Elas também ocorriam na Dakota do Sul, mas a pior consequência era o cancelamento ou o adiamento das aulas. Às vezes, aconteciam “brancos totais”, quando o

vento soprava a neve e tudo do lado de fora se tornava uma brancura indistinta. Essa era a questão, porém: tudo isso acontecia do lado de fora, enquanto Laurie estava segura do lado de dentro. Tornados eram diferentes. O navio não era uma proteção muito eficaz contra uma tempestade que destruía prédios. Laurie estremeceu.

Imediatamente, o braço de Fen a envolveu.

– Vai ficar tudo bem. A gente vai sair daqui.

Laurie concordou com a cabeça, mesmo que o primo não pudesse vê-la, e então sussurrou:

– Estou brava com você.

Fen grunhiu e, agora que ela sabia que ele às vezes era um lobo, o grunhido lhe pareceu mais real.

– Tive que seguir um monte de regras. Eu não poderia contar, a não ser que você se transformasse também.

– A família toda se transforma? – perguntou Laurie baixinho.

Fen ficou calado por um minuto.

– Não, só alguns de nós. – Ele encostou a cabeça na da prima e, pela primeira vez, ela percebeu que era um gesto que um animal faria. Laurie sabia que era uma coisa estranha que todos os Brekke faziam, mas, até agora, não tinha ligado os pontos. Eles demonstravam afeto assim porque eram meio animais.

Laurie permaneceu calada, então Fen insistiu:

– Não fique brava. Por favor.

Matt falou, evitando que Laurie tivesse de responder:

– A gente pode se sentar aqui.

Era impossível calcular quanto tempo eles esperaram. Estavam todos com frio e molhados e, assim que a tempestade passasse, ainda teriam de

lidar com os lobisomens... *Eles eram lobisomens? Ou só lobos?* Laurie nem sabia se o termo importava.

– Você é um Saqueador também? É isso que todos eles são, né? Todos os Saqueadores são lobos.

– Eu não sou um deles – retrucou Fen. – Eu sigo minhas *próprias* regras, não as deles. São *wulfenkind* também, mas não vou entrar para a matilha. Eu paguei as minhas dívidas... e as suas, então não terei que me juntar a eles.

– *Minhas* dívidas?

Laurie sentiu o primo encolher os ombros ao lado dela, mas ele só disse:

– Nada de mais. Quando a gente souber se você vai se transformar, você terá de pagar, se juntar a eles ou ser lobo solitário, como o tio Stig.

– *Meu pai* é... é por isso que ele está sempre fora? – Laurie teve a sensação de que tudo o que conhecia estava diferente agora. Talvez isso não facilitasse sua vida, mas muitas coisas faziam mais sentido agora que ela conhecia o segredo da família. – Ele poderia pagar a dívida e ficar por aqui? Por que ele não... – Laurie se deteve. Os três tinham outras coisas a resolver naquele momento, mas acrescentou: – Eu não vou me juntar a eles, disso eu já sei... E você também não vai, Fen Brekke. Você acha que eu estou brava agora? Se você entrar para o grupo deles, você vai ver o que é fúria.

Fen não respondeu, mas deu um rápido abraço na prima. Ela dissera que ele era importante para ela. E isto era tudo de que Fen precisava saber quando ficava preocupado: que era importante para ela.

Um clique na escuridão foi seguido por um clarão de fogo. Fen segurava um isqueiro. Não era como dizer “vamos mudar de assunto”, mas teve o mesmo efeito.

– Há quanto tempo você tem *isso*? – perguntou Matt.

Fen encolheu os ombros.

A luz era fraca, mas Laurie pôde ver pilhas de caixas e um monte de teias de aranha. Nada particularmente interessante, então a luz se apagou.

– Vocês viram alguma vela? – indagou Matt. – Ou uma lanterna?

– A gente poderia queimar uma das caixas – sugeriu Fen.

– Nem pense nisso – respondeu Matt. – Me dá o isqueiro, que vou procurar...

– Aham, Thorsen. Acho que não.

– Se nós vamos trabalhar juntos...

– Não me lembro de ter concordado com isso – interrompeu-o Fen. – Eu salvei sua pele dos Saqueadores, mas isso não quer dizer que...

– Você me salvou? A gente estava na mesma luta?

– Parem. Parem já com isso! – exclamou Laurie. – Vocês são um melhor que o outro. Agora, podemos ficar aqui embaixo e esperar que os monstros...

– Lobos – murmurou Fen. – Não monstros.

– Bem, já que você nem me contou, como que eu poderia adivinhar? E eles não estavam exatamente sendo amistosos, né? Como eu poderia saber como você age quando é um lobo, já que escondeu de mim? – Ela cutucou o primo repetidamente enquanto falava.

Fen acendeu o isqueiro de novo e olhou para ela.

– Você mentiu para mim. – Laurie cruzou os braços.

– Hum, e o planejamento? – lembrou Matt a eles, em voz baixa, antes que as trocas de olhares furiosos entre Laurie e Fen pudessem se transformar numa briga feia. – Laurie tem razão. Precisamos de um plano. – Matt respirou fundo. – Sei que vai parecer maluquice, mas precisamos trabalhar juntos. Aqui vai o resumo: o Ragnarök está chegando. Precisamos encontrar os outros descendentes de deuses. Já temos dois: eu sou o representante de Thor, e Fen é o de Loki. Foi isso que as Nornes me contaram hoje.

– As Nornes? – interrompeu Laurie.

– São as damas encarregadas dos destinos de todo mundo – explicou Matt. – Eu falei com elas, e foi assim que eu descobri que precisava falar com Fen. – Ele parou, respirou fundo e acrescentou: – Olha, eu sei que Loki e Thor não eram sempre amigos nos mitos, mas eles conseguiam trabalhar juntos. – Matt fez uma pausa e se virou para Fen. – Imagino que vocês saibam que os Brekke são descendentes de Loki.

O isqueiro se apagou, de modo que eles não podiam mais ver o rosto um do outro. Laurie ficou feliz que os outros não podiam ver a cara de choque que ela fez. *Loki? O deus Loki? Dos mitos?* Ela beliscou o braço para ter certeza de que não se tratava de outro sonho maluco como aquele do peixe. Doeu, definitivamente ela estava acordada, e parecia ser a única pessoa surpresa em saber que os ancestrais deles eram deuses de verdade.

– Sim, e os Thorsen acham que a gente não sabe. – Fen soou presunçoso. – Parece que você também não sabia que alguns de nós tínhamos mantido o poder da transmutação de Loki. Mesmo que só tenhamos mantido a forma de lobo, ela é muito mais útil que a maioria das formas de Loki.

Matt não respondeu às provocações.

– Então, precisamos encontrar os outros descendentes e deter o Ragnarök. Se não fizermos alguma coisa, o mundo vai acabar. Eles não estão em Blackwell, então precisamos encontrá-los. Vocês estão comigo?

Laurie tentou não entrar em pânico com tudo o que estava sendo debatido. Já era ruim o bastante que Fen tivesse escondido dela que era um lobo, e Matt ainda vinha com um papo sobre deuses e fim do mundo. E ela achando que seu maior problema seria enfrentar o roubo do escudo. Aquilo era muito maior. Quando finalmente conseguiu falar, perguntou:

– Por que os lobos estavam atrás da gente?

Nenhum dos meninos falou por um momento. Então, Matt disse:

– Talvez eles soubessem que somos os representantes dos deuses.

– Ou talvez eles estivessem só criando confusão – retrucou Fen. – Você é um *Thorsen*, e isso significa que é um inimigo do *wulfenkind*.

– Não sou seu inimigo, Fen.

Foi então que Matt acendeu o isqueiro de novo.

– Por que eu deveria acreditar em qualquer uma dessas coisas que você disse?

– Eu não minto – foi a resposta de Matt.

– Fen, acho que a gente pode confiar nele – afirmou Laurie.

O isqueiro se apagou.

Laurie sabia que Matt estava falando a verdade. De alguma forma, fazia sentido para ela. Acreditar naquilo era tão simples quanto acreditar que ela e Fen eram descendentes do deus Loki, morto havia tanto tempo. Não sabia por que tinha tanta certeza, mas tinha. A questão era como convencer o primo tão teimoso.

Antes que Laurie pudesse dizer qualquer outra coisa, porém, Fen decidiu:

– Está bem. Se é uma escolha entre trabalhar com você ou deixar o mundo acabar, acho que posso te aturar por um tempo.

Laurie sabia que Fen tentava não demonstrar preocupação, pois ela o conhecia bem demais. Aquela era a voz que ele usava quando estava prestes a fazer algo. Significava que Fen esperava que algo louco ou perigoso fosse acontecer. E a prova incontestável de que ele achava que, caso se juntasse a Matt, estaria com problemas de verdade, veio na frase seguinte:

– Precisamos levar Laurie para casa primeiro e...

– Você está *brincando*? – Toda a raiva e a frustração de Laurie voltaram de uma só vez. Ela empurrou o primo com tanta força que ele tombou para o lado.



Fen acendeu o isqueiro de novo e olhou feio para ela.

– Não! – exclamou ela. – Nem vem! Você não pode querer que eu fique fora disso.

Fen se sentou, a pequena chama do isqueiro ainda tremeluzindo, e começou a listar suas objeções:

– Qual é, Laurie? Não é você que tem que fazer isso. É perigoso, e você não pode se proteger. – Fen cutucou o braço de Matt. – Ele tem o lance do nocaute. Eu tenho presas e garras. Você é só uma menina, e o tio Stig vai me matar se você se machucar.

– Você não vai a lugar algum sem mim – insistiu Laurie. Fen podia pensar que a protegia ao deixá-la para trás, mas ela *sabia* que ele não estaria em segurança sem ela. Considerando seu temperamento e sua imprudência, Fen era incapaz de ficar longe de confusões. Uma vez que caísse na estrada, fugindo dos outros lobos e sabe-se lá o quê – ou quem –, estaria metido em confusões que Laurie não podia nem imaginar.

O isqueiro se apagou de novo.

– Por que eu correria o risco de deixar você se machucar? – perguntou Fen. Na voz dele, Laurie ouviu o medo, que ele sempre achava que conseguia esconder, e entendeu como o primo se sentia, mas não importava. Ela não deixaria medo algum, dele ou dela, detê-la. Fen precisava dela.

Laurie tentou pensar num argumento. Tinha a sensação de que estava esquecendo alguma coisa óbvia, mas logo se lembrou.

– Eu me encontrei com Odin – deixou escapar. – Ah, uau! Achei que fosse só um cara esquisitão, mas eu me encontrei com *Odin*. Lembra? Eu falei que tinha encontrado um estranho que agiu como se me conhecesse. – Laurie contou aos dois toda sua conversa com Odin, e ficou surpresa com o silêncio de Fen quando terminou. – Fen?

Fen acendeu o isqueiro mais uma vez.

– Eu vou com você, Fen – afirmou ela. – Sei como é a cara de Odin, e ele disse que a gente se veria de novo, então eu *tenho* que ir.

Fen abriu a boca para dizer alguma coisa, certamente uma objeção, mas Laurie cruzou os braços e usou o único argumento que ele não poderia ignorar.

– E se os Saqueadores voltarem quando eu estiver aqui, sozinha? Eles sabem quem eu sou, e eu não sou um lobo. Como poderia enfrentá-los sem ajuda?

– Por mim, tudo bem – disse Matt. – Podemos tomar conta dela.

– Tomar conta de mim? – exclamou Laurie.

– Isso – rosnou Fen. – Se você vier com a gente, na próxima vez que rolar uma luta, você fica de fora. Se eles estiverem lá em cima agora, você deixa que Thorsen e eu cuidamos disso. Ou você pode ficar aqui, que é mais seguro.

– Seguro? – repetiu Laurie. – Você ouviu *alguma coisa* que eu disse?

– Tanto quanto você ouviu o que eu disse – murmurou Fen.

Eles ficaram sentados num silêncio tenso até que Matt comentou:

– Parece que a tempestade terminou. Vamos embora daqui.

Cuidadosamente, os três subiram as escadas, com Matt na frente e Fen por último.

Quando saíram, pararam e contemplaram a destruição por todos os lados. Vários escudos destruídos. Árvores arrancadas. Um carro virado. A placa de “Pare” que ficava no cruzamento fora atirada a meio quarteirão de distância.

Laurie não vira nenhum lobo, mas as pessoas já estavam aparecendo, e ela não sabia quais deles tinham virado lobos. Fen teoricamente não concordara que Laurie os acompanhasse, mas ela não esperaria que o humor dele melhorasse. Laurie se virou para o primo e disse:

– Precisamos sair daqui antes que os lobos nos encontrem. Passamos em casa, pegamos roupas e dinheiro, e então decidimos aonde vamos. – Laurie olhou para Matt, que agora estava se contorcendo. – Olha, se você preferir falar com seu pai antes, a gente pode...

– Não – interrompeu Matt. – É que... eu não posso ir para casa.

Laurie e Fen se entreolharam.

– Você é um Thorsen. Basta entrar em casa, pegar suas coisas e fingir que está indo malhar ou algo assim. – Fen balançou a cabeça. – Sei que você provavelmente nunca contou uma mentira na sua vida perfeita, mas eu posso ajudar. É mais fácil do que você imagina.

Laurie disfarçou o suspiro de alívio. Se Fen ficasse concentrado em Matt, pararia de reclamar por Laurie ir com eles. Ela sentiu um pouco de pena de Matt, mas era melhor que o garoto lidasse com as provocações de Fen do que ela precisasse brigar para não ser deixada para trás em Blackwell.

– Eu não ligo de mentir, Fen – respondeu Matt. – É que... minha família... – Ele respirou fundo. – Eles não esperam que eu mate a Serpente de Midgard. Eles esperam que eu morra. E, aparentemente, não se incomodam com isso.

Por um momento, ninguém falou nada. A grosseria característica de Fen desapareceu, e Laurie não soube o que dizer. Os Thorsen eram perfeitos; Matt tinha uma família enorme que o tratava como se ele fosse incapaz de cometer um erro. Cuidadosamente, Laurie repetiu:

– Eles não se incomodam que você morra.

– Disseram que seria eu quem deteria o Ragnarök, mas eu ouvi meu avô falando... – Matt fez uma pausa, então falou bem rápido, embaralhando todas as palavras, enquanto olhava para os dois – ... quando eu estava com uma das Nornes. Meu avô e o conselho da cidade *querem* que o Ragnarök aconteça. Vovô quer que eu lute contra a Serpente de Midgard, e quer que

eu a derrote, para que os monstros não dominem o mundo; mas ele espera que eu morra tentando, como no mito. Depois, uma era do gelo vai começar, e o mundo renascerá, novo em folha.

– Depois que quase todo mundo morrer. Isso é loucura. – Fen balançou a cabeça. Virou-se para Laurie e falou: – Vamos até sua casa primeiro. Fica mais perto. Eu e ele esperaremos do lado de fora. A tia Janey não vai deixar você ir a lugar nenhum comigo. Em seguida, a gente passa na garagem para pegar minhas coisas.

Eles não precisavam ter se preocupado; a mãe de Laurie não estava em casa. Ela deixou um bilhete e os três partiram para a casa de Kris. Deixar Blackwell parecia assustador, mas, ao contrário dos outros descendentes, os Saqueadores estavam lá. Além disso, tinha todo aquele problema de “a família de Matt querer o fim do mundo”. Sair de casa era necessário.

Mesmo assim, Laurie estava nervosa e sabia que os meninos também.

Depois de arrumar as mochilas e pegar um par de sacos de dormir emprestados na garagem de Kris, Laurie se virou para os meninos e perguntou:

– Certo, e agora, para onde vamos?

Os rapazes se entreolharam. Nenhum dos dois falou. Ainda era o primeiro dia, e eles já sofriam com a falta completa de qualquer tipo de plano. Não faziam ideia do que fazer. Eram garotos e teriam de resolver tudo... Afinal, uma mulher contara a Matt que ele e Fen derrotariam monstros. Era maluquice. Ninguém diria isso em voz alta, mas era o que Laurie suspeitava que todos pensavam.

*Fen se transforma em lobo.*

Era esse pequeno detalhe, prova de que a loucura era real, que impedia Laurie de achar que tudo era uma grande piada. Ante instintos e uma

conversa com um garoto de cabelos azuis. Não era muito. Mas o lance do lobo era real. Ela havia visto.

Depois de alguns momentos, Matt falou:

– Eu consigo fazer isso.

– Ceeeerto. – Fen esticou a palavra. – A gente já não tinha chegado a essa conclusão?

– Não *isso* – respondeu Matt. – Talvez eu possa... – Ele se endireitou. – Vou falar com meus irmãos. Eles sabem dessa história. São inteligentes. Podem ajudar.

– Tem certeza? – indagou Laurie.

Matt fez que sim com a cabeça, mas ela não acreditou nele e, pela cara de Fen, ele também não.

– Vou com você – sugeriu Fen. – E você – dirigindo-se a Laurie – precisa se esconder para o caso de os Saqueadores voltarem.

Laurie queria discutir, mas tinha certeza de que ele não precisaria de muita desculpa para deixá-la para trás. Portanto, assentiu tão humildemente quanto pôde:

– Certo.

*Desta vez*, ela acrescentou mentalmente. *Eu vou me esconder e esperar desta vez.*

Tanto Fen quanto Matt pareciam tensos, mas ela sabia que eles tentavam disfarçar. Tinham começado a bolar um plano. Por enquanto, teria de ser suficiente.

*Isso vai ser um desastre. O mundo vai acabar porque a gente não sabe o que fazer.*

DEZ



MATT

“TERROR NOTURNO”

Matt parou na esquina, olhando a própria casa. Pela primeira vez, percebeu como ela era praticamente igual a todas as outras do quarteirão. Exceto pela cor, elas eram idênticas: dois andares e porão, com garagens de uma vaga e gramados exatamente do mesmo tamanho, às vezes até as mesmas flores, morrendo nos jardins de mesmo tamanho.

– Vamos lá – sussurrou Fen. – Não temos a noite toda.

Matt tentou se apressar, mas seus pés pareciam ser de chumbo. A vergonha ardia no peito. Grande campeão ele era, assustado demais até para encarar a própria família. Não era novidade, mas, assim como olhar aquela rua, tudo parecia diferente naquele momento. Talvez fosse por causa da presença de Fen, e Matt estivesse vendo as coisas como o rapaz o faria, só um monte de casas bacanas, todas alinhadas. Nada de especial. Nada a temer. Não quando se tratava de um garoto destinado a enfrentar uma serpente gigante.

Matt respirou fundo e imaginou Jake parado ali. *Seja homem*, ele diria, como sempre, com aquela expressão no rosto, como se não pudesse acreditar que eles eram parentes.

*Vire homem.* Matt não sabia exatamente o que aquilo queria dizer, mas tinha certeza de que Fen diria a mesma coisa. *Pare de arrastar os pés como um bebê e comece a agir como um adulto.*

Matt se endireitou e começou a andar antes que Fen notasse sua hesitação.

– Espere – pediu Fen. Ele estava ainda mais irritadiço agora que Laurie não estava lá.

Matt o ignorou. Não estava tentando ser grosseiro; precisava seguir em frente, ou ainda estaria naquela esquina quando o sol nascesse.

– Eu falei pra você *esperar!* – exclamou Fen, entrando na frente de Matt. Olhou para a direita e para a esquerda, balançando a cabeça. *Como um lobo*, pensou Matt. *Procurando perigo.*

– Para trás – instruiu Fen.

– O quê?

Fen olhou feio para Matt e acenou para que voltasse pela esquina, para trás da garagem dos Carlsen.

– Saqueadores – explicou.

– O quê? – repetiu Matt, se interrompendo antes que parecesse um idiota completo. Em seguida, baixou o tom de voz, como Jake fazia às vezes.

– Os Saqueadores estão aqui?

– Vigianando a casa. Temos que voltar.

Matt admitiu a si mesmo que era exatamente o que ele queria. Deixaria para lá tudo o que queria pegar em casa. Usaria de bom grado a mesma camiseta e o mesmo jeans por uma semana, só para não ter de encarar a família.

*Covarde.*

Matt espiou.

– Eu disse que... – começou Fen.

– Só estou dando uma olhada.

– Por que você não acredita em mim?

– Não, eu só...

– Quem de nós dois consegue ver melhor à noite? – perguntou Fen numa voz que parecia um rosnado de aviso.

– Eu sei, eu só...

– Olhe a casa que fica depois da sua. Perto da garagem.

Matt espiou e viu um jovem Saqueador escondido nas sombras.

– São três deles – contou Fen. – Talvez mais. Skull não está aqui desta vez.

– Skull?

– O líder. Ele estava no campo.

– Certo. – Matt se lembrou do Saqueador grandalhão e ficou feliz por ele não estar lá. Mas, mesmo assim, três Saqueadores ainda eram muitos. – Precisamos afastá-los dali.

– Hum, não, precisamos cair fora daqui antes que eles vejam...

– Você vai – afirmou Matt. – Eles estão *me* procurando. Se não me virem chegando em casa, vão achar que eu me esgueirei mais tarde. Podem até ir atrás da minha família.

– E daí?

Matt olhou Fen.

– Essa não é a mesma família que entregaria você a um dragão? – perguntou Fen.

– Serpente. Bem, é tipo... deixa pra lá. Meus irmãos não sabem. Eles não podem saber.

– Mesmo?

Matt tinha certeza de que Josh não sabia de nada. Mas ele poderia ajudar? Tinha só dezesseis anos. Não. Ele faria o mesmo que Jake: viraria homem. Protegeria a família. Provaria a eles que ele era capaz de cumprir a missão.



– Vou atrair os Saqueadores para longe – decidiu Matt. Eles precisam saber que eu nunca voltei para casa. Isso manterá minha família em segurança.

Fen fungou.

*Ele me acha um idiota. Acha que eu não deveria me importar. Mas eu me importo.* Matt balançou a cabeça. *Não importa. Eu ainda sou um Thorsen. A família vem sempre em primeiro lugar.*

– Você pode ir embora – continuou Matt. – Eu vou...

– Ande – disse Fen.

– O quê?

Fen fez um gesto como se o empurrasse.

– Vá. Mexa-se. Finja que está andando para casa.

Matt virou a esquina e caminhou pela calçada. Levou um instante para perceber que Fen estava ao seu lado. Matt começou a protestar, mas um olhar de Fen o calou.

– Então, hum, como... – Matt tentou, mas não conseguiu se lembrar de qualquer esporte ou clube de que Fen participasse. – A escola. Como vai a escola?

Fen olhou para Matt como se ele lhe perguntasse sobre suas aulas de balé.

– O sr. Fosse está sendo supermala este ano, né? – continuou Matt.

– O que raios...? – começou Fen.

– Estou batendo papo.

– Sério? Estamos em fuga juntos, Thorsen. Não é uma colônia de férias.

– Estou fazendo isso por causa deles. – Matt apontou os Saqueadores com o queixo. – Para que a gente pareça normal.

– Nós dois juntos *não* parecemos normais – retrucou Fen.

Os dois continuaram andando em silêncio. Levou um minuto até os Saqueadores os notarem. Matt seguiu em frente, como se não tivesse percebido os vultos deslizando por trás da garagem do vizinho.

– Eu só vou pegar umas roupas e uma escova de dentes – disse Matt, o mais alto que sua coragem permitia. – Aí, fugimos. Quero dizer...

– Cale a boca, Thorsen – sibilou Fen. – Só cale a boca.

Havia cinco Saqueadores. Todos tinham aparecido agora. Matt olhou direto para eles.

– Hum, Fen? Esses aí não são...?

– Vai. – Fen girou e saiu em disparada com Matt logo atrás, os dois sendo perseguidos pelos Saqueadores.

Eles conseguiram despistá-los antes de voltar até onde Laurie estava. E os viram novamente enquanto saíam da cidade. Aparentemente, não foram notados pelos Saqueadores, mas não queriam correr riscos. Saíram de Blackwell e não olharam para trás.



Tarde naquela noite, Matt acordou sentindo o cheiro forte de grama molhada. Um coioote distante uivou. Ao lado dele, alguém grunhiu enquanto dormia. *Acampando*, ele pensou. *Eu estou acampando*.

Assim que começou a adormecer de novo, sentiu a grama molhada, a umidade penetrando a calça jeans, e se sentou de repente, lembrando-se do que o pai gritava quando ele deixava o saco de dormir encostar na barraca.

*Qualquer coisa que encosta na barraca deixa a chuva entrar. Você não é mais uma criança, Matthew. Está na hora de parar de agir como tal.*

Matt se levantou apressado, tentando enxergar o que encostara na barraca desta vez. Mas não havia barraca. Ele via fragmentos de céu por

entre as copas das árvores. Piscou forte e se esforçou para focalizar. Então, olhou para o lado, viu Laurie e Fen, e tudo voltou.

Ele ouviu a voz da Vidente: *Nosso campeão é Matthew Thorsen.*

Em seguida, o avô: *Meu neto está recebendo a mais alta honraria, nos deixará orgulhosos e assumirá seu lugar nos salões de Valhalla como campeão ao lado dos deuses mortos há tanto tempo. Como herói. Nosso herói.*

O estômago de Matt embrulhou-se. O pé dele escorregou na grama molhada, e ele caiu de joelhos, o estômago revirando. Matt ficou de quatro e vomitou.

*Engano. Deve ser um grande engano. Eles não fariam isso. Não a mamãe. Não o papai. Muito menos o vovô.*

Mesmo enquanto ele negava tudo, o estômago continuava expelindo, um fino fio pingando quando ele tossia.

– Matt?

Ele se levantou rapidamente, limpando a boca com a mão. Laurie estava sentada, olhando para ele.

– Tudo bem? – perguntou ela com a voz baixa. Depois de um momento de pausa, acrescentou: – Ou isso é uma pergunta idiota?

– Estou bem. – Matt esfregou a boca com mais força e se endireitou, deixando a voz ficar mais grave: – Foi mal por isso. É... essa comida de festival. Cachorro-quentes é muito gostoso, até você acordar no meio da noite com a sensação de que foram feitos com cachorro de verdade.

Laurie não sorriu, simplesmente continuou espiando o rosto de Matt na escuridão. Ele tentou se endireitar mais, não podia deixar que ela visse o quanto ele estava assustado. Ela era uma garota, tinha de ser protegida. Era isso o que o pai dele sempre dizia.

– Está tudo bem – insistiu.

– Hum, não. Não está – retrucou ela. – Você e Fen quase foram massacrados pelos Saqueadores. Todos nós quase morremos com o tornado. E agora estamos dormindo no mato, descansando para que a gente possa impedir o fim do mundo. Não está *nada* bem.

– Mas vai ficar. Está tudo sob controle.

*Não, não está, seu idiota. Você não tem a menor ideia do que está fazendo. A menor ideia de aonde está indo. A manhã vai chegar logo, logo, e eles vão descobrir que não há plano nenhum. Você não tem plano algum.*

– Está tudo sob controle. – *Se eu repetir isso muitas vezes, talvez eu até comece a acreditar.* – Volte a dormir...

– Shhh!

Matt olhou para a garota.

– Hum?

Laurie abriu a boca para dizer algo, mas outro *Shhh!* veio de trás dela, e Fen se sentou, de cara feia. Inclinou a cabeça para o lado, e indicou a área ao redor deles.

Quando Matt franziu o cenho, Fen perdeu a paciência.

– Você está surdo, Thorsen? Pare de tagarelar e escute.

Matt escutou e ouviu o leve farfalhar de grama. Estava prestes a dizer que era só o vento, mas Fen já achava que ele era um riquinho sem noção. Quando prestou mais atenção, Matt ouviu um baque, como...

Ele não sabia bem com o que se parecia aquele barulho. Não era o vento. Nem um coelho correndo. *Era* familiar, mas de um jeito vago, alguma memória trancada nas profundezas do cérebro.

Então outro barulho, um *clique-clique*, como dados sendo chacoalhados juntos.

– Vou dar uma olhada – sussurrou Matt.

Fen encolheu os ombros.

– Você que sabe.

Quando Laurie lançou um olhar a Fen, ele exclamou:

– O que foi? Ele se ofereceu.

Laurie começou a se levantar.

– Eu vou...

Fen segurou o braço dela.

– Quanto mais gente for, mais barulho vamos fazer. Thorsen pode cuidar disso.

Matt endireitou a postura e concordou balançando a cabeça, torcendo para ter parecido confiante. Entrou numa touceira de arbustos, agachou-se e seguiu adiante. Dera só alguns passos quando ouviu os cliques de novo. E um fungar. E um baque. Os três sons vieram de direções diferentes. Matt tentou dar mais um passo, mas o corpo não obedeceu, paralisado.

O amuleto começou a vibrar, como acontecera com as Nornes, só que com uma sensação diferente. Uma sensação de perigo.

Matt ouviu um sussurro atrás dele. Virou-se e viu Laurie inclinada para o primo, espiando Matt enquanto falava alguma coisa. Ele não conseguia ouvir as palavras, mas podia imaginá-las: *Thorsen não dá conta. Está com medo.*

Geralmente não ficava tão assustado, já tinha acampado muitas vezes. Mas, depois da noite passada, não tinha como saber com certeza se era só um animal lá fora. Poderia ser... Bem, poderiam ser muitas coisas diferentes. Os mitos nórdicos eram cheios de monstros.

Matt cerrou os dentes e continuou se esgueirando. Esforçou-se para enxergar no escuro, inclinando-se para a frente até quase tropeçar. Viu uma forma pálida enorme logo além da mata. Devia ter pelo menos uns dois metros de altura, e quase o mesmo comprimento.

*Não é possível. Nada é assim tão grande.*

Nada natural.

Mas não havia nada de natural em serpentes gigantes e garotos que viravam lobos.

Alguma coisa os tinha rastreado. Algum monstro. A mente de Matt repassou os livros de mitologia. Trolls. Gigantes do gelo. Berserkers.

Outra fungada à esquerda. Ao se virar, Matt vislumbrou outra silhueta pálida e enorme. E uma terceira atrás dessa. E uma quarta...

Matt engoliu em seco.

Estavam cercados. Aquelas coisas os tinham encontrado, e agora...

– Eu vim pelo filho de Thor. Mandem-no a nós! – Era uma voz de mulher, mas não era familiar a Matt. Não havia suavidade alguma nela. Era áspera como o grasnar de um corvo.

Matt deu um passo lento para trás.

– Você! – A fera pálida moveu-se até os limites da mata. – Eu te vejo, menino. Você não pode ser aquele que eu busco. O filho de Thor não se acovarda nas sombras.

A raiva preencheu Matt, que quase saiu correndo para confrontá-la. Ele se deteve, porém, depois daquele primeiro choque de  *você está maluco?*, Matt pensou que talvez não estivesse assim tão doido.

Fen provavelmente tinha ouvido a mulher. Já devia saber que eles estavam em perigo e que Matt era o alvo. Pegaria a prima e fugiria. E esta, pensou Matt, provavelmente seria a única chance deles.

Matt saiu da mata.

– Eu sou um filho de...

Ao sair ao luar, ele se deparou com um cavalo branco maior do que qualquer outro que tivesse visto. Montada nele, uma mulher. Mas ela também não era uma mulher comum. Tinha cabelos ruivos ondulados que se emaranhavam ao redor do rosto pálido. As bochechas estavam manchadas

com algo parecido com marcas de mãos. O cavalo estava pintado como elas também, além de espirais que brilhavam azuis sob o luar.

O cavalo fungou e se mexeu. Matt ouviu os cliques de novo e olhou em volta. Eram as rédeas. Feitas... feitas de ossos. Ossos de dedos enfiados como contas. Mais ossos estavam dependurados da sela, que quase parecia ser feita de... Não. Matt não pensaria naquilo. Era couro. Era só couro normal.

– Você é Matthew, filho de Thor? – inquiriu a mulher.

Matt olhou para ela. Ele tinha de fazê-lo. Apesar de seu coração bater tão forte que ele mal conseguia respirar.

Percebeu como ela era jovem. Não muito mais velha que a Norne primogênita. Bonita também. O estômago dele se revirou ao pensar nisso. Não queria pensar. Ela não deveria ser bela com aqueles cabelos selvagens e o rosto pintado de azul. Deveria ser terrível, e era. Mas montada ali, perfeitamente ereta, com os olhos azuis faiscantes, o escudo sobre um dos ombros, empunhando uma espada com a mão livre, Matt não viu um monstro, ele viu...

Matt engoliu em seco ao perceber o que estava olhando. O que ela era. Havia mosaicos dela também – da raça dela – no centro recreativo. Só que, no desenho, elas não eram assim: altas e belas, com longas tranças loiras, capacetes com chifres e armaduras que não cobriam completamente os... Bem, Matt se lembrava de quanto os amigos gostavam daquela imagem. E, talvez, ele meio que gostava também.

As únicas coisas que aquela mulher tinha em comum com as imagens dos mosaicos eram a espada e o escudo. No entanto, Matt se lembrava de uma pintura mais antiga, num livro empoeirado que o avô guardava na biblioteca particular, na qual as mulheres tinham cabelos revoltos e pinturas no corpo, além de cavalgar grandes corcéis alados pelos campos de batalha, recolhendo troféus dos inimigos mortos.

– Valquírias – sussurrou Matt.

– Hein? – disse uma voz atrás dele.

Matt se virou e viu duas das mulheres a pé, trazendo Fen e Laurie pela trilha da floresta, como se tivessem tentado escapar na outra direção. Laurie lutava e rosnava. Fen andava calmamente, como se percebesse que não adiantava lutar.

– Elas são Valquírias – sussurrou Matt ao dar um passo atrás para ficar ao lado de Fen.





# ONZE



# FEN

## “DECIFRANDO O MONTE RUSHMORE”

— Valquírias? – repetiu Fen. Isso explicava como as mulheres tinham conseguido pegá-lo de surpresa. Ele olhou para trás, na direção da mulher que o aprisionou. Ela era loira, mas, fora isso, era igual à amazona ruiva, até nos detalhes da pintura de guerra azul.

– O filho de Thor está certo – confirmou a Valquíria ruiva, com a voz áspera. – O filho de Loki conhece muito pouco sua herança cultural. – Ela se virou para Laurie. – E quanto à filha?

Laurie se endireitou.

– Eu vou aprender.

– Os descendentes de Thor recebem os ensinamentos da sua herança. – Fen se soltou da Valquíria que lhe segurava o ombro. – Nem todos os descendentes de Loki têm essa chance; por causa dos filhos de Thor.

O garoto olhou feio para Matt.

– Vocês precisam aprender – afirmou a Valquíria. – Sou Hildar das Valquírias. Estamos felizes que vocês tenham aceitado o desafio. Viemos oferecer nossa ajuda.

Fen olhou em volta, enquanto meia dúzia de cavalos e amazonas se aproximavam, vindos das sombras. Seus olhos percorriam não os rostos, e sim as espadas. Aquele era o tipo de ajuda de que eles precisavam. Os *wulfenkind* teriam uma bela surpresa na próxima vez em que viessem farejar.

– Então, como vai ser? – perguntou Fen.

A Valquíria lhe lançou um olhar divertido.

Laurie pigarreou; Fen fingiu não escutar.

– Vai ser a gente que...

– Sei que precisamos encontrar Odin – interrompeu-a Matt. – Foi isso que as Nornes disseram.

– Não se pode depender das Nornes para estabelecer a ordem dos planos de batalha; elas saltam para a frente e para trás e não vislumbram a trilha correta – explicou Hildar. – Odin ainda não é sua meta; sua prioridade é encontrar os outros descendentes do Norte. Vamos ajudá-los.

Matt exalou.

– Obrigado. Eu estava tentando entender como a gente... – Ele parou e olhou para Fen e Laurie. – Quer dizer, eu já tinha algumas ideias de como achá-los, mas agradeço pela ajuda que vocês, hum, damas podem oferecer.

– É, eu também. – Fen sentiu uma onda de alívio e culpa. Até agora, o plano todo tinha sido correr, se esconder e tropeçar no escuro sem saber aonde ir. Eles tinham escapado dos Saqueadores até o momento, e deveriam continuar fugindo, porque Fen tinha certeza de que, se fossem pegos, Skull entregaria todos eles ao chefe. Fen dissera a Skull que lhes entregaria Thorsen, mas acabou enfrentando os Saqueadores para *ajudá-lo*. Ele não sabia muito bem por que o fizera – além do óbvio fato de que não queria trabalhar para os Saqueadores –, mas meio que decidira no calor do momento. De qualquer maneira, sofreria graves consequências se Skull os alcançasse.

*Precisamos nos distanciar o suficiente para que ele não nos alcance.*

Fen deu um passo à frente.

– Vocês têm cavalos extras, ou a gente vai montar com vocês?

– Não nos cabe levá-los aos descendentes. Vocês precisam achá-los por conta própria – respondeu Hildar.

– Então, você nos dirá onde eles estão? – indagou Matt.

A Valquíria franziu o cenho.

– Não. Nós lhe diremos aonde vocês podem ir para descobrir onde eles estão.

– Aham. – As esperanças que Fen tinha de uma ajuda real estavam desaparecendo rapidamente, mas talvez fosse só o caso de as Valquírias não estarem entendendo direito. – Você poderia deixar isso tudo um pouco menos complicado? A gente está falando do fim do mundo.

O olhar que Hildar lhe lançou fez Fen recuar, mas ela apenas disse:

– Primeiro, vocês precisam passar por um teste.

– Eu não estudei – respondeu Matt.

Fen conteve uma risada, mas Hildar não entendeu a piada, ou não achou que fosse engraçada.

– Não é esse tipo de teste – explicou. – Você precisa vencer uma guerra.

– Eu já entendi isso – disse Matt. – Eu já sou muito bom em brigas. Será que não dá pra gente pular a gincana e fazer isso à moda antiga? Mano a mano. Eu enfrentarei uma desafiante.

As outras Valquírias murmuraram entre si numa língua que Matt não reconheceu, e Hildar balançou a cabeça.

– Você é mesmo um filho de Thor; acha que pode superar qualquer obstáculo com um martelo numa mão e uma caneca de hidromel na outra.

– Acho que não iam me deixar tomar hidromel, mas eu gostaria muito de usar o *verdadeiro* Martelo – comentou Matt, tocando o amuleto.

Todas as Valquírias olharam para ele inexpressivas. Fen sentia-se tão frustrado quanto elas pareciam estar. Tudo bem, Thorsen não sabia quanto Fen arriscara ou que problemas os aguardavam se os Saqueadores os

alcançassem, mas aqui estavam eles com uma oferta de ajuda que estava sendo desperdiçada muito depressa. Ele não queria discutir também, mas Matt era persistente. Fen tinha que lhe dar crédito por isso. Fen estava pronto para dar as costas e ir embora, mas Thorsen obviamente ainda se agarrava à esperança de que as Valquírias poderiam ser convencidas a oferecer ajuda genuína.

Matt suspirou.

– Vamos lá, é uma guerra. A Serpente de Midgard não vai nos deixar resolver a questão com uma partida de Tafl. – Matt fez uma pausa. – A não ser que essa seja uma possibilidade, porque sou muito bom nisso também. E nos pouparia muito aborrecimento. Menos sangue também. Então, o que você acha?

– Acho que você não está levando isso a sério o suficiente – respondeu Hildar.

A Valquíria parecia pensar que Thorsen estava sendo engraçadinho com ela, mas ela já dissera que não seria uma luta. Então, fazia sentido procurar outros tipos de desafios. Fen não achou que ganharia pontos com elas se indicasse isso, então ficou calado e esperou.

– O destino do mundo está em suas mãos – afirmou uma das outras Valquírias.

Laurie deu um passo à frente, atraindo todos os olhares para si.

– Então nos *ajude*.

Fen sentiu um clarão de preocupação e se aproximou discretamente. Era a Laurie que ele era leal, e sempre seria. Hildar viu o movimento e sorriu.

– Vocês são descendentes dos deuses – disse a Valquíria, quase bondosa. – Eles morreram, e agora cabe a vocês desempenhar seus papéis na grande luta. O Ragnarök se aproxima. Esse é seu dever. Não podemos assumi-lo por vocês.

– Eu não escolhi participar dessa tarefa. Nenhum de nós escolheu – retrucou Fen. Era como se o mundo tivesse girado mil anos para o passado, e agora eles eram crescidos o bastante para sair de casa e se casar, para lutar, para morrer. Pediam que eles arriscassem suas vidas porque em algum lugar, há muito tempo, seus parentes eram deuses. Pior ainda, aqueles deuses tinham morrido e deixado a bagunça para eles arrumarem.

– Não escolheram? – perguntou Hildar.

Fen tentou imaginar quanto ela sabia. Ele *tinha* feito uma escolha. Quando os Saqueadores foram atrás de Thorsen, Fen tinha escolhido. Quando eles ficaram no navio e Fen escutou Thorsen falar do Ragnarök, assim como Skull lhe contara, Fen tinha escolhido. Ele optou ficar do lado dos deuses, o lado que a profecia dizia que perderia. Uma parte dele queria ser melhor que o deus que fora seu antepassado remoto, ser um herói, em vez de um encenqueiro, e, talvez, ao fazê-lo, evitar que os monstros ganhassem. Ser *wulfenkind* não tornava Skull um monstro, o mesmo valia para as outras pessoas, mas querer destruir o mundo, sim.

– E o que nós devemos fazer? – perguntou Matt.

– Nós preferiríamos se vocês vencessem – explicou Hildar, sem responder à questão mais prática que Fen suspeitava que Matt fizera. A Valquíria continuou: – Se vocês querem vencer, precisam estar prontos. Não podem apenas esperar que as coisas lhes sejam entregues de bandeja. Precisam encontrar os outros. Na hora certa, precisam encontrar Odin. Precisam pegar Mjöltnir, uma pena de cada um dos corvos de Odin e o escudo. Esses artefatos vão ajudá-los a enfrentar a serpente.

– Mjöltnir? Você quer dizer... o Mjöltnir? O Martelo de Thor? – Matt parecia que acabara de ganhar um grande prêmio, o que, Fen concluiu, fora o que Hildar fizera. O martelo de um deus seria bem útil numa luta contra

monstros. Era uma pena que ninguém lhe oferecesse uma superarma também.

Depois de mais um daqueles olhares que faziam Fen desconfiar de que Hildar sabia mais do que ele gostaria, ela voltou a olhar para Matt, e seus lábios esboçaram um leve sorriso.

– Não era isso que você queria, filho de Thor?

– Eu estava brincando – respondeu Matt, com uma voz meio chocada. Ele respirou fundo. – Então, Mjöltnir, penas e um escudo. E os outros garotos. E Odin.

– Mas você vai dar uma pista pra gente, não vai? – indagou Fen. – Foi isso que você disse que faria: ajudar.

Hildar fez que sim com a cabeça.

– De fato. – Em seguida, ela olhou para cada um deles e disse: – Procurem os gêmeos primeiro. Para encontrá-los, vocês devem ver os presidentes. Seus rostos têm a resposta.

Então, ela ergueu a mão, e todas as Valquírias se viraram de costas.

As amazonas montaram nos cavalos. Num instante, os cascos trovejaram; elas e os animais se tornaram borrões e, por fim, sumiram.

– Sério? – exclamou Fen, girando para encarar Laurie e Matt. – Sério? Respostas nos rostos dos presidentes? Que droga de charada é essa?

– Não é uma charada – respondeu Laurie, calmamente. – É o monte Rushmore, aquele onde esculpiram os rostos de quatro presidentes.

– Sim! – Matt já parecia calmo de novo, e Fen desejou por um instante ser tão autoconfiante. Nem precisava ser sempre, pelo menos de vez em quando.

– Elas querem dizer que vamos encontrar a resposta no monte Rushmore – continuou Matt. – Só pode ser isso. Alguma coisa lá vai nos levar aos gêmeos.

– Que gêmeos? – A expressão de Laurie era de nervosismo. – Desculpa. Minha mãe era contra a história de Blackwell porque meu pai gosta demais desse assunto. Nunca achei que seria importante.

Fen sentiu uma pontada de culpa. Não tivera opção quanto a guardar tantos segredos, mas também nunca tentou convencer a prima a prestar mais atenção aos mitos, mesmo sabendo que ela poderia se tornar um lobo como ele. Agora, Laurie estava metida numa situação perigosa com muito menos informação do que precisaria.

*Tio Stig vai me matar... a não ser que os Saqueadores me matem primeiro.*

Enquanto Fen se estressava com isso, Matt parecia perfeitamente calmo agora que Laurie fizera uma pergunta que ele poderia responder. Ele iniciou uma explicação dos mitos:

– Os gêmeos são Frey e Freya. Nas velhas histórias, Freya é a deusa do amor e da beleza, e Frey é o deus do clima e da fertilidade. Precisamos encontrar os descendentes deles, que, aparentemente, também são gêmeos. – Matt fez uma pausa. – Dois por um. Assim é mais fácil.

Fen fez uma cara feia para Matt.

– Não acho que nada nessa missão será fácil.

– E foi isso que ele quis dizer – murmurou Laurie.

– Certo, então – disse Matt. – Acho que vamos visitar os presidentes.



Blackwell não ficava muito longe do monte Rushmore, mas era uma caminhada longa o bastante para que Fen desejasse poder se transformar em lobo e correr. Mas não queria deixar a prima para trás. Prometera ao tio Stig que ficaria de olho nela, especialmente perto de garotos. Só de pensar em contar à família que ele a deixara sozinha com um Thorsen o estômago de Fen começava a se retorcer. Ele deu uma olhada em Matt e Laurie



conversando animados enquanto caminhavam em direção ao monte Rushmore. Parecia só amizade, o que já bastava para irritar a família.

*Eles poriam a culpa em mim.*

Fen se engajara nessa história de “deter o fim do mundo”, e esperava que a família estivesse também. Eram quase todos lobos solitários ou pagadores. Isso queria dizer que o pai dele e o tio Stig não apoiariam o plano maluco de “deixar o mundo acabar”, certo? Fen não tinha certeza quanto a alguns parentes. O que ele realmente sabia, porém, era que os Saqueadores certamente não perdoariam nenhum dos *wulfenkind* pela decisão de se juntar a um Thorsen.

*E o Thorsen não vai me perdoar se souber que eu deveria capturá-lo e entregá-lo a eles.*

A família inteira ficaria furiosa se descobrisse que Fen estava atravessando o estado com um Thorsen. Mesmo que nem todos gostassem dos Saqueadores, os *wulfenkind* simplesmente não ajudavam os Thorsen. Era assim que as coisas funcionavam, como sempre tinham sido. Todavia, Matt não parecia ser como a maioria dos Thorsen. Eles tinham lutado lado a lado contra os Saqueadores e encarado as mulheres guerreiras. Nas duas vezes, Matt pareceu mais preocupado em vencer do que em se exhibir. Isso lembrava Fen de como as matilhas e as famílias deveriam ser. Não era o que Fen esperava de um descendente de Thor. Surpreendentemente, Matt parecia ser um cara legal. Fen não diria isso a ele, mas não queria que Matt ou Laurie soubessem que ele pensara em ajudar os Saqueadores a capturar Matt. O garoto o odiaria, e Laurie também ficaria brava.

Fen não queria entregar Matt a eles e estivera pensando numa solução. Unir-se ao inimigo contra seu próprio povo não fora a resposta que Fen quisera escolher, mas parecia uma boa ideia naquele momento. Ainda assim, se Laurie e Matt descobrissem que Fen dera o escudo aos lobos, e que

deveria ter entregado Thorsen aos Saqueadores, eles não compreenderiam. Fen tinha certeza.

*Por isso, eles não podem descobrir.*

Fen sabia como guardar um segredo. Vinha lidando com o fato de ser um descendente de Loki havia tempos, com a transformação em lobo pelo último ano, com o pagamento da dívida aos Saqueadores, guardando esses segredos de Laurie e torcendo, ao mesmo tempo, que ela fosse e não fosse um lobo como ele.

– Você ainda está aí? – perguntou Laurie, olhando para trás e para ele.

– Claro. – Fen pensou em lhe contar a verdade, ou pelo menos parte dela, mas Matt os observava, e Fen não queria que ele soubesse. Teria apenas que continuar de olhos abertos em busca dos Saqueadores e cuidar dos problemas caso eles aparecessem. O que ele poderia dizer era:

– Eu sei onde o escudo está.

– O escudo que as Valquírias disseram que a gente teria que encontrar?

Um carro passou, tocando música alta, e Fen quase rosnou por ele ter passado tão perto da prima. Avançou para andar ao lado dela, e a garota começou a caminhar no cascalho do acostamento. Fen assentiu com a cabeça.

– Está com os Saqueadores. É aquele que eu estava tentando pegar.

– Por que você não me contou que era por isso que estava tentando roubá-lo? – perguntou Matt.

Laurie abraçou o primo.

– Você poderia pelo menos ter *me* contado que estava tentando mantê-lo fora das mãos deles.

Fen sentiu uma onda de gratidão: o fato de os dois terem entendido errado a participação dele no roubo do escudo era o álibi perfeito.

– Eu não queria que você soubesse nada sobre os Saqueadores – respondeu Fen à prima. Essa parte era verdade. A parte em que ele estava tentando *proteger* o escudo dos Saqueadores, em vez de ter roubado o artefato e entregado a eles, é que não era, é claro.

Fen olhou de Matt para Laurie e acrescentou:

– Não sei como vamos pegar o escudo de volta com eles, mas pelo menos sei onde está.

– E a gente sabe que Odin falou que vamos conversar de novo, e até eu sei que as histórias dizem que Odin tudo vê. Acho que ele vai poder nos dar as penas dos corvos. – Laurie riu. – É esquisita a facilidade com que a gente acredita que isso tudo seja verdade, né?

– Não sei – desconversou Fen. – Eu sempre soube de uma parte. E Thorsen provavelmente também sabia.

Matt fez que sim com a cabeça.

– Bem, eu nunca soube, mas mesmo assim acredito que a gente vai conseguir salvar o mundo – retrucou Laurie. Ela fitou os presidentes gigantes ao longe e sorriu.

Depois de lançar um sorriso amistoso a Laurie, que fez Fen querer rosnar, protetor, Matt falou:

– Vamos lá encontrar nossa pista.

Fen balançou a cabeça. Eles mal sobreviveram a uma luta com os Saqueadores, e não esperava que um tornado fosse salvá-los da próxima vez. Fen conhecia os Saqueadores, sabia como patrulhavam os acampamentos e que, depois da reação de Hattie e Skull ao escudo, ele estaria bem guardado. Não poderia contar nada disso a Laurie e Matt sem admitir que conhecia os Saqueadores muito bem. Pensaria num jeito de resolver o problema do escudo mais tarde. Por ora, calou-se e seguiu Laurie e Matt pela entrada de visitantes do monte Rushmore.

Os três passaram pelas altas colunas cinzentas. De um lado, havia um muro com nomes gravados; do outro, uma estátua do criador do monumento.

Havia mais colunas de pedra, com bandeiras dos estados americanos no topo, e, no fim, um grande espaço aberto de onde as pessoas admiravam os rostos dos presidentes. Fen não se interessava muito pelas coisas da escola, mas já estivera ali numa excursão de classe e se impressionara com o tamanho daquelas esculturas. Era o tipo de entalhes gigantes que indicava que explosões e ferramentas elétricas monstruosas seriam necessárias. Muito mais legal do que ficar sentado com um pedacinho de argila, tentando fazer uma estatueta – o que eles tinham que fazer na aula de artes. Fen sorriu com a ideia de usar explosivos na aula de artes. *Isso* seria legal.

Os três ficaram parados com as outras pessoas, todos encarando Washington, Jefferson, Teddy Roosevelt e Lincoln. Fen pensou que um deles poderia ter uma câmera, para que se misturassem aos grupos, mas ninguém olhava para o trio como se estivessem fazendo algo de errado. E eles não estavam... ainda.

Ficaram esperando até que pudessem chegar mais perto dos rostos, onde a Valquíria disse que a pista estaria, então mataram tempo até o parque fechar, assistindo ao filme no centro de visitantes ou comendo alguma coisa, gastando o dinheiro que tinham trazido. Ninguém perguntou onde Fen tinha conseguido o dele, e ele não contou que o havia pegado de Kris. Laurie tinha o dela e algumas joias que poderia vender, se necessário. Matt sacara mais algum no caixa eletrônico, além daquele que o pai tinha lhe dado.

– A gente se esconde e espera – disse Matt.

Os três se esgueiraram mata adentro e esperaram por algumas horas. Essa parte da missão não foi nada empolgante. Fen ficava muito menos

constrangido lutando contra Saqueadores do que sentado em silêncio. De modo geral, não conseguia ficar parado, e, pelo que parecia, Matt também não. Ele se remexia quase tanto quanto Laurie e Fen. Os dois trocaram um aceno de cabeça quase amistoso.

Por fim, as esculturas foram iluminadas, e as pessoas começaram a ir embora. Mas o guarda não. Então, os três continuaram esperando.

Infelizmente, a parte da espera era muito mais difícil do que se esconder. Havia vários esconderijos bons no bosque; no entanto, aquele guarda não vigiava só a área dos visitantes, mas o monumento também. Além disso, havia câmeras apontadas para o monumento e para a área ao redor.

Mais cedo naquele dia, Fen ouvira alguém comentar que um protesto ecológico realizado havia alguns anos resultara em segurança reforçada. Ele era totalmente a favor da proteção do meio ambiente, ainda mais considerando que às vezes ele era um lobo, mas desejava que a manifestação tivesse acontecido em outro lugar. A segurança tornava o plano deles uma tarefa quase impossível. Não havia como escalar com um guarda vigiando e sabe-se lá quantos *outros* guardas observando as imagens que as câmeras transmitiam.

Mais duas horas se passaram, e eles nada conseguiram avançar. O guarda continuou alerta, e as câmeras não eram desligadas. Era ridículo.

– Acho que consigo chegar lá em cima – comentou Fen em voz baixa.

Matt lançou a ele um olhar de alerta.

– Ninguém vai impedir um lobo – continuou, dirigindo-se à prima em seguida: – Queria que você pudesse se transformar também.

Depois, deu as costas aos dois e virou lobo.

Seria tudo tão melhor se ela fosse um lobo também. Fen tinha uma esperança estranhamente infantil de que, se ela se transformasse também, tio Stig levaria os dois consigo. Então, os três poderiam viver juntos como uma

família normal. Laurie não era feliz com a mãe e o irmão, e Fen não era feliz se mudando de lá para cá, e tio Stig com certeza não gostava de ficar sozinho. Mas Laurie ainda não tinha virado lobo, e Fen não sabia se isso aconteceria. Ficou triste, o que lhe deu vontade de uivar.

Laurie já estava agachada, e eles ficaram de frente um para o outro.

– Tome cuidado – sussurrou ela. – Não faça nada idiota demais.

Fen deu uma cabeçada de leve no ombro dela, e logo em seguida partiu. Foi direto até o guarda, que o fitou com o tipo de respeito que ele costumava receber dos indígenas da Dakota do Sul. Os rancheiros geralmente não eram grandes fãs dos lobos, mas os Sioux respeitavam muito mais a natureza, o que incluía os lobos.

O guarda o observou cauteloso, e então olhou em volta como se procurasse abrigo. Fen não gostou de ter dado um susto no homem, então sorriu para ele. Fen sempre esquecia que sorrisos nunca pareciam amistosos na forma de lobo, e o guarda deu um passo para trás. Fen se sentiu um pouco culpado por ter assustado o guarda, mas não tinha intenção alguma de machucá-lo. O lobo manteve a atenção do sujeito em si, torcendo para que Matt e Laurie tivessem aproveitado a chance para se esconder melhor.

Fen saltou sobre a mureta e seguiu na direção do monumento. Sabia que o guarda o observava. Sentir a atenção do homem era bom, quase tanto quanto poder esticar os músculos depois de ter passado horas sentado sem fazer nada. Ele sorriu. Aproximar-se o bastante para ver a pista no rosto dos presidentes seria fácil.



Deixou a seção dos turistas, o guarda já tinha se afastado, e se aproximou da montanha, curtindo a sensação das patas no solo; estava quase lá quando percebeu um movimento com o canto dos olhos. Fen parou e observou. Pedras rolavam das esculturas.

Esperou, dividido entre a cautela natural e a pressa de se aproximar correndo para descobrir a pista antes que um terremoto ou avalanche a escondesse ainda mais. Várias outras pedras caíram. Pareceu que uma enorme parte da face rochosa desabaria. Fen ficou feliz por saber que o guarda estava bem fora de alcance, mas, ao olhar para trás, não conseguiu ver onde Laurie estava.

Se era um terremoto ou uma avalanche, Fen não sabia. O que ele sabia era que, se havia um desastre iminente, ele tinha de estar com Laurie para protegê-la. Deu as costas ao monte e correu de volta até a prima. Pôde ouvir um estrondo atrás de si enquanto acelerava.



## DOZE



## MATT

### “CONDOMÍNIO DE TROLLS”

Quando o nariz de Thomas Jefferson caiu, o primeiro pensamento de Matt foi: avalanche. Ele nunca tinha passado por uma, mas já vira muitas nos filmes. Quando pedaços dos rostos no monte Rushmore começaram a desmoronar, aquela era a única explicação lógica e natural. Então, quando o nariz de George Washington desabou, ele imediatamente pensou *É um terremoto*, seguido imediatamente de *É o Ragnarök*. Mais sinais, como se fossem necessários depois das visitas das Nornes e das Valquírias, de que o mundo estava de fato entrando no *Fimbulwinter*.

A primeira reação, Matt ficou envergonhado em admitir, foi olhar em volta e procurar quem estava cuidando de tudo. Quem estava no controle. Quem lhes mandaria a um lugar seguro. Matt logo percebeu que esse alguém era ele.

Virou-se para avisar Fen e Laurie quando o bigode de Teddy Roosevelt se levantou e se esticou. Por um segundo, Matt apenas olhou fixamente para os rostos, certo de que estava vendo coisas. O calombo cinzento no lábio do vigésimo sexto presidente americano não poderia estar se esticando. Só poderia estar rolando ou coisa assim, se soltando.

Só que não estava caindo. Estava se *esticando*. E a barba de Abraham Lincoln estava pendurada pelo que pareciam ser dois grossos braços

cinzentos. Ela começou a subir e descer, como se fizesse flexões. No queixo de Lincoln.

Eles se aproximaram o mais perto que conseguiram, mas os rostos ainda estavam tão longe que era necessário usar binóculos para vê-los direito. Porém, aqueles calombos realmente *estavam* se movendo, e, quanto mais se moviam, menos pareciam pedaços de pedra. Aquele que tinha sido o bigode de Roosevelt agora estava no lábio do presidente, com longos braços simiescos pendendo. Em seguida, os braços balançaram e o calombo saltou para as pedras abaixo.

– Trolls – sussurrou Matt.

– Certo – concordou Fen. – O monte Rushmore, na verdade, é um imenso condomínio de trolls. Faz todo sentido.

Laurie olhou para Matt.

– Os trolls devem ter a resposta. Foi isso que a Valquíria quis dizer, você não acha?

– Elas não disseram que as respostas estariam escritas nos rostos. Só que as respostas estavam neles. – Matt olhou a figura de pedra atarracada perambulando pelos montes de rochas partidas, e percebeu o que ele precisava fazer.

– Temos que arranjar um troll – anunciou.



Enquanto o trio encontrava um caminho pela encosta florestal, Matt esperava que Fen ou Laurie começassem a discutir. Ele tinha acabado de lhes contar que planejava capturar e interrogar um troll. Fen deveria ter dito que era uma ideia idiota, ou Laurie deveria ter afirmado que era perigoso demais. No mínimo, Fen podia ter comentado “Vai lá, Thorsen” e lhe dado as costas. Mas aqui estava ele, ombro a ombro com Matt, espiando pela floresta

escura, cabeça inclinada para ouvir, narinas abertas para... farejar o ar? Será que Fen era capaz de sentir cheiros como um lobo? Matt pensou em perguntar, mas achou mais seguro ficar com a boca fechada. O fato de eles não estarem mais tentando se espancar não significava que eles eram amigos.



Laurie estava lá também, do outro lado de Fen, observando e ouvindo. A floresta noturna era um lugar assustador em qualquer ocasião: corujas piando, galhos estalando e poças de trevas tão escuras que era preciso andar com os braços estendidos, Tateando o caminho. Acrescente trolls, e o coração de Matt trovejava no ritmo dos passos. Ele tinha certeza de que Laurie deveria estar aterrorizada. Mas não parecia assustada. Só cautelosa, como os outros dois. Talvez não acreditasse em trolls. Talvez ela só estivesse fazendo a vontade dele, talvez os dois só estivessem satisfazendo sua vontade. Fingiam que acreditavam, para rir dele quando os trolls acabassem sendo simples pilhas de rochas.

Quase tão embaraçoso era o fato de Matt torcer para *estar* errado. Caso contrário, teria de levar o plano adiante e capturar o troll de verdade, e não tinha a menor ideia de como faria isso.

Desta vez, foi Matt quem ouviu um barulho primeiro. Estendeu o braço para deter Fen, que se virou para ele, rosnando. Matt ergueu a mão para pedir silêncio.

À esquerda deles, um graveto estalou. Matt apontou.

Fen revirou os olhos.

– Estamos procurando uma pilha ambulante de rochas – sussurrou ele. – Ela vai fazer mais barulho que isso.

De fato, se um troll estivesse na floresta, todos o ouviriam, atropelando os arbustos e as plantas como uma avalanche que rola morro abaixo. Talvez fosse o guarda? Mas não havia trilha ali, e eles não tinham visto nenhum sinal de guardas desde que entraram na floresta. Matt supôs que, se os trolls ganhassem vida à noite, eles tomariam cuidado de fazê-lo quando os guardas não estivessem olhando.

Matt sentiu o amuleto esquentar. Não ficou incandescente como acontecia antes de um clarão do martelo, mas estava ficando mais quente.

Ele o tocou com os dedos frios.

– Tem um troll vindo – afirmou, antes mesmo que pudesse pensar na frase.

– O quê? – Fen apontou o amuleto. – Agora isso é um detector de monstros?

– Gigantes – sussurrou Laurie. – Você deve ter prestado menos atenção na aula do que eu. Trolls são um tipo de gigante, e Thor era conhecido como o matador de gigantes.

– Certo. – Fen mediu Matt com o olhar. – Vamos esperar que sejam gigantes bem *pequenos*.

Matt puxou a camiseta que estava vestindo. Era de Fen, Laurie tinha obrigado o primo a pegar algumas roupas extras para Matt. A camiseta ficava subindo acima do jeans de Matt, e era justa no peitoral e nos bíceps. Quando apareceu com aquela roupa, Laurie deu uma risadinha, o que fez Fen ficar de cara feia e comentar que era uma roupa velha que ficara pequena nele e que a prima não deveria esperar que ele emprestasse as roupas boas. Matt não respondeu à provocação de Fen. Simplesmente puxou a camiseta para baixo. Fen voltou a ficar irritado, e abriu a boca para falar logo, mas foi interrompido pela prima:

– Eu vou ter que separar vocês dois? – murmurou ela.

Laurie passava entre os dois quando o chão tremeu sob os pés de Matt, que ficou tenso e olhou em volta.

– O que foi agora? – perguntou Fen.

– Você não sentiu isso?

Matt não esperou por uma resposta. Caiu de joelhos e pressionou as mãos contra o solo, que vibrava. Assim como o amuleto. Fechou os olhos, com uma das mãos no amuleto, e outra no solo. Fen deu uma risadinha e comentou alguma coisa sobre um “encantador de trolls”, mas Laurie fez

“shh” para ele. Fen tinha razão; porém, ele estava sendo ridículo. *Era* ridículo. Matt soltou o amuleto, abriu os olhos e começou a se levantar, mas Laurie se agachou diante dele.

– O que você está sentindo? – perguntou ela.

Matt balançou a cabeça.

– Nada. Eu só pensei...

– Tente de novo – pediu Laurie.

Matt fez uma pausa. *Fen nunca vai segui-lo se achar que você é um idiota.*

– Tente de novo – repetiu ela, com mais firmeza desta vez. Laurie olhou nos olhos dele. – Somos descendentes dos deuses, então todos nós temos algum tipo de poder divino, certo? Só precisamos descobrir como eles funcionam.

– Pode não ser...

– Mas pode ser. Se você estiver errado, ninguém vai rir. – Laurie lançou um olhar de aviso a Fen.

*Eles me seguiram até agora, não seguiram? Não me conhecem bem o bastante para perceber que eu não sei o que eu estou fazendo. Eu posso me preocupar com a possibilidade de eles descobrirem que eu sou uma fraude, ou posso tentar provar que não sou. Tentar ser alguma coisa diferente, alguém diferente.*

Matt fechou os olhos e estendeu os dedos contra o solo. As vibrações estavam ficando mais fortes agora, e mesmo que eles não pudessem ouvir nem mesmo outro graveto estalando, o que não faria sentido se um troll estivesse por perto, ele *sabia* que a criatura estava ali perto. Podia senti-la caminhando na terra.

– Para que lado? – sussurrou Laurie.

Ele hesitou por um momento, mas se deteve e apontou. Logo depois, outro estalo soou, tão perto que todos eles ouviram.

– Certo – sussurrou Matt enquanto se levantava. – Eles são grandes, então precisamos ter certeza de que é só um deles. Se esse cara tiver amigos, a gente vai ter que procurar outro troll.

Fen contraiu os lábios, e Matt percebeu que ele não gostou de fugir de uma luta em busca de outra briga mais fácil. Talvez até achasse que Matt estava sendo covarde.

*Será que sou covarde? Não. Isso só pode fazer parte da liderança. Saber quando alguma coisa é arriscada demais.*

Pelo menos Laurie parecia concordar, pois assentiu com a cabeça e acenou para que Matt indicasse o caminho.

– Você fica aqui – disse Matt. – Fen e eu...

– Pare – interrompeu-o Laurie.

– Eu só estou sugerindo...

– Sugestão recebida. E rejeitada. Eu vou com vocês, e quanto mais você fizer isso, Thorsen, mais irritada eu vou ficar. – Ela olhou para Fen. – E o mesmo vale para você.

– Mas você é... – começou Matt.

– Não ouse dizer “uma garota”. – Laurie grunhiu e depois acenou para a escuridão. – Vá.

Matt hesitou e olhou para Fen, que simplesmente encolheu os ombros.

No que Matt continuou parado, Laurie lhe deu um empurrão e murmurou:

– Sabe do que você precisa, Thorsen? Uma irmã. – Ela lhe deu outro empurrão, mais forte dessa vez, e eles seguiram para a parte mais funda da floresta.





Matt se agachou atrás de um toco de pinheiro e espiou o troll. Se ele não soubesse o que era, pensaria se tratar de uma grande pilha de rochas. O troll estava abaixado ao lado de um riacho, olhando para algo que tinha nas mãos. Ele virou o objeto, resmungando, com um som parecido ao de pedras se entrechocando. Em seguida, estendeu um longo braço no riacho e colheu um punhado de rochas e sedimentos. Balançou a mão sobre a água para deixá-los caírem. Por fim, cerrou o punho, o mergulhou na água e o balançou.

Ele estava garimpando ouro. Ou algum tipo de tesouro. Talvez até meras pedras brilhantes. As velhas histórias contavam que trolls adoravam qualquer coisa brilhante. Matt não se importava muito com o que ele estava fazendo; o monstro estava ocupado demais olhando a própria mão. O troll em si não era um gigante de verdade; agachado, tinha a altura de Matt. A mão, porém, era enorme. Maior que a cabeça dele, com garras longas como facas de carne e provavelmente tão afiadas quanto.

O troll abriu a mãozona e cutucou as pedras na palma. Seus grunhidos ficaram mais altos quando não encontrou nada de interessante.

– E se a gente não conseguir se comunicar com ele? – sussurrou Laurie, aproximando-se por trás. Matt olhou para ela. – Aquilo não parece uma voz de verdade – continuou a garota. – Ele está só fazendo barulhos. Se a gente não puder falar com ele, como vamos descobrir...

O troll virou a cabeça na direção deles, e Laurie parou de falar. No que o troll espiou, Matt deu sua primeira boa olhada na criatura. Tinha uma cabeça cinzenta, disforme e careca com olhinhos fundos e um nariz que se curvava sobre uma boca sem lábios. O nariz se remexeu, como se o troll farejasse o ar. Então, a boca se abriu, revelando fileiras de dentes afiados.

O troll se endireitou, ficando na sua estatura máxima. Agora ele faria Matt parecer um anão. Pelo menos dois metros e meio de altura e metade

disso de largura, sobre pernas atarracadas e com longos braços pendendo, arrastando as garras no chão. Ele ficou olhando na direção deles, parado ali, balançando a cabeça e farejando. E, então, investiu.

Não houve aviso. Num minuto ele estava lá parado, e no outro corria na direção deles tão rápida e silenciosamente que, por um segundo, Matt achou que estava vendo coisas. Laurie segurou o braço dele e Fen gritou:

– Corram!

Matt saltou detrás do toco, libertando-se das mãos de Laurie, e correu direto para o troll. Não havia escolha. O monstro vinha rápido demais para que eles escapassem. Matt correu na direção dele, gritando.

O troll derrapou e parou. Seus olhinhos se arregalaram o máximo que podiam, o queixo de pedra escancarado.

Matt continuou correndo. Enquanto o fazia, seus medos e preocupações pareceram ficar para trás. Essa era a parte que ele entendia, a parte que ele sempre entendeu. Era nessa hora que Matt se sentia como um filho de Thor.

Era por isso que ele gostava de boxe e luta livre. Quando estava no ringue, não se sentia um perdedor, um fracassado. A família dele nunca estava lá, assistindo e esperando que ele cometesse um erro. Não se importavam. Quer Matt vencesse ou perdesse, eles não se importavam. Mesmo que isso magoasse um pouco, estranhamente também era bom. Dava uma sensação de liberdade.

Matt investiu contra o troll e não pensou *não consigo fazer isso*. Também não pensou *eu consigo fazer isso*. Ele apenas pensou o que o guiava no ringue: *Vou dar o meu melhor*.

Concentrou-se no Martelo de Thor e imaginou que o estava jogando no troll. Nada aconteceu. Então, Matt continuou correndo. Quando estava bem perto, inclinou-se para a frente, caindo e agarrando o monstro pela perna.

Era uma boa manobra de luta livre, que o técnico Forde ensinara para lidar com oponentes maiores do que ele.

Quanto maior o gigante, maior a queda. Em teoria. Uma teoria que, aparentemente, não se aplicava aos trolls e, quando Matt o agarrou pela perna, o monstro mal tropeçou. Em seguida, ele puxou a perna curta e grossa para trás e chutou, arremessando Matt nos arbustos.

Matt caiu no chão rolando e se levantou num pulo. Girou a tempo de ver o troll investindo, e fez uma finta para o lado. Ouviu um baque e viu uma pedra do tamanho de um punho acertar a nuca do troll. O monstro cambaleou, com a investida interrompida. Enquanto o monstro virava, fungando, Matt viu Fen levantar outra pedra.

– Qual é dessa sua mania de atacar coisas que podem te matar, Thorsen?  
– berrou Fen. – Da próxima vez, não vou mais te salvar.

Matt poderia dizer que não precisara ser salvo. Ainda não, pelo menos. Mas agora o troll estava atacando Fen. Ele avançou contra o monstro. O primeiro impulso foi saltar nas costas dele. Uma rápida olhada para a laje sólida de pedra o fez perceber que não conseguiria se segurar. Mergulhou de novo, desta vez aterrissando no caminho do troll, que se chocou contra ele, seus pés lhe golpeando os flancos como britadeiras gêmeas.

O troll tropeçou. Enquanto ele caía, Matt se levantou de pronto e saltou no monstro. Era como dar um encontrão num penedo. Matt tentava se segurar quando o troll pulou.

Matt rolou, caindo de pé, encarando o monstro.

– E agora? – indagou Fen por detrás do troll. – Ele é uma pilha de pedras, Thorsen, você não pode lutar com isso.

Matt o ignorou e encarou o troll. Eles circularam. O gigante grunhia e resmungava.

O monstro golpeou com um longo braço. Matt conseguiu recuar o bastante para que pegasse de raspão, e foi. Acertou Matt na barriga e o lançou contra uma árvore. Ele desabou, ofegando e sibilando.

Pelo canto dos olhos, Matt viu o troll vindo em sua direção. Saltou e atacou. Só que pareceu mais um “se levantou devagar e cambaleou”. Mesmo assim, Matt saiu do caminho do inimigo no último segundo, prendendo um pé num cipó. Ao cair, viu aquela imensa mão de pedra vindo na direção dele...

– Ei! – uma voz chamou enquanto uma chuva de pedras acertava o troll.  
– Ei, feioso, a gente está aqui!

Era Laurie. O troll girou, e Matt se lançou nas costas do monstro, mas apenas deslizou para fora. Ele viu Laurie erguendo algo que cintilava ao luar. Uma moeda. Ela a jogou. O troll mergulhou atrás do tesouro. Matt agarrou o amuleto numa das mãos e se concentrou em lançar o Martelo. Nada aconteceu.

Por que não estava funcionando? Não funcionava agora, e não tinha funcionado com os Saqueadores. Mas tinha dado certo ao lutar com Fen no navio. Qual era a diferença?

No barco, Fen tinha partido para cima dele, e Matt reagira sem pensar. Reagira com raiva. Essa era a diferença. Matt não sentira raiva dos Saqueadores, e o mesmo acontecia com o troll. Claro, estava assustado, mas também se sentia... bem. De um jeito estranho, mesmo enquanto ofegava, com a barriga doendo, o que lhe corria pelas veias não era raiva. Eram medo e empolgação.

O troll pegou a moeda e foi atrás de Laurie. Matt instintivamente começou a correr, mas se deteve. Fen disparou adiante, gritando e acenando. Matt plantou os pés, e pensou no que aconteceria se o troll alcançasse a garota. Se o troll a machucasse. Se machucasse Fen. Matt ficaria com raiva

*afinal.* Com raiva do troll, e com raiva de si mesmo por tê-los arrastado àquela situação, e se ele não era capaz de lutar com um mero troll, então como poderia esperar...

O calor do amuleto trespassou Matt e agora o garoto correu, lançando a mão para a frente, sentindo a energia passando por ela, e a viu saltar das pontas dos dedos como um dardo de eletricidade.

O raio derrubou o troll no chão. Mandar o monstro voando para o outro lado da clareira teria sido ainda mais satisfatório, mas o bicho realmente caiu. E não se levantou. Ergueu a cabeça e encarou Matt, que tinha a boca escancarada e os olhos piscando, parado ali, com os dedos ainda faiscando, o amuleto brilhando por baixo da camiseta.

– Martelo – disse o troll num trovejar grave. – Você tem Martelo do deus.

– O Martelo de Thor – anunciou Matt, puxando o amuleto, com um brilho azul. – Sou um descendente de Thor, e exijo...

– Quero Martelo. – O troll usou os longos braços para se levantar, como se fosse um gorila. – Leaf quer Martelo.

Ele investiu tão rapidamente que Matt foi pego de surpresa. Desta vez, cambaleou para trás, levando a mão ao amuleto, estendendo os dedos para...

Não fazer nada.

O pânico o dominava, e Matt recuou. Então se deteve.

*Não ceda ao medo. Use-o. Esse troll quer o Martelo. Vai tomar seu amuleto, e aí? Você perderá seu único poder na primeira batalha contra um gigante? Contra um trollzinho? Ah, sim, você foi testado, Matt. E falhou na primeira questão.*

A explosão de energia atingiu o troll. Desta vez, a coisa realmente foi jogada longe, caindo no chão com tanta força que a terra tremeu.

Laurie cambaleou como se seus joelhos tivessem cedido.

Matt avançou até o troll caído.

– Você quer o Martelo? *Aqui está* o Martelo. Se você partir para cima da gente de novo, eu lhe darei uma amostra ainda mais forte. Agora, eu tenho perguntas, e você vai responder, ou você vai *levar* o Martelo.

O troll ficou calado, apenas fitando o amuleto como se estivesse hipnotizado.

– Estamos procurando... – ele lembrou o termo que Hildar usou. – Os descendentes do Norte. Especificamente um par de gêmeos. Dos deuses Frey e Freya. Eles têm mais ou menos a nossa idade. Você sabe onde eles estão?

Mesmo antes de o troll responder, Matt percebeu, pela reação dele, que ele sabia.

Finalmente, o troll disse:

– Leaf sabe. – Em seguida, ele estreitou os olhos. – Leaf pode contar para filho de Thor. Vai contar para filho de Thor. Pelo Martelo. – Ele apontou o amuleto que ainda brilhava. – Dá para Leaf, e Leaf conta.

Matt meteu o amuleto dentro da camiseta de novo.

– O único Martelo que você vai levar é esse que eu lhe dei agora há pouco. Responda à pergunta.

– Não.

Matt lançou o Martelo de novo. Era mais fácil agora: ele estava ficando com raiva; e, quando o troll se negou a responder, ele ficou com mais raiva, o que o fez lançar o Martelo uma segunda vez, quase sem querer. Mas o troll ficou caído ali, absorvendo os golpes e se recusando a falar.

Antes que Matt pudesse tentar de novo, Laurie veio por trás dele e sussurrou:

– Eu tenho uma ideia.

Matt quase recusou, ele podia dar conta, mas a menina deu um passo à frente e anunciou:

– Há um jeito de você ficar com o Martelo de Thor, Leaf.

# TREZE



# LAURIE

## “PRESTIDIGITAÇÃO”

Laurie estava inesperadamente calma ao sorrir para o troll. Deu três passos até ele.

– Você está certo, nós *podemos* fazer um acordo. Podemos negociar com você.

Matt começou a discordar, mas, ao olhar para trás, o rapaz cedeu. Fen estava de novo na forma de lobo, mas o jeito como ele encarou a prima deixou bem claro que ele também não era particularmente a favor da abordagem dela.

– Você dá Martelo do deus – exigiu Leaf.

– Talvez – respondeu ela.

Tanto Matt quanto Fen a tinham seguido. Pelo canto dos olhos, Laurie podia vê-los parados um de cada lado, embora um pouco afastados. Ela deu uma olhada rápida para os dois, esperando que eles não estragassem tudo. A expressão de Fen era impossível de entender, já que ele era um lobo, mas Matt estava definitivamente tenso.

– Precisamos encontrar os dois descendentes do Norte. A Valquíria Hildar mandou a gente até você. Você sabe onde eles estão?

O troll olhou feio para ela com aquele rosto rochoso perturbador.

– Sei.

– E você vai contar onde eles estão se a gente lhe der o Martelo?



– Vou! Quero! – exclamou a grave voz.

Laurie concordou com a cabeça. Ela sentiu uma leve pontada de culpa. Tinha prometido à mãe que não enganaria pessoas como a família do pai fazia – *como os descendentes de Loki faziam* –, mas aquele era um conjunto muito extremo de circunstâncias. O Ragnarök estava chegando. Isso *tinha* que mudar as regras.

Ela se virou para Matt, que tinha erguido a mão para proteger o Martelo.

– Confie em mim – pediu ela.

Cauteloso, Matt tirou a mão.

Laurie parou atrás de Matt e desfez o nó do cordão.

– Fique parado – disse ela em voz alta. Laurie se aproximou de Matt, posicionando-se num ângulo que não deixaria o troll ver seus lábios, e sussurrou: – É só o Martelo, certo? O cordão não importa?

– Certo – respondeu Matt.

– Quê? – grunhiu o troll.

– Eu estava dizendo que ela está certa. Tenho que ficar parado. – Matt conseguiu sorrir. – Viu? Estou parado agora.

A criatura monstruosa franziu o cenho. Ele poderia não saber exatamente o que tinha perdido, mas era óbvio que também não confiaria neles.

Empolgada, Laurie removeu o cordão do pescoço de Matt e o ergueu para que o troll pudesse ver o Martelo pendurado no fio negro. O monstro parou de olhar para Matt e se fixou no Martelo.

– Então, se eu lhe der isso, você conta pra gente?

– Leaf quer.

– Eu sei. – Laurie passou o cordão para a mão direita e deslizou o pingente para fora do fio. Ao sair de trás de Matt, ela colocou o Martelo na

mão dele e, ao mesmo tempo, ergueu a mão esquerda. O cordão negro pedia da mão fechada.

Ela parou diante de Matt.

– Eu vou lhe dar isto. Você precisa se abaixar, para que eu possa amarrá-lo em você. – Laurie balançou a mão que segurava o cordão, fazendo Leaf prestar atenção nele de novo. Com a mão direita, ela colocou a mão no bolso, onde ela guardava os colares que tinha trazido para vender. Com agilidade, soltou um dos pingentes.

– Agora – exigiu Leaf, inclinando-se para a frente.

– Fique bem parado, e eu amarro em você. – Laurie deslizou o pingente, um pequeno unicórnio de prata, prendendo-o no cordão enquanto Leaf olhava para o chão. Ao se aproximar dele, deixou o metal do pingente cintilar brevemente no ângulo de visão dele, e em seguida o escondeu de novo com rapidez.

Laurie espiou o pescoço do monstro, enquanto tentava não respirar. Trolls, ou pelo menos esse, não cheiravam nada bem. Ela conteve a ânsia de vômito.

– Não acho que vai caber no seu pescoço.

– Gêmeos perto – disse o monstro, querendo agradar. – Leaf fez negócio! Laurie inclinou a cabeça e fitou Leaf.

– Acho que posso botar o colar na sua orelha. – Ela afastou os próprios cabelos para trás. – Eu uso joias assim.

O troll concordou com a cabeça e se abaixou de novo. Felizmente, naquela posição, ele não mais soprava o hálito fétido no rosto dela.

Ela pousou a mão na grande e lisa orelha dele e perguntou:

– Onde estão os gêmeos, Leaf?

– Árvore morta – foi a resposta.

– Eles estão numa árvore morta? – repetiu Laurie, cética. – Pessoas não costumam viver em árvores mortas.

Leaf fez um barulho alto e áspero. Bateu no chão com uma das mãos, e uma baba voou da boca dele.

Matt e Fen correram até Laurie, que se afastou do troll, assustada.

– Eu não estava tentando insultar...

– Garota deusa engraçada. Lugar chamado Árvore Morta – rugiu Leaf.

Aquele barulho horrível tinha sido uma *risada*. Laurie balançou a cabeça. Um troll rindo não era uma visão nada engraçada. Ela se aproximou de novo lentamente. Ao fazê-lo, viu que Fen estava bem ao seu lado.

– Deadwood – afirmou Matt. – Eles estão em Deadwood, que quer dizer ‘madeira morta’.

– Leaf diz isso. – O troll se virou para Laurie. – Dá Martelo agora.

– Certo. – Ela passou o cordão em volta de uma enorme verruga na orelha do troll e amarrou um nó. O pequeno unicórnio de prata ficava engraçado na criatura, mas estava pendurado onde o monstro não poderia ver que não era realmente o Martelo, e era esse o objetivo. Eles conseguiram a informação, Matt tinha o Martelo, e o troll tinha um brinco.

O monstro se endireitou. Sorriu, expondo dentes que precisavam seriamente de uma escovada e de muito fio dental, talvez até mesmo um jato de areia daqueles de limpar muros. A higiene bucal não parecia ser uma prioridade para os trolls. Depois dessa visão, Laurie pensou que deveria comprar uma escova para o primo, que certamente não tinha trazido uma.

Cuidadosamente, ela voltou até Matt. Fen andava bem ao lado dela. O primo lupino mantinha os olhos no troll, que os fitava sem dizer nada.

– Laurie – chamou Matt baixinho. Ele estava olhando para além dela, e ela deu uma espiada por sobre o ombro, para a mata quase iluminada. A

manhã estava chegando, felizmente, e eles tinham o que precisavam. Laurie não viu nada além de árvores, e só lhes restava ir embora.

– O quê?

Fen rosnou, com pelo eriçado.

– Família vem. – O troll sorria. – Mostra pra família Martelo do deus.

– Droga – murmurou Laurie. Mais quatro trolls estavam vindo. Dois deles eram maiores que Leaf.

– Corram – urgiu Matt assim que Leaf se virou para ver a família.

– Martelo do deus na orelha – Laurie ouviu Leaf dizer.

E ela tentou correr mais rápido. Matt ia na frente, e Fen estava logo atrás. O trio corria o mais rápido que podia, mas os trolls ainda assim seriam capazes de alcançá-los em minutos. Os monstros não tinham raciocínio rápido, mas certamente conseguiam se *mover* com velocidade.

Laurie ouviu a bizarra risada dos trolls, e o chão tremeu quando eles começaram a correr atrás deles.

Estavam quase no limite da mata. *Talvez eles não possam deixar a floresta.* Laurie torceu para que esse fosse o caso. *Por favor, faça com que eles sejam incapazes de nos seguir.*

Freneticamente, ela procurou um lugar para se esconder, como se existisse um lugar seguro o bastante à prova de trolls. Laurie não viu nada que prestasse. Matt subitamente agarrou seu braço e a puxou para a frente.

Antes que Laurie pudesse lhe perguntar o motivo, ouviu um rosnado profundo. *Fen.* Ela se virou a tempo de ver o idiota do primo parado com as patas firmemente plantadas, rosnando para os cinco trolls.

Matt a empurrou para trás de si e gritou:

– Corra!

O troll na frente quase alcançara Fen quando Matt usou o Martelo e fez o monstro voar para trás. Ele lançou outro e mais outro trovão de energia,

enquanto Fen dardejava para fora do alcance das criaturas, tentando mantê-los ocupados demais para perseguir Laurie.

– *Corra!* – gritou Matt de novo.

Laurie queria fugir, mas não conseguia abandoná-los. Olhou em volta, procurando desesperadamente algo que pudesse servir de arma. O que havia de mais próximo eram uma lata de lixo e algumas pedras. Ela correu até a lata e tentou arrancá-la do chão.

Então, ela ouviu um ganido agudo.

– Fen! – Ela girou e viu Fen sendo erguido no ar. – Não! – gritou ela. – Matt! *Socorro!*

Uma imensa mão de troll com garras afiadas segurava a garganta de Fen. Ele pendia frouxo da pata do troll.

– Faça alguma coisa! – gritou ela a Matt. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto, e ela começou a correr na direção dos trolls.

– Espere. – Matt segurou o braço de Laurie quando ela passou por ele. – Observe.

Com o nascer do sol, os trolls viraram pedra. Pareciam imensas esculturas com pilhas de pedras. Se Laurie não tivesse visto os monstros em movimento, poderia ter pensado que eram só rochas com formas estranhas – bem, sem contar o lobo pendurado no que era basicamente uma força de pedra.

Laurie correu até o primo. Fen não se mexia, mas o focinho estava bem aberto, como se o lobo lutasse para respirar. Os olhos fechados fizeram Laurie achar por um segundo que o primo estava morto.



– Ele ainda está respirando – apontou Matt, ao lado de Laurie.

– Não por muito tempo. Ele vai sufocar. – Em seguida, Laurie se virou para Matt. – Arrebenta.

– Arrebenta? – repetiu o rapaz.

– Quebra a pedra com o seu lance de energia, ou Fen vai morrer. – Laurie detestava a ideia de quebrar a mão do troll, apesar de ele ter perseguido os três, e provavelmente os teria matado, mas ela odiava ainda mais a ideia de Fen morrer.

Matt franziu o cenho. Obviamente também não conseguiu ver outra solução. A mão de pedra precisava ser destruída para salvar Fen. A única outra opção seria esperar até o anoitecer, quando o monstro acordaria de novo – para então terminar de sufocar Fen, de qualquer maneira.

O pulso de energia rompeu a pedra ao redor da garganta de Fen, que caiu no chão com um baque horrível. Ele ficou imóvel.

Laurie puxou o lobo para o colo.

– Fen! Fen, acorde!

Enquanto chamava o primo, Laurie acariciava-lhe o rosto como se fosse um cachorro. *O que você faz quando seu primo lobo é esganado por um troll que faz parte de um monte?* Ninguém ensinava esse tipo de coisa nas aulas de saúde e primeiros socorros.

– Eu posso carregá-lo e... – Matt parou de falar quando Fen mudou de lobo para menino.

Exausto, Fen piscou para Laurie.

– A gente venceu ou morreu?

Laurie deu tapinhas na cabeça dele como se Fen ainda fosse um lobo.

– Venceu.

– Ah, ótimo – murmurou Fen. Ele então rolou para o lado e adormeceu.

Depois que Matt carregou Fen até a mata para ele dormir, Laurie e Matt se revezaram em cochilos. Eles sabiam que Fen estava bem. Ele acordou algumas vezes, fazia uma pergunta e logo dormia de novo. Laurie lamentou que eles não estivessem com a barraca e os sacos de dormir, mas o trio tinha escondido o equipamento perto do estacionamento do monte Rushmore, pois acharam que entrar na área do monumento com apetrechos de acampamento chamaria atenção indesejada. Então, agora só tinham o chão frio como cama e as mochilas como travesseiros.

Num dos seus breves momentos acordado, Fen contou que alternar entre lobo e humano dava muita fome, e que ele estava simplesmente exausto e se curando dos ferimentos. Laurie estava encostada numa árvore. Fen aproximou-se dela e deitou a cabeça em seu colo. Era menos frio com o primo assim, mas ela não conseguia se mover.

Quando Matt acordou, ofereceu o casaco a Laurie, que o vestiu e, com a ajuda dele, mudou de lugar para não ser mais o travesseiro de Fen. Então, ela se deitou ao lado do primo para uma curta soneca.

À tarde, durante um dos turnos de Matt, Fen acordou, e juntos acordaram Laurie. O primo parecia bem, mas ainda cansado.

Os dois contaram a Fen o que tinha acontecido, e em seguida os três saíram para comprar alguma coisa para comer e descobrir como chegar a Deadwood. Quando terminavam a refeição, Fen inclinou a cabeça para um grupo de adolescentes, que embarcava em dois ônibus em cujas laterais estavam escritas as palavras DEADWOOD TOURS. Uma mulher com uma prancheta estava junto à porta do ônibus, marcando nomes de uma lista enquanto as crianças subiam.

– A gente podia ir com eles – sugeriu Fen. Agora que tinha comido, estava bem mais alerta.

– Eles *estão* indo para Deadwood – comentou Laurie.



Matt não falou nada por um momento. Olhou para a multidão e então se levantou.

– Melhor que ir andando ou tentar uma carona.

– Excelente. – Fen sorriu.

Todo mundo do lado paterno da família tinha o incrível dom da persuasão. Fazia sentido agora que ela sabia que era parente de Loki, mas ainda a deixava desconfortável, mesmo que eles tivessem de usar essas habilidades para entrar no ônibus sem serem notados. Fen obviamente era muito parecido com o ancestral deles: tinha aquele ar de “tem encrenca vindo aí” que sempre preocupava Laurie, mas, depois de ter visto o primo quase ser morto por trolls, ela não teve coragem de dizer nada. Talvez um pouco das habilidades dos Brekke fosse justificado depois da quase morte por trolls.

Fen olhou para ela e percebeu a expressão em seu rosto.

– Você consegue – disse ele, baixinho. Depois olhou para Matt e falou: – Quando a gente distrair a mulher, você entra no ônibus como se fosse parte do grupo. Vai lá pro fundo. De cabeça baixa.

Matt fez que sim com a cabeça.

Fen falou bem baixinho para Laurie:

– Você é uma Brekke. Está no nosso sangue.

– Certo. – Ela respirou fundo. – Eu consigo.

Quando os três se aproximaram do ônibus, Fen começou a cutucar Laurie e a dizer em voz alta:

– Eu vou na janela.

– Você veio quando viemos. – Laurie o empurrou. – Seu mala.

– Mala é você. – Fen mostrou os dentes para Laurie, tão lupino que ela se surpreendeu por nunca ter notado.

– Já chega. – A mulher com a prancheta fez cara feia para os dois. – Cadê os seus crachás?

– Ele perdeu – reclamou Laurie. – Eu falei pra ele tomar cuidado, mas...

– Você me falou depois que eu perdi. Que raio de ajuda é essa? – Fen olhou para a mulher. – Não quero voltar do lado dela.

Matt entrou no ônibus.

– Bem, acho que vou me sentar no outro ônibus então. – Laurie empurrou o ombro dele, e se virou para ir embora.

– Entre no ônibus. – A mulher suspirou, cansada.

Fen cruzou os braços.

– Ótimo. *Você* vai neste, e eu vou...

– *Vocês dois*, entrem no ônibus. – A mulher olhou a fila de garotos e garotas esperando. – Agora.

Eles foram para o fundo, onde Matt estava sentado. Ele acenou com a cabeça, mas não disse nada. Laurie não era tão experiente nisso quanto Fen, mas era *uma Brekke*. Ela entendia instintivamente que o trio tinha usado uma distração para entrar no ônibus, mas agora precisariam evitar atenção para *continuar* ali.

Os dois se sentaram de frente para Matt.

Alguns garotos e garotas olharam para eles, mas não era uma excursão escolar. *Felizmente*. Misturar-se num grupo de escola seria muito mais difícil, pois todos os alunos se conheciam. Esse grupo devia ser de um centro comunitário, uma igreja ou um grupo de jovens.

Uma garota se sentou ao lado de Matt.

– Quem é você?

– Matt – respondeu ele.

Ao lado de Laurie, Fen sufocou um suspiro. Os dois trocaram um olhar preocupado. Matt não estava acostumado com trapaças. Mesmo que Laurie

tentasse não usá-las, ela conhecia a Regra Básica da Trapaça: nunca use seu nome verdadeiro. Laurie abriu a boca para intervir antes que Matt dissesse alguma coisa louca, como *Somos fugitivos de Blackwell*.

Mas, antes que ela pudesse falar, ouviu Matt:

– A gente não se conheceu há pouco?

Fen olhou para a prima e ergueu as duas sobrancelhas em surpresa. Matt estava dando novo sentido àquela coisa toda de “aja como se fosse parte do grupo”. No banco atrás dele, os dois podiam ouvir Matt e a garota batendo papo sobre o monumento. Não era uma estratégia que Laurie teria usado, mas parecia estar funcionando. Os garotos no banco à frente de Matt conversavam também.

– Talvez Laurie saiba – comentou Matt, subitamente trazendo-a à conversa.

– Sei o quê?

– Quanto tempo falta até Deadwood? – perguntou a garota ao lado de Matt. Ela estava sorrindo, mas Laurie não achou que fosse um sorriso particularmente amistoso.

– Hum, não sei. Talvez uma hora? – Laurie fazia alguma ideia, baseada em excursões anteriores, mas não era o tipo de coisa a que ela prestava muita atenção.

– Qual é a sua escola? – perguntou a garota. – Acho que nunca vi nenhum de vocês antes.

– A gente estava no outro ônibus – retrucou Fen. Ele reclinou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos antes de acrescentar: – Dá para vocês não falarem? Estou com dor de cabeça.

– Desculpa, eu esqueci. – Laurie agradeceu em silêncio pelo mau humor de Fen, mas olhou para a garota e balbuciou um pedido de desculpas.

– Beleza – respondeu ela.

Matt assentiu com a cabeça.

Depois que os vizinhos do banco da frente se viraram de volta, Fen se aproximou de Laurie e sussurrou:

– Sabia que você conseguiria.

Laurie tentou não ficar empolgada com o sucesso que eles tiveram até então. Havia uma enorme lista de coisas impossíveis a realizar... Mas já tinham superado trolls, lobos e guias de excursão. Nada mal.

# CATORZE



## MATT

### “ALERTA GERAL”

**N**a viagem de ônibus, Matt relaxou pela primeira vez desde que o avô o nomeara campeão. Estava indo bem até ali. Muito bem. Eles encontraram os trolls e conseguiram a informação necessária. O plano não tinha transcorrido exatamente como ele tinha pensado, mas Laurie encontrara uma solução, e todos trabalharam juntos para escapar. Era esta a chave de tudo: trabalhar em equipe. Matt não era perfeito como líder, mas talvez também não fosse um fracasso total. Talvez ele se transformaria mesmo no líder de que eles precisavam.

Quando o ônibus parou, eles estavam em Lead, onde visitaram o Museu de Mineração de Black Hills. Matt pensou em ficar no ônibus, mas mudou de ideia quando todo mundo saltou.

– A guia disse que faltam só cinco quilômetros para Deadwood – sussurrou Fen enquanto eles seguiam a fila. – Vamos andando.

Quando os três desceram do ônibus, uma guia turística dizia:

– E não esqueçam: se vocês decidirem experimentar o garimpo com bateias, é garantido que encontrem ouro! – Os garotos mais velhos passaram por ela com empurrões, alguns imitando e revirando os olhos. Os mais novos simplesmente seguiram em frente, lançando olhares sofridos ao museu e à perspectiva de mais uma hora de tédio puro.

O museu não parecia ser grande coisa. Era basicamente um prédio de um andar com um telhado plano. Perto da entrada, porém, erguia-se um silo com formato estranho. Um modelo de poço de escavação, deduziu Matt. Ele estava seguindo o grupo, olhar fixado no silo, pensando que poderia ser interessante, quando Fen o deteve.

– Eu não disse que é aqui que nos separamos deles? – sussurrou Fen.

– Disse, mas...

– Mas o quê? Estamos no meio de uma missão para salvar o mundo e você quer fazer um tour no museu? Você é um *geek* mesmo, né, Thorsen?

Matt percebeu que Laurie ficara tensa e se esforçou para manter a voz calma:

– Não, mas faltam só cinco quilômetros para Deadwood. Não vejo motivo para a gente abandonar a excursão agora.

– Certo. Faltam *só* cinco quilômetros, então não vejo motivo para *não* abandonar. Voltar para o ônibus é arriscado.

– Fen tem razão – murmurou Laurie.

Quando Matt abriu a boca para argumentar, Laurie indicou a menina que tinha dividido o banco com ele no ônibus. Ela estava separada dos outros, falando com o líder da excursão e apontando para os três.

– Certo, a gente vai abandonar – decidiu Matt.

– Que bom que temos sua permissão – respondeu Fen. – Siga-me.

Agora foi a vez de Matt deter Fen. Eles estavam no meio do estacionamento, com um grupo de adolescentes. Se saíssem do grupo, seriam vistos. Matt então disse:

– A gente entra e depois dá meia-volta. Fiquem colados em mim.

Ele seguiu andando até o museu. Laurie o acompanhou. Quando percebeu que Fen não fora junto, olhou para trás. Fen estava ali parado, olhando para a prima, parecendo chocado e até um pouco magoado. Laurie

acenou para que ele viesse. Fen fez cara feia para Matt e entrou na fila com os outros garotos, sem fazer esforço para alcançá-los.



Fen se juntou a eles logo depois da entrada, que era o mais longe que ele iria. Laurie o convenceu a relaxar até – que chegassem à recriação de uma mina real – um corredor longo, semiescuro e “subterrâneo”. Depois, Matt fingiu estar fascinado pela próxima vitrine, e ele e Laurie conversavam sobre o que viam enquanto os outros garotos e adultos passaram. Então, o trio deu meia-volta. Havia dois funcionários perto da entrada, mas eles estavam ocupados demais conversando para notar qualquer outra pessoa. Matt esperou Fen e Laurie passarem e os três finalmente saíram do museu.

Não precisaram andar mais de um quarteirão para ver sinais indicando a autoestrada. Aquela seria a rota mais fácil até Deadwood, explicou Matt. As Black Hills se erguiam ao redor deles, e aquela floresta densa e montanhosa seria um péssimo terreno para caminhar. Além disso, levaria menos de uma hora. Se apertassem o passo, estariam em Deadwood antes mesmo que o ônibus saísse do museu.

Lead não era lá uma cidadezinha muito cheia, mas era movimentada o bastante para que eles se misturassem com facilidade. Matt ficou de olho na estrada, por via das dúvidas.

– Rua lateral! – exclamou Fen subitamente. – Agora!

Matt olhou em volta, franzindo o cenho.

Fen encarou Matt como se avistasse um grande risco. Ele resmungou em voz baixa e começou a conduzir Laurie apressadamente para a próxima rua transversal. Laurie se virou para Matt e sussurrou:

– Polícia!

Matt espiou adiante. Uma viatura da polícia vinha lentamente. Matt vira o carro virar a esquina, mas, para ele, era uma visão tão alarmante quanto um caminhão de entregas. Ao contrário de outros garotos, ele não pensava *Estou fazendo alguma coisa errada?* quando via um carro da polícia.

Não, não era bem assim. Ele até pensava aquilo, mas a pergunta que viria em seguida era “Será que é meu pai?”. Se a resposta às duas questões fosse “sim”, Matt estaria encrocado. Caso contrário, se policiais de Blackwell o flagrassem fazendo alguma coisa errada, eles simplesmente encostariam e diriam oi, e Matt captaria a mensagem.

Portanto, ele tinha visto o carro, e como só estava andando e não podia ser o pai dele, Matt não reagiu. No entanto, eles não estavam em Blackwell. Aquele não era um policial que o conhecia desde a infância.

Matt deu uma corridinha e alcançou Fen e Laurie na rua transversal.

– Você acha que a guia do ônibus avisou a polícia? – indagou.

Fen encolheu os ombros e continuou conduzindo os outros dois. Eles viraram outra esquina, chegando a uma área residencial enfileirada com casas idênticas e picapes, todas precisando de uma boa pintura. Dois garotos em bicicletas enferrujadas os observavam. De repente, eles se endireitaram e saíram em disparada, pedalando rápido, e as duas bicicletas sumiram pela esquina.

Matt olhou para trás e viu o carro de polícia vindo devagar pela rua que eles tinham acabado de deixar, reduzindo ainda mais ao se aproximar da esquina.

– Se ele virar, a gente corre – disse Fen.

– Para onde? – Matt indicou a estrada com um gesto. A próxima transversal ficava a uns quatrocentos metros, e não dava para ver espaço algum entre as casas. – Fica frio, eu cuido disso.



Matt manteve o olhar à frente enquanto caminhava pela calçada. Ouviu o ronronar do motor quando o carro virou a esquina e se aproximou deles. Bem devagar, o que significava que o policial estava analisando o trio.

– Fica frio – sussurrou ele. – Deixa comigo.

Eles estavam do lado esquerdo da rua. O carro atravessou a via, ignorando um caminhão que vinha na outra direção ao reduzir junto à calçada. Matt fingiu não notar. Ouviu a janela se abrindo. Então olhou, sorrindo para o policial, um sujeito parrudo de uns trinta anos.

– Boa tarde, senhor.

– Boa tarde. – O policial colocou o carro em ponto morto. – Aonde vocês vão?

– A gente está só esticando as pernas. Nossos pais levaram meu irmãozinho ao museu de mineração. Isso não é muito o nosso lance, então a gente pediu pra não ir. – Matt espiou a rua. – Alguém disse que tinha uma sorveteria por aqui, mas acho que a gente errou o caminho.

– Erraram mesmo. É um engano comum. Fica na rua principal. Por que vocês não entram no carro, e eu dou uma carona?



– Obrigado, mas ficamos muito tempo no carro – respondeu Matt. – Precisamos do exercício. Deixa que a gente volta para o centro e acha o lugar.

O policial abriu a porta.

– Não, eu realmente acho que você deveria aceitar a carona... – Ele saltou do carro. – Matt.

Matt se virou para correr, mas o policial agarrou-lhe o pulso. Viu Fen sair em disparada, com Laurie logo atrás. O policial girou Matt para ficar de frente para ele.

– Você tem ideia de quanto problema causou, rapaz? – perguntou. – O filho do xerife deveria ser mais esperto.

– Eu...

– Até onde você achou que ia chegar? Seu pai acionou o alerta geral estadual no seu nome. Quando uma criança some, nós prestamos atenção. E o filho do xerife? Nós prestamos *muita* atenção. – Ele deu um puxão em Matt na direção do carro e abriu a porta de trás. – Entra aí. Se você se comportar bem, deixo você ir na frente. Por enquanto, vai ser tratado como qualquer garoto que fugiu de casa.

Matt viu Laurie parada a seis metros. Ela parecia paralisada, como se estivesse dividida entre correr e voltar. Matt acenou para que ela corresse. O policial viu o gesto e olhou para Laurie. Fen estava logo atrás da prima, voltando para buscá-la.

– Aquela é Laurie Brekke? – perguntou o policial. – Temos um alerta para ela também. Seu pai falou que ela não devia estar com você. Mal sabe ele. – Ele chamou Laurie: – Não pense em correr, mocinha.

O policial colocou a mão no ombro de Matt para empurrá-lo para dentro do carro. Ao fazê-lo, seus dedos afrouxaram no pulso de Matt, que se

contraíu, esperando até que aquela mão relaxasse, a outra mão no ombro ainda solta o bastante para...

Matt se atirou para o lado, soltando-se do policial. Então, ele correu. Instintivamente, foi atrás de Laurie e Fen. Quando percebeu o que estava fazendo, desviou para o outro lado da rua. Tinha que fugir na direção contrária e deixar os Brekke escapar. O que teria sido um plano perfeito, se Laurie não tivesse corrido atrás dele. Fen gritou para que ela voltasse, mas já tinha quase alcançado Matt.

Matt olhou para trás, para o policial, que estava no carro, ao rádio, engatando a marcha.

Matt subiu na calçada e então nos gramados. Laurie o seguiu. Fen vinha também, xingando Matt a cada passo. Fen tinha razão, Matt tinha feito besteira. Besteira das grandes. E não podia acreditar que fora tão burro. Tinha fugido de casa, e não imaginou que o pai fosse emitir um alerta geral? Sua única desculpa, por mais louca que fosse, era que até aquele momento o garoto não percebera que *tinha* fugido de casa.

A família dele queria sacrificá-lo com uma serpente gigante. Sua única chance de sobrevivência era botar o pé na estrada e encontrar ajuda contra o monstro. Não era exatamente aquela situação clássica de “meus pais são malvados e superinjustos, então estou fugindo de casa”, embora, para o restante do mundo, fosse exatamente isso.

O carro de polícia emparelhou com o trio enquanto eles corriam pelos gramados. O policial abaixou a janela.

– Venha cá agora mesmo, Matthew Thorsen! – exclamou o policial. – Você é o filho do xerife, tem que dar o exemplo. Tem ideia de quanto envergonhou seu pai?

Atrás de Matt, Fen fungou e murmurou:

– Ah, bom, já que as coisas são assim... – com a voz carregada de sarcasmo. Matt, por outro lado, ficou balançado. As palavras do policial fizeram o coração dele bater mais forte, uma voz em sua cabeça gritando que o homem tinha razão. Matt não podia ser irresponsável. Não podia envergonhar a família.

A sensação durou apenas alguns segundos até Matt perceber que as velhas regras não valiam mais. Ser responsável agora significava salvar o mundo. Mesmo que também significasse desobedecer a um policial. Ou envergonhar a família. Também significava...

– Ali! – gritou ele, acenando para um buraco entre duas das casas. – Vão! Eu cuido disso.

Fen o empurrou em direção ao buraco.

– Não, Thorsen, *eu* cuido disso. Você já fez o bastante.

Matt tentou argumentar, mas Fen simplesmente o empurrou mais forte, e os três correram pela brecha entre as casas. Fen tomou a dianteira. Levou os outros por um quintal e pulou uma cerca. Atravessou outro quintal, numa rua de casas separadas. Eles correram pelo lugar, saltaram a cerca da frente, e atravessaram o jardim.

O carro de polícia não estava mais ali... ainda.

Fen olhou em volta. Matt estava prestes a fazer uma sugestão quando Fen acenou para uma picape do outro lado da rua.

– Lá dentro – falou. – Leve Laurie. Deitem-se e fiquem abaixados.

Eles atravessaram correndo e saltaram a porta da caçamba. Fen ficou de guarda. Matt viu o carro de polícia virar a esquina, e se abaixou enquanto gritava para avisar Fen.

– Deite-se. Fique deitado. Fique calado – sibilou Fen. – Você consegue fazer isso, Thorsen?

Matt estava prestes a responder quando Laurie o calou com um olhar. Ele escutou os tênis de Fen pisando forte. O rapaz parecia estar correndo na direção da viatura, que parou, com o motor ligado.

– Ei – chamou Fen.

Matt ouviu o policial grunhindo em resposta:

– Cadê seus amigos, moleque?

Fen baixou a voz:

– Foi isso que eu vim lhe contar. Mas a gente tem que fazer um acordo. Silêncio.

Fen continuou:

– Eu também sou de Blackwell. Laurie é minha prima. Ela fugiu com Thorsen depois da feira. Tinham uma ideia maluca de sair numa aventura juntos. Burros, né?

Matt ouviu Fen fungar e o policial respondeu com uma risadinha, como se estivesse relaxando:

– Enfim, eu os alcancei hoje de manhã. Só que a minha prima não quer me escutar. Então, eu quero que você a pegue e a leve pra casa. Você consegue?

– Claro que sim. Seus pais devem estar orgulhosos de você, rapaz, cuidando assim da sua prima.

– É a coisa certa a se fazer – respondeu Fen.

– Muito bem. Entra aí.

– Bem, esse é o problema – argumentou Fen. – Eu e a minha prima, bem, a gente é meio amigo, e, se eu a dedurar, ela vai ficar furiosa comigo. Será que você não podia pegá-los primeiro? Então eu vou até a próxima rua e você finge que me encurralou por lá?

O policial concordou. Matt percebeu que Fen não estava nem surpreso com a ausência de um alerta geral em nome dele. Matt se esforçou para

escutar enquanto Fen contava ao policial que Matt e Laurie tinham fugido ao longo da fileira de gramados, com a intenção de dar a volta até o centro da cidade e se esconder nas lojas. Fen estava explicando que não sabia bem qual loja, mas que “Thorsen não é difícil de achar, ainda mais com aqueles cabelos ruivos”. O policial agradeceu e prometeu se encontrar com o garoto assim que fosse possível.



Depois do truque de Fen, eles se safaram com facilidade. Mantiveram-se fora das estradas, margeando os limites da floresta, mas sempre de olho na fita de asfalto, para não se perderem.

– Me desculpem mesmo – disse Matt enquanto segurava um galho para que Fen e Laurie passassem. – Eu dei mole. Eu não...

– Esperava por isso – interrompeu-o Fen. – *Nenhum* de nós esperou, mas a gente deveria ter pensado. Você é o filho do xerife. Claro que os policiais estão procurando você. Vocês dois. – Fen fez uma pausa e, com mais paciência do que Matt esperaria, ele acrescentou: – A gente tinha outras coisas na cabeça. Tornados, Saqueadores, trolls. Agora é só botar os policiais nessa lista, né?

– É – concordou Laurie, que em seguida bateu com a cabeça no ombro de Fen e riu. – A gente simplesmente não parou para pensar em problemas comuns. Como o fato de sermos todos fugitivos.

– Não podemos nos esquecer disso de novo – comentou Matt. – Precisamos ser supercuidadosos agora. Nada de caronas ou coisa assim.

– Exatamente – murmurou Fen. Ele deu uma olhada em Matt, para Laurie, e então sorriu.

E ninguém comentou o fato de só haver alertas gerais para dois deles.

# QUINZE



## LAURIE

### “DEADWOOD”

Laurie ficou surpresa por eles terem caminhado tão tranquilamente, mas percebeu de novo que os três não tinham mais do que um vago plano de “ir a Deadwood e encontrar os gêmeos”. Não seria assim tão ruim ter algumas horas de paz. Nenhum dos dois rapazes admitiu que eles estavam ficando amigos, mas obviamente estavam. Mesmo com policiais e criaturas mitológicas virando o mundo deles de cabeça para baixo, os dois trabalhavam bem em equipe. Depois de algumas horas, porém, Matt parecia preocupado, e Fen resmungava, com fome.

– Vamos subir ali primeiro. – Laurie indicou o monte Moriah, o cemitério no morro acima de Deadwood. Ela não sabia bem por que, mas fazia perfeito sentido.

– Claro – concordou Matt. Seus olhos se iluminaram da mesma forma que no museu.

– Tanto faz – murmurou Fen, que mesmo assim subiu o morro à frente dela.

Os dois meninos esquadriavam a área em busca de ameaças, como tinham feito na caminhada de tantos quilômetros, e Laurie não podia condená-los por isso. Ela poderia condená-los por eles acharem que ela não tinha percebido, mas não teve vontade de mencionar isso naquele momento.



Dentro de monte Moriah, Laurie os viu: duas crianças, um menino e uma menina que eram inconfundivelmente irmãos, fazendo decalques de lápides. Havia outras pessoas no cemitério, e bastante gente na cidade, mas os pés de Laurie a tinham levado até ali. Não sabia bem como podia ter certeza de que eram aqueles dois que eles tinham de alcançar, mas assim que os contemplou, soube que eram os descendentes. Fitou-os com mais atenção e percebeu que não eram só irmãos, mas gêmeos. *Como Frey e Freya. É deles que nós precisamos.* A questão era como dizer a dois estranhos que eles deveriam se juntar a três garotos que nunca tinham visto e planejar como matar um réptil gigante para salvar o mundo. Qualquer maneira que ela tentasse se comunicar parecia maluquice..

– São eles – sussurrou ela. – Os gêmeos.

Aquele que segurava o papel contra a pedra observou o trio se aproximar; o que se ajoelhava no chão esfregando o giz no papel olhou para eles rapidamente e então voltou a esfregar. Eles não sorriram, não disseram oi, não pareciam nada sociáveis. Na escola, Laurie teria ficado meio nervosa ao se aproximar dos dois.

Mas aquilo não era a escola.

E depois de trolls... bem, um par de crianças que tentavam ser antipáticas não pareciam assim tão assustadoras. Laurie tinha visto coisas realmente sinistras, e os olhares entediados do tipo “você não é merecedora da minha atenção” que estava recebendo não eram amedrontadores. Ela sorriu, e eles continuaram a ignorá-la. O que estava de pé disse algo ao que estava ajoelhado, que riu.

– Tem certeza? – perguntou Fen.

Laurie assentiu, mas não parou de prestar atenção aos gêmeos. Teve o súbito medo de que eles fugissem. *Eles não podem. Precisamos deles.* O problema era que ela não sabia como convencê-los a se juntar à equipe.

Ela não sabia bem por quê, mas tinha esperanças de que eles fossem como Matt ou Fen, mas não eram. De onde ela estava, eles pareciam altos, talvez quase tão altos quanto Matt. Ambos tinham cabelos na altura dos ombros, lisos e de um loiro pálido. Laurie não saberia dizer exatamente qual dos dois era a menina e qual era o menino, porque estavam vestidos quase da mesma maneira: calças pretas com tiras e zíperes, coturnos pretos e joias faiscantes nas orelhas e nos dedos.

– A gente tem um plano? – indagou Fen.

Matt não disse nada, mas foi em direção aos gêmeos.

Os irmãos, porém, pareciam completamente alheios à atenção que recebiam. Talvez estivessem acostumados a ser observados, porque não estavam constrangidos. Também eles não tinham encarado lobos, Valquírias ou trolls. Laurie lembrou que talvez fosse melhor não mencionar esses detalhes ainda. Os gêmeos continuaram tranquilos, sem prestar atenção, enquanto Laurie e os meninos subiam o morro até eles.

Laurie queria se apressar. O cemitério a incomodava mais do que tinha esperado; ao passar pelos túmulos de pessoas mortas há tantos anos, ela sentiu um calafrio.

Talvez fosse só o frio, ou o fato de ela ter acabado de perceber que eles poderiam morrer. Fen já tinha quase morrido e, de acordo com a mitologia, Matt morreria. A ideia da morte de qualquer um dos dois a deixava enjoada. Laurie não conhecia Matt muito bem antes do tornado, e o que ela pensava que sabia sobre o garoto não estava certo. Depois de encarar alguns monstros ao lado dele, os dois estavam ficando amigos. *Eles não podem morrer. Eles não vão.* Laurie faria tudo o que fosse possível para evitar que aquilo acontecesse.

E a primeira coisa que ela precisava fazer era convencer os gêmeos a cooperar.

Laurie andou mais rápido.

Matt acelerou o passo para acompanhá-la.

– O que você vai fazer? – perguntou ele num sussurro.

– Falar com eles – respondeu ela, decidida.

– Você vai simplesmente subir até lá e dizer que eles precisam nos ajudar a derrotar uma cobra imensa e impedir o fim do mundo? – indagou Matt, incrédulo. Ele não estava mais sussurrando, mas ainda falava baixo o suficiente para que os gêmeos ouvissem. – Não estamos mais em Blackwell. Talvez eles nem saibam quem são Thor e Loki.

– A gente pergunta o que eles sabem.

Matt olhou para Fen em busca de apoio, mas o rapaz apenas encolheu os ombros. O primo poderia não gostar do plano dela, mas Laurie sabia que ele ficaria do seu lado. Fen sempre a apoiava. Certo, *quase* sempre. Ele concordaria com Matt se achasse que isso a manteria em segurança. Laurie sabia disso. Ela também sabia que ele bateria em qualquer pessoa que fosse grosseira com ela. Deixara isso bem claro desde o jardim de infância. E talvez Laurie fosse um pouco mais corajosa por saber disso, ela admitia.

Alguns instantes depois, o trio alcançou a lápide onde os gêmeos estavam e pararam. De tão perto, Laurie percebeu que os dois tinham unhas curtas pintadas de preto e usavam delineador preto. Os gêmeos ainda agiam como se Laurie e os meninos não estivessem lá. Nem olharam para os três.

– Oi – saudou Laurie.

Nenhum dos dois respondeu.

– Minha prima está falando com vocês – disse Fen.

– E meu irmão e eu não estamos interessados em falar com ela... nem com você – retrucou a gêmea de pé.

Fen rosnou.

O irmão abaixado se levantou e se posicionou ombro a ombro com a irmã. Não disse nada, só olhou de relance para ela, um pouco inseguro.

– Olha só – continuou ela. – Não conhecemos vocês, não queremos conhecer vocês, e não damos a mínima para o que vocês querem. Ray e eu estamos ocupados. – Ela deu as costas ao trio e acenou com a mão, como se os estivesse dispensando. – Agora vão embora.

Fen rosou de novo.

– Fen... – começou Matt.

– Eu fui estrangulado por um troll para encontrar a Barbie Gótica e o Ken Emo aqui, então não ‘vou embora’ para que eles possam brincar com giz ou maquiagem um ao outro. – Os olhos de Fen ficaram amarelos por um segundo, e Laurie desconfiou que ele havia escondido muito mais de si do que ela percebera, ou talvez estivesse apenas cansado.

– Como é que é? – exclamou a garota num tom que parecia mais um desafio que uma pergunta.

– Reyna... – disse o irmão em voz baixa.

Ela o ignorou e se virou para encarar Fen.

– Não fique pensando que o nosso delineador quer dizer que a gente não consegue dar uma surra nesse seu traseiro magro. Pode perguntar para qualquer um na cidade. E trolls? Fala sério. Volta para os seus videogames.

– Eita! Vamos parando, vocês dois. Não viemos aqui para brigar. – Matt se colocou entre Ray e Fen. – Só queremos conversar com vocês. Estamos cansados, e alguns de nós – ele deu uma olhada em Fen – tiveram uma jornada difícil. Não ligamos para essa, hum, maquiagem.

– Sério? Ele está usando esmalte e *delineador* – resmungou Fen.

– Chega, Fen. – Laurie colocou a mão no peito de Fen, e em seguida olhou para Reyna e Ray. – Por favor, deixa a gente explicar.

Ficaram todos parados num impasse constrangedor, até que Reyna disse:

– Tudo bem. Desembuchem de uma vez e caiam fora. – Ela cruzou o braço com o do irmão.

Uma sensação estranha tomou Laurie, como se seu corpo todo estivesse formigando. Quaisquer que fossem os poderes divinos daqueles dois, ficavam mais fortes quando eles se conectavam. Aparentemente, Matt era capaz de sentir monstros, e ela era capaz de sentir descendentes? *E o que mais? Encrenca? Ameaças?* A garota não tinha certeza, mas havia alguma coisa rolando ali, e ficou mais forte quando os gêmeos se tocaram.

– Certo – começou Laurie. Vocês querem se sentar, caminhar ou...

– Não, não queremos – retrucou Reyna. Aparentemente, ela falava pelos dois. Ray permanecia parado ao lado dela, mais uma extensão da irmã do que uma pessoa real.

– Tudo bem. – Laurie respirou fundo, mas não sabia como começar. Ela olhou para Matt. – Humm?

Ele avançou e disse:

– O fim do mundo está chegando. Precisamos da sua ajuda para impedi-lo.

Reyna deu um passo atrás, puxando Ray consigo.

Matt se apressou.

– Tem mais, claro. Essa é a versão resumida. Posso explicar o resto se vocês nos derem alguns...

– Vamos, Ray. – Reyna se abaixou e começou a juntar as coisas deles com uma das mãos. A outra ainda segurava o braço de Ray, que ficou parado encarando Matt.

– Tem algo de diferente em vocês, alguma coisa que vocês conseguem fazer que outras pessoas não conseguem – falou Laurie sem pensar duas vezes. – É porque vocês são como a gente.

– Não somos como vocês. – Reyna soltou o irmão e cruzou os braços. – Somos...

– Descendentes dos deuses nórdicos. Vocês têm algum tipo de poder. Eu sei que têm – afirmou Matt com tranquilidade.

– Ou terão em breve – acrescentou Laurie.

Os gêmeos se entreolharam, e então Ray murmurou:

– Não sabemos do que vocês estão falando.

No minuto seguinte, os gêmeos juntaram todos os apetrechos e começaram a fugir. Andavam tão rápido que, se acelerassem um pouquinho o passo, estariam correndo.

– Nossa, que sucesso – comentou Fen com ironia.



Depois de andar de Lead até Deadwood e subir o morro até o cemitério – e após o fracasso com os gêmeos –, a caminhada de volta até o centro de Deadwood pareceu um castigo. Os últimos dias tinham sido terrivelmente longos, e Laurie estava cansada. Ela queria um banho, a própria cama, deitar no sofá da sala com um livro ou talvez ver um filme com Fen e Matt. O que ela não queria fazer era descobrir um jeito de convencer os gêmeos, que claramente escondiam alguma coisa, a se juntar aos três na luta para salvar o mundo. Também não queria se inscrever naquela coisa de salvar o mundo, mas não parecia certo saber que havia algo tão importante em perigo e não ajudar. Claro, Laurie não era uma das pessoas destinadas a participar da luta, mas seu primo e seu amigo eram, e ela os estava ajudando a chegar lá. Enganara o troll, e *sabia* que estava certa quanto aos gêmeos; ou pelo menos era isso que dizia a si mesma.

– E se eu estiver errada quanto a eles? – perguntou ela.

Matt parou e olhou direto nos olhos da garota.

– Você acha que está?

– Não. Talvez. Não sei. – Ela deu um pulo ao ouvir um homem gritar alguma coisa sobre “chamar a lei”.

Subitamente, enquanto os três estavam parados ali na calçada de uma rua de Deadwood, dois homens gritavam e apontavam armas um para o outro. Por um breve momento, Laurie quis interferir, ajudar... um deles. Naquela fração de segundo, ela não sabia bem quem ajudar, mas estava tentando descobrir. Um deles vestia blazer e cartola, e o outro usava um casaco de couro marrom com franjas, calças sujas e um chapéu de caubói surrado. Um piscar de olhos depois, ela percebeu que era um tipo de teatro. Aqueles eram atores, reencenando parte da história de Velho Oeste de Deadwood.





– Wild Bill não foi assassinado na rua – murmurou Matt.

– O quê? – perguntou Fen.

– Não acho que aquele cara deva ser Wild Bill. Bill pode ter sido o cara mais famoso por aqui, mas não era o único pistoleiro – comentou Laurie.

Ela e Matt se adiantaram para assistir ao show.

– Sério? Vamos ficar parados aqui? Que tédio. – Fen se enfiou entre a prima e Matt.

Laurie se aproximou do primo. Ele sempre agia de modo meio bobo quando ela prestava mais atenção em alguém do que nele. A mãe dela tinha lhe dito que, quando ela cedia, só o incentivava a agir daquele jeito, mas alguém tinha de incentivar Fen e, naquela família, as únicas pessoas que fizeram isso durante anos foram Laurie e o pai dela.

– Qual é, Fen? Acho que teria sido legal viver aqui naqueles tempos, você não acha? – provocou. – Achei que você fosse um Brekke.

Fen ficou quieto por um minuto enquanto os três assistiam ao duelo de mentira.

– Talvez fosse legal, mas esses caras só estão fingindo.

Era difícil saber para quem eles deveriam torcer. Laurie observou quando o homem de blazer sacou a arma, e o caubói sacou a dele, e a girou tão rápido que parecia um truque de mágica. Ela não prestara atenção ao que eles diziam, então ainda não sabia para quem torcer. Seria mais fácil – tanto nas encenações quanto na vida real – se tudo fosse simples como mocinhos e bandidos, heróis e vilões, mas certo e errado nem sempre eram discerníveis. Laurie deu uma olhada no primo. Uma coisa bem clara era que seu primo seria um herói. Disso ela tinha certeza.

– Aposto que havia alguns Brekke por aqui naquele tempo, e também... – Fen espiou Matt de relance. – Alguns Thorsen, prendendo os Brekke por qualquer coisinha.

Matt encolheu os ombros.

– Não seja antipático – ralhou Laurie com Fen. – Nem todos os Thorsen são iguais, assim como nem todos os Brekke. Matt estava fugindo da polícia conosco, e você entrou numa luta para ajudá-lo.

Os dois rapazes encolheram os ombros e pareciam constrangidos.

O interesse de Matt pelos pistoleiros de mentira desapareceu de repente:

– A gente devia comer, e depois descobrir um jeito de convencer os gêmeos a se juntar a nós.

– E arranjar um lugar para dormir esta noite – acrescentou Fen. – Não temos sacos de dormir e, a não ser que você queira arrombar um quarto de hotel, estamos sem abrigo.

Eles seguiram andando pela rua principal, procurando um lugar para comer. Por segurança, entraram numa loja de souvenirs turísticos e compraram um chapéu, que Matt colocou bem puxado para a frente para esconder o rosto. Depois do encontro que tiveram com a polícia em Lead, era necessário ter mais cuidado. Considerando a idade do trio e o fato de que estavam sendo procurados, encontrar um lugar confortável para dormir era bem improvável. Tentar roubar sacos de dormir também não era uma grande ideia. Eles tinham deixado os deles escondidos no monte Rushmore, para não chamar atenção no monumento e também porque não poderiam levá-los no ônibus. Laurie suspirou. Pensar em dormir no chão frio novamente não era nada empolgante, mas ela sabia que hotéis não alugavam quartos para adolescentes, e ela não achava boa ideia gastar o pouco dinheiro que eles tinham numa diária, mesmo que pudessem arranjar alguém para fazer a transação por eles.

Os parentes de Laurie geralmente tinham muita sorte com golpes; ela agora se sentia estranhamente orgulhosa pelo que aprendera sobre os ancestrais: as habilidades da família com sorte e golpes se deviam a Loki. De

certa forma, a mãe dela tinha razão: ela era igual ao pai. Mas talvez isso não fosse uma coisa ruim, apesar de parecer ruim quando a mãe dizia. Verdade seja dita, a mãe só dizia aquilo depois de ser chamada ao gabinete do diretor da escola, mas às vezes Laurie achava que a mãe se esquecia das qualidades do pai. Ser sortudo ou esperto não era ruim.

– Talvez os gêmeos deixem a gente ficar na casa deles – sugeriu Laurie, pensando na possibilidade de convencê-los por meio de sorte e truques.

Fen riu.

– Eles não querem nem falar com a gente, e você acha que vão nos convidar para ficar na casa deles?

– Talvez – desconversou Laurie. Se fosse só Fen, ela lhe explicaria por que pensava assim, mas suspeitou que, mesmo que os três fossem mais ou menos amigos, Matt ainda não seria muito favorável à trapaça.

– Odeio concordar com Fen, mas ele tá certo dessa vez. Eles fugiram rapidinho. – Matt fez uma pausa. – Quando a gente mencionou os dons, eles ficaram assustados.

– Será mesmo que eles estão do *nosso* lado? – perguntou Fen. Ele esfregou as mãos no rosto como se estivesse tentando acordar e desatou a falar: – Tipo, quais desses mitos todos vão realmente acontecer? Se eu mudei de lado, eles poderiam mudar também. Será que eles estão do lado da serpente? E também será que as pessoas não vão perceber uma serpente monstro gigante e fazer alguma coisa contra ela? Entendo que lá no passado essas cobras enormes eram difíceis de matar, mas hoje eles têm tanques, bombas, essas coisas todas.

Limitou-se a dizer:

– Fen tem um bom argumento... ou argumentos, ou sei lá. Ele tem razão. Não sabemos o que estamos fazendo, nem pra onde vamos. – Ela fez uma pausa, então comentou: – E eu estou cansada e com fome.

O ataque de frustração de Fen pareceu passar.

– Vamos comer. E pensar no próximo passo.

Ele encostou o ombro no dela de modo brincalhão.

Matt ficou calado enquanto os três caminhavam. Permaneceu assim durante o almoço numa lanchonete. Então, quando eles saíram de lá, olhou para Laurie e perguntou, casualmente:

– Para que lado estão os gêmeos?

Sem pensar, Laurie apontou a esquerda.

Fen e Matt sorriram para ela, que, ao perceber o que tinha feito, sorriu também.

– Eu *consigo* encontrá-los – exclamou. – São eles, e eu consigo encontrá-los.

– A gente vai conseguir – afirmou Matt. – Nós três juntos, e depois vamos convencer os outros. Somos uma boa equipe.

Laurie meio que esperava que Fen estremecesse com as palavras de Matt, mas ele só olhou para ela e disse:

– Mostre o caminho.

Os três saíram do centro lotado de turistas e cassinos de Deadwood para as ruas que tinham evitado quando foram de monte Moriah até o centro. Nem Laurie nem os rapazes falaram enquanto ela seguia o instinto que lhe dizia onde os gêmeos estavam – até ela perceber que estavam voltando ao cemitério. Isso era esquisito.

Matt deve ter percebido a mesma coisa, porque franziu o cenho.

– Esperem, talvez eu esteja errada. – Laurie olhou para os dois. – Tinha tanta certeza de que essa sensação nos levava até eles.

– Talvez as pessoas que procuramos ainda estejam no cemitério, e a gente não as viu da primeira vez – sugeriu Matt, tentando ajudar.

A frustração e o medo de que ela os estivesse levando em mais uma longa e inútil caminhada fez Laurie soltar um gritinho de raiva.

Fen apertou-lhe a mão.

– Está tudo bem.

– Não está não. – Laurie fechou os olhos e tentou se concentrar. A mesma sensação continuava ali, incitando, dizendo a ela para que lado ir. A garota deu as costas ao cemitério, mas a direção continuou a mesma.

Ela balançou a cabeça.

– Talvez eles tenham voltado pra lá, ou talvez a gente devesse estar procurando outras pessoas.

Seguida pelos rapazes, Laurie continuou andando, mas a trilha acabou logo em seguida; não no monte Moriah, mas na rua Madison. Ela sentiu o fim tão fortemente que era como se pudesse ver uma trilha no chão terminando bem ali. A casa diante deles era enorme e estranha. Era como se os donos tivessem comprado várias casas na rua, demolido todas e construído uma daquelas mansões cafonas que gritavam “tenho mais dinheiro do que preciso”. Laurie indicou a casa e disse:

– Acho que eles estão lá dentro.

– Pois é – fungou Fen. – Parece que a Barbie Gótica e o Ken Emo também são ricos.

Matt balançou a cabeça.

– Se a gente entrar lá e eles ficarem nervosos, vamos acabar fugindo da polícia de novo. Acho que, se estavam me procurando em Lead, devem estar procurando aqui também.

Fen olhou Matt com apreciação.

– Muito boa observação, Thorsen. E o que a gente faz, então?

Laurie ficou surpresa ao perceber que Fen ainda esperava que ela guiasse o grupo.

– Eu não sei.

Depois de um momento, Fen sugeriu:

– A gente tem que sair daqui antes que alguém nos denuncie por vagabundagem.

A casa ficava perto do cemitério, que era obviamente um dos lugares favoritos dos irmãos, então os três resolveram que a melhor coisa seria se esconder lá e esperar. Ou os gêmeos voltariam para lá, ou Laurie seria capaz de encontrá-los se fossem a algum outro lugar em Deadwood. Não ajudaria muito na missão de “convencê-los a se juntar à luta”, mas para convencê-los o trio teria de encontrá-los primeiro.

# DEZESSEIS



## MATT

### “TÚMULOS DESCONHECIDOS”

Quando eles chegaram de novo ao cemitério, Matt não resistiu à chance de dar um passeio, então sugeriu que o trio rodasse o lugar para ter certeza de que os gêmeos não estavam lá. Fen resmungou que eles encontraram os gêmeos bem na entrada da última vez, e que o faro de Laurie tinha levado o grupo até a casa deles, mas Matt insistiu. Finalmente, Fen cedeu e seguiu Matt cemitério adentro.

Passaram pelo portão negro. Até chegar lá Matt tinha andado numa velocidade normal, mas depois que o rapaz parou para ler uma placa pela quarta vez, Fen reclamou:

– O que foi agora? Você tá preparando um trabalho de história, Thorsen? Os gêmeos não estão escondidos nessa placa.

– Tem quase quatro mil túmulos marcados aqui – disse Matt, lendo. – E isso é só um terço do total. O restante é tudo não identificado.

– Eles não estão escondidos nesses túmulos – resmungou Fen.

– Só estou comentando que é interessante.

– Interessante? – Fen fez cara feia. – É um cemitério.

– Em *Deadwood*. – Matt indicou as colinas, salpicadas com túmulos. – Pense em quantos desses caras morreram em duelos ao meio-dia. Não é bacana?

Laurie deu uma risada.

– Não acho que foi tão bacana para os caras que morreram.

– Você me entendeu – insistiu Matt. – É um cemitério do Velho Oeste. Isso é legal.

Matt contemplou a colina que descia até a cidade de Deadwood. Havia árvores suficientes bloqueando a vista para que Matt conseguisse, se estreitasse bem os olhos, ver como ela deveria ter sido, com saloons, em vez de cafés, e antros de jogatina, em vez de cassinos. Ele estava relaxando agora, pela primeira vez desde que haviam deixado Lead. Vacilara feio lá e achou que com certeza Fen e Laurie perceberiam que ele não era o líder de que eles precisavam. Mas tinham apenas seguido em frente. Agora Matt relaxava, e se sentia mais normal. Era bem a sensação que ele tinha quando estava com os amigos.

– Deadwood era a fronteira final – explicou. – Lembro de ler algumas das cartas dos moradores para um trabalho, e alguém disse que não tinha medo de ir para o inferno porque já estivera em Deadwood.

– Por que a fronteira final era aqui? – perguntou Laurie assim que voltaram a caminhar. Fen revirou os olhos para ela, mas Laurie olhou para o primo e continuou: – Estou interessada, tá? Já que a gente veio até aqui, pode aproveitar para fazer o tour não oficial.

Matt sorriu.

– Deixa comigo. Nunca vim aqui antes, meus pais não aprovam a cidade, nem do passado nem do presente, mas eu conheço todas as histórias. Eles chamavam Deadwood de fronteira final porque a cidade não era legítima. A terra supostamente pertencia aos nativos, mas o general Custer encontrou pepitas aqui, e daí começou uma corrida do ouro, que fundou Deadwood. Como era uma cidade ilegal, não havia quase lei ou ordem alguma, até a chegada de Seth Bullock, um canadense que virou o primeiro xerife.



Matt continuou com o tour enquanto Fen seguia os dois, balançando a cabeça.



Na caminhada, Matt conseguiu encontrar todos os túmulos famosos – Wild Bill, Calamity Jane, Seth Bullock, Preacher Smith e Potato Creek Johnny –, mas os três não conseguiram encontrar os gêmeos. E levaram tanto tempo indo até o fundo do cemitério que tiveram que procurar pelos dois no caminho de volta, para o caso de eles terem entrado naquele meio-tempo. Fen reclamou disso... e reclamou do fato de Matt continuar parando para olhar coisas que não tinha visto na vinda, incluindo a Vala Comum. Ele explicou a Laurie que era ali que ficavam quase todos os túmulos não identificados.

– Vou colocar *você* num túmulo não identificado se falar mais alguma coisa sobre gente morta – murmurou Fen.

– Isso inclui a palavra ‘cemitério’? – perguntou Matt, sorrindo.

– Sim.

Matt riu, mas Fen tinha razão. Eles deveriam voltar à entrada e esperar pelos gêmeos.

Encontraram um esconderijo atrás de um monumento e esperaram. Uma hora se passou. E mais uma. Começou a anoitecer. Matt estava esticando as pernas quando ouviu um estalo. Olhou para cima e viu uma bandeira tremulando.

– Alguma coisa interessante? – sussurrou Laurie enquanto se esgueirava por trás do monumento.

Matt balançou a cabeça, negando.

– É só a bandeira. – Ele estreitou os olhos para ver melhor no crepúsculo.  
– Esquisito. Eles não a recolhem ao pôr do sol como nos outros lugares. Li

que deixam hasteada vinte e quatro horas por dia, e...

– Mas você já começou com isso de novo? – acusou Fen. – Juro que vou achar uma bela cova vazia para você, se não ficar quieto.

– Não estou muito preocupado – comentou Matt. – O cemitério está lotado. – Ele pensou em parar por ali, mas no fundo era engraçado provocar Fen de vez em quando. Especialmente quando não havia mais nada para se fazer. – Sabe, por outro lado, pode ser que tenha alguns túmulos vazios por aqui. Nos tempos do Velho Oeste, eles enterravam os garimpeiros aqui, então, às vezes, as famílias descobriam e pediam que mandassem os corpos de volta para casa. Só que, obviamente, a pessoa já estava morta havia um tempo, então escavar o corpo e mandar pelo correio seria bem nojento. Assim, eles mandavam só os ossos, o que significava que eles tinham que ferver...

– Ei! – Fen apontou para Laurie. – Você acha mesmo que ela precisa ouvir isso?

– Na verdade... – começou Laurie.

– Não. – Fen virou-se com raiva para Matt. – Cale a boca, Thorsen. Ou eu a calo pra você.

– Antes ou depois de me colocar numa cova vazia?

Fen rosnou. Matt sorriu de volta.

Laurie se colocou entre os dois.

– Ele está provocando você, Fen. – Ela se virou para Matt. – Pare com isso. – E então para Fen. – E você também.

– Mas foi ele quem começou...

O olhar de Laurie calou Fen, e a garota voltou para trás do monumento. Matt e Fen a seguiram. Assim que Matt chegou ao esconderijo, achou que tinha ouvido alguma coisa. Olhou em volta. Não viu nada, e quando se virou para ignorar, sentiu... um repuxar no cérebro. Era a única maneira de

descrever. Como aquela sensação esquisita de que tem alguém vigiando você, só que não eram os cabelos da nuca se arrepiando, era um *ping* no cérebro que dizia *Preste atenção*.

Matt sentiu o ping para valer quando o amuleto deu um pulo e começou a esquentar. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não sabia o quê, e se inclinou para espiar a penumbra crescente além do monumento. Foi aí que ele viu dois vultos se aproximando do cemitério.

Nornes? Valquírias? Trolls? O amuleto reagira aos três. Quando os vultos se aproximaram, Matt viu que eram os gêmeos, Ray e Reyna. Então, ele podia detectar descendentes também? Não tinha acontecido antes. Talvez fosse um poder novo.

Cutucou o ombro de Laurie e apontou. Ela viu os gêmeos e murmurou que os três deveriam esperar até que eles chegassem mais perto. Fen se remexeu impaciente, mas não discutiu.

Matt não entendia os gêmeos. Não eram o tipo de garotos que você via em Blackwell, Lead ou mesmo Deadwood. Não que ser diferente fosse errado, mas ele... simplesmente não os entendia. Ou seja, não sabia como abordá-los ou como convidá-los a participar da luta.

*Mas essa é sua tarefa, não é? Foi esse o teste que as Valquírias lhe passaram. Encontrar os outros e conseguir sua aliança.*

A parte de lutar era tão mais fácil.

Matt observou os irmãos. Ignorar as roupas esquisitas e a maquiagem e simplesmente falar com eles parecia ser a melhor resposta. Mas Laurie já tinha tentado isso.

O amuleto gerou um clarão de calor, como para lembrá-lo de que ele poderia *obrigar* os gêmeos a acompanhá-lo. Assustá-los até que aceitassem. O mero pensamento o incomodava. Não era assim que um líder agia. Não tinha sido assim que Thor agira também. Às vezes, as pessoas achavam que

sim, mas, nas velhas histórias, Thor sempre usara a força para o bem. Para ajudar os outros, não para feri-los.

Matt continuou observando os irmãos, agora próximos o bastante para que ele pudesse ver suas expressões, aquela mesma cara de “o mundo me entedia” de mais cedo. Ele se tocou de que agora só poderia fazer as mesmas coisas que tinha feito antes, e que Fen e Laurie esperavam que Matt mudasse sua atitude, que encontrasse as palavras certas, só que ele não sabia que palavras eram essas, e agora eles tinham passado por tudo aquilo para nada e...

Respirou fundo. Falaria com os gêmeos. Seria razoável. Usaria a lógica.

Lógica? Eles disseram aos irmãos que eles tinham que ajudar a salvar o mundo. Enfrentar uma serpente gigante antes que os lobos comessem o sol e a lua e lançassem a Terra num inverno eterno. A lógica nem...

O amuleto começou a vibrar. Matt puxou o cordão novo para fora da camiseta para que pudesse se concentrar. Só que, no meio desse movimento, ele sentiu a vibração, e ela não vinha do amuleto morno. Largou o objeto rapidamente e pressionou os dedos no chão, que *vibrava*. Então não eram os gêmeos que ativavam o amuleto.

Matt se levantou num salto.

– Tro...!

Ele nem terminou a palavra quando duas lápides ganharam vida. Elas saltaram sobre o muro antes que Matt pudesse sair de trás do monumento. Os gêmeos se viraram e ficaram boquiabertos.

Os trolls os pegaram e os colocaram nos ombros, como sacos de farinha. O garoto, Ray, ficou paralisado. Reyna socou as costas do captor e gritou. Matt saiu de trás do monumento, com Fen e Laurie logo atrás, mas os trolls se moveram como relâmpagos, saltando de volta sobre o muro. Enquanto

eles corriam, outra lápide pulou e os seguiu, e os três monstros atravessaram o cemitério em disparada. O tempo todo, Reyna gritava e lutava.

Matt correu atrás deles. Quando chegou ao ponto de onde eles tinham pulado o muro, os monstros tinham desaparecido no cemitério escuro. Ele correu na direção dos monstros. Mas não havia sinal deles, e ele reduziu a velocidade, estreitando os olhos enquanto avançava. Finalmente, viu algo se mexendo perto do monumento para Wild Bill Hickok.

Ele deteve Fen e Laurie e apontou. O troll que ficara de reserva para os raptos estava parado junto da cerca do túmulo de Wild Bill e tentava enfiar a pata pelos elos de arame para pegar alguma coisa.

– As moedas – sussurrou Matt, lembrando-se de Laurie jogando uma para o troll no monte Rushmore.

Enquanto ia de lápide em lápide, Matt viu que tinha razão. Mais cedo, percebera que as pessoas enfiavam a mão pela grade para deixar “oferendas” no túmulo de Wild Bill. Havia umas duas garrafas de uísque, um flor, um conjunto de ases, e moedas. O último item tinha chamado a atenção do troll.



Matt precisou conter uma risada enquanto olhava a criatura tentando pegar o dinheiro. Era meio engraçado, como ver um tigre de trezentos quilos parar de perseguir uma gazela para brincar com uma borboleta. Os outros trolls já estavam longe.

– Vou dar a volta nele – sussurrou Fen. – Quando eu der o sinal, nós dois corremos e pulamos no troll. E vamos obrigá-lo a contar aonde os amigos dele levaram os gêmeos.

Um dia antes, Matt teria pensado que aquele era um plano perfeitamente brilhante. Mas ele enfrentara o último troll. Sabia que, por mais bobo que aquele ali parecesse ser, grunhindo e resmungando e se esticando para pegar uns trocadinhos, o monstro ainda era uma pilha viva de rochas... com um soco de marreta. Forçar Leaf a revelar o paradeiro dos gêmeos não tinha dado muito certo. Então, ele fez um gesto para que Fen esperasse e observasse.

O troll passou pelo menos cinco minutos tentando enfiar o braço pelo arame até que finalmente percebeu que a cerca mal lhe batia no peito. Então, levou mais alguns minutos tentando descobrir como passar por cima.

– Não são lá muito espertos, né? – comentou Laurie com uma risadinha.

Aquilo era um eufemismo. E algo que Matt precisaria lembrar se quisesse enfrentar aquele cara. Mas não foi preciso. O monstro pegou o dinheiro, pulou a cerca de volta e saiu correndo. Matt acenou para que os companheiros seguissem.

Com os outros dois trolls tão na dianteira, aquele ali não parecia estar com tanta pressa, e os garotos conseguiram acompanhá-lo. O troll continuou seguindo pelas colinas, ocasionalmente desaparecendo atrás de árvores ou se misturando às lápides cinzentas, emergindo logo depois, ainda correndo. Finalmente, quase do lado oposto do cemitério, Matt ouviu os gêmeos.

– Você acha mesmo que nós somos burros? – perguntou Reyna. – Vocês estão trabalhando com aqueles garotos. Eles nos contam histórias sobre deuses e trolls, e vocês aparecem vestindo fantasias de trolls. Fantasias *toscas*. Eu consigo ver o zíper atrás, sabia?

– Eu não estou vendo zíper. – O sussurro de Ray flutuou com a brisa.

– Bem, deve ter um – insistiu a irmã. – Eles vestiram essas roupas para nos sequestrar e pedir resgate. É isso que vocês querem, né? Resgate?

– Tesouro – grunhiu um dos trolls. – Aerik quer tesouro.

– Viu? – disse Reyna.

Matt continuou correndo ao longo das lápides até que conseguiu ver os trolls. O terceiro tinha se juntado aos companheiros, e os três estavam agachados em volta dos gêmeos, amarrados e sentados no chão. Ray parecia apavorado; Reyna, furiosa.

Agora que estavam perto, Matt reconheceu um dos trolls que havia raptado os irmãos. Ele distinguiria as rachaduras daquela cara feia em qualquer lugar. Leaf.

Foi Leaf quem falou em seguida, virando-se para aquele que tinha se atrasado e perguntou:

– Aonde Sun foi?

O troll, cuja pele era cheia de veias vermelho-escuras, como ferrugem, abriu a mão, revelando as moedas.

– Mais? – indagou Leaf.

Sun balançou a cabeça.

Leaf grunhiu e se virou para os gêmeos.

– Vocês têm tesouro.

– Dinheiro? – perguntou Ray. – Claro, nossos pais têm dinheiro. Meu pai administra um dos cassinos.

– Não... – começou Reyna.



O irmão lhe lançou um olhar que a calou, então ele se virou novamente para os trolls.

– Nosso pai vai pagar. Posso lhe dar o número do celular dele. Ou... – Ele olhou para os trolls de cima a baixo. – Posso ligar do meu.

Os trolls o encararam sem reação.

– Tesouro – disse Aerik. – Aerik quer tesouro. Leaf disse garota filha Freya. Garoto filho Frey. Crianças deus te quer. Frey e Freya têm tesouro.

Laurie se inclinou e sussurrou:

– Eles sabem que os gêmeos são valiosos porque a gente queria muito encontrá-los.

Matt concordou com a cabeça.

– E, para eles, valor quer dizer tesouro.

Os três ouviram por mais alguns minutos, conforme os dois lados tentaram, sem muito sucesso, entrar num acordo.

– Eles vão ficar nisso por um bom tempo. – Laurie se virou para Matt e perguntou: – Será que a gente espera até que eles virem pedra?

Matt fitou o céu. As estrelas tinham aparecido há uma hora. Ainda faltava muito para a aurora. Ele espiou os trolls. Um, eles os enfrentariam. Dois, seria possível se eles libertassem Ray para ajudar. Três? Sem chance.

Matt concordou com a cabeça.

– Não tem outro jeito.



Meia hora depois, os gêmeos finalmente começaram a entender o que os trolls queriam dizer. Mais ou menos.

– Nada de dinheiro de papel? – perguntou Reyna. – Como é que se paga resgate sem dinheiro de papel? Com títulos ou coisa assim?

– Ouro – sussurrou Ray à irmã. – Eles falaram em tesouro brilhante, então acho que querem ouro.

– Então, por que eles não dizem ouro?

Ray olhou para os trolls, e Matt notou que, pelo jeito que o menino os estudava, já tinha percebido que não eram sujeitos fantasiados. Mas, ao se virar para a irmã, parecia ter decidido que não era hora de discutir com ela sobre isso.

Ray se remexeu, amarrado, e puxou um anel, que ergueu o máximo que pôde.

– É isso que vocês querem? Mais disso? Tesouro?

Aerik tentou agarrar o anel, e Ray imediatamente o jogou na grama. Os três trolls mergulharam atrás dele. Leaf saiu vitorioso, rindo daquele jeito de pedras arranhando que fez Matt ranger os dentes.

– É isso que vocês querem, então? – repetiu Ray. – Isso é tesouro?

– Sim – confirmou Aerik, saltitando. – Tesouro. Mais tesouro. Aerik quer tesouro.

– Dê o seu anel pra eles – sussurrou Ray à irmã.

– O quê? Eu não vou...

– Reyna!

Reyna resmungou, mas conseguiu tirar o anel e jogá-lo. Mais uma vez, foi como uma jogada de futebol americano: todos os três pularam atrás dele. Leaf conseguiu esse também, mas Aerik o tomou, e os dois discutiram em rimbombos, sem palavras, até Leaf ceder.

– Pronto – disse Reyna. – Agora, se vocês puderem nos desamarrar...

– Mais tesouro – exclamou Sun, rolando para a frente para se agachar diante dela. – Quero mais.

– Não temos mais nada conosco – disse Ray.

Reyna remexeu os dedos.

– Viu? Não tem mais anéis. Acabou.

Agora Leaf avançou, bamboleante, arrastando os punhos.

– Mais tesouro.

– Não temos mais...

– Mais tesouro! – rugiu Aerik ao disparar e agarrar Ray pela garganta.

Aerik ergueu o menino, com Reyna pendurada nele pelas mãos amarradas. Ele ergueu Ray sobre a cabeça e começou a apertar. O menino engasgou e chutou. Reyna gritou e tentou se virar.

– Tesouro! – gritou Aerik. – Dá tesouro ou Aerik quebra filho Frey.

Quebra ossos. Mói os ossos. Dá agora!

Matt puxou o amuleto para fora e deixou o esconderijo.

– Alguém falou em tesouro?

Aerik se virou, assim como os outros dois, e Matt se deparou com os três trolls. Ele engoliu em seco e se esforçou para falar:

– Lembram-se de mim? – perguntou Matt.

– Filho de Thor. – Leaf ergueu a mão ferida. – Rachou dedos de Leaf.

– Isso. E o filho de Thor tem um tesouro muito especial, não tem? –

Matt abriu a mão e deixou o amuleto pender. – Vocês se lembram disso também?

– Martelo – disse Sun. – Martelo do deus.

– E o Martelo do deus é um tesouro muito especial, né? Melhor que uma montanha inteira de anéis e moedas. Ele tem poder. O poder de Thor. O poder de matar gigantes.

Matt balançou o amuleto. Os três pares de olhinhos o seguiram, de um lado para outro.

– Vocês querem isto? – indagou Matt.

As três cabeças feias assentiram.

– Então, soltem os garotos.

Aerik os soltou, e Ray caiu em cima de Reyna, que gemeu.

– Ótimo. Como os três querem o Martelo, então vamos fazer uma corrida. Vou jogar o amuleto, e o primeiro que pegar ganhará o poder de Thor. Justo?

Eles concordaram de novo. Leaf começou a se adiantar. Aerik esticou o braço para detê-lo, e os dois grunhiram entre si por um momento até que Leaf voltou para a linha de largada.

– Todo mundo pronto? – perguntou Matt. – No três. Um. – Ele levou a mão para trás. – Dois. – Ele flexionou o braço. – Três! – Matt fingiu arremessar o cordão, mas o jogou para cima, escondido no punho.

Nenhum dos trolls se mexeu. Matt baixou o punho para o lado e acenou com a outra mão.

– Está pra lá. Vão buscar.

– Tá na mão – afirmou Sun.

– O quê? – Matt ergueu a mão que tinha acenado. – Não, está vazia, viu?

– Outra mão.

Aerik deu um longo passo à frente.

– Filho de Thor acha que Aerik é burro. Aerik não é burro. Martelo na mão.

Matt abriu a outra mão e fingiu surpresa ao ver o cordão ali.

– Hum. Deve ter ficado preso no meu dedo. Desculpa. Vamos tentar de novo.

Ele acenou para que Aerik voltasse à linha de largada entre os outros dois. Atrás deles, Ray e Reyna tentavam furiosamente se libertar. Reyna tinha soltado uma das mãos e estava puxando o nó. Matt tentou enrolar, mas os trolls começaram a resmungar e a balançar, como se estivessem prontos para atacar.

– Tá bom, tá bom – disse ele. – Vamos lá. Vou jogar dessa vez. Todo mundo pronto?

Os trolls fizeram que sim com a cabeça. Enquanto Matt enrolava, na esperança de dar tempo para que os gêmeos se soltassem, ele tirou o amuleto do cordão. Segurou o cordão, deixando que pendesse, mas prendeu o amuleto firmemente entre o polegar e a palma. Fez contagem regressiva e jogou a corda o mais forte que pôde.

Novamente, os trolls ficaram parados.

– Vocês não viram? – indagou Matt, acenando com uma das mãos enquanto guardava o amuleto no bolso. – Eu joguei desta vez.

– Eu vi! – afirmou Ray. – Estou vendo ainda, na base daquela lápide ali.

– É cordão preto – disse Aerik. – Filho de Thor jogou cordão preto. Não quero cordão preto.

*Por que não estava funcionando? Laurie os enganou com facilidade. O pânico o dominava.*

Laurie se adiantou:

– Mas é o cordão preto que segura o Martelo no pescoço dele. Está ali, como o filho de Frey disse. Viu?

– É cilada – decidiu Aerik. – Martelo no bolso.

– O quê? – exclamou Matt, tateando os bolsos, torcendo para que as mãos não tremessem. – Como ele chegou aqui? Eu joguei. É...

Aerik investiu.

Matt empurrou Laurie para fora do caminho e atingiu Aerik com um golpe do Martelo. Um tiro perfeito, quase instantâneo, e não conseguiu evitar um sorriso enquanto o troll deslizava no chão. Infelizmente, havia mais dois com ele, que atacaram também. Matt mergulhou para o outro lado, para longe de Laurie, e rolou.

– Ei! – gritou Fen. – Feioso número dois! Por aqui!

Enquanto Matt se levantava, ele acenou para que Laurie se afastasse, e se deteve: eles precisavam soltar os gêmeos. Laurie estava um passo à frente, já correndo até os irmãos enquanto o primo distraía os trolls.

Matt acertou um Martelo em Sun enquanto Fen se esquivava da investida de Leaf.

Fen emparelhou com Matt, e Aerik se levantou com dificuldade.

– Quer um conselho, Thorsen? Limite-se a lutar. Você não tem futuro como mágico.

– Está bem.

Aerik investiu contra os dois. Matt o fez voar com o Martelo, mas Sun já estava de pé e Leaf tinha virado, e os dois vinham correndo até Matt e Fen. Eles mergulharam para lados opostos, e os trolls foram atrás deles.

Quando Sun o atacou, Matt lançou o Martelo. Ou, pelo menos, tentou. Nada aconteceu. Ele rolou enquanto o punho de Sun desceu, acertando o solo com um estrondo. Matt tentou o Martelo de novo, se concentrou mais, ficou mais furioso. Fagulhas espirraram na grama, mal queimando as folhas.

Matt viu o imenso punho vindo até ele de novo, e tentou se levantar, mas era tarde demais. Foi atingido no ombro, e se chocou contra a lápide mais próxima, batendo com a cabeça forte o bastante para apagar por uma fração de segundo. Ao acordar, estava pendurado a um metro e vinte do chão, encarando Sun enquanto o troll o segurava pelo colarinho.

Matt cerrou o punho e evocou o Martelo. A mão quase não brilhou.

– Você está sem combustível! – gritou Fen. – Pense em outra coisa!

Matt começou a gritar que alguma ajuda seria útil, mas Fen estava lutando com Leaf. Os gêmeos estavam livres, com Laurie. Os três se esquivavam em volta de Aerik, tentando distraí-lo.

Sun chacoalhou Matt.

– Me dá Martelo. Dá Martelo agora.

– Eu bem queria – murmurou Matt. – Mas acho que o meu tanque tá vazio.

– Sun quebra filho de Thor. Quebra ele...

Matt acertou um soco direto no queixo de Sun. Um golpe nocauteador... que mal fez Sun estremecer e lançou uma explosão de dor pelo braço de Matt, como se ele tivesse socado uma parede de tijolos.

*E é isto que ele é: uma parede de tijolos. Como Fen disse, são monstros de pedra. Não dá para lutar...*

– Dá Martelo! – rugiu Sun. – Dá agora!

Sun balançou Matt tão forte que os dentes dele tremeram e o estômago estremeceu e tudo que ele podia ver era o borrão dos olhinhos e da boca aberta do troll e...

*Isso!*

Matt cerrou os dentes e esperou que o troll parasse de chacoalhá-lo. Em seguida, preparou o punho e o socou no olho. Sun soltou um uivo de arrepiar os cabelos. Matt o acertou no outro olho.

Sun o soltou, e Matt caiu no chão enquanto o troll cambaleava para trás ululando como unhas num quadro-negro.

– Sun não vê! Não vê! Sun cego!

– Thorsen! – gritou Fen.

Matt se levantou e girou, e viu que Laurie estava nas mãos de Aerik. Os gêmeos batiam no monstro, que os ignorava. Fen estava a alguns metros, enfrentando Leaf, que estava entre ele e a prima.

– Thorsen! – gritou Fen de novo.

– Deixa comigo!

Matt correu e se atirou contra Aerik. No meio do caminho, lembrou por que não tinha feito isso da primeira vez. Porque era como se jogar numa face rochosa lisa. Não havia onde se segurar. Não, talvez...

Ao pular, Matt conseguiu passar o braço pelo pescoço do troll, e usou a palma da outra mão para esfregar o olho do monstro.

Aerik rugiu e soltou Laurie. Tentou bater em Matt, e suas garras engancharam na camiseta dele. Matt se soltou e caiu antes que o monstro o pegasse.

O troll girou enquanto Matt saltou. Ele aterrissou com Laurie, Ray e Reyna. Ao perceber isso, Matt se preparou para correr, para atrair a atenção do monstro, mas Sun se recuperou da cegueira temporária e bloqueou o caminho de Matt. Ele se virou de novo, procurando uma saída. Fen correu até eles, com Leaf na sua cola, e percebeu que estava indo direto até Sun. Parou.

Os cinco ficaram juntos, cercados pelos três trolls, que rangiam os dentes e reverberavam com fúria e frustração.

Eles estavam presos.



# DEZESSETE



## LAURIE

### “UMA PORTA SE ABRE”

O coração de Laurie batia forte. Parecia que alguém tentava sugar o ar de seus pulmões. Os garotos estavam cercados por trolls, e eles não tinham ido muito bem da última vez que os enfrentaram. O grupo *tinha* aumentado, mas Ray e Reyna estavam encolhidos e juntos, Matt ficara sem energia e a transmutação de Fen não era muito útil contra criaturas feitas de pedra.

Conforme o círculo de trolls ficou mais apertado e próximo do grupo, a pressão no peito de Laurie aumentou até ela achar que cairia ou vomitaria. A garota viu Fen e Matt estenderem os braços para a apoiarem, e ela ergueu as duas mãos para que eles se afastassem. Ao fazê-lo, o ar à frente dela começou a ondular. Laurie afastou as mãos, fitando o espaço de cores estranhas diante de si. Era como se o ar entre as mãos estivesse assumindo as cores de uma opala.

– Laurie? – Fen se aproximou, mas não a tocou. – O que você está fazendo?

– Não sei. – Ela se sentiu meio tonta conforme o espaço cresceu, e se perguntou vagamente quanto tempo havia passado, porque se sentia desconectada da própria pele enquanto encarava os clarões de cores diante de si e tentava não vomitar.

Além da luz, ela sabia que os trolls esperavam. Eles pararam e observaram o portal que havia aparecido entre as mãos dela. Atrás de Laurie, estavam os gêmeos. E, diante dela, do outro lado do portal que ela criara, de alguma forma, havia um aposento cheio de plantas.

– Vão – disse ela.

– Para onde? – indagou Ray.

– Não importa, desde que seja um lugar sem trolls – murmurou Reyna.

Ela pegou a mão de Ray e mergulhou pelo portal, puxando o irmão consigo.

Doeu. O corpo de Laurie pareceu estar sendo espremido, e ela pensou por um instante que um dos trolls a tivesse agarrado. Estavam todos olhando para ela, os trolls e os rapazes.

– Vão *agora!* – ordenou ela.

Matt trocou olhares com Fen, mas não disse nada ao passar pelo portal. Então, Laurie empurrou Fen pela passagem e pulou atrás dele, deixando Deadwood e os trolls atordoados para trás.

Eles não ficaram dentro do portal por muito tempo, mas parecia que o espaço se dobrava em cima dela. A pressão de deixar os outros passarem pelo portal era completamente diferente da sensação que teve ao atravessar. Era como se Laurie estivesse sendo virada do avesso, e a vontade de fechar os olhos era quase incontrolável. Fen segurava com força a mão da prima, que tentou se concentrar nessa sensação.

Depois de um momento infinito, eles caíram num enorme salão cheio de plantas tropicais e aves coloridas. Acima havia uma claraboia em domo e, através dela, era possível ver árvores do lado de fora. Ao redor, dentro do salão, havia orquídeas, e algo escamoso com uma longa e fina cauda que Laurie não conseguiu identificar desapareceu sob uma planta. Eles estavam dentro de uma estufa ou algo assim, e vivos; Laurie não estava, de fato, virada do avesso.

Também não havia trolls ali. Só isso já era suficiente para lhe dar vontade de se sentar e relaxar por um minuto. Porém, Matt e Fen estavam ao lado dela, esquadrinhando os arredores em busca de perigo. O primo ainda segurava sua mão, e os gêmeos seguiam logo atrás. Laurie olhou em volta, para o pequeno grupo, e percebeu que todos pareciam esperar que trolls ou outros monstros aparecessem a qualquer instante, e, considerando onde eles tinham estado um minuto antes, não era um medo lá muito exagerado. Além disso, ela admitiu consigo mesma, todos lhe lançavam olhares como se ela fosse algo exótico.

– Vou vomitar – sussurrou Laurie para Fen.

No que Laurie se deixou cair no chão, Fen aconselhou:

– Ponha a cabeça entre os joelhos.

– É tudo real – comentou Reyna em voz baixa. – Não tinha zíper algum, né?

Mesmo sem olhar para Fen, Laurie sabia que ele tinha revirado os olhos e feito uma careta para os irmãos.

– Lerdinha você, hein? – resmungou.

– Seja legal com eles – sussurrou Laurie, não porque não quisesse ser escutada, mas porque falar mais alto que aquilo lhe parecia impossível no momento.

– Não vomite nos meus pés – respondeu Fen, no mesmo tom de voz.



– Eu estou legal – mentiu Laurie para o primo. Não havia nada de legal na forma como ela se sentia. Tinha a sensação horrível de que as entranhas se reviravam de um jeito errado e anormal. Os adolescentes estavam a salvo dos trolls, no entanto, ela não sabia bem o que tinha acontecido. Talvez as Nornes ou Valquírias ou o que mais estivesse lá fora tenham dado a Laurie um dom estranho. Naquele momento, porém, ela não sabia se era um *dom* ou uma maldição.

– Isso foi inesperado – comentou um dos rapazes. – Nunca tinha visto um portal se abrindo antes.

Laurie olhou para a frente e viu um garoto mais ou menos da idade deles observando o grupo. Ela não o havia notado antes, quando chegaram, mas todo aquele lance de “fazer uma rota de fuga” era bem estonteante. Os outros também o encaravam, então talvez atravessar o portal fosse uma experiência atordoante para todos.

– De onde você v...

– Virei a esquina bem quando vocês chegaram pelo portal. – O rapaz apontou um caminho que, de fato, virava uma curva logo além do campo de visão deles.

O garoto era mais alto que ela e Fen, mas não tanto quanto Matt e os gêmeos. Era quase tão forte quanto Matt, e mais forte que Fen ou Ray. Cabelos de um loiro médio, entre o castanho-claro e o loiro platinado, lhe caíam no rosto sardento, de onde um par de olhos castanhos os fitava com curiosidade. Ele vestia uma camiseta com uma estampa que lembrava propaganda de skate.

Quando ele deu um passo na direção do grupo, Fen rosnou.

– Deixem comigo. – Matt entrou na frente de Fen e Laurie. – Não há nada para se ver aqui, então...

– É ele que a gente está procurando – interrompeu-o Laurie. A sensação de formigamento voltou, e ela suspeitou ter descoberto um descendente do Norte. Laurie sorriu para o menino.

– Você é como um pombo-correio, né? – comentou Reyna atrás dela.

Laurie se virou para a garota, mas não disse nada. O movimento súbito a deixou tonta, e Fen parecia um cachorro puxando a correia, pronto para atacar todo mundo. Ele deu as costas aos gêmeos e se virou ao recém-chegado.

Laurie se levantou, dando a mão ao primo para se apoiar e para contê-lo.

– Vem. – Reyna puxou o irmão para mais longe dos outros.

Fen e Matt pararam ao lado de Laurie, mas ficaram de olho nos gêmeos. Laurie percebeu com um tanto de orgulho que os gêmeos não se afastaram a ponto de perderem o restante do grupo de vista. Eles foram resgatados dos trolls e, mesmo que não estivessem muito felizes com a situação, tinham bom senso suficiente para saber que era uma boa ideia ficar perto da garota capaz de abrir portais e dos dois guerreiros. *É isso que eles são*, pensou Laurie com um sorriso. *Guerreiros*. Podiam ser adolescentes, mas faziam coisas incríveis.

– Você tem certeza disso? – perguntou Fen.

– Tenho. – Ela confirmou com um aceno de cabeça.

Dava-lhes uma sensação boa quando trabalhavam em equipe assim e, agora que tinham encontrado esse menino, estavam mais perto ainda de completar o grupo que enfrentaria os monstros. Tudo estava dando certo.

– Eu sou Laurie. Esses são Fen, Matt, Reyna e Ray. – Ela apontou cada um conforme ia dizendo os nomes.

– Baldwin. – O rapaz sorriu de novo. Ao contrário dos gêmeos, parecia estar empolgado em vê-los, ainda mais quando começou a falar: – Isso é tão legal. Nunca encontrei ninguém com poderes bizarros como eu antes. Sabia

que existia mais gente. É como saber que tem alguma coisa diferente em você, e então perceber que você não pode ser o único. Tipo, meus pais me levaram a médicos, mas eu sabia que não era doença. Eu simplesmente não sinto dor nem nada. Quais são seus poderes? A gente é tipo super-herói? Eu não leio muito, mas gosto de quadrinhos.

Todos ficaram olhando para ele. Até os gêmeos interromperam a misteriosa conversa em voz baixa para encará-lo. Baldwin estava animado, aceitando a estranheza daquela situação com uma alegria que era diferente das reações de todos os outros.

– Poderes bizarros? – ecoou Fen.

Baldwin fez que sim com a cabeça.

– Bem, a maioria das pessoas não pode abrir portais... ou será que *vocês podem?* Vocês todos podem fazer isso? Aposto que conseguiria fazer umas manobras sinistras no meu skate se pudesse passar por um portal.

Laurie riu.

– Ele é *tão* mais fácil que os gêmeos. – Ela percebeu a gafe e se virou para os irmãos. – Desculpa. – Laurie se voltou para Baldwin. – Eu abro portais. Eles fazem... outras coisas.

– Que legal. – Baldwin continuava sorrindo. – Tipo o quê?

Laurie tinha medo de que Fen rosnasse para Baldwin. Pessoas animadas o irritavam, mas, antes que ela pudesse responder para evitar que Fen fosse grosso, o primo disse:

– A gente fala disso mais tarde, mas primeiro...

Um barulho próximo fez Baldwin dizer:

– Escondam-se.

Os descendentes, por hábito ou bom senso, ficaram calados até que Baldwin aparecesse atrás de uma samambaia gigante.

– Foi mal. Achei que pudesse ser um guarda. Geralmente, sorrio pra eles e eles ficam na boa, mas não sabia se seria tranquilo se houvesse outras pessoas aqui. Eu odiaria arranjar problemas para vocês ou para eles.

– Um guarda? A gente precisa sair daqui – disse Matt, olhando em volta.  
– Onde quer que *aqui* seja.

– Jardim dos Répteis, Rapid City, Dakota do Sul. – Baldwin abriu os braços. – Adoro este lugar. Eu queria que eles me deixassem ver as cobras venenosas de perto, mas toda vez que eu me aproximo, alguém tem um treco. – Ele fez uma pausa e, pela primeira vez, sua animação diminuiu. Então, o sorriso voltou. – Achei que talvez rolasse à noite, já que só há dois guardas aqui...

– As cobras não estão em exposição? – Laurie franziu o cenho. Ela não era exatamente fã de cobras, em particular naquele momento, quando ela ficava pensando na Serpente de Midgard, mas parecia estranho que num lugar que se chamava “jardim dos répteis” não houvesse cobras venenosas.

– Ah, não, elas estão expostas, mas eu quero *tocá-las*, então fiquei depois de fecharem hoje. – Baldwin olhou para os outros como se a explicação fizesse sentido. Mas não fazia.

– Maravilha – resmungou Fen. – Ele até pode ser mais simpático que as irmãs rímel aqui – Fen fez um gesto para trás. – Mas ele é doido.

Baldwin riu.

– Que isso, nem sou. Só queria fazer experiências com as cobras, mas, agora que vocês chegaram, elas podem esperar.

– É como o mito – comentou Matt. Todos olharam para ele. – Ele é *Balder*. O deus que não podia ser ferido por nada além de visco... e era muito gente boa. Sempre feliz.

– Hein? – Ray e sua irmã ranzinza se juntaram aos outros.



– Você quer dizer que é impossível ele se ferir? – Reyna apontou para Baldwin. – Com qualquer coisa?

– Menos visco – repetiu Matt.

– Eu sou um deus? Legal... Hum. Nunca vi visco de verdade. – Baldwin parecia perigosamente interessado. – Então, se eu me espetasse com essa planta, isso me machucaria?

Todos olharam para ele. Fen abriu a boca para dizer algo, mas voltou a fechá-la e balançou a cabeça. Depois de um momento, saiu andando, seguido pelos gêmeos.

– Sério, cara – disse Baldwin ao alcançar Fen. – Você faz snowboard? Skate? Eu tenho uma rampa. – As palavras dele pareciam infinitas, mas, em vez de rosnar, Fen reduziu o passo para que Baldwin pudesse acompanhá-lo.

Matt olhou para Laurie inquisitivamente, mas ela deu de ombros. Ela era capaz de achar os descendentes do Norte muito bem, mas isso não queria dizer que eles fariam sentido para ela. Os gêmeos ainda guardavam algum tipo de segredo; Laurie tinha certeza disso. Baldwin aparentemente queria se espetar com um graveto para sentir dor. O que ela queria de verdade era se esconder em algum lugar, tomar um banho e talvez vestir roupas limpas, ou pelo menos lavar as dela.

Depois de sair do Jardim dos Répteis, o grupo foi andando até a casa de Baldwin. No caminho, Matt explicou a ele sobre a chegada de Ragnarök e o que isso significava para Baldwin como descendente do deus Balder. Talvez fosse por causa de sua inabilidade de sentir dor, tal qual o lance de lobo de Fen e o poder do Martelo de Matt. Mas Baldwin já sabia que havia alguma coisa de especial nele, então aceitou a explicação com a facilidade bem-humorada que Laurie suspeitava ser sua reação natural a quase tudo. Na verdade, ele estava empolgado demais. Queria lutar, amava a ideia de que

sua invulnerabilidade se devesse à batalha vindoura e, perversamente, na opinião de Laurie, estava louco para ver uma serpente gigante.

– É muito mais legal que as cobrinhas do Jardim dos Répteis – comentou Baldwin enquanto abria a porta de casa. – E, a não ser que a cobra seja feita de visco, o que seria muito bizarro, vai ser como tudo o mais na vida. Nada de dor. Nada de ferimento. Isso é épico demais.

Ao entrar, Laurie ficou secretamente feliz porque a casa não era uma mansão como o lugar onde os gêmeos viviam. Sabia que nem ela nem Fen se sentiriam bem num lugar como aquele. Aquela era uma casa normal, cercada de outras casas normais.

Fen desabou no sofá. Os gêmeos se sentaram graciosamente no chão, em movimentos espelhados. Matt andou pela sala, olhando para fora das janelas, memorizando as saídas.

– Vocês todos podem ficar aqui esta noite, se quiserem. Meus pais foram passar o fim de semana fora. Era para eu ir dormir na casa dos vizinhos, mas eles nunca me obrigam. As pessoas são sempre esquisitas assim, me dão tudo que eu quero. Isso é uma coisa de descendente também? Vocês todos são tratados assim? – Baldwin entrou na cozinha enquanto falava na velocidade da luz. – Vocês devem estar com fome também.

– Não, mas sim, fome – respondeu Fen, mas Baldwin já tinha sumido. Fen esfregou o rosto e depois falou com Matt: – Thorsen? Qual é a do mito dele?

– Além do lance de ‘não pode ser ferido por nada além de visco’, todo mundo gosta dele porque ele é superlegal. Aposto que é por isso que ele consegue o que quer. As pessoas simplesmente querem fazê-lo feliz. – Matt olhou para a janela. – Nos mitos, todos os deuses gostavam dele. Tinham um esporte de jogar armas nele, mas não era para *machucar*.

Baldwin espiou pela porta.

– Talvez a gente pudesse fazer isso.

– Não – exclamaram Fen e Matt em uníssono.

– Está bem. Quem sabe mais tarde? – Baldwin deu de ombros. – Não entendo muito de mitologia, então quem são vocês?

Matt apontou Fen.

– Fen é descendente de Loki, enganador e encenqueiro. Laurie também.

Laurie sorriu para Baldwin. Então, Matt apontou os gêmeos.

– Eles são descendentes de Frey e Freya. Ela era deusa do amor e da beleza; ele cuidava do clima e da fertilidade. E eu, hum, sou descendente de Thor. Eu vou... hum, enfrentar a Serpente de Midgard.

– Thor esmaga – exclamou Reyna.

– Esse é o Hulk, não o Thor. – Matt começou a explicar.

– Tanto faz – murmurou Reyna.

Ray riu, mas Fen retrucou:

– Pelo menos, os poderes de Matt são úteis, ao contrário do poder de delineador e de fazer bebês.

Por um momento, Matt ficou com cara de espanto por ter sido defendido por Fen, mas escondeu a surpresa antes que o garoto pudesse perceber. Não que isso fosse necessário, pois Fen já estava indo atrás de Baldwin, perguntando:

– O que você tem pra comer?

Laurie não se lembrava de já ter visto Fen tão amistoso com um estranho, mas Baldwin era mesmo gente boa. Aquela coisa toda de esportes radicais interessava Fen também, que não era exatamente um nerd. Ela olhou para Matt, que estava chamando. Os dois foram para o hall.

Matt a encarou e disse:

– Nos mitos, Loki mata Balder.

Laurie não respondeu, e Matt continuou:

– Loki deu uma lança de madeira de visco ao irmão cego de Balder, e essa lança o matou. Essa é a versão principal. Há outras. Elas também dizem que os deuses tentaram resgatar Balder de Hel, a senhora responsável pela vida após a morte, porque todo mundo ficou chateado. Hel disse que, se todos lamentassem a morte de Balder, ele poderia voltar à vida, mas Loki não chorou, então Hel não deixou Balder voltar. Loki foi responsável pela morte de Balder e pela sua estadia no mundo dos mortos. Mas isso foi com o Loki real. Não quer dizer nada para *nós*. – Matt olhou para a cozinha, de onde podia ouvir Fen e Baldwin rindo. Quando continuou, parecia quase irritado, como se Laurie tivesse discutido com ele: – A Vidente e minha família dizem que os mitos são verdadeiros. Depois de tudo o que nós vimos, acredito que parte seja, mas nós somos nós mesmos, não imitações dos deuses. As Nornes dizem que não estamos destinados a perder, e isso significa que as outras coisas também não precisam acontecer como nos mitos.

Laurie considerou os detalhes. Ela não sabia bem o que pensar de várias coisas, mas tinha certeza de que eles poderiam vencer. Qual seria o sentido de fazer aquilo tudo se ela acreditasse que estavam presos aos mitos? Não passavam de histórias, aquilo era *real*. Ela perguntou:

– Você tem irmãos, Baldwin?

– Não. – Baldwin veio até o hall, afastando os cabelos escorridos do rosto.

– Vocês querem pegar umas roupas emprestadas? Posso jogar as suas na máquina de lavar.

Ambos sorriram para ele. Baldwin era o cara mais legal que Laurie tinha conhecido. Ela gostava dele, mas do mesmo jeito que gostava de Matt, com a sensação de que ele poderia ser um irmão, tão importante quanto Fen. Por outro lado, não se sentia assim com Reyna ou Ray, e isso a deixava nervosa... mais ainda porque Reyna era a única outra garota. Ela sempre tivera mais

amigos do sexo masculino, por causa de Fen, mas, mesmo assim, *queria* ter amigas também.

Enquanto seguia Baldwin escada acima, o ouviu tagarelar sobre as fotos nas paredes, sobre a primeira vez em que pulara da janela do segundo andar, e alguma coisa quanto a ter tentado comprar uma espada no eBay, o que lhe rendeu um castigo.

No andar de cima, ele pegou uma camiseta e um jeans para ela, além de um cinto para segurar as calças. À porta do banheiro, ele apontou as toalhas.

– Vou ver quantas pizzas minha mãe deixou no freezer. Deve ser melhor que sair para comer fora, né?

– Sim, por favor. – Ela bocejou. – Foram dias longos.

– Certo. – Ele foi embora cantarolando.



Duas horas agitadas se passaram enquanto todos comiam e escolhiam lugares para dormir. Matt tentou falar sobre a próxima parte do plano, mas Fen ameaçou mordê-lo se o garoto não lhes desse mais algumas horas de paz. Os gêmeos pareciam estar pasmos com tudo aquilo, e Baldwin metralhou Fen e Matt com perguntas. Enquanto os garotos contavam histórias mais ou menos precisas do monte Rushmore, tornados, trolls, Valquírias e tudo o mais, Laurie cochilou; até que a campainha tocou.

Primeiro, Laurie ficou confusa. Ela estava numa casa desconhecida, dormindo num sofá desconhecido, vestindo as roupas de outra pessoa. O toque foi seguido de uma batida, e Baldwin se aproximou. Ao vê-lo, lembrou-se de onde estava.

– Trolls não tocam a campainha, né? – perguntou ele.

– Acho que não. – Laurie se levantou e foi com ele até a porta. Os dois se revezaram espiando pelo olho mágico.

Havia uma garota na varanda. Ela tinha cabelos curtos e escuros, com as pontas pintadas de rosa, e suas roupas denunciavam que ela não era dali: uma jaqueta curta com colarinho de pele, uma saia que parecia ser um remendado de materiais diferentes, e um par de botas altas cor-de-rosa.

– Ela está com vocês? – perguntou Baldwin.

Laurie balançou a cabeça, negando.

– Hum. – Baldwin abriu a porta. – Oi.

A garota sorriu para eles e disse:

– Oi, sou Astrid. Ouvei falar que vocês estão procurando meu namorado.

# DEZOITO



## MATT

### “PESADELO AMBULANTE”

**D**epois de conversar um pouco com Baldwin, Matt adormeceu. Agora sonhava que estava em casa, de volta, antes de Vetrarblot, e a mãe dele preparava rakfisk na cozinha.

– Vou largar o boxe – anunciou ele à mãe enquanto pegava leite na geladeira. – A luta livre também.

A mãe olhou para o garoto, faca erguida, franzindo o cenho. Josh e Jake pararam de comer. Os três ficaram olhando para ele.

– Estou pensando em entrar para o time de futebol americano – explicou. – Ser um cara com espírito de equipe. – Matt guardou o leite. – Não sou muito bom de luta, mesmo.

– Claro que é – respondeu a mãe. – Você é o melhor do ensino fundamental.

– Vai ser o melhor no ensino médio também – afirmou Josh, fazendo sinal de positivo com o polegar. – Você é um talento nato, mini-Matt.

Matt bateu a porta da geladeira.

– Não. Não, eu não sou. Sou um péssimo lutador. Vocês precisam achar outra pessoa.

– Achar outra pessoa para quê, meu bem? – perguntou a mãe.

– Matt? – chamou o pai, da porta.

– Aqui! – respondeu a mãe.

O pai chegou segurando uma caixa com furos na parte de cima.

– Trouxe um presente para você. Sei que sempre dissemos que você não poderia ter um bichinho, mas acho que você finalmente está pronto.

– Finalmente responsável – concordou a mãe.

– *Finalmente* responsável – concordaram os irmãos.

O pai lhe entregou a caixa. Matt a abriu e viu uma cobrinha enrodilhada no fundo. Ela ergueu a cabeça miúda, com olhos vermelhos faiscando enquanto sibilava para ele.

Matt largou a caixa no balcão. Ela se virou, e a cobra caiu enquanto ele recuava. A cobra se desenrolou e, ao fazê-lo, ficou com metade do comprimento do balcão, a cabeça tão grande quanto a caixa na qual tinha vindo.

– Matt! – exclamou a mãe. – Assim você vai machucar a pobrezinha.

– É... é uma serpente.

O pai pegou a cobra, pendurando-a sobre o braço.

– É uma serpente muito especial, Matt. É a *sua* serpente. Você precisa cuidar dela.

A campainha tocou. Todos a ignoraram e encararam Matt, balançando a cabeça, desapontados, enquanto ele se afastava da caixa. A serpente se esticou, até que sua cabeça tocou o chão, então se balançou e se enrolou nas pernas do pai.

– Pai! – gritou Matt.

Ele tentou saltar para a frente, mas não conseguia se mover. A serpente continuou se enrolando no pai de Matt como uma sucuri, escamas brilhando em verde, olhos cintilando em vermelho.

A campainha tocou de novo.

– Você não vai pegar sua serpente, Matt? – perguntou a mãe dele. – Você não vai fazer seu pai cuidar dela, vai? Não é muito responsável da sua parte.



As espirais da serpente agora cobriam completamente o corpo do pai de Matt, com a cabeça erguida sobre a dele. As mandíbulas se abriram, as presas faiscando. Ela olhou para Matt, que não conseguia se mover, nem gritar, paralisado ali, observando as enormes mandíbulas da serpente erguidas sobre a cabeça do pai.

– Você precisa mesmo cuidar bem dela – insistiu o pai... logo antes de ser devorado pela serpente.

Os olhos de Matt se abriram de repente, e ele se deparou com um teto branco e um peso no peito, empurrando-o para baixo, tirando o ar dos pulmões. Lutou para respirar, mas não conseguia abrir a boca. Não conseguia se mover. Era como se ainda estivesse no sonho, paralisado. Não podia nem piscar. Os olhos ardiam, e o peito parecia estar queimando, e ele não conseguia respirar.

Em algum lugar, Matt ouviu as vozes de Laurie e Baldwin, e tentou gritar para chamá-los, mas a voz não saiu. Estava preso ali, no chão da sala de estar de Baldwin, sufocando.

– Você precisa cuidar dela – disse uma voz atrás dele. A voz da mãe.

Ela se inclinou sobre o filho, e seu rosto estava acinzentado e pálido.

– Você vai tomar conta da sua serpente, Matty? – perguntou ela.

Inclinou-se mais ainda, até ele sentir seu hálito, que fedia a peixe podre. – Você precisa mesmo cuidar dela.



A mãe continuou se inclinando e abrindo a boca, os olhos eram dois pontos vermelhos incandescentes, a pele de escamas verdes, dentes se afinando em presas, língua bífida dardejando.

Matt se sentou como um foguete. Ele se dobrou, tossindo e engasgando ao recuperar o fôlego. Então, lentamente se virou para trás. A serpente tinha sumido. Piscou e esfregou os olhos, esquadrinhando ao redor.

Estava na sala de estar de Baldwin, no chão. Fen dormia profundamente, encolhido na poltrona reclinável. O sofá de Laurie estava vazio, com o cobertor para o lado, e ele a ouviu falando com Baldwin na entrada da casa. Como no sonho.

*Então não foi um sonho?*

Não, só pode ter sido. Algum tipo bizarro de pesadelo acordado.

Matt piscou de novo e girou os ombros, estreitando os olhos para espiar os números azuis no relógio do DVD player. Passava da meia-noite. Por que Laurie estava acordada, conversando com Baldwin?

O garoto riu baixinho. Pergunta burra. Ele vira Reyna lançando olhares furtivos a Baldwin mais cedo. Se uma garota *tão* bonita tinha dado uma conferida em Baldwin, então o cara só podia ser bonito.

Matt bocejou e esfregou os braços ainda arrepiados enquanto os últimos sussurros do pesadelo finalmente evaporaram. Estava se espreguiçando de novo quando ouviu outra voz... de garota. *Reyna?* Não parecia ser ela. Ele se lembrou vagamente da campainha no sonho, aquela que ninguém mais parecia ouvir.

Matt se levantou e andou descalço até o hall de entrada. A voz da garota soou mais clara agora, dizendo algo sobre Odin. Baldwin a convidou para entrar, e as vozes vieram para a sala de jantar. Matt as seguiu. Quando se aproximou, viu a garota pela porta.

Ela tinha... cabelos rosa. Matt piscou e esfregou os olhos. Certo, não era todo pintado de rosa, mas as pontas, sim. Ela também calçava botas cor-de-rosa, que subiam até os joelhos. Bizarro, mas era um bizarro legal.

A garota olhou para a frente. Ao ver Matt, ela sorriu, um sorriso tão brilhante e largo que seu rosto inteiro se iluminou. Laurie dizia alguma coisa, mas a garota se aproximou de Matt, como se não tivesse ouvido Laurie. Não parecia possível que o sorriso se alargasse, mas foi o que aconteceu. Matt sentiu o rosto corar.

– Você deve ser Matt – disse ela, olhando-o de cima a baixo. Matt tinha certeza de que seu rosto estava tão vermelho quanto os cabelos. – Uau, você é mesmo o filho de Thor, né?

– N-Não. Só um descendente. Um parente distante.

– Você sabe o que eu quero dizer – respondeu ela com um sorriso.

– Matt – chamou Laurie. – Essa é Astrid. Ela é a *namorada* de Odin.

Laurie enfatizou a palavra “namorada”, e Matt desviou o olhar bruscamente, com as bochechas em brasa. Ele tinha dado em cima de Astrid? Torceu para que não tivesse dado essa impressão. Ele não tinha. Ou, pelo menos, achou que não.

– Namorada de Odin – repetiu ele rapidamente. – Legal. – Matt entrou na sala e se encostou na parede, do modo mais casual que conseguiu. – Então, o que está rolando?

– Odin a enviou até nós – explicou Laurie. – Ele está ocupado com preparativos para o Ragnarök, então mandou Astrid aqui para nos ajudar.

– Legal.

– Sério? – Astrid suspirou aliviada. – Ótimo. Odin disse que você não teria problemas com isso, mas eu não tinha certeza. A decisão é sua, né? Você é o cara no comando – afirmou ela, encarando-o.

Matt conseguiu rir.

– Não é bem assim.

Astrid lhe deu um sorrisinho secreto, como se os dois soubessem a verdade.

Matt pigarreou.

– Então, como exatamente você pode...?

Algo passou pela janela, nebuloso, como uma bola de fumaça. Matt instintivamente levou a mão ao amuleto. Quando seus dedos tocaram a pele nua, arregalou os olhos.

– Matt? – disse Laurie.

– Meu Martelo. Ele... – Matt parou e tateou o bolso. Então fez outra pausa, relembrando. – Certo. Deixei na mesinha de canto para não perder.

– Porque precisamos de outro cordão – comentou Laurie. – Acho que a gente deveria comprar no atacado.

– Pois é. – Matt espiou pela janela de novo. Estava tudo vazio.

– Você viu alguma coisa? – indagou Laurie.

– Acho que era só nevoeiro. – Ele deu uma risada curta. – Estou ficando paranoico. Trolls demais.

– Fala sério, né? – Laurie puxou uma cadeira. – Certo, então...

– Você disse nevoeiro? – interrompeu Astrid. Ela olhou para Laurie. – Desculpa, não queria interromper, mas... – Ela se virou para Matt. – Nevoeiro?

– Ou coisa assim – murmurou ele. – Talvez não fosse nada. – Ele também puxou uma cadeira.

– Não, pode ser alguma coisa sim. – Astrid foi até a janela e fechou melhor as cortinas, segurando-as com força, a voz ficando tensa: – Como era, exatamente?

– Não sei. Névoa. Fumaça. – Matt foi até a janela e deu uma olhada lá fora. – Agora sumiu.

Astrid se virou.

– Todo mundo estava dormindo bem?

– Eu estava até ouvir a campainha – disse Laurie. – Não dormi profundamente, mas foi isso.

– Comigo estava tudo bem – disse Baldwin.

Todos se viraram para Matt.

– Hum, claro – afirmou. – Tudo bem. Dormindo bem.

Astrid cravou os olhos nos dele.

– Tem certeza? Isso é importante, Matt. Aconteceu alguma coisa quando você acordou? Estava sonhando ou algo assim?

Ele estremeceu.

– É, algo assim. Meio que um sonho ruim, mas eu não vejo como...

– Um pesadelo? – insistiu Astrid. – E quando você acordou? Sentiu alguma coisa?

Matt olhou de um rosto ao outro.

– Matt – murmurou Laurie. – Ela disse que é importante. Não banque o cara durão.

– É, eu tive um pesadelo – admitiu Matt. – Eu achei que tinha acordado, mas não tinha de verdade. Não completamente, pelo menos. Não conseguia me mexer, e estava vendo coisas, e não conseguia respirar.

– Porque algo parecia pressionar o seu peito?

– Isso. Como você...?

– Maras. – Astrid deu um puxão para fechar a cortina, e girou. – Eu achei que tinha me livrado delas.

– Se livrado do quê? – perguntou Laurie. – O que são maras?

Ela olhou para Matt em busca de resposta, mas o cérebro dele patinava, vasculhando todas as velhas histórias sem encontrar nada.

Astrid foi até o hall e olhou em volta, tensa, como se estivesse se preparando para um ataque.

– Odin me avisou, mas eu achei que tinha despistado. Desculpa mesmo. Se soubesse que eles me seguiriam, não teria vindo aqui.

– O que são maras? – perguntou Matt enquanto Astrid foi até a janela espiar o lado de fora.

– Maras... – murmurou Astrid.

– Quer dizer tipo maravilhosas? – indagou Baldwin.

Matt balançou a cabeça, negando, enquanto puxava as respostas de uma saga meio perdida nas profundezas do cérebro.

– Espíritos da confusão. É delas que veio a palavra *nightmare*, pesadelo. *Mares*, ou *maras*.

– Entendi – disse Laurie. – Mas eles estão lá fora? – A garota olhou em volta lentamente. – Ou aqui dentro?

– E-Eu não sei – respondeu Matt. – Não sei nada sobre eles, na verdade. São detalhes nas histórias. Uma menção ou duas nas sagas. Astrid?

Ele a procurou no hall de entrada, mas ela havia sumido. Matt foi até lá e viu Astrid à porta de entrada, com a mão na maçaneta.

– Tenho que ir – explicou Astrid quando Matt chegou. – Eu os trouxe aqui. Se eu for embora, eles me seguirão.

– O que elas querem? – perguntou Matt.

A garota franziu o cenho.

– O que as maras querem? – repetiu ele.

– A mesma coisa que todos os monstros querem. Vocês. Os descendentes do Norte.

– Certo. Eu, Laurie, Fen, Baldwin, os gêmeos... Eles seguiram você pra encontrar a gente. Se você for embora, não vai adiantar nada – argumentou Matt.

– Verdade. Claro. Desculpa. Isso é... – Astrid respirou fundo. – Deixa comigo. Leve todo mundo para o porão.

– O quê? Não. A gente enfrentou trolls e Saqueadores. Damos conta disto. Se você quiser ir para o porão...

– Eu não me escondo – retrucou Astrid de queixo erguido. – Principalmente quando eu sou a responsável.

– Beleza – concordou Laurie, chegando ao hall, seguida por Baldwin. – Então, como enfrentamos essas coisas? O que exatamente elas são?

– Espíritos, né? – disse Matt. – Tipo fantasmas. Foi isso que eu vi lá fora. Astrid fez que sim com a cabeça.

– Mas eles estão aqui dentro também – continuou o garoto. – Ou conseguem entrar na gente de algum jeito. Nos nossos cérebros. Mexendo com a nossa cabeça. Você disse que achava que tinha se livrado deles. O que foi que você fez?

– Vocês não podem fazer o que eu fiz – afirmou Astrid. – Por isso deveriam descer para o...

– Vamos ficar – interrompeu Matt. – Explica aí.

– E rápido, por favor – pediu Laurie, olhando pela janela lateral.

– Sou descendente da rainha Gunnhild da Noruega, que diziam ser uma feiticeira. Ela era mesmo... E eu herdei seus poderes. Esconjurar as maras exige magia. Magia especial. Eu cuidarei dessa parte. Vocês só... façam o que puderem.

– Laurie, você pode acordar Fen? – indagou Matt. – Eu provavelmente levaria uma mordida se tentasse.

– Como Tyr – comentou Astrid, se esforçando para sorrir.

Alguma coisa caiu na sala de estar. Todos correram, com Matt na dianteira.



Era Fen. Ele tinha caído da poltrona e estava deitado no chão, ainda adormecido.

Matt riu.

– Boa sorte ao tentar acordá-lo, Laurie. Ele está apagado como...

Matt viu os olhos de Fen, arregalados e fixos, e correu até o amigo, ajoelhando-se ao seu lado. Fen jazia ali, paralisado, com os olhos transbordando terror, a boca escancarada, o peito atribulado como se estivesse se esforçando para respirar.

– Paralisia de sono – apontou Astrid. – Como você teve.

Matt chacoalhou o ombro de Fen.

– Não! – exclamou Astrid, saltando para a frente. – Isso só vai piorar. Você tem que deixar que ele acorde naturalmente.

Matt se virou para dizer algo a Laurie, mas ela não estava ali. Olhou em volta e a encontrou do outro lado da sala, encarando o vazio, parecendo paralisada também. Então, seus lábios se abriram e ela sussurrou:

– Jordie?

*Jordie? Quem era...? O irmãozinho dela.*

– Ela está alucinando. – Matt se levantou num salto. – Laurie? Não é...

– Jordie! – gritou ela e saiu correndo da sala, como se perseguisse o irmão invisível.

Matt olhou de volta para Fen, ainda paralisado e de olhos arregalados no chão.

– Deixa com a gente – assegurou Astrid. – Baldwin e eu estaremos aqui quando Fen acordar. Vá atrás dela.

Matt correu em busca de Laurie. Podia ouvi-la, a voz engasgada em soluços, dizendo:

– Me desculpa, Jordie. Eu tive que ir embora. Eu tive.

Matt seguiu a voz até a cozinha. A garota estava parada no meio do cômodo, olhando para o balcão, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ela rogava o perdão do irmão mais novo.

– Eu não sabia – continuou. – Achei que eu estava te protegendo. Eu não sabia.

– Laurie? – Ela não respondeu, e Matt insistiu: – Laurie? Não é ele. Não é Jordie. Seja lá o que for que ele está dizendo que aconteceu, é mentira. É uma mara, lembra?

– Não – disse ela, balançando a cabeça. – Não!

Matt pensou que a garota estivesse falando com ele, até que ela continuou:

– Eu nunca faria isso. Eu estava tentando impedir o Ragnarök. Proteger você.

– Laurie!

Matt foi até a garota e parou entre ela e o balcão. Estava bem diante dela, mas ela parecia não poder vê-lo. Presa num pesadelo acordado, como o que ele tivera.

– Não! – gritou Laurie. – Jordie, não!

Ela correu para a frente e trombou com Matt. Quando ele tentou contê-la, Laurie arranhou e chutou e, finalmente, Matt saiu do caminho e ela desabou no chão, soluçando e estendendo as mãos, como se houvesse alguém ali, deitado no chão.

– Laurie. – Matt a segurou pelos ombros e a chacoalhou. – Laurie! – Ela não reagiu, e o garoto a segurou por baixo dos braços, colocou-a de pé, e disse, tão claramente quanto pôde: – Você está sonhando. Jordie está bem. Ele está a quilômetros daqui. Você sabe disso. Você *sabe* disso.

Laurie começou a lutar, mas sem ânimo, como se pudesse ouvi-lo. Matt repetiu o aviso, mais alto ainda, e então a chacoalhou e puxou para longe do

corpo imaginário do irmão.

– O-O quê? – disse ela, olhando para Matt. – Onde...? – Laurie olhou novamente para ele, e o empurrou. – Thorsen!

– Você estava tendo alucinações. Acho que você pensou que Jordie tinha morrido e era culpa sua.

– Jordie...? – Laurie hesitou e oscilou, como se estivesse voltando para o sonho, mas, quando Matt tentou segurá-la de novo, ela o empurrou e se endireitou, respirando fundo.

– Tá tudo bem – afirmou Matt.

– Está mesmo? – inquiriu uma voz atrás dele.

Matt se virou lentamente. Lá estava seu pai, com cabelos e roupas encharcados, o rosto quase... derretido.

– *Eu* pareço bem para você? – perguntou o pai, avançando. – Você deixou que sua cobra me engolisse, Matt. Você deixou que ela me *devorasse*, e não fez nada para impedir.

– Eu não consegui. Eu...

Matt se deteve e fechou os olhos com força. Alucinação. Ele estava vendo coisas. Sabia disso, mas parecia real. Essa era a magia, como havia acontecido com Laurie. Ela sabia que Jordie não poderia estar lá, mas *parecia* real.

– Matt?

Ele ouviu a voz de Laurie distante, como se ela estivesse do outro lado da casa. *Ela está bem aqui. Concentre-se nela. Volte à realidade.*

Matt manteve os olhos fechados enquanto se virava para a voz de Laurie.

– Continue falando – pediu.

– Falando sobre o quê? – Era Jake agora. – O que há para falar, Matt? Você vacilou. Como eu sabia que você vacilaria. Você sempre vacila.

– Laurie? Fale. Por favor.

Matt escutou a garota dizer alguma coisa, mas sua voz foi sufocada por outra. Josh.

– Por que você deixou isso acontecer, Matt? – perguntou Josh. – Eu achei que você era capaz. Mesmo quando Jake disse que não. Mesmo quando papai achou que não. Eu acreditei em você.

– Laurie? Mais alto.

Ele sentiu os dedos dela no braço.

– Sai dessa, Thorsen. Aguenta firme. Você sabe que não é real. Lute!

Matt abriu os olhos, e viu a garota diante dele, com cara de brava.

– Voltei – anunciou.

– Então *fique* aqui.

– Sim, senhora. – Matt olhou em volta, piscando para afastar o que restava da visão. – Tá bom, precisamos ir...

Um grito do andar de cima.

– Os gêmeos. – Matt empurrou Laurie para a porta. – Vá cuidar de Fen. Eu vou ajudá-los.

Enquanto os dois corriam para a porta, alguma coisa sibilou à esquerda de Matt, e ele viu uma cabeça de serpente entrando pela porta, com olhos vermelhos brilhando.

– Ela não está ali – murmurou. – Não tem nada ali.

Laurie gritou, erguendo as mãos para proteger a cabeça enquanto se esquivava de algum monstro invisível.

– Não é... – começou Matt.

– Eu sei – retrucou ela. – Não é real. Você me ouviu? Você não é real.

– Isso mesmo. – Matt colocou as mãos nos ombros dela e a guiou até a porta.

Quando uma fumaça rodopiante apareceu na porta, Matt instintivamente parou e puxou Laurie para trás. A fumaça tomou a forma de

uma mulher, tão magra que parecia um esqueleto, com a pele esticada sobre os ossos. Longos cabelos brancos giravam ao seu redor. Os olhos eram cavidades vazias. Quando abriu a boca, estava cheia de tocos de dentes apodrecidos.

– Você não está aí – afirmou Matt, empurrando Laurie para a frente. – Você é um produto da minha imaginação.

A aparição sibilou e estendeu um longo dedo ossudo.

Laurie freou.

– Hum, Matt? Você está vendo uma mulher muito feia apontando pra gente?

– Sim...

– Então ela está lá de verdade, porque eu a estou vendo também.

– Uma mara – disse ele. – Essa deve ser a forma delas. – Matt entrou na frente de Laurie e endireitou os ombros. – Mas mesmo assim é só um espírito. Não pode nos machucar. Lembre-se disso. Feche os olhos e segure minha camisa, e vamos passar bem pelo meio...

A bruxa disparou algo do dedo que atingiu Matt como um relâmpago, e o garoto caiu no chão, atordoado. Laurie o ajudou a se levantar.

– Sua teoria tá errada.

– Não me diga.

A mara apontou de novo, desta vez para Laurie. Matt empurrou a garota para o lado e mergulhou atrás dela. O raio atingiu a parede, deixando um buraco fumegante no reboco de gesso.

– A outra porta! – gritou Matt.

Ele empurrou Laurie para a outra porta e os dois se depararam com uma escadaria.

Do alto, podiam ouvir Reyna gritando e Ray tagarelado.

– Acho que vou subir com você – comentou Laurie.

Os dois subiram correndo, com a mara na cola, sem pressa alguma, como se só estivesse guiando os dois, rindo e atirando raios. Quando um vulto apareceu nos degraus, Matt quase caiu para trás. Era a mãe dele, com o rosto cinzento e morto, como no sonho.

– Eu acreditei em você – acusou a mãe. – Eu disse a eles que você conseguiria nos salvar.

O pai apareceu no topo da escada.

– Você decepcionou sua mãe, Matt. Você decepcionou todos nós.

– Não é real – sussurrou Matt. – Não é real.

Laurie gritou, vendo alguma aparição própria, e se virou como se quisesse correr de volta escada abaixo, mas Matt a empurrou para cima, entoando cada vez mais alto:

– Não é real. Não é real.

Quanto mais eles enfrentavam os pesadelos, mais força a mara fazia. Os pais vieram primeiro, depois o irmão, depois o avô, depois os amigos de escola. Todos mortos. Todos devorados por serpentes e apodrecendo em covas. Todos mortos. Todos culpando Matt.

Mas Laurie também sofria. Matt percebeu isso pelos gritos dela, mas só podia empurrá-la para a frente e lidar com a tarefa de banir os próprios pesadelos. Quando os dois finalmente chegaram ao topo, as aparições se juntaram à mara que os perseguia.

Laurie correu até uma porta fechada e a abriu. Matt viu que era o quarto dos pais de Baldwin, e quase deteve a garota, pronto para dizer que eles não deveriam entrar. Mas aquela não era hora de se preocupar com falta de educação. Então, quando ela o puxou para dentro e bateu a porta, Matt deixou.

Do outro lado, Matt podia ouvir a família dele gritando. Um raio da mara atravessou a madeira e queimou seu ombro. No que ele cambaleou,

Laurie girou e correu quarto adentro. Foi até a porta da varanda e a abriu com um puxão.

– Espere! – berrou Matt.

– Temos que sair. Eles não vão seguir a gente lá fora.

Laurie saiu correndo. Matt foi atrás dela. A sacada era longa e estreita, com um corrimão de madeira com vista para o quintal. Laurie subiu no corrimão.

– Não! – gritou Matt, se aproximando.

– A gente tem que pular a cerca – insistiu Laurie. Os olhos dela estavam vazios de novo, e Matt percebeu que ela estava sonhando, e correu até ela.

– Isso não é uma...!

Ela caiu. Matt gritou e voou até o corrimão. Ao olhar para baixo, viu Laurie caída no chão. Matt passou por cima do corrimão, ficou na beirada da varanda, se abaixou, se pendurou na beira e se deixou cair.

Aterrissou com força suficiente para perder o fôlego, e sentiu a dor subindo pelas pernas. Então, ele foi até Laurie, que estava sentada, aninhando o braço. Estava torto num ângulo estranho. Quebrado.

– Tá tudo bem? – perguntou Matt. – Além do braço, você está...

– Aí estão vocês! – exclamou uma voz vinda da casa.

Os dois se viraram e viram Fen sair correndo pela porta do pátio, com o rosto contorcido de raiva.

– Você achou mesmo que eu ia deixar você levar minha prima embora?

# DEZENOVE



## FEN

### “ENCRENCA DE BOTAS COR-DE-ROSA”

**F**en viu Matt com a prima e soube que estavam tentando abandoná-lo. Laurie, sua quase irmã, o deixava porque ele não era tão forte quanto Matt. Fen imaginava que isso podia acontecer, mas tinha acreditado nela. Ela sempre fora a única pessoa a ficar ao seu lado.

– Como é que é? Vocês escapam enquanto estou dormindo? Me deixam aqui enquanto saem por aí salvando o mundo? – Fen partiu para cima deles, rosnando como se não fosse mais humano.

– É um sonho, Fen. – Matt tinha passado o braço por Laurie, que se apoiava nele.

– Você e Thorsen? – Fen estendeu a mão para ela, mas Laurie recuou. – Seriam heróis e me deixariam para trás?

– Não. – Laurie se afastou de Matt. – Isto é um *sonho*, e todos nós estamos tendo pesadelos com tudo o que tememos.

– Elas se chamam mara. Estão nos atacando com pesadelos. – Matt se aproximou dos dois e apontou para o segundo andar. – Laurie pulou dali achando que era uma cerca.

Fen olhou para Laurie, que concordou com a cabeça e então olhou para o braço que segurava forte junto ao peito.

– Eu quebrei o braço. *Por isso* me afastei.



Fen começou a responder, mas então Kris saiu das sombras e parou atrás de Laurie.

– Você vai acreditar nessas bobagens? Você sempre foi mais burro que o resto da família, moleque. Sabe quanto me pagaram para te aceitar? E eu recusei mesmo assim. – Kris riu e jogou uma cerveja meio vazia em Fen. – Só que eu perdi o bolão, então tive que ficar contigo.

Fen se esquivou da lata.

– Fen. – Laurie deu um passo adiante. – Seja lá o que você estiver vendo, não é real. Concentre-se em mim. Por favor. Preciso da sua ajuda.

Fen balançou a cabeça, e Kris desapareceu.

– Como a gente enfrenta ilusões?

– Foque o que é real. – Matt olhou de volta para a casa. – Só que as mulheres ossudas lá dentro não são ilusões, e meu Martelo está lá dentro. Se nós vamos enfrentá-las...

– Vamos lá buscar, então. – Fen marchou até a porta e entrou. O pai dele estava no chão da cozinha, sendo chutado nos flancos e no estômago por Skull e Hattie, que sorriram para ele.

– Você é o próximo – disse Hattie. – Espera só até eu contar para os seus amiguinhos como foi que a gente conseguiu o escudo, e como você vai ajudar a gente a pegar o Matt também. Aposto que nem precisaremos te machucar. Eles vão fazer isso pra nós.

Ao seu lado, Fen ouvia Laurie repetindo:

– Não é real. Não é real. Não é real.

Fen endireitou os ombros e afastou o olhar dos Saqueadores na cozinha. Eles precisavam encontrar as maras e se livrar delas. Baldwin veio correndo até eles.

– Tem monstros na minha casa. – Ele ergueu a mão para Matt. Na palma aberta estava o amuleto do Martelo. – Aqui. Você esqueceu isso na sala de

estar.

– Obrigado! – Matt segurou o pequeno Martelo com tanta força que Fen achou que fosse tirar sangue. Baldwin era um cara legal, tinha trazido o que eles precisavam sem que ninguém pedisse.

– Onde estão os gêmeos? – indagou Laurie.

– Estão disparando alguma coisa nas maras. E não consigo *ver* o que é, mas toda vez que eles dão as mãos, o ar ondula e as ilusões perto deles somem. – Baldwin balançou a cabeça. – Só que as mulheres de osso não desaparecem. Elas não vão embora.

– E Astrid? – perguntou Matt. – Tudo bem com ela?

– Quem? – indagou Fen.

– A garota nova. Chegou quando você estava dormindo – explicou Baldwin, olhando para Matt e balançando a cabeça. – Ela está em algum lugar da casa, falou algo sobre mágica.

Fen, Laurie e Matt subiram as escadas e foram até o quarto de hóspedes, onde os gêmeos deveriam estar dormindo. Os dois estavam de braços dados na porta. Entre os gêmeos e os três, havia cinco velhas feias e ossudas. As mulheres não conseguiam entrar no quarto, mas também não recuavam.

Reyna e Ray pareciam cansados, mas continuavam fazendo gestos com as mãos livres como se jogassem coisas. As maras estremeçiam, mas não eram destruídas. Laurie tinha acertado, os gêmeos guardavam um segredo. Eram meio feiticeiros.

Uma garota, provavelmente Astrid, abriu outra porta e espiou o grupo.

– Matt! – Ela agarrou o braço do garoto. – Não consigo alcançar os gêmeos.

Com um súbito sorriso, Baldwin foi até as maras. As criaturas não olharam para eles, mesmo depois que Baldwin tentou puxá-las para fora da porta.

Fen ouviu os rosnados. Olhou para trás e viu pelo menos três lobos subindo os degraus.

– Lobos! Entrem no outro quarto! – Fen tentou guiar todos ao quarto do lado oposto ao dos gêmeos.

– Não são reais – murmurou Laurie. – Fen, não são reais. Jordie não está aqui. Minha mãe não está aqui. Os lobos não estão aqui. – Ela estava pálida demais, e Fen sabia que a prima desmaiaria. Por causa do braço quebrado, eles tinham de ir a um hospital, mas o garoto não podia deixar Baldwin ali sozinho.

– Vamos lá. – Fen empurrou Matt para fora do caminho, para mais perto de Astrid, e ajudou Laurie a se sentar na cama. – Precisamos de um plano, Thorsen. Os gêmeos e Baldwin estão ganhando tempo, mas precisamos de um plano.

– Deixa eu dar uma olhada. – Astrid se ofereceu para cuidar de Laurie. Fen rosnou para ela. Não ia deixar que uma desconhecida se aproximasse da prima enquanto ela estivesse ferida.

– Plano, Thorsen – rosnou ele.

Pela porta aberta, Fen viu Baldwin agarrado às costas de uma das maras como um macaco animado; a criatura o ignorou. Os gêmeos não faziam progresso, e Fen não queria sair do lado de Laurie.

– Tô tentando, Brekke – retrucou Matt. Ele encarava algo que só ele podia ver, atrás de Fen. Uma das maras foi até a porta.

– Não é real – murmurou Matt.

Astrid foi até Matt e bateu a porta, como se um pedaço de madeira fosse deter um monstro.



– Eles estão sozinhos lá fora, Thorsen. Ou você vai, ou eu vou. Um de nós tem que ficar aqui e proteger Laurie. – Fen apontou a prima e, pela primeira vez desde que eles enfrentaram os Saqueadores em Blackwell, a garota não discutiu. Isso era um sinal de que ela estava sentindo muita dor.

Matt deve ter percebido também e agarrou o pulso de Astrid.

– Seja lá o que você tiver feito antes, precisa tentar de novo.

– Não sei se vai funcionar, mas... – Astrid colocou a mão por cima da de Matt, que puxou a dele rapidamente. – Eu posso tentar.

– Agora! – exigiu Fen.

– Fen tem razão! – Matt estava à porta, pronto para abri-la de supetão. – Se você não conseguir, eu e ele teremos que ir lá fora.

– Vou tentar – disse Astrid.

Matt abriu a porta. Astrid sorriu para Fen antes de acompanhar Matt pelo corredor e começar a dizer algo ininteligível. As maras uivaram, um ruído horrível que fez Fen se encolher, e então desapareceram.

Astrid desabou na direção de Matt, que a segurou e a ajudou a se sentar no chão. Ele ficou agachado ao lado dela.

Os gêmeos saíram para o corredor, contornaram Matt e Astrid, e foram até o quarto, onde Fen estava com Laurie.

– Quem é ela? – perguntou Reyna.

– Astrid. É uma feiticeira ou coisa assim – explicou Baldwin enquanto entrava no quarto, passando pelos gêmeos. – Vocês viram? Ela simplesmente zapeou as coisas. Eu disse que éramos super-heróis. Que venha o próximo vilão!

Apesar de tudo, Fen não conseguiu deixar de sorrir com a atitude de Baldwin.

– Ele é tão ruim quanto a gente, Laurie – comentou.

A garota nem sequer sorriu, e ele sentiu uma onda de pânico.

– Laurie?

A prima lhe deu o sorriso menos convincente que Fen já vira.

– Desculpa. Talvez tenha uma aspirina ou alguma coisa por aqui.

Baldwin?

– Claro, mas acho que a gente devia chamar um médico – sugeriu ele. – É isso que as pessoas fazem quando se machucam, né? Eu nunca me machuquei, mas tem uns garotos na escola e... Vou pegar uma aspirina e o telefone.

– Nada de telefone – retrucou Laurie. – Aspirina. Aí a gente põe uma atadura no meu braço ou coisa assim. Se a gente for a um hospital, eles vão chamar a polícia.

– Nós resolvemos isso. – Ray se aproximou da cama.

Fen se colocou diante de Laurie e arreganhou os dentes. A única coisa que o mantinha na forma humana era o fato de que não poderia falar se virasse lobo.

– Tá tudo bem, Fen – disse Laurie. O primo não respondeu, e ela ralhou: – *Fen!*

O garoto olhou para a prima atrás dele e choramingou como um cão, sem conseguir evitar.

– A gente cuida do machucado, cachorrinho. – Reyna parou ao lado do irmão. – Sem precisar de hospital. Juro.

– Deixa eles passarem – pediu Laurie gentilmente.

Fen quis dizer algo bem grosseiro, mas a verdade era que, se os gêmeos fossem capazes de tirar aquela palidez do rosto de Laurie, ele lhes deveria uma. Mesmo assim, Fen olhou para Matt, que tinha deixado Astrid para ficar com ele ao lado da cama.

Matt parecia tão preocupado quanto Fen. Isso pelo menos fez com que ele se sentisse um pouco melhor. Se houvesse problemas, não precisaria

resolver tudo sozinho.

– Não toque nela agora – avisou Ray.

Os gêmeos se posicionaram em ambos os lados da cama onde Laurie estava deitada. Eles se deram as mãos, de modo que houvesse um círculo de duas pessoas acima dela. Em seguida, baixaram um par de mãos dadas sobre o braço torcido e começaram a sussurrar palavras num tom ondulante que fez Fen se arrepiar.

Baldwin se aproximou dele, e Astrid se encostou em Matt. Ele passou um braço desajeitado na cintura dela para apoiá-la, e Fen sentiu uma pontada de desconforto. Apesar de Fen ter passado anos odiando os Thorsen, Matt mostrou ser um cara muito bacana. Como Laurie e Baldwin, porém, Matt confiava nos outros com muita facilidade. Isso deixava Fen responsável por cuidar de muitas pessoas. Ele não sabia bem o que pensar dos gêmeos, mas tinha certeza de que não gostava de Astrid.

– Obrigada – sussurrou Laurie, chamando a atenção dele. O braço estava normal de novo.

Os gêmeos se levantaram num mesmo movimento, como se os próprios músculos se comunicassem e tivessem que manter sincronia perfeita.

– Você salvou a gente dos trolls; nós consertamos você. Estamos quites agora – declarou Reyna.

– Você precisa dormir, mas o braço está curado – acrescentou Ray.

– Eu sabia que vocês tinham um segredo – murmurou Laurie, sonolenta.

Assim que Fen se aproximou dela, os gêmeos se afastaram. Ray ergueu a mão de forma amistosa, mas Reyna fungou. Fen não sabia bem quanta magia os três feiticeiros tinham, mas, naquele momento, ele não dava a mínima. Todos precisavam ficar longe de Laurie.

– Obrigado. – Ele se lembrou de agradecer e logo acrescentou as palavras importantes: – Agora saiam. – Um pequeno rosnado escapou, e ele achava

que os olhos não estavam totalmente normais também. O fato de Laurie ter se ferido o assustara tanto que não se sentia inteiramente sob controle. Aprendera que, quando ficava desse jeito, não deveria ficar perto de outras pessoas. Mas, como eles *ajudaram* a prima, Fen tentou ser um pouco mais simpático. – Ela precisa dormir.

– Se você precisar da gente... – disse Matt.

Fen só concordou com a cabeça porque não tinha certeza de que conseguiria falar. Havia estranhos demais no quarto perto de Laurie, e seu instinto de proteção deixava tudo o mais irrelevante. Fen confiava em Matt e Baldwin, mas os outros três eram ameaças até que provassem o contrário. Uma batalha não fazia deles amigos.

*Ameaças precisavam ser removidas.*

Baldwin ficou na porta, como um sentinela aguardando ordens. Matt levou os gêmeos e Astrid para outro lugar. Ao sair, Matt disse aos irmãos:

– Obrigado por terem curado Laurie. O que mais vocês conseguem fazer? Essa magia também funciona para ataque, como a de Astrid?

Uma parte de Fen queria saber a resposta para aquela pergunta, mas, na verdade, estava apenas aliviado com a saída dos outros. Ele e Matt não eram amigos, embora estudassem na mesma escola por tempo suficiente para que Matt soubesse que Fen era superprotetor. A única novidade era que agora Matt sabia que, se Fen ficasse muito bravo, eles poderiam ter de lidar com um lobo ranzinza. Matt fizera exatamente o que Laurie teria feito: tirado as pessoas de perto para que Fen não fosse obrigado a tentar ser simpático.

Ele teve a sensação de que um peso havia sido tirado dos ombros quando foi até a porta, onde Baldwin esperava.

– Obrigado – disse de novo, fechou a porta e se deitou no chão. O único jeito de alcançar Laurie era passando por Fen, e, mesmo cansado como ele estava, acordaria se alguém entrasse.



# VINTE



# LAURIE

## “ENFEITIÇANDO E RECLAMANDO”

Quando Laurie e Fen desceram quase na hora do almoço, no dia seguinte, ela se sentia descansada como não se sentia havia tempos. O braço ainda estava um pouco sensível, mas parecia bom. Os gêmeos certamente tinham um segredo: eram feiticeiros. Pelo que Fen contara da batalha contra as maras, Astrid também.

Isso deveria deixar Laurie mais feliz. A companhia de três feiticeiros no grupo podia ser bem útil na luta contra o Ragnarök, só que não era assim que ela se sentia. Laurie odiava admitir, mas estava nervosa. Eles passaram de três a sete em um só dia, e não tiveram tempo para parar e se recuperar daquela loucura toda antes de serem atacados de novo. Dava a impressão de que eles eram bombardeados por todos os lados e, se Astrid não tivesse aparecido, o grupo não saberia como derrotar as maras. Laurie se sentia grata à nova menina, mas também sabia que eles não poderiam continuar contando com surpresas para salvá-los.

Ao chegar à sala de estar, Fen disse:

– Sente-se.

– Estou legal, Fen, sério! Está só um pouco dolorido, mas não está quebrado. – Ela estendeu o braço. – Eu posso...

Fen grunhiu e apontou o sofá.

– Você está sendo ridículo – reclamou Laurie, mas se sentou mesmo assim. Estava cansada e dolorida, e os dois sabiam disso. Fen passara quase uma hora tentando convencê-la a ir para casa. Mesmo que a mãe não pudesse mantê-la em segurança, ele tinha certeza de que Kris e outros lobos a protegeriam dos Saqueadores. A maior objeção de Fen à vinda de Laurie tinha sido o perigo, e ali estava ela, ferida... não que ele tivesse escapado ileso até ali. Ser estrangulado por um troll tinha sido muito doloroso. O problema em se discutir com Fen, porém, era que ele não via *os* próprios ferimentos como um problema.

Laurie se sentou no sofá enquanto Fen foi buscar algo para ela comer. Fen se sentiria melhor tomando conta dela, e não lhe faria mal permitir que ele o fizesse. Ela ouviu o primo falando com Baldwin, e sorriu. Isso também era bom para ele. Fosse por causa dos poderes divinos de “bacanice” ou por outro motivo, Fen obviamente se dava muito bem com Baldwin. Matt e Astrid conversavam na entrada da sala, e os gêmeos não estavam ali. Laurie se sentia estranhamente sozinha.

Matt foi à cozinha, e Astrid foi falar com ela.

– Oi. – Laurie tentou parecer animada.

– Olá. – Astrid se sentou ao seu lado.

– Obrigada pelo resgate ontem à noite – disse Laurie.

Astrid riu.

– Elas me seguiram até aqui, então não foi exatamente um *resgate*, né?

Com isso, Laurie relaxou.

– Bom, você as venceu, então é isso o que interessa.

O sorriso que Astrid lhe deu foi tão amistoso quanto um dos sorrisos de Baldwin. Laurie se sentiu menos solitária. Astrid se parecia com ela: não era uma das descendentes mais importantes, mas ainda assim fazia parte da coisa toda. Talvez por isso Reyna e Ray não fossem tão legais quanto Astrid,

porque achavam que Laurie não deveria estar ali. Fen e Matt concordavam que Laurie deveria ir para casa. Só Odin parecia acreditar que Laurie fazia parte do grupo. *Meio como Astrid. Nós duas estamos aqui por causa dele.*

– Eu conheci Odin. Ele pareceu... legal – contou Laurie a Astrid. – Você deve sentir falta dele.

Astrid riu.

– Legal? Odin? Ele é bizarro, mas não é tudo culpa dele. Somos quem somos por causa de uma história escrita há um tempão.

– Espero que não! – Laurie balançou a cabeça. – Ele era meio diferente, mas, assim como Fen, Matt e... todo mundo – ela indicou a cozinha e o andar de cima com um gesto –, ele tem uma responsabilidade enorme. A gente tem sorte de não precisar fazer o que eles terão que fazer. Tipo, vamos ajudar, mas não é a mesma coisa.

Fen voltou enquanto Laurie estava falando. Ele entregou um prato à prima e dirigiu uma careta a Astrid, como se ela fosse um inseto que ele não sabia se deveria esmagar ou devorar.

Astrid parecia ignorar a reação dele. Sorriu para Fen e disse oi, mas não se mudou para uma cadeira, para que ele se sentasse no lugar dela.

Laurie não disse nada. Eles que se entendessem, tudo o que queria era comer. Enquanto mastigava o sanduíche, ficou se perguntando se aquele sentimento de proteção do primo resultava de sua natureza lupina. Agora que sabia que ele era *wulfenkind*, muitos dos hábitos de Fen se tornaram mais lógicos para ela. Fen tinha se declarado o protetor dela quando os dois eram pequenos, mas ficara mais obcecado quando o pai dela foi embora. Fen e o tio sabiam que havia coisas assustadoras de verdade lá fora, porque estavam cientes da transmutação. Saber que havia lobos maus no mundo e se transformar também em lobos com certeza os deixava mais preocupados com a segurança dos parentes que não tinham essa habilidade, como ela.

Porém, nada disso significava que Fen podia rosnar para uma menina que não fizera nada além de salvá-los na noite anterior. Ele ainda estava parado no mesmo lugar, e agora Astrid o encarava.

– Dá para você chegar um pouco para o lado? – perguntou Laurie. – Ele ainda está agindo como se eu estivesse machucada.

– Claro – concordou Astrid. Ela foi para a outra ponta do sofá, e Fen se sentou entre as duas.

O primo ficou ali em silêncio e, conseqüentemente, a conversa se tornou impraticável.

Depois de alguns momentos, Astrid perguntou:

– Então, você e Laurie são os tatatataranetos de Loki ou coisa assim?

– É – foi a resposta lacônica de Fen.

Laurie sorriu agradecida para Astrid. Aquele era um assunto que eles poderiam debater, que tiraria Fen do silêncio.

– Somos. Por isso o Fen consegue se transformar em lobo. Só que eu não. Fen vai enfrentar a serpente com Matt. – Laurie sorriu para o primo. – Não vou lutar, mas até que sou boa em enganar trolls.

– Ou você poderia ir pra casa – sugeriu Fen.

Em vez de discutir com ele na frente de Astrid, Laurie deu outra mordida no sanduíche. Estava cansada de ver todo mundo tentando se livrar dela. Só porque ela não seria necessária durante a luta contra a serpente não significava que não poderia ajudar.

Matt se aproximou dos três. Ele parecia tão mais confiante do que Laurie jamais se sentira. Talvez assim fosse a vida de um campeão. Ela já tivera alguns momentos de autoconfiança, mas isso só acontecia quando fazia algo importante, não quando Fen agia como um lobo de guarda obcecado.

– No Ragnarök, Loki liderou os monstros. – Astrid olhou para Matt. – Mas, como Matt falou, não temos que seguir as histórias, então vocês não

precisam se preocupar com isso.

– Certo... – concordou Laurie. Aquilo parecia uma coisa estranha a se dizer. Claro que Fen não lideraria os inimigos! Astrid provavelmente estava tentando tranquilizá-los, mas parecera um tanto desconfiada.

Em vez de se sentar, Matt parou atrás da poltrona, com as mãos pousadas no encosto.

– Estamos todos acordados, então vamos nos organizar. Não podemos ficar aqui de boabeira, esperando que os monstros continuem atacando a gente. – Ele chamou em voz alta: – Ray, Reyna, Baldwin! Hora da reunião.

Baldwin chegou e se acomodou no chão ao lado de Fen. Os gêmeos desceram preguiçosamente as escadas. Ficaram meio afastados, mas, tecnicamente, estavam presentes.

Matt ficou ao lado da poltrona vazia, olhando para o grupo completo.

– Temos nossa equipe, então agora precisamos do nosso equipamento.

– Que *equipamento*? – perguntou Reyna.

– Penas, Martelo, escudo – explicou Matt. Ele se virou para Astrid. – Você consegue falar com Odin?

– Quem me dera – respondeu ela com um suspiro. – Ele está perambulando por aí, como de costume. Por isso me mandou vir até aqui. Ele vai aparecer mais cedo ou mais tarde, mas, até lá, vocês terão que se contentar comigo. Mas eu sei por onde precisamos começar. Mjölnir. Nosso campeão precisa do seu Martelo.

Matt corou e balançou a cabeça.

– Somos uma *equipe*, Astrid.

– Ah, eu sei disso. Mas a serpente é a grande vilã nessa luta, e você terá que derrotá-la sozinho. – Astrid deu uma risadinha. – Você é o astro do filme, Matt. Nós somos os coadjuvantes. De primeira linha, espero, mas, ainda assim, coadjuvantes.

Matt pareceu constrangido e já ia responder, mas Fen falou:

– A Rosinha aqui tem razão. Melhor catar logo o Martelo de Thorsen. – Ele se afundou no sofá e cruzou os braços. – Podemos ir quando vocês quiserem.

– Alôôu? – exclamou Reyna. – Se é assim que vocês fazem planos, não sei como ainda estão vivos.

– Como assim? – retrucou Fen. – Você e Ken têm um plano melhor?

– Quem é Ken? – sussurrou Baldwin.

– Peraí – disse Matt. – Reyna, você está reclamando do plano de ir atrás do Martelo? Ou é contra a gente se concentrar em mim? Porque eu nunca disse que eu era especial ou...?

– Fica frio, Thorsen. – Fen balançou a cabeça. – Eu estava falando sério. Você precisa do Martelo de verdade. Seu amuletozinho aí não tem muito gás.

– Mas a gente sabe onde está o Mjölnir? – indagou Laurie. – Nós já sabemos onde o escudo foi parar, então acho melhor irmos buscá-lo primeiro. – Ela olhou para Astrid. – A não ser que você saiba onde está o Martelo, já que sugeriu começar por ele...

– Eu tinha esperanças de que vocês soubessem. – Astrid se virou para Matt. – As Valquírias deram alguma pista? As Nornes, talvez?

Matt balançou a cabeça, negando.

– Vocês conseguem entrar em contato com elas para perguntar?

– Eu poderei se e quando elas aparecerem. Até lá, estamos sem opção. Laurie tem razão. A gente já sabe onde encontrar o escudo.

– Legal, mas o Martelo é mais importante – argumentou Astrid.

Fen rosnou alto o suficiente para que Reyna e Ray se entreolhassem, e Laurie torceu para que não precisasse separar uma briga. O humor do primo

nunca era bom, mas hoje, como se preocupava com ela, estava pior que o normal.

– Não fique achando que faz parte da equipe só porque você é a namorada de Odin – afirmou Fen.

Astrid se levantou, fez cara feia para ele e saiu da sala.

Como se nada tivesse acontecido, Fen se virou para Matt.

– Então, como encontramos o Martelo?

Ninguém disse nada. Matt olhou feio para Fen, e saiu em seguida. Laurie não sabia bem o que fazer. Os gêmeos subiram para o quarto, e Baldwin olhava da porta para Fen e então para ela, imóvel.

– Fen... – começou Laurie, mas ela não sabia bem o que dizer. O primo se levantou.

– Me chame quando a gente tiver um plano – pediu Fen enquanto saía da sala.





Ele estava sendo meio babaca, e Astrid precisaria ser menos sensível se quisesse continuar no grupo. Se a garota saísse correndo toda vez que Fen fosse rude, era melhor ela nem se sentar. Laurie gostava dela, e gostava da ideia de haver outra garota por perto além de Reyna, que não parecia ir com a cara dela... e de ninguém mais, na verdade. Entretanto, Laurie teria que conversar com ela. Ninguém tinha fugido quando Astrid comentou que Laurie e Fen eram descendentes de um deus que tinha lutado para o lado inimigo... ou quando trolls, Nornes, Valquírias ou maras apareceram.

# VINTE E UM



## MATT

### “SAQUEANDO OS SAQUEADORES”

**M**att precisava ajudar Astrid a se sentir melhor. Era como estar numa equipe de boxe ou luta livre. Ele até poderia lutar contra os outros caras no treino, mas, num campeonato, eles apoiavam uns aos outros. Ajudavam-se mutuamente. Torciam pelos companheiros. Quando havia algum problema, quando um cara zoava outro, o técnico Forde mandava Matt para acalmar os ânimos. Talvez ele fosse bom nessa tarefa. Agora Matt tinha que consertar a situação. Reunir a equipe.

Mas e se Astrid entendesse mal? E se ela achasse que Matt gostava dela? Ele gostava dela, mas não daquele jeito. Mas a maneira como a garota ficava olhando para ele e falando sobre ele... Matt ficava vermelho só de pensar. Astrid provavelmente não queria insinuar nada. Tinha namorado. Só estava sendo legal com Matt porque ele retribuía a gentileza. Como na escola, às vezes, quando ele era simpático com alunos novos e, de repente, eles se sentavam com ele na hora do almoço e o acompanhavam na volta para casa.

Mas e se, quando ele corresse atrás dela, Astrid achasse que Matt tinha outras intenções? Ele teria que explicar que não era bem assim. Ou, pior, *ela* diria que não era bem assim: “Você é um cara legal, Matt, mas eu tenho namorado.” E ele ficaria roxo de vergonha.

Matt seguiu Astrid por um tempo e imaginou que se ela olhasse para trás e visse que ele estava *atrás dela*, isso seria muito pior.

– Ei, Astrid – chamou, com a maior calma possível. – Espera.

Ela se virou e, ao vê-lo, seu rosto todo se iluminou num sorriso que fez Matt tropeçar.

– Foi mal por aquilo tudo – disse Matt, apontando para a casa. – Fen não disse por mal. É que todo mundo está cansado e estressado. Você tinha razão quanto a Mjölfnir.

Astrid se aproximou dele.

– Obrigada. Você é o cérebro e os músculos dessa missão, né?

– Não. Todos nós somos. Trabalhamos em equipe. Fen tem razão. Não sabemos onde está Mjölfnir. Mas sabemos onde encontrar o escudo.

Astrid deixou os ombros caírem e soltou um longo suspiro.

– Claro, mal posso esperar para pegar Mjölfnir – continuou Matt. – Mas as Valquírias disseram que o escudo também é importante.

– Só que, se você já sabe onde o escudo está, então pode ir buscá-lo a qualquer momento. – Os dedos dela tocaram o braço de Matt. – Você precisa de Mjölfnir.

Matt ajeitou os cabelos “por acaso”, tirando os dedos dela de seu braço.

– Deve ter alguém que possa lhe contar – insistiu Astrid. – As Nornes. As Valquírias. Aposto que você pode evocá-las. Pedir que ajudem a encontrar Mjölfnir.

Matt balançou a cabeça.

– Preciso encontrar sozinho. Faz parte do teste.

– Teste? – A garota riu com escárnio. – Se elas estão testando você, então não o conhecem muito bem. Qualquer um pode ver que você está pronto. E quem são elas para testar o poderoso Thor? Você é o mais importante de todos. Sempre foi. Mesmo hoje em dia todo mundo conhece Thor. Alguém por acaso sabe o nome de uma Norne? Ou de uma Valquíria? A maioria das pessoas nem sabe quem elas foram.

Só que ele não era Thor. Era só o representante do deus, o que significava que precisava se provar merecedor da honra. Matt não estava preparado para enfrentar a serpente. Astrid era gentil por pensar que sim, mas estava enganada.

Ela se aproximou de novo, baixando a voz como se alguém pudesse escutá-los:

– Imagino que você tenha ouvido que Odin era o rei dos deuses?

– E ele era.

– Verdade... Mas ele não era o mais popular. Não era o mais adorado. Pode pesquisar. Odin era o deus dos nobres. Thor era o deus dos homens comuns. Era o mais popular. O mais adorado. O mais querido. Não foi Odin quem virou um super-herói, né? Tem um motivo para isso. Thor é o maior. Sempre foi. – Astrid cruzou olhares com Matt outra vez. – E Thor é você. Você é Thor e você precisa de Mjöltnir, e se os seus amigos dizem o contrário, é porque estão com inveja. Você é Thor. Eles são... outros.

– Se você ficou chateada com o que Fen falou, que você não faz parte...

– Eu não me importo com isso. A única coisa que me importa é você conseguir pegar aquele Martelo, Matt.

Isso parecia ser uma preocupação muito estranha, e Matt suspeitou que Astrid na verdade estivesse magoada com o que Fen dissera, mas resolveu não forçar a barra.

– Ninguém disse que eu não precisava do Martelo. Sei que você está tentando ajudar, mas precisamos pegar o escudo primeiro. – Agora foi a vez de ele olhar nos olhos dela. – Entendo se você não quiser colaborar, mas seria ótimo se pudesse.

Era impressão dele ou *Astrid* tinha ficado vermelha agora?

– É claro que eu vou ajudar, Matt.



Os outros tinham se reunido na cozinha. Matt entrou com Astrid.

– Fen? Você sabe onde fica o acampamento dos Saqueadores? – perguntou Matt.

– Hum, eu sabia. Se o seu pai e a tropa dele não os expulsaram de lá. Matt se virou para Laurie.

– Se Fen souber onde fica, você consegue abrir um portal?

– Posso *tentar*, mas não sei direito como consegui da outra vez. – Ela fez uma pausa e sorriu. – Você vai atrás do escudo. Aí a gente vai ter uma das armas.

– *Se* nós conseguirmos pegá-lo.

– Você quer que Laurie abra um portal para o acampamento dos Saqueadores?! – exclamou Fen. A voz dele era quase um rosnado. – Sério?

– Não para o acampamento em si – explicou Matt. – A gente aparece mais ou menos perto e vai andando até lá.

– Todos nós? – Fen fez uma pausa, e então balançou a cabeça. – Deixa isso comigo, Thorsen. Laurie abre o portal, eu atravesso e pego o escudo.

Até Laurie se virou bruscamente para o primo, chocada. Matt estava um pouco surpreso, mas era legal ver Fen aprendendo a trabalhar em equipe, afinal.

– Agradeço sua oferta – respondeu Matt. – Mas eu os enfrentei com você. E você vai precisar de reforços. Muitos reforços. Todos nós vamos.

– Todos nós? – repetiu Reyna.

– Isso. – Matt a encarou. – Todos nós.

Foi a vez de Fen encarar Matt.

– Menos Laurie. Ela *acabou* de se machucar. Não vai a lugar algum, além de não ter habilidades de luta como todo mundo. – Fen virou-se para a prima e exclamou: – Não discuta.

Laurie cruzou os braços e fez cara feia para ele, e Matt ficou aliviado por ela estar com raiva do primo, e não dele.



Depois de algumas tentativas fracassadas, Laurie finalmente conseguiu abrir um portal. Estava tremendo, e Fen parecia pronto para morder alguém. Matt não queria se meter entre os primos, nem sabia quem estava certo, de qualquer maneira. Laurie tinha razão ao dizer que eles precisariam da ajuda dela, e Fen também ao dizer que ela não parecia recuperada.

O grupo atravessou a porta que os levou a uma floresta. Depois de uma rápida olhada em volta, Fen contou que o acampamento dos Saqueadores ficava a cerca de meio quilômetro. Blackwell ficava perto também. Matt pensou nisso, em como estava perto de casa. Dava para chegar lá em meia hora. Mas ele não podia. Não agora. Talvez nunca mais.

Naquele momento, o mais importante era estar longe o bastante tanto de Blackwell quanto do acampamento dos Saqueadores para que ninguém esbarrasse no grupo enquanto planejavam. Conforme a noite caiu e as sombras da floresta cresceram, Matt explicou sua ideia.

– Não entendi – comentou Baldwin. – Você disse que precisava da gente para uma luta.

Matt balançou a cabeça.

– Eu disse que precisava de todo mundo como reforço. Para *o caso* de rolar uma luta. Isso aqui é mais sério que dois trolls burros. Esses caras estão em número maior que a gente, e são *todos* bons guerreiros. Além disso, alguns podem virar lobos. Lobos grandes.

– Então... não vai ter luta? – indagou Baldwin.

– Thorsen tem razão – comentou Fen, provavelmente porque ainda queria justificar a necessidade de manter Laurie fora de perigo. – Não queremos uma batalha se não for necessário. Melhor entrar escondido e pegar o escudo enquanto o restante do grupo fica de olho.

– Na verdade, eu ia pedir que você viesse junto – disse Matt. – Você conhece o acampamento.

– Eu já contei tudo o que sei. Não faço ideia de onde eles estão guardando o escudo.

Fen encarou Matt com uma expressão estranha, meio desafiante e meio carente, e Matt percebeu que Fen devia ter ficado *muito* abalado com o ferimento de Laurie. Fazia sentido, considerando como os dois eram próximos.

– Vai ser melhor para todo mundo se eu ficar aqui – continuou Fen. – Vou me transformar em lobo para escutar se houver encrencas, e corro se ouvir alguma coisa.

– Acho que não tem problema. – Matt olhou para os outros, ignorando Laurie, que espiava Fen com desconfiança enquanto o primo olhava para os pés. – Então, quem vem comigo?



Baldwin e Matt espiaram por trás de um arbusto. Os outros ficaram no bosque. Matt começava a se esgueirar quando Baldwin acenou para que ele esperasse.

– Antes que a gente vá, queria te agradecer por ter me escolhido.

Matt deu de ombros.

– Sem problema.

Não queria acrescentar que não tivera muita escolha. Laurie tinha se apresentado, mas Fen fizera uma cara ameaçadora. Ray se ofereceu, e Reyna fez a mesma cara. Por fim, Astrid se apresentou: no entanto, Matt não conhecia bem as habilidades dela – os poderes ou capacidades defensivas que ela tinha. Ele provavelmente teria escolhido Baldwin de qualquer maneira. O garoto era indestrutível e prometera não começar uma luta.

– Eu só queria dizer obrigado – insistiu Baldwin. – Eu não costumo ser o cara que os outros escolhem para fazer algo importante.

Matt olhou para ele.

– Como assim? Todo mundo gosta de você.

– Ah, eu nunca fico por último nem nada assim. Mas nunca sou o *primeiro*. Quando são equipes de matemática ou de ortografia, eu até vou bem, mas muitos outros garotos vão melhor. O mesmo acontece com esportes. Arte. Música. Qualquer coisa. Nunca sou o primeiro. – Baldwin deu uma risadinha meio triste.

– Sei bem como é.

– Mas agora a gente é definitivamente a primeira escolha de alguém, né?  
– Baldwin sorriu. – daquelas Nornes ou Valquírias ou sei lá quem. Alguém escolheu a gente primeiro.

Matt também sorriu.

– É, acho que sim.

– Elas escolheram, sim. Bem, acho que está na hora. Só queria agradecer e dizer que você não vai se arrepender. Nem você, nem os deuses. Seja lá o que for que eu precise fazer, eu vou fazer, e vou fazer direito.



Fen alertou Matt para se esgueirar contra o vento, para que nenhum dos *wulfenkind* sentissem seu cheiro. Não havia muita brisa naquela noite, por



isso Matt teve que parar de vez em quando e verificar. Quando eles se aproximaram o bastante para ver o acampamento, ele fez um sinal para que os dois se escondessem atrás de outro arbusto.

Enquanto Baldwin esperava pacientemente, Matt afastou os galhos e espiou. Ele sempre pensou nos Saqueadores como sendo uma tropa de escoteiros do mal. Agora, ao ver o acampamento, percebeu que não tinha se enganado. Matt fora escoteiro por um ano, e se livrar da tropa foi uma das razões que o fizeram entrar para o boxe e para a luta livre. O chefe da tropa tinha servido ao Exército e conduzia os escoteiros como se fossem cadetes. Especialmente quando acampavam. Tudo precisava estar perfeito. Uma pilha de madeira deveria estar sempre ao lado da fogueira, com toras do tamanho certo empilhadas de forma primorosa. Nada de lixo, o que fazia sentido, mas a regra se aplicava a qualquer coisa que você não estivesse usando no momento. Quem deixasse uma caneca na mesa e saísse para caminhar era penalizado com cinquenta flexões. Mesmo que ficassem uma semana inteira no mesmo campo, os escoteiros precisavam enrolar os sacos de dormir e arrumar as mochilas todas as manhãs. Para o caso de o inimigo aparecer e eles serem obrigados a fugir. Loucura.

Agora Matt se perguntava se o chefe escoteiro era um Saqueador também. O acampamento era igualzinho, e só as barracas estavam à vista. E até mesmo as barracas estavam arrumadas num círculo perfeito ao redor da fogueira.

– Parece que não tem ninguém aqui – sussurrou Baldwin. – Eles devem ter saído para saquear. – Ele fez uma pausa. – Fen falou sério? Eles realmente saqueiam cidades? Como os vikings?

– Mais como abutres. Eles invadem casas vazias e roubam tudo o que não estiver pregado no chão. Bem, eles devem ter deixado um sentinela aqui. Precisamos encontrá-lo antes de entrar.

Baldwin não perguntou como Matt planejava entrar. Simplesmente parecia aceitar que ele sabia o que fazer. Mas estava enganado. Matt observou o acampamento e sentiu um frio na barriga. Havia pelo menos uma dúzia de barracas, todas viradas para a fogueira no centro, então como ele poderia se esgueirar sem ser visto? E qual seria a barraca certa? Fen explicou que o escudo provavelmente estaria na barraca de Skull ou Hattie, que eram os líderes. Mas as barracas deles eram iguais às outras. Incrivelmente inútil.

– Ah – sussurrou Baldwin, apontando. – Alguma coisa se mexeu ali, você viu?

Matt não tinha visto, mas, quando estreitou os olhos, detectou um pontinho vermelho brilhante, flutuando no ar. Então, distinguiu um vulto entregando o pontinho a outro vulto, que o recebeu e levou aos lábios. Dois caras dividindo um cigarro.

Os dois guardas estavam do lado oposto do acampamento, um pouco mais abaixo, perto de um riacho. Quando Matt se agachou, não conseguiu mais ver o ponto vermelho. O que queria dizer que eles não poderiam vê-lo. Matt sorriu.

Ele sussurrou para que Baldwin ficasse atrás dele em silêncio. Nem precisava, pois era o que Baldwin tinha feito o tempo todo. O companheiro de equipe perfeito. Talvez os outros pudessem aprender com ele.

Ao se aproximarem do círculo de barracas, o amuleto de Matt começou a formigar. Não chegou a esquentar de verdade nem a vibrar. Ele não saberia como descrever a sensação, só diria ser um formigamento. Como se o amuleto o lembrasse de que estava lá.

Estaria ele reagindo ao escudo? Só que era o escudo do navio, e Matt tinha passado perto dele um monte de vezes e não sentira nada. Por outro

lado, o amuleto também não se comportara diferente quando ele esteve perto dos Saqueadores. Então...

*Siga a sensação estranha.* Era isso que o instinto de Matt dizia. E foi o que ele fez. Os dois contornaram o círculo de barracas por fora. O amuleto formigava mais a cada passo, até que a sensação diminuiu. Matt voltou e determinou qual era a barraca que produzia o maior formigamento... o que parecia ridículo, e ele certamente não contaria isso a Baldwin. De qualquer maneira, não seria necessário. Baldwin não perguntou. Ele simplesmente confiava em Matt.

E Matt tinha certeza de que não podia se esgueirar barraca adentro e esperar que Baldwin *soubesse* que deveria ficar de guarda. Fen sabia; Laurie também. Baldwin precisava ser instruído, mas, depois de ter recebido a ordem por meio de um diálogo curto e murmurado, ele entendeu, e Matt não teve dúvidas de que ele *ficaria* de olho.

Matt contornou a barraca com Baldwin. Desamarrou os cordões das abas de entrada, ergueu uma delas e entrou enquanto Baldwin permaneceu de fora. Dentro, encontrou uma pilha de cobertores. Ao se aproximar dela, Matt podia jurar que o amuleto estava quase pulando de empolgação. Na mosca: sob aquele amontoado estava o escudo. Ele sorriu e segurou o amuleto, que ainda tremia. Mais um novo poder, então. Alguma coisa que deveria ter sido “ligada” depois que Hildar lhe disse o que ele precisava. Ela poderia ter explicado. Só que, ele tinha que admitir, era muito bacana descobrir essas coisas por conta própria.

Puxou o escudo. Com certeza era aquele do navio. Parecia mais leve do que ele esperara, a madeira mais lisa, como se tivesse sido polida por anos de manuseio. Matt o imaginou nas mãos de um guerreiro viking de verdade, a caminho da batalha...

Uma bela fantasia, mas não era hora disso. Matt ergueu o escudo e, sem pensar, lançou-o por sobre o ombro, passando o braço pela alça, deixando-o apoiado nas costas. Era uma boa sensação, confortável, protetora. Agora só precisava de Mjöltnir, e estaria pronto. Ele sorriu e saiu da barraca.



Baldwin estava bem ali, esperando, como um cão de guarda, esquadrinhando o horizonte em busca de encrenca. Quando Matt sussurrou “consegui”, o garoto tropeçou, quase caindo.

Baldwin viu Matt e pareceu estar quase desapontado por um instante, como se estivesse esperando por uma ameaça que pudesse enfrentar. Então, percebeu o escudo e arregalou os olhos.

– Esse é... – perguntou Baldwin. – Uau. Que maneiro. – O garoto sorriu. – Ficou bem em você.

– Obrigado. Nenhum sinal de problemas?

– Que nada. Os chaminés ainda estão lá no riacho, fumando um cigarrinho. – Baldwin fez uma pausa. – Não sabia que moleques ainda fumavam hoje em dia.

– Só os malvados – murmurou Matt.

Baldwin começou a rir, mas engoliu a risada e se contentou com um sorriso.

– Assim a gente os reconhece mais fácil, né?

Matt sorriu.

– É. Agora vamos lá. Missão...

Um vulto saiu detrás de uma barraca do outro lado do círculo. Então outro e mais outro. Matt girou. Havia mais atrás deles. Um Saqueador em cada brecha entre duas barracas. Em todas as rotas de fuga. Matt se virou rapidamente, avaliando a menor ameaça, pronto para sair correndo...

Uma silhueta familiar passou por entre duas barracas. Skull – o maior dos Saqueadores, aquele que Matt enfrentou depois do festival. Matt olhou por sobre o ombro e viu uma garota mais ou menos da idade de Skull. Ela era ainda mais alta que Reyna, com ombros largos e tranças loiras. Só podia ser Hattie, que Fen havia mencionado. Meia dúzia dos maiores Saqueadores os seguiam.

# VINTE E DOIS



## MATT

### “CAMPO DE BATALHA”

— Você não está tentando me roubar, está? – perguntou Skull. – Logo você, Matt Thorsen, o filho do xerife de Blackwell?

– Foi você quem roubou! – exclamou Baldwin, pulando na frente de Matt. – Você pegou o escudo do navio.

Skull riu, assim como Hattie.

– Foi isso que Fen lhe contou? – Skull se inclinou para olhar Matt atrás de Baldwin. – Pergunte a ele de novo, Thorsen. Pergunte quem realmente roubou o escudo. Melhor ainda, pergunte por que ele mandou *você* buscar.

– Não importa – retrucou Baldwin.

A risada de Skull se espalhou por todos os Saqueadores.

– É mesmo? Hum. Fen entregou o escudo... e agora entregou o campeão. – Skull se virou para Baldwin. – Você pode ir. Diga a Fen que a dívida dele está quitada.

Matt repassou as palavras de Skull. Ele tinha entendido errado. Só podia ser. Dava para acreditar que Fen tivesse roubado o escudo; a coisa toda tinha começado quando ele flagrara o garoto tentando fazer isso; mas entregar o campeão? Matt não conseguia acreditar naquilo. Só podia ser um truque.

*Não é um truque. Por isso ele concordou com Astrid quanto a reunir minhas coisas. Por isso ele não quis vir ao acampamento comigo. Ele não estava ajudando a recuperar o escudo; estava me entregando aos Saqueadores.*

Baldwin deu um passo à frente.

– Se vocês o quiserem, terão que passar por mim primeiro.

Matt ouviu um barulho atrás, mas, quando se virou para olhar, era tarde demais. Meia dúzia de Saqueadores vinha correndo até ele. Matt derrubou o primeiro com um gancho de esquerda, e Baldwin chegou em disparada, dando socos para todos os lados.

– Ignorem o loirinho! – gritou Skull. – Ele não pode ser ferido, então não percam tempo tentando.

Matt nocauteou outro Saqueador; contudo, ao fazê-lo, pelo menos mais quatro se jogaram em cima dele por trás. Os Saqueadores o cercaram, forçando-o a cair no chão enquanto ele chutava e socava. Baldwin tentou tirar os Saqueadores de cima de Matt, mas eles o afastavam com golpes e empurrões, o que só o deixava mais irritado, lutando como um redemoinho, gritando:

– Não se esqueçam de mim! Ei, você, cara espinhenta, vamos lá! Achei que vocês fossem guerreiros vikings! Lutem comigo!

Quando um deles finalmente se virou, como se estivesse pronto para aceitar o desafio de Baldwin, Skull comandou:

– Eu mandei ignorar o loirinho. Ele é Balder. Não pode ser ferido, a não ser que algum de vocês tenha visco à mão. É só continuar a estapeá-lo como a mosca irritante que ele é.

Isso deixou Baldwin furioso, e ele lutou tão bravamente que Skull ordenou que alguns dos Saqueadores o agarrassem e o imobilizassem no chão. Matt já tinha sido capturado, deitado no chão, com braços e pernas estirados. Havia um Saqueador para segurar cada membro, e um quinto sentado em seu peito. Matt lutou um pouco, mas percebeu que tinha sido derrotado e parou, poupando as energias e esperando pela chance de reagir.

– Levantem-no! – ordenou Skull.



Os Saqueadores obedeceram, dois em cada braço erguendo Matt. Ele sentiu o amuleto incandescente contra o peito, e percebeu que estava carregado, pronto para ser usado. Mas contra o quê? Derrubaria um cara, mas não deteria os outros doze parados em volta. Matt precisava de um plano melhor. Um plano mais inteligente.

– Agora, cadê meu escudo? – indagou Skull.

Um Saqueador o retirara das costas de Matt antes que eles o imobilizassem. Ele o ergueu.

– Coloque-o na minha barraca.

O Saqueador fez o que lhe foi ordenado. Quando desapareceu na barraca, Skull foi até Matt.

– Tem alguém que você precisa conhecer – anunciou. – Mas antes eu acho que você precisa aprender uma lição por ter roubado.

Skull olhou para o estômago de Matt, e ele soube o que aconteceria. Um golpe no plexo solar de um alvo indefeso. Só que Matt não era indefeso. Ele preparou o Martelo enquanto espiava Skull, pronto para lançá-lo assim que o cara começasse a...

Algo atingiu Matt por trás. Um golpe rápido e forte contra o rim, que lançou uma onda de dor por todo o seu corpo. Ele olhou para trás e viu a garota, Hattie, sorrindo. Então outro golpe, pela frente, o soco que ele estivera esperando. Direto no plexo solar. O ar escapou-lhe dos pulmões, e Matt se dobrou ao meio, engasgando e tossindo.

– Ei, Skull – gritou Baldwin, lutando contra os Saqueadores que o seguravam. – Que tipo de nome é esse, afinal? Você acha que parece mais durão assim? É melhor funcionar com esses caras, porque você precisa de toda a ajuda possível, seu otário.

Skull se virou lentamente para Baldwin.

– É, tô falando contigo – continuou Baldwin. – O otário que nem consegue bater no filho de Thor sem botar quatro caras para segurá-lo. Você se considera um Saqueador viking? Os vikings não deixariam vocês limparem as privadas deles. Você nem sabe lutar contra Matt sem a ajuda da sua namoradinha. Até entendo a utilidade dela, sério. Uma olhada naquela cara feia e os sujeitos saem correndo antes que você *precise* bater neles, né?

Hattie avançou contra Baldwin.

– Eu mandei ignorá-lo – repetiu Skull. – Ele não pode ser ferido.

Hattie socou Baldwin no estômago, e o garoto tossiu.

– Pode não se machucar, mas assim eu me sinto melhor.

– A verdade dói, né? – insistiu Baldwin ao recuperar o fôlego, sorrindo. – Você vira lobo também? Aposto que não. Não precisa. Já é o cão chupando manga.

Hattie bateu nele. Matt estremeceu e quis pedir a Baldwin que parasse, mas lembrou que ele não podia sentir, não podia ser ferido. Se Baldwin pudesse distrair Hattie e Skull com insultos...

– Já chega! – rugiu Skull. – Você quer bater em alguém? Volte aqui e bata em Thorsen. Aposto que o loirinho vai sentir *essa*.

Skull avançou contra Matt de novo. Quando puxou o braço para trás, Matt lançou o Martelo. Skull foi derrubado no chão, de barriga para cima. O Saqueador se levantou, com o rosto contorcido de fúria.

– Seu moleque imbecil – exclamou, lançando-se contra Matt. – Vou te ensinar a não...

Um nevoeiro os cercou, tão denso que Matt não conseguia mais ver Skull, apenas ouvi-lo enquanto o adolescente xingava ao tentar encontrá-lo. Matt encarou a névoa. Tinha sido ele? Matt conseguira alguns fiapos de nevoeiro com o Martelo, mas aquilo ali parecia a fumaça de uma imensa fogueira se espalhando pelo acampamento tão rapidamente...

*Não fique aí olhando, use-o!*

Matt percebeu que não estavam mais segurando o braço dele com tanta força e, ao olhar para o lado, viu que os Saqueadores também encaravam a névoa assustados. Ele soltou um braço com facilidade e socou o maxilar do cara que segurava o outro. O alvo voou longe e derrubou o Saqueador ao seu lado, os dois caindo como pinos de boliche.

Mergulhou no nevoeiro, sendo envolvido por ele, em seguida, e todo o resto desapareceu. Ouviu um grunhido à esquerda e viu uma Saqueadora investindo contra ele de faca em punho. Alguma coisa a acertou por trás, e ela caiu de cara no chão, com Fen nas costas. O rapaz tirou o canivete da mão dela, guardou no bolso e se levantou num salto.

– Vamos lá, Thorsen – chamou Fen.

Matt não se mexeu.

– Estou te resgatando – disse Fen. – De novo. Não me faça me arrepender. Vamos.



Matt recuou.

– Mas o quê...? – começou Fen.

Um Saqueador saltou pelo nevoeiro. Um menininho. Matt o nocauteou. Então, Fen agarrou-lhe a manga.

– Temos que ir – urgiu Fen. – Os gêmeos não vão conseguir manter o nevoeiro para sempre.

Matt fez uma pausa.

– Então é coisa deles?

– Não, que isso, é natural. Isso sempre acontece por aqui. – Fen suspirou daquele jeito irritante antes de acrescentar: – Claro que é coisa deles.

Matt hesitou. Seu cérebro dizia que ele não deveria confiar em Fen, mas ele confiava. Ele simplesmente *confiava*. Respirou fundo.

– Tudo bem. Laurie está bem?

O rosto de Fen ficou mais sério, e Matt sentiu uma pontada de irritação. O garoto parecia odiar quando Matt se preocupava com a prima. Será que ele achava que Matt estava gamado em Laurie? Ele teria que esclarecer isso com Fen mais tarde. Talvez o mundo dele fosse diferente, mas, no de Matt, dava para ser amigo de uma garota sem ter qualquer intenção com ela.

– Claro que ela está bem – retrucou Fen. – Eu tomo conta dela.

*E eu também*, Matt quis dizer, mas sabia que era melhor ficar quieto.

– Tudo bem, a gente tem que buscar Baldwin e...

– Ele está comigo – disse alguém. Laurie apareceu com Baldwin.

Fen fez cara feia.

– Eu falei pra você ficar...

– É, é. – Laurie revirou os olhos. – E algum dia você vai entender que eu nem sempre...

Dois Saqueadores investiram do nevoeiro. Matt enfrentou um, Baldwin e Fen quase bateram cabeças indo atrás do outro. Um gancho de direita de

Fen lançou o Saqueador de volta à névoa junto com o de Matt.

Um rosnado soou em algum lugar, seguido de um segundo.

– Preciso pegar o escudo – afirmou Matt.

– O quê? – exclamou Fen. – Toda essa confusão para nada?

– Eles pegaram de volta – explicou Baldwin.

– Eu vou buscar – decidiu Matt. – Laurie, abra um portal. Leve os outros embora. Eu vou em seguida.

Laurie não falou nada, e Matt a espiou pela fina cortina de névoa que os separava.

– Laurie?

– Era isso que eu estava tentando fazer – disse ela. – Abrir um portal.

Mas não consigo.

– Tudo bem. – Matt respirou fundo. – Hum, eu busco o escudo, vocês podem... voltar para onde estavam escondidos antes.

– Posso ir com você? – perguntou Baldwin a Matt.

– Fen? – disse Laurie. – Eu quero que você vá com Matt.

– Não. Vou proteger você na volta...

– Vá com Matt. *Por favor*. Se eles se transformarem em lobos, você precisa se transformar também e defender Matt. – Ela encarou o primo. – Eu vou descansar um pouco e abrir um portal para a gente. Baldwin vai ficar comigo.

Fen pareceu perceber que não havia tempo para discutir. Ele concordou com a cabeça e, irritado, ordenou que Baldwin tomasse conta de Laurie. Baldwin prometeu que o faria, e os dois sumiram no nevoeiro. Fen partiu também, deixando que Matt enfrentasse um Saqueador antes de voltar em forma de lobo e despachar mais um inimigo.

Eles foram até a barraca de Skull. Matt não tinha nem ideia de como encontrá-la na neblina, mas Fen conseguiu farejá-la. Matt se perguntou se o

Saqueador teria escondido o escudo em outro lugar, porém, enquanto seguia Fen, sentiu o amuleto formigar, dizendo que seus inimigos não eram tão espertos. O escudo ainda estava na barraca de Skull.

Matt emergiu da fumaça e se deparou com a barraca... e dois Saqueadores enormes montando guarda.

O maior dos dois sorriu.

– Skull disse que você não ia embora sem levar o que veio buscar. – Ele ergueu a voz: – Ei, Sk...

Antes que o grandalhão pudesse terminar a frase, Matt o atingiu com o mesmo golpe que Skull usara nele: um direto no plexo solar. Jamais faria isso numa luta justa, mas aquilo não era justo. E o cara se calou num segundo. Antes que o outro pudesse soar o alarme, Fen irrompeu do nevoeiro e o derrubou. Em seguida, rosnou algo para Matt, que não precisou de um tradutor para saber que Fen dissera *Entra logo naquela barraca e pega a droga do escudo.*

Matt encontrou o escudo no mesmo lugar de antes: debaixo dos cobertores. Mas, desta vez, ele não o ergueu sobre o ombro. Segurou o escudo do jeito certo, protegendo o corpo enquanto saía da barraca. Estava deixando a aba de entrada cair atrás dele, quando um pequeno Saqueador veio correndo do nevoeiro. Como por instinto, Matt ergueu o escudo... e o garotinho se chocou de cabeça e cambaleou para trás, atordoado.

Matt gesticulou para que Fen o seguisse pela névoa, mas o lobo gesticulou de volta, indicando o escudo e o menino com o focinho. Mandando Matt bater no garotinho de novo. Matt olhou o menino de uns onze anos, que segurava a cabeça e piscava com força, e se sentiu meio enjoado. Sabia que tinha mudado muito nos últimos dias; não teria dificuldades em enfrentar uma criança, se fosse necessário, mas aquilo já era demais.

Ele balançou a cabeça. Quando Fen começou a investir contra o menininho atordoado, Matt o agarrou pelo cangote. Fen rosnou e ameaçou morder, e então fungou, se soltou de Matt e correu para o nevoeiro. Matt o seguiu.

Eles mal tinham dado três passos quando o menino gritou:

– Eles estão aqui! Perto da barraca do Skull! Eles pegaram o escudo!

Fen grunhiu de volta a Matt, como se para dizer *Era isso que eu temia*, mas não reduziu a velocidade. Estava tudo bem, de qualquer maneira. Eles estavam nas profundezas da névoa, e, enquanto continuassem correndo para *longe* do acampamento...

Matt teve um vislumbre de um vulto escuro à direita. Virou-se para socar o atacante, mas percebeu que o cara estava a alguma distância, correndo na direção contrária. Havia mais vultos em volta, alguns humanos, outros, lobos. O nevoeiro estava se dispersando.

Claro que estava. Não seria inteligente dividir o grupo ainda mais do que já tinham dividido, então Ray e Reyna teriam voltado pelo portal com Laurie. Não havia mais ninguém para lançar o feitiço.

Pelo menos os Saqueadores estavam correndo para o outro...

– Ali! – gritou uma menina.

Matt e Fen aceleraram. Enquanto fugiam, Matt calculou mentalmente quantos inimigos tinha visto. Quatro Saqueadores e dois lobos. Nenhum maior que ele. Talvez eles pudessem enfrentá-los antes que os outros se juntassem...

Ele olhou para trás de novo e viu pelo menos nove vultos, e mais dois surgindo à esquerda. Certo, *nada* de parar para lutar, então.

– Fen! – Laurie chamou de algum lugar adiante. – Matt! Eu consegui! O portal está aberto!

– Passe logo! – gritou Matt de volta. – Estamos chegando!



– Vou despachar os outros e mantê-lo aberto! – respondeu Laurie.

– Não! Tem Saqueadores na nossa cola! – Matt deu uma olhada para trás, para a multidão crescente que os seguia. Dois lobos lideravam a matilha, que chegava cada vez mais perto. – E lobos também! Atravesse!

Silêncio. Laurie faria o que ele pedira? Ou presumiria que Matt estava exagerando, tentando tirá-la do perigo porque era uma garota? Uma semana antes ele teria feito isso, mas agora percebia que Laurie era muito boa em cuidar de si mesma. Ela podia não ser forte ou capaz de virar lobo ou lançar o Martelo de Thor, mas era inteligente.

O problema era que Matt repetira o papo de *Você é uma garota, a gente tem que proteger você* tantas vezes que, agora que havia perigo real, ela poderia não acreditar nele. Era como aquela história do menino que mentia muitas vezes sobre ter visto um lobo. Só que, no caso de Matt, ao olhar para trás, os dois grandes animais que estavam quase nos seus calcanhares eram lobos de verdade.

*Fuja pelo portal, Laurie. Por favor, fuja logo.*

Adiante, Matt vislumbrou a clareira e, no centro, um círculo de cor tremeluzente... O portal. Havia alguém parado ao lado dele. Um vulto quase irreconhecível em meio ao último véu de névoa.

– Laurie! – gritou Matt. – Pula logo...

– Sou eu! – respondeu Baldwin. – Fiquei para ajudar a lutar no caso de esse negócio fechar... – O rapaz viu o que vinha atrás dos amigos e arregalou os olhos. – Uau!

Matt não conseguiu controlar o riso enquanto corria.

– Pode ir, a gente já vai.

Baldwin esperou até que eles chegassem. Então, com Fen, eles mergulharam. Caíram do outro lado, rolando juntos, Matt ganhando um arranhão de garra no braço e Fen grunhindo ao levar um chute acidental de

Baldwin no estômago. O trio ficou ali caído por um segundo, recuperando o fôlego, até que Matt ouviu Laurie dizer:

– Ei, rapazes... – Matt olhou em volta e viu que o portal tinha sumido. E no lugar dele havia dois lobos muito confusos, sentados no quintal de Baldwin.

– Que tal *esse* truquezinho? – Laurie provocou os lobos. – Talvez eu não possa me transformar num lobão grande e peludo, mas vocês têm que admitir... Isso é muito maneiro. É útil.

Os lobos levaram um susto, como se acabassem de perceber que não estavam sozinhos. Encararam cada um dos rostos presentes. Um deles deu no pé, atravessando o pátio e saltando a cerca dos fundos. O outro grunhiu, eriçando o pelo e baixando a cabeça. Mas, depois de mais uma olhada nos sete rostos diante de si, ele meteu o rabo entre as pernas e fugiu também.

– Peguem ele! – gritou Matt enquanto se jogava nas costas do lobo.

Baldwin soltou um “uhuh!” e agarrou o rabo do lobo, que girou e derrubou Matt, mas conseguiu segurar um punhado de pelo. Então, Matt se virou e acertou um soco potente na ponta do focinho. Era um truque que o pai dele havia ensinado para lidar com vira-latas ou coiotes. O lobo soltou um ganido de dor. Segurando agora com as duas mãos, Matt se deixou cair ao lado do lobo e puxou a fera para baixo. O bicho não ficou caído, mas, depois de algum esforço, com ajuda de Baldwin, Matt o imobilizou. Então, Baldwin se sentou nele, sorrindo como um caçador. Astrid riu. Até Ray e Reyna acharam a cena engraçada.

Fen saiu de trás do galpãozinho. Estava na forma humana e balançava a cabeça.

– É, eu sei – disse Matt. – Eu tenho mania de atacar coisas que podem me matar. Só é meio divertido.

– Viu? Eu não sou maluco – comentou Baldwin, sorrindo.

– Ah, você é sim – retrucou Fen. – Thorsen é igual. Acho que devemos ficar satisfeitos porque vocês não tentaram sair na mão sozinhos com o acampamento inteiro.

– A gente estava quase conseguindo – disse Baldwin. – Mas você acabou com a diversão. Estraga-prazeres.

Fen revirou os olhos, e depois apontou para o lobo.

– Qual é a do prisioneiro?

Matt olhou o Saqueador capturado e, ao fazê-lo, sentiu vontade de soltar um “Uhuh!” também. Não o fez, é claro. Não era uma atitude de líder. Mas sentiu aquele *uhuh* no fundo do coração. O doce gosto do sucesso.

*Conseguimos. Pegamos o escudo. Juntamos os descendentes. Estamos perto de encontrar Odin, e ele vai ajudar com o resto. Conseguimos, eu liderei a investida, e não estraguei tudo. Cometi erros, mas aprendi com eles.*

*Eu sou capaz de cumprir a missão. Sou sim.*

– Ei, Thorsen! – exclamou Fen. – Eu te fiz uma pergunta. Qual é a do prisioneiro?

Matt sorriu.

– Eu quero interrogá-lo.

– Interrogá-lo? E você é o quê? Um policial? Ah, é, esquece... – Fen fungou irritado e foi até o lobo. – O que você espera que ele lhe diga?

– Tudo o que puder. Quais são os planos dos Saqueadores? Por que eles querem o escudo? Por que eles me querem. Por que eles querem que o Ragnarök aconteça? – Matt fez uma pausa e encarou Fen. – Acima de tudo, de quem eles estão recebendo ordens.

– Ordens? – repetiu Fen. – Os Saqueadores não recebem ordens de ninguém.

– Pois eu acho que eles recebem sim. Skull disse algo sobre me levar para conhecer alguém.

Fen deu de ombros.

– Outros Saqueadores, acho. Tem mais deles. Matilhas.

Astrid deu um passo à frente.

– Acho que Fen está certo. Pelo que Odin me falou, os Saqueadores estão nessa sozinhos. Representam Loki na batalha final. Loki liderava os monstros. Ninguém o *obrigou* a fazer coisa alguma.

– Pensando melhor – comentou Fen –, Thorsen pode ter razão. Skull é um bom líder de Saqueadores. Mas líder de todos os monstros no Ragnarök? Sem chance.

Astrid se virou para ele.

– Você não desiste, né? Você sempre vai discordar de qualquer coisa que eu disser. Se eu concordar com você, você muda de ideia. Se eu disser que o céu é azul, você vai insistir que é roxo.

– Não é roxo não. – Fen apontou para a noite. – É preto.

Astrid se virou para ir embora, e Matt saiu de cima do lobo para ir atrás dela, mas Laurie acenou para que ele ficasse, e segurou o braço da garota.

– A gente precisa trabalhar em equipe. Eu concordo que precisamos interrogar o Saqueador. Não faço ideia se tem algum senhor do mal assustador puxando as cordinhas, mas, mesmo se não tiver, esse cara deve ter alguma coisa útil para nos dizer. Eu tenho certeza.

Baldwin concordou com a cabeça.

– Concordo. Então, como vai ser?

# VINTE E TRÊS



## FEN

### “TUDO DESMORONA”

O Saqueador, Paul, voltou à forma humana, e Matt o arrastou para o galpão do quintal de Baldwin. Fen e Matt ficaram encarando o prisioneiro. Atrás do rapaz, Baldwin estava remexendo numa grande caixa de papelão, resmungando.

Matt fez algumas perguntas, que Paul se recusou a responder, enquanto Fen assumia o papel de guarda: derrubava Paul de volta no chão toda vez que ele tentava se levantar e fugir.

Apesar de ter sido criado com lutas e disciplina violenta, Fen se sentia muito mal com essa função. Pelo menos, Laurie não estava no barracão para assistir. Ele nem havia machucado Paul, só evitado que ele fugisse, mas Fen sabia que Matt era bonzinho demais para conseguir respostas com socos. Não que Fen fosse *mau*. Só não era tão bonzinho quanto Matt. Além disso, havia uma hierarquia de matilha ali; mesmo que ninguém tivesse admitido abertamente, Fen sabia que Matt estava no comando. Por isso, ficou parado em silêncio e esperou que Matt decidisse o que eles precisavam fazer.

– Arrá! – exclamou Baldwin.

Fen olhou para o amigo e balançou a cabeça. Pelo menos Baldwin não estava apavorado com aquela coisa toda de capturar o inimigo. O dono da casa puxou uma camisa esquisita com tiras e a desembaralhou de uma fileira de luzes de Natal.

– É uma camisa de força – explicou Baldwin, em resposta ao olhar de Fen.

Esse tempo todo, Matt continuou falando, perguntando sobre os planos dos saqueadores, seus deslocamentos, onde Mjölfnir estava e por que os Saqueadores queriam o escudo. Era uma perda de tempo; Saqueadores não traíam a matilha. Fen sabia disso, e respeitava essa virtude. Se a situação fosse invertida, se Matt ou Fen tivessem sido presos, ele sabia que nenhum deles falaria nada também.

– Ele não vai falar – afirmou Fen em voz baixa. – Skull e Hattie o matariam se falasse.

– Nós não vamos deixar – insistiu Matt e, em seguida, se virou para Paul e acrescentou: – Se você falar, nós vamos proteger você.

Paul fungou e fez um gesto rude.

– Aqui. – Baldwin ergueu a camisa de força numa das mãos. Ele parecia até mesmo orgulhoso ao anunciar: – Eu passei por uma fase Houdini. Esta camisa é inescapável. – Na outra mão, ele segurava um rolo de *silver tape*. – Isso vai impedir que ele grite. Meus pais só voltam amanhã, mas, se os vizinhos ouvirem gritos aqui, eles podem ligar para minha mãe.

– Não sei se... – começou Matt.

– Deixa ele ficar aqui um tempo pensando no assunto – sugeriu Fen. – A gente pode ir comer e voltar depois para conversar com ele.

– Eu estou com fome – comentou Baldwin.

Depois de um momento, Matt aceitou:

– Tudo bem.

Aliviado, Fen colou um pedaço de fita sobre a boca de Paul e, com a ajuda de Matt, vestiu a camisa de força no cativo.

– Vai na frente – sugeriu Fen a Matt. – Deixa eu dar uns conselhos de lobo pra lobo.

– Beleza, mas depois eu quero conversar com você – pediu Matt em voz baixa.

Com o mínimo de emoção possível, Fen respondeu:

– Claro.

Matt assentiu e saiu com Baldwin.

Fen encarou Paul, tentando forçar o *wulfenkind* mais novo a se submeter, e falou:

– Pense bem, Paul. Falando com a gente ou não, Skull vai espancar você para descobrir se revelou alguma coisa. Você poderia ficar aqui. Não seja burro.

Paul fungou por sobre a mordaça e revirou os olhos.

– Você está cometendo um erro – afirmou Fen, saindo do galpão e fechando a porta.



Fen se sentiu incluído poucas vezes na vida. Claro, ao lado de Laurie, ele se sentia bem, mas, mesmo com a prima, ele precisava guardar muitos segredos. Ser parte de uma equipe, um dos descendentes do Norte, estar destinado a fazer algo real e importante, tudo isso era uma sensação incrível, só que Fen tinha a impressão cada vez mais forte de que estava prestes a terminar. O jeito como Matt olhara para ele deixava bem claro que um dos Saqueadores tinha lhe contado a verdade.

Enquanto voltava à casa de Baldwin, Fen admitiu para si mesmo que deveria ter contado a Matt e Laurie sobre os Saqueadores e o acordo de entregar Matt, mas não conseguiu. Agora, ele não sabia o que dizer *ou* quanto Matt sabia. Fen até gostava de Matt, considerando todas as circunstâncias, e, mesmo se não gostasse, o respeitava. Isso não significava que queria ter aquela conversa na frente de todo mundo. Fen foi tomado por

um arrepio de medo ao pensar que não só seria expulso, mas que todos o odiariam.

*E se Matt achar que eu sou um traidor? Eu não fiz o que me pediram, pelo menos não a pior parte.*

Fen não sabia o que Laurie faria. Ela era a pessoa mais importante da vida dele desde que se entendia por gente, sua parceira de encrencas, mas eles não estavam mais sozinhos. Ela confiava em Matt agora. Fen perambulou pela varanda e de volta ao pátio, pensando na situação. Baldwin era legal. Ele seria gente boa independentemente do que acontecesse. Os gêmeos eram imprevisíveis; Fen estava começando a gostar deles, embora ainda se mantivessem afastados do grupo. Astrid lhe dava uma sensação ruim; Fen não ligava para o que ela pensava dele, mas os outros pareciam gostar dela. Se os Saqueadores disseram alguma coisa, e Matt acreditou neles, tudo poderia se virar contra Fen, e, mesmo que não fosse admitir em voz alta, ele não queria ser expulso. Precisava conversar com Laurie e Matt.

Estava prestes a pegar na maçaneta para entrar na casa quando a porta se abriu. Laurie estava ali parada, de cara feia, e o arrepio de medo explodiu.

– O que foi?

– Estou cansada disso – começou Laurie. A prima fechou a porta e foi até Fen.

– Disso o quê?

– De você agindo como se eu fosse incapaz de cuidar de mim mesma! – exclamou Laurie. – Você não pode continuar com isso.

Todas as preocupações de Fen quanto a ser mandado embora se intensificaram. Se ele fosse expulso, levaria Laurie consigo. Não havia a menor possibilidade de ele deixá-la ali sozinha. Tio Stig, Kris, a família inteira, na verdade, todo mundo o odiaria se Laurie se machucasse... ou pior.

– É mesmo? Bem, você poderia ter se machucado – grunhiu Fen.



Laurie o cutucou no peito.

– E você também, e Matt, ou Baldwin...

– Na verdade, eu não – interrompeu-a Baldwin.

Fen olhou em volta, confuso.

– Aqui em cima – chamou Baldwin. Ele estava numa das janelas do andar de cima, olhando para eles. – Matt poderia ter se ferido, e vocês dois também. Os lobos parecem odiar você de verdade, Fen. Eles falaram que você estava do lado deles, e que você é que tinha dado o escudo para eles.

Fen e Laurie se viraram para encarar Baldwin ao mesmo tempo.

– Se a gente tiver tempo, tipo mais tarde ou coisa assim, você poderia abrir um portal para eu ir ver como é o visco? – perguntou Baldwin.

Sem nem olhar a prima, Fen sabia que ela estava com a mesma expressão de incredulidade que ele.

– Não – respondeu Fen, calmamente.

Baldwin ergueu as duas mãos num gesto apaziguador.

– Ei, foi só uma ideia!

– Uma ideia idiota – retrucou Fen, imediatamente se sentindo culpado ao ver a cara de Baldwin. De todos os descendentes, Baldwin era o único que não o irritava. Era um resultado estranho de quem ele era – *todo mundo* gostava de Baldwin nos mitos –, mas, mesmo que ele soubesse que tinha alguma coisa de místico a ver com essa popularidade, isso não tornava a amizade menos real.

– Vou pedir umas pizzas – decidiu Baldwin. – Foi isso que eu vim perguntar. Vocês querem algum sabor específico?

– Tanto faz – respondeu Fen, o mais simpático que pôde. Estava envergonhado porque Laurie o encarava, mas não era culpa de Baldwin ser esquisito, do mesmo jeito que não era culpa de Laurie ser capaz de abrir

portais, nem culpa de Fen se ele podia se transformar em lobo. Fen olhou para Baldwin: – Desculpa.

Baldwin sorriu.

– Tudo bem. – Baldwin foi embora, gritando perguntas sobre pepperoni e azeitonas.

Depois que ele saiu, Fen e Laurie ficaram sozinhos na varanda. Era difícil ficar a sós com a prima agora que ela conhecia os segredos dele, difícil ficar perto daquelas pessoas e difícil agir naturalmente sem aborrecê-los. Fen se preparou para levar uma bronca por causa dos Saqueadores.

Só que, em vez de brigar com Fen sobre o que Baldwin tinha acabado de falar, Laurie continuou com a bronca anterior:

– Você precisa confiar em mim, Fen. Não quero morrer nem quero que nenhum de vocês morra, mas, se a gente não impedir o Ragnarök, todos nós morreremos. Então, se a gente quiser deter essa tragédia, vamos ter que fazer tudo o que pudermos. Sou parte disso também, e você vai ter que se acostumar.

– Eu só quero manter você em segurança. Thorsen também quer – murmurou Fen.

– Matt já está mudando de ideia. Talvez você pudesse fazer a mesma coisa – sugeriu ela.

– E talvez você pudesse ficar onde é seguro – grunhiu Fen. – Eu sou o descendente que *precisa* lutar, não você.

Laurie se levantou e olhou feio para o primo.

– Tudo bem! Você luta, mas não venha agir como se eu não ajudasse também. Eu abri o portal que nos levou ao escudo que *você* entregou aos Saqueadores.

Fen fez cara feia para a prima. Então, Laurie havia escutado o que Baldwin disse; Fen pensara por um momento que ela pudesse estar

distraída. Balançou a cabeça.

– Sua habilidade é abrir portais para *escapar*. Como você vai se proteger dos monstros que ficam atacando a gente?

Laurie piscou para afastar as lágrimas que se acumulavam.

– Somos uma equipe. Resgatamos uns aos outros e lutamos juntos. É isso que equipes fazem. É assim que a gente vai deter o Ragnarök. Você é um lobo. Pense na gente como uma matilha.

Pensar em matilhas era o problema. Na maior parte da vida de Fen, a pessoa mais importante para ele fora Laurie; ele tinha sempre esperado que eles seriam uma matilha de dois depois que ela se transformasse; ou que ele esconderia o que era se ela nunca se transformasse. Fen poderia não ter pais, mas considerava Laurie uma irmã. Para ser um bom companheiro de matilha, um bom irmão, Fen tinha que mantê-la em segurança. Então, se Laurie não deixasse que Fen a protegesse, talvez fosse melhor ele ir para casa e deixar que Thorsen salvasse o mundo sozinho.

– Bem, talvez eu não queira fazer parte dessa matilha! Talvez nós dois devamos ir para casa, onde é seguro.

– Você é tão idiota! Não existe mais lugar *seguro*. O mundo está acabando. – Laurie entrou e bateu a porta, deixando Fen do lado de fora. Ele estava sozinho, e disse a si mesmo que era isso que ele queria, que não estava a fim de fazer parte de nenhuma equipe. Só que, assim que Laurie partiu, Fen teve que admitir para si mesmo que não era nada daquilo que ele queria. Fen apenas não queria que Laurie se machucasse, ou que ela descobrisse o que o primo fez e o odiasse.

Fen esfregou as mãos no rosto. Estava dolorido, machucado, cansado e, para ser honesto, estava com medo. Lidar com os Saqueadores era uma coisa, mas era muito diferente pensar que, se ele falhasse, se *qualquer* um deles falhasse, o mundo acabaria. Inicialmente, Fen achou que Skull e Hattie

eram malucos ao falar no fim do mundo, mas agora que estava no meio de uma luta para impedir o fim do mundo tudo parecia tão... *grande*. E se Matt o mandasse embora? E se ele não o fizesse, mas eles falhassem? E se a serpente matasse Matt? E se eles enfrentassem trolls ou maras, ou qualquer outra coisa, e Laurie se machucasse? E se Baldwin morresse, como nos mitos? E se Fen ou Laurie de alguma forma ficassem malvados ou algo assim porque eram descendentes de Loki? *Como alguém sabe que está ficando malvado?* Fen fechou os olhos e tentou não pensar em nenhuma pergunta que não pudesse responder, especialmente a última. Ele não soube bem quanto tempo ficou sentado ali até a porta se abrir. Esperava que fosse Laurie ou Baldwin, mas, ao se virar, viu que era Matt.

– Você achou que eu não descobriria que foi você quem roubou o escudo? – perguntou Matt. – Você poderia ter me contado. Então poderia ter ido ao acampamento comigo.

– Eu *estava* no acampamento. Eu salvei sua pele, Thorsen. De novo. Não sei o que você quer dizer, mas...

– Pare – interrompeu-o Matt. – Eu entendo agora. Você se ofereceu para recuperar o escudo sozinho. Depois não quis entrar no acampamento. Não queria que eu soubesse que você estava envolvido com os Saqueadores.

– Lobos pagam dívidas – afirmou Fen. – Aquela era minha e de Laurie. Eu não sabia que o escudo era importante, só que eu precisava pegá-lo.

– E a parte de *me* entregar? – perguntou Matt.

Fen ficou paralisado. Ele soubera que seria má ideia ir atrás do escudo, mas não tinha pensado que Skull chegaria a contar a Matt. *Como assim? Eles pararam no meio da luta para bater um papo?*, pensou Fen.

– Só que eu não te entreguei! Eu lutei ao seu lado contra *Saqueadores*. Perambulei por aí afora e enfrentei monstros ao seu lado. Posso ter concordado em entregar você, mas não entreguei.

Os dois rapazes se encararam. O coração de Fen batia como se eles estivessem lutando, mesmo que só estivessem se olhando.

Finalmente, Matt se espreguiçou e concordou com a cabeça.

– Certo. Eu acredito em você. Mas chega de segredos. Precisamos ser uma equipe agora, confiar um no outro, nos protegermos para que ninguém se machuque.

Fen queria dizer algo esperto, para fingir que não tinha errado, mas não conseguiu. Ele se sentiria horrível se alguém tivesse se machucado por causa dele, e queria mesmo salvar o mundo. Fen deu de ombros, mas ficou calado.

– No Ragnarök, Loki era inimigo de Thor – afirmou Matt. – Mas, em outras histórias, os dois foram amigos. Viajaram juntos. Lutaram lado a lado. Precisamos ser essa versão. Amigos.

Fen não soube o que dizer, então se contentou com um simples:

– Pode ser.

Matt deu meia-volta e foi embora, e Fen esperou que Ray, Reyna e Astrid aparecessem e lhe dessem mais alguma bronca. Parecia que todo mundo queria lhe dizer o que ele tinha feito de errado, ou, pior, o que ele faria de errado.

Vinte minutos depois, quando as pizzas chegaram e Baldwin saiu para pagar, Fen pegou uma das duas caixas e seguiu Baldwin até a cozinha. Astrid já estava lá.

– Eu já arrumei tudo – anunciou a garota. Ela apontou o balcão, onde estavam pratos, guardanapos, copos, sal, pimenta, queijo parmesão e pimenta moída.

– Obrigado – disse Baldwin.

Astrid abriu um sorriso luminoso.

– Você fez tudo. Essa foi a parte mais fácil.

– Puxa-saco – resmungou Fen.

Em vez de retrucar, Astrid devolveu seu sorriso superpoderoso para ele.

– Ah, e obrigada a você também, Fen, por ser tão *você!*

Fen mostrou os dentes a ela, e a garota saiu da cozinha.

Depois disso, Fen comentou:

– Não confio nela.

– Você não confia em ninguém – observou Baldwin.

– Nem é assim. – Fen pegou um pedaço de pizza e mordeu. – Eu confio em Laurie, em Thorsen... e em você.

Baldwin deu de ombros.

– Claro, mas todo mundo confia em mim. É como a questão da invulnerabilidade. Acho que não posso ser levado em consideração. Matt é nosso líder. Você pode não gostar de Astrid, mas ela tinha razão quanto a isso. É ele quem vai nos liderar à grande batalha, né? Você *precisa* confiar nele, ou nem estaria aqui.

Fen sabia que Baldwin tinha razão, mas ainda não gostava de Astrid nem dos gêmeos. *Talvez lobos não gostem de feiticeiras?* Mordeu a pizza enquanto pensava no assunto. Perguntaria isso a Matt mais tarde. Naquele momento, ele só queria descansar um pouco. Baldwin era legal nessa hora de conversar também. Não era tão estressante falar com ele quanto com Laurie e Matt.

– Comida? – perguntou Reyna, ou talvez Ray. Eles formavam uma única entidade de forma mais intensa do que Fen conseguia entender.

O restante apareceu em seguida. Laurie, Matt e Astrid riam de alguma coisa, e Baldwin ficou ali sorrindo daquele jeito dele, o que fez Fen querer se entender com todos os feiticeiros. Quem sabe ele só estivesse sendo difícil.

– Você quer escolher um filme comigo? – Baldwin indicou a porta com um pedaço de pizza.

Fen concordou com a cabeça e pegou mais uma fatia.

Eles saíram da cozinha e foram à sala de estar para decidir o que assistir. Teriam mais chances de evitar alguma bobagem de mulherzinha se escolhessem enquanto as três garotas estivessem na cozinha. Era legal ter alguém que ficasse do lado dele também. Laurie parecia estar muito brava com ele, e Matt não estava exatamente zangado, mas Fen achava que era só porque ele decidira não ficar. Matt parecia ter ficado bem magoado com aquela coisa toda dos Saqueadores.

*Eu queria encher Skull de porrada.*

– Fen?

Ele olhou para Baldwin, que estava tirando filmes da estante.

– Você estava rosnando de novo – comentou Baldwin. – É meio esquisito. – Ele ergueu as duas mãos para que Fen pudesse ver as opções. *Star Wars* numa das mãos; na outra, um filme com uma explosão na capa e outra com um caubói. – Espaço ou Terra? Monstros ou humanos?

– Tanto faz. Só não quero ver nada que tenha danças ou qualquer coisa...

– Fen fez aspas com os dedos – comovente.

O filme já estava para começar quando todo mundo chegou à sala. Astrid se aboletou no chão. Ray e Reyna ficaram no sofá com Laurie. Sobraram duas cadeiras. Matt, sendo Matt, ofereceu uma a Astrid, que riu e respondeu:

– Pode ficar com ela. Estou mais feliz no chão.

Fen abriu a boca para fazer um comentário, mas Baldwin falou, apressado:

– Puxa, eles esqueceram a pimenta e o queijo.

Depois que os dois pegaram mais pizza numa das caixas, Fen se ofereceu:

– Eu posso buscar.

– Beleza – concordou Baldwin, indo à cozinha mesmo assim.

Eles encontraram o frasco de pimenta moída no balcão, bem onde o tinham deixado.

– Eu me amarro nesse troço – comentou Fen.

– Eu também! Minha mãe não curte muito, mas eu devoro potes inteiros disso. – Baldwin ergueu o pedaço de pizza dele, e Fen salpicou pimenta.

Quando retornaram à sala, Baldwin deu uma mordida na pizza, e logo começou a tossir.

– Baldwin, está tudo bem? – perguntou Matt.

Baldwin levou a mão à garganta.

Laurie lhe ofereceu um copo d'água.

– Aqui, beba um pouco.

Mas Baldwin se atirou contra Fen, segurando seu braço com tanta força que quase o derrubou no chão.

– Acho que ele engoliu errado. – Fen bateu nas costas de Baldwin.

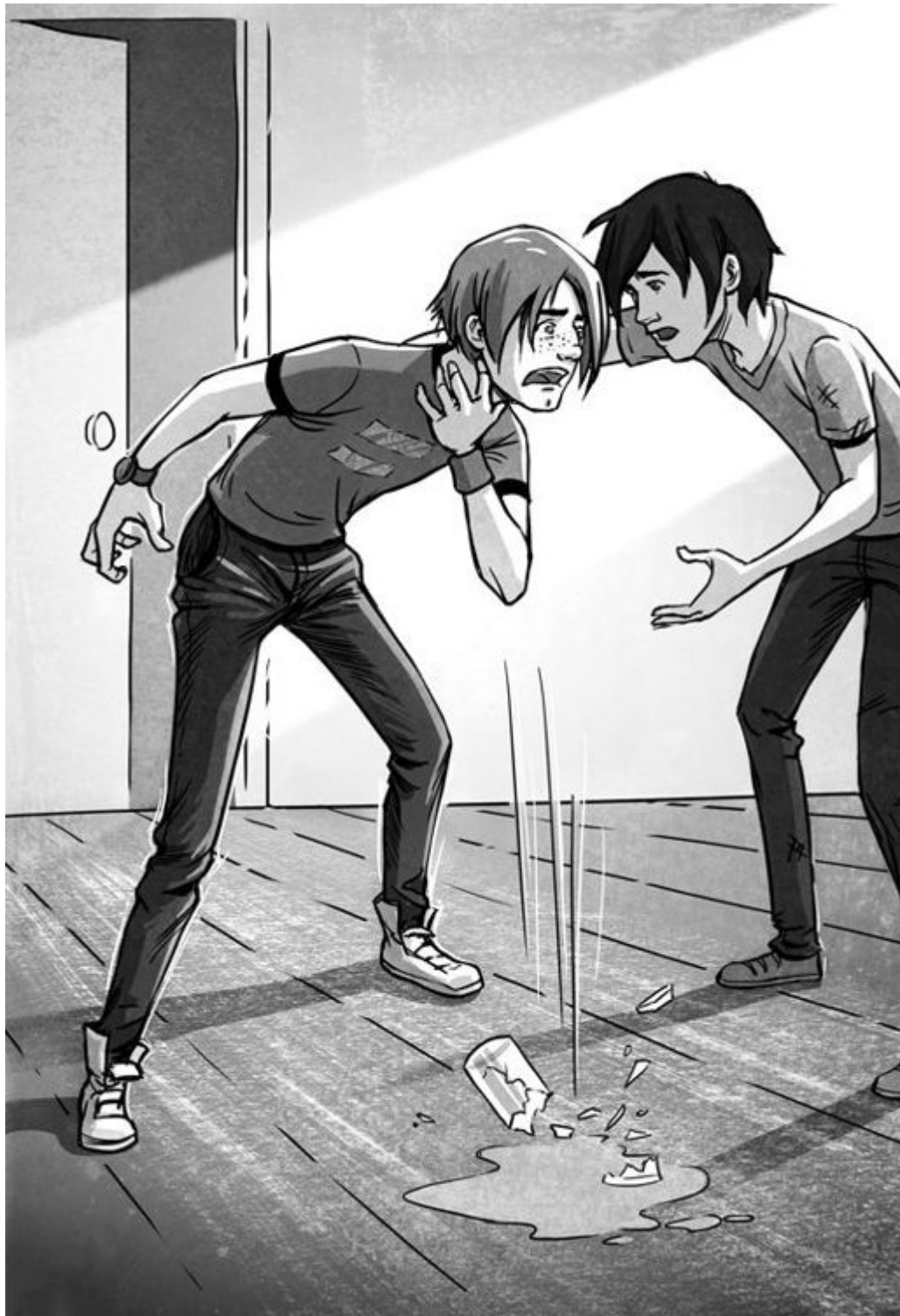
Ele pegou o copo d'água da prima e tentou ajudar Baldwin a beber.

Isso também não ajudou, então Fen passou a tentar executar aquela manobra Heimlich que mencionaram na escola. Matt entendeu e afastou todos os outros. Assim que Baldwin agitou os braços, ele derrubou o copo d'água, que caiu e se estilhaçou no chão. Baldwin estava agarrando a garganta com uma das mãos e segurando Fen com a outra.

E então ele... parou.

Baldwin parou de segurar Fen, parou de se mover e de respirar. Simplesmente parou.





Fen sentiu o corpo de Baldwin amolecer e o baixou ao chão. Tentou sentir a pulsação do rapaz e não encontrou. Frenético, Fen socou o peito de Baldwin como tinha visto nos programas de TV. Nos filmes, isso funcionava. As pessoas empurravam o peito e o *que mais...?* Fen pensou por um momento. Eles sopravam ar na boca da pessoa. Fen cerrou os punhos e empurrou com força o centro do peito de Baldwin. Nada aconteceu.

Enquanto Fen fazia isso, Matt tentou sentir o pulso. Quando Fen se curvou para fazer respiração boca a boca, Matt segurou-lhe o ombro.

– Ele está morto.

– Não, não, não! Ele não pode morrer. Ele não pode nem sentir dor. Não!  
– exclamou Fen.

Matt olhou nos olhos de Fen e balançou a cabeça.

– Fen...

– Não – rosnou Fen. – Ele está bem. Vocês, feiticeiros, *façam* alguma coisa.

– A magia não pode mudar a morte – explicou Reyna.

Astrid começou a soluçar. Ela desabou em cima de Matt, que passou o braço pelos ombros dela.

– Foi como no mito! Balder morreu! – Astrid apontou Fen. – O que você *fez?*

Quando Fen se ajoelhou ao lado do corpo inerte de Baldwin, ninguém contradisse Astrid, ninguém disse que não era culpa dele. Matt abraçava Astrid, que soluçava. Reyna e Ray encaravam Fen com olhos chocados e arregalados. Laurie estava imóvel. Não dizia nada, não fazia nada. Apenas olhava Baldwin.

– Me ajudem – pediu Fen.

Foi Ray quem o acudiu e ajudou a erguer Baldwin.

Silenciosamente, Fen e Ray carregaram Baldwin até seu quarto.

– Eu consigo segurar. Puxe as cobertas. – Fen se ajeitou e segurou todo o peso do corpo de Baldwin.

Quando Ray puxou as cobertas, Fen abaixou Baldwin. Sem olhar para Ray, ordenou:

– Saia.

– Não foi culpa sua. Você tentou salvá-lo – afirmou Ray em voz baixa.

– Sai daqui *agora* – grunhiu Fen. E então ele se sentou no chão ao lado de Baldwin. – Eu não entendo. – As lágrimas começaram a correr. –

Porcaria de mito idiota. Como você pôde morrer *engasgado*? – Fen ajeitou o corpo de Baldwin para que ele parecesse estar dormindo, e então puxou o lençol até cobrir-lhe o rosto.

O mito tinha se realizado: Baldwin morreria... o que significava que, de alguma forma, tinha sido por causa das ações de Loki, por causa das ações *dele*.

# VINTE E QUATRO



## MATT

### “ENLUTADO”

**M**att percorreu a casa, incapaz de ficar parado, sem rumo, e sem procurar alguém, estava só em movimento.

Baldwin estava morto.

Morto. De verdade. Não estava dormindo na própria cama no andar de cima. Nem nocauteado, inconsciente. Ele estava morto.

Assim como no mito.

Aquilo era culpa de Matt. Ele conhecia o mito e mesmo assim envolveu Baldwin naquilo tudo. Dissera a si mesmo que as coisas seriam diferentes. Que teriam de ser. Era para isso que eles estavam ali, para impedir que as velhas histórias se tornassem realidade.

No mito, Loki foi responsável pela morte de Balder. Não matou o deus pessoalmente, mas armou o plano. Matt tinha certeza de que não fora o que acontecera aqui. Fen gostava de Baldwin. De verdade, gostava mesmo do rapaz, do jeito que só se importava com a prima.

Mesmo que tivesse sido alguém de quem Fen não gostasse, como Astrid, talvez, Matt jamais pensaria que Fen poderia assassiná-la. O pensamento não lhe passaria pela cabeça.

Ninguém tinha matado Baldwin. Fora um acidente. Mas como poderia ter sido um acidente? A única coisa que poderia ferir Baldwin era aquela planta, o visco. Não havia nenhum jeito de ter visco por acaso numa pizza.

Então, se não foi um acidente...

Alguém tinha colocado visco na pizza. Cortado lascas da madeira de forma que parecessem tempero, e servido a Baldwin.

Espera aí... Baldwin tinha ido à cozinha para buscar a pimenta vermelha. As lascas poderiam estar misturadas ali. Mas quem tinha servido a pimenta? Fen e Baldwin...

Não, Astrid tinha começado a pôr a mesa. Então ela saiu, e a pimenta ficou no balcão.

Matt balançou a cabeça. Era loucura. Não podia ser.

Fosse qual fosse a verdade, ele teria de falar com Astrid. Não era certo sair por aí fazendo acusações como essa. Independentemente do que você pensasse sobre uma pessoa, você não poderia acusá-la de assassinato.

Matt parou de vaguear sem destino, e começou a andar com um propósito agora. Encontrar Astrid. Ele verificou todos os quartos do segundo andar, até o de Baldwin, mas só deu uma espiada rápida, tentando não olhar o corpo na cama.

O corpo. Não Baldwin. Não o cara que estivera falando com ele, rindo com ele, lutando com ele havia apenas algumas horas.

Matt respirou fundo e começou a fechar a porta. Mas parou. Alguma coisa estava faltando. O escudo. Ele deixara o escudo ali mais cedo, encostado na mochila. Agora só havia a mochila ali.

Ao entrar no hall, Matt quase esbarrou em Laurie. Ele abriu a boca para perguntar onde estava Fen, mas o que saiu foi:

– Você viu Astrid? – E, depois de dizer isso, ele não se corrigiu. Sabia o que estava perguntando, e sabia, no coração, que era a pergunta certa.

– Hum, eu não sei. Ouvi a porta dos fundos se fechando, e acho que ouvi Reyna dizendo que era Astrid, mas...

Matt saiu correndo.



Assim que Matt chegou ao lado de fora, Astrid estava pulando a cerca. Pendurada em seu ombro havia uma imensa bolsa de ginástica, com o tecido esticado por algum objeto grande.

*Algum* objeto grande? Não. Era o escudo. Matt soube disso antes mesmo de começar a atravessar o pátio e sentir o amuleto formigar.

Ao alcançar a cerca, Matt chamou:

– Ei! Astrid!

Ela estava no quintal do vizinho, meio escondida atrás de um roseiral. Matt viu a alça da bolsa cair do ombro da garota, que baixou o fardo para o chão. Então, ela saiu das roseiras sem a bolsa.

– Ei – respondeu ela. Astrid deu um sorrisinho frouxo, com o olhar baixo, passando os dedos sob os olhos, como se tivesse chorado.

– Aonde você vai? – perguntou Matt, do modo mais casual que conseguiu.

– Eu só... – Ela esfregou de novo os olhos secos. – Eu só precisava de alguns minutos sozinha.

– Hum. Beleza. Eu achei que... Bem, parece que você está indo embora. De vez.

Astrid fez uma pausa, e então foi até Matt em seguida, ergueu o olhar. Respirou fundo, e começou a falar cuidadosamente, como se as palavras fossem dolorosas:

– Eu acho que *estou* indo embora. Desculpa, Matt, mas não deu certo. Fen... Ele me assusta. Sei que ele matou Baldwin. Eu não sei como, mas... – Ela estremeceu. – Ele é um monstro. Sei que você não vê isso agora, mas vai

ver. Só... – Astrid pousou os dedos no braço de Matt. – Tome cuidado. Não quero que ele machuque você.

– Ele não vai me machucar. É só que... eu não consigo entender por que ele mataria Baldwin. – Matt tentou dizer isso como se achasse que era verdade.

– Foi porque estava no mito. Era o destino dele. Você sabe disso. – Astrid apertou o braço de Matt. – Você tem um traidor no seu grupo, e eu só rogo aos deuses que você perceba isso antes que seja tarde demais. Mas, se isso não acontecer, eu vou encontrar Odin, contar a ele e deixar que ele lhe avise. Enquanto isso, esqueça o que eu disse sobre encontrar seu Martelo. Fen vai roubá-lo. Proteja o escudo também. Ele vai tentar pegá-lo, se já não pegou.

– Não estou preocupado com isso. Sei exatamente onde o escudo está – afirmou Matt.

– Tem certeza? Eu acho que você deveria averiguar e escondê-lo.

– Já está escondido. Bem ali. – Matt escapou de Astrid e foi até as roseiras.

Astrid correu atrás de Matt e segurou seu braço, mas ele se soltou. Quando se abaixou para pegar a bolsa, ela pulou nas costas dele, se agarrou na camiseta e puxou com tanta força que o colarinho apertou-lhe a garganta. Matt começou a engasgar e girou, com o punho em riste. Ele acertou Astrid, e, nesse instante, o amuleto pareceu se incendiar, fulgurando tão quente que ele se espantou.





Astrid se lançou contra Matt, com o rosto contorcido em algo tão feio que o garoto se deteve. Ela pulou nele, e os dois caíram, com a menina por cima. O amuleto fulgurou de novo, queimando-lhe a pele.

*Por que você não fez isso antes? Seria legal ter sido avisado.*

Matt acertou um jab rápido em Astrid, e mais um. Assim que tentou se levantar, a garota começou a cair de cima dele, e então se segurou de novo, as duas mãos embotadas na camisa. Astrid sibilou, e Matt viu um relance dos dentes brancos indo direto à garganta dele. Conseguiu afastá-la antes que ela pudesse mordê-lo. Um bom empurrão e Astrid voou para o chão. A menina tentou se levantar, mas Matt a derrubou de novo.

Astrid parecia prestes a se erguer num salto. Mas desistiu. Ela encolheu os ombros e levou as mãos ao rosto, começando a soluçar.

– Não é culpa minha – afirmou Astrid. – Ele me obrigou. Ele disse que mataria minha família se eu não obedecesse.

– *Quem* obrigou você? – perguntou Matt.

– E-Ele – soluçou a garota. – Ele me obrigou, e se eu não voltar, ele vai matar minha família. – Astrid ergueu o rosto e seus olhos pareciam genuinamente vermelhos agora. – Por favor, Matt. Me deixa ir, e eu digo pra ele que vocês estão indo para Dakota do Norte. Vocês vão ficar seguros.

Astrid estendeu a mão e segurou o braço de Matt, e, ao fazê-lo, o calor do amuleto o queimou de novo.

Matt balançou a cabeça.

– Você vai responder algumas perguntas. Então, se eu achar que você falou a verdade, eu deixo você ir embora.

A garota encarou Matt, e a vermelhidão atravessou seus olhos, preenchendo todas as partes, até as pupilas.

– Você não sabe a hora de desistir, né? – Astrid se levantou num salto e empurrou Matt.

Como ele estava de cócoras, o empurrão o desequilibrou.

– Não! – gritou ele ao ver Astrid correndo na direção da bolsa.

Matt estendeu a mão, lançando o Martelo, mas ela se desviou no último instante antes de pegar a bolsa, e começou a atravessar o pátio na direção do quintal de outro vizinho.

Matt hesitou por um segundo. Olhou a bolsa. Então, disparou até ela, pegou-a e foi atrás de Astrid. Ele a perseguiu pulando três cercas, mas ela era muito veloz, e a cada cerca Matt ficava mais para trás, até que escalou a quarta, olhou adiante, e não viu sinal dela.

– Ei, você! – gritou alguém.

Ele olhou para a janela do segundo andar, de onde um homem o olhava com cara feia.

– Saia do meu quintal agora, ou eu vou descer aí e...

Matt nem ouviu o resto. Já estava correndo para o portão.



Matt passou os vinte minutos seguintes procurando Astrid. Não havia sinal dela. Teria de voltar até a casa e ver se Fen conseguia localizá-la. Enquanto isso, eles pelo menos tinham o escudo. E ainda tinham Paul. O que quer que Astrid soubesse, ele apostava que os Saqueadores saberiam também.

O garoto foi até o barracão. Abriu a porta e se deparou com uma pilha de cordas e pedaços de fita. Paul tinha sumido.

## VINTE E CINCO



## LAURIE

### “VAMOS PARA O INFERNO”

Quando Matt subiu ao quarto de Baldwin para falar com Fen, Laurie o seguiu. Eles não conversaram, mas ela sabia tão bem quanto ele que Fen tinha tentado salvar Baldwin. Laurie queria dizer tudo aquilo a Fen, mas ele havia sumido. Ela foi até a janela, que ainda estava aberta, mas não viu o primo em lugar algum. Matt fora atrás de Fen, mas Laurie não sabia ao certo se havia algo que Matt poderia dizer ou fazer para trazer Fen de volta.

Laurie já tinha ido a funerais, então não era a primeira vez que ela ficava num aposento com uma pessoa morta. Mas era diferente com Baldwin. Ele estava vivo, rindo, brincando havia poucas horas. Ficar no quarto com Baldwin agora que ele se fora não era como comparecer a um funeral com o pai. Aquele era o amigo dela, um dos descendentes, e estava morto.

A coisa toda parecia irreal, mais que os trolls ou as maras. Monstros eram uma coisa, mas um amigo morto era muito diferente. Laurie se sentia anestesiada, chocada demais até para chorar, mesmo que lágrimas continuassem escorrendo de seus olhos. Ela tinha descido para esperar, e Fen, Matt e Astrid tinham desaparecido. Laurie estava sozinha na casa com os gêmeos, que se recolheram a outro quarto. No rastro da vitória deles na busca pelo escudo, eles tinham sido derrotados de um jeito que ninguém poderia ter previsto.

*Quem morre comendo pizza?* Era insano. Deveria ser impossível. Eles nem estavam numa batalha.

Laurie meio que se sentou, meio que caiu no sofá, pensando em como as coisas tinham mudado tão rápido. Era errado ficar na casa de Baldwin agora que ele tinha morrido. Laurie imaginou os pais dele chegando em casa e se deparando com o corpo. O garoto invulnerável tinha morrido, o que não fazia *sentido*.

A única coisa que poderia matar ou ferir Baldwin era visco. Pizza não era feita com nenhum tipo de visco. Simplesmente não fazia sentido.

Uma porta se abriu, e Laurie se levantou para ver quem era.

Fen entrou na cozinha.

– Me desculpa – murmurou Laurie. Ela foi na direção do primo, para segurá-lo e abraçá-lo, mas Fen parecia tão bravo que ela se deteve.

Fen olhou para ela, e Laurie sabia que ele queria lhe dizer que estava tudo bem, mas *não estava*. Se alguém a tivesse culpado por alguma coisa, Fen teria defendido a prima imediatamente, mesmo que fosse verdade. Laurie não achava que ele tinha feito algo de errado, e não acreditou quando Astrid insinuou que a culpa era dele. Ela estava chocada, assustada, chorando. Quando conseguiu pensar em falar, Fen já tinha sumido.

– Eu não achei que você tivesse feito nada de errado – jurou ela. – Eu só... não tive tempo de lhe dizer. Eu teria dito. Foi só que Baldwin estava aqui com a gente, e depois ele... – As palavras lhe faltaram, e Laurie secou as lágrimas que corriam de novo em seu rosto.

– Morreu – completou Fen.

Ele agarrou o pote de pimenta vermelha e desatarraxou a tampa. Em silêncio, ele virou um pouco numa das mãos e cutucou os flocos.

– Não é só pimenta – afirmou Fen.

O olhar de Laurie passou da mão erguida aos olhos vermelhos e inchados do primo. Ele podia não estar chorando agora, mas ela percebeu que já tinha chorado.

– Visco? – perguntou.

– Só pode ser. Alguém misturou visco no pote e deixou no balcão para que ele... Astrid. – Fen olhou para Laurie com o rosto furioso. – Ela falou que foi fácil. Ela *me agradeceu*. Ela agradeceu a *ele*.

Fen socou o balcão.

– Ela envenenou Baldwin e sabia que eu não poderia impedir. – Fen parecia prestes a ter um ataque de nervos, e a voz dele se parecia cada vez mais com os rosnados de um animal, embolados em suas palavras. – Ela o viu morrer. Ela o *matou*.

Laurie sentia a raiva na voz de Fen, mas não conseguia falar. Astrid tinha envenenado Baldwin. Pusera visco no pote de pimenta, e Fen servira o veneno na pizza de Baldwin sem saber que estava matando o amigo.

– Eu não consegui salvá-lo – sussurrou Fen.

Laurie segurou Fen e o puxou para si.

– Não foi culpa sua.

Fen não a afastou, mas também não retribuiu o abraço.

– Foi como no mito. Eu participei da morte dele.

Laurie apertou o primo, tanto para ganhar tempo quanto para acalmá-lo. Não estava completamente convencida de que Fen seria capaz de se conter se visse Astrid. *E se ela voltar?*



A realidade era que alguém no grupo deles tinha sido assassinado por outro participante. Laurie não sabia se aguentaria se Fen fizesse a mesma coisa... Ou se *Fen* aguentaria.

Eles ainda estavam ali quando Matt entrou na cozinha. Ele parecia estar tão arrasado quanto Laurie. Fen se afastou da prima e endireitou os ombros, preparando-se para uma briga.

– Astrid foi embora – anunciou Matt.

– Astrid envenenou Baldwin – afirmou Fen, ao mesmo tempo.

Houve um longo momento de silêncio enquanto os dois garotos se entreolharam. Então, Matt respirou fundo.

– Você tinha razão – admitiu. – Quanto a não confiar nela. Eu deveria ter escutado.

– Eu não tinha provas. – Fen encolheu os ombros.

Matt o encarou.

– Eu deveria ter escutado mesmo assim.

Fen concordou com a cabeça e se ajeitou, constrangido. Laurie pigarreou e resgatou o primo ao perguntar:

– O que acontece no mito, Matt? Depois que Balder morreu, o que os deuses fizeram?

Matt fez uma pausa e, lentamente, sorriu.

– Eles foram atrás dele.

– Foram aonde?

– A Hel, a terra dos mortos. – Matt olhou de Laurie a Fen e de volta. – Você acha que pode abrir um portal para lá?

Laurie respirou fundo antes de responder. Eles não estavam considerando um ato trivial. Ir para a terra dos mortos? Seria possível? Que tipo de monstros haveria lá? Todos os tipos de medo lhe passaram pela

cabeça, mas, no centro do medo, havia a esperança. Se eles pudessem ir até lá, trariam Baldwin de volta. Laurie fez que sim com a cabeça.

– Bom, sou *eu* que encontro os descendentes do Norte.

As horríveis caras de tristeza dos meninos sumiram, e Laurie também sorriu. Eles não precisaram debater o que fariam em seguida. Eles *sabiam* o que fazer.

Os gêmeos entraram na cozinha.

– É melhor a gente cair fora antes que os pais do Baldwin cheguem em casa – sugeriu Ray.

– E a gente vai – concordou Laurie, virando-se para Matt. – E os deuses conseguiram?

– Não – respondeu Matt lentamente. – O mito diz que Hel não devolveu Balder porque Loki não lamentou a morte dele. – Matt deu um tapa amistoso no ombro de Fen. – Mas você *está* lamentando.

Fen sorriu.

– É, parece que a gente precisa ir para Hel.



# AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer às seguintes pessoas por terem tornado este livro possível:

- Sarah Rees Brennan, por ter sugerido numa manhã, sonolenta, durante um café da manhã de aeroporto, que eu precisava escrever um “livro de Kellissa”;
- Meghan Lewis, Breanna Lewis e Dylan Marr, por pensarem nos títulos dos livros;
- Nossos agentes, Sarah Heller e Merrilee Heifetz, por terem acreditado no projeto (e em nós);
- A agente de cinema Sally Wilcox, e a agente de direitos estrangeiros, Cecilia de la Campa, pelo apoio entusiasmado;
- Megan Tingley, Kate Sullivan, Samantha Smith e o restante da equipe da Little, Brown, e Atom, por nos darem uma chance;
- Xaviere Daumarie, por ter criado uma arte tão linda; Deena Warner, por ter construído um site fantástico, e Azoulas Yurashunas, por ter feito escudos vikings tradicionais;
- E nossos filhos (Marcus, Alex, Julia, Dylan e Asia), a assistente de Kelley (Alison Armstrong) e nossos amigos (Jennifer Lynn Barnes, Ally Condie e Margaret Stoh) pelas opiniões sobre o livro em vários momentos.

Título Original  
LOKI'S WOLVES  
THE BLACKWELL PAGES

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação das autoras ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades, pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

*Copyright* © 2013 *by* K.L. Armstrong e M.A. Marr  
*Copyright* ilustrações de miolo © 2013 *by* Vivienne To  
Escudo e logo *by* Eamon O'Donoghue, baseado na obra de Lisseth Key

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

*Copyright* da edição brasileira © 2015 *by* Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Preparação de originais  
CAROLINA CAIRES COELHO

Coordenação Digital  
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital  
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub  
RODRIGO OCTÁVIO CARDOSO

Edição Digital: maio, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

A765L

Armstrong, K.L.

Lobos de Loki [recurso eletrônico] / K. L. Armstrong, M. A. Marr ; tradução  
Edmo Suassuna. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

recurso digital (Crônicas de Blackwell; 1)

Tradução de: Loki's wolves: the blackwell pages

ISBN 978-85-8122-569-2

1. Ficção infantojuvenil canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Marr, M. A. II.  
Suassuna, Edmo. III. Título. IV. Série.

15-22229

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa.

## AS AUTORAS

K. L. Armstrong & M. A. Marr são amigas há muitos anos e sempre passaram horas conversando sobre mitologia e monstros. Numa manhã sonolenta, elas perceberam que o segundo sobrenome de M. A. é norueguês. (A similaridade entre esse nome e “Serpente de Midgard” é uma mera coincidência.) Por causa dessa conexão, além do quanto K. L. gosta de estapear criaturas em videogames quando não está escrevendo (e às vezes quando deveria estar escrevendo), da fixação delas por monstros e mitos e dos livros que elas leem com seus filhos de onze a treze anos, que as duas souberam que tinham de escrever *As Crônicas de Blackwell*.

K. L. Armstrong e M. A. Marr convidam você a visitá-las em [www.blackwellpages.com](http://www.blackwellpages.com)